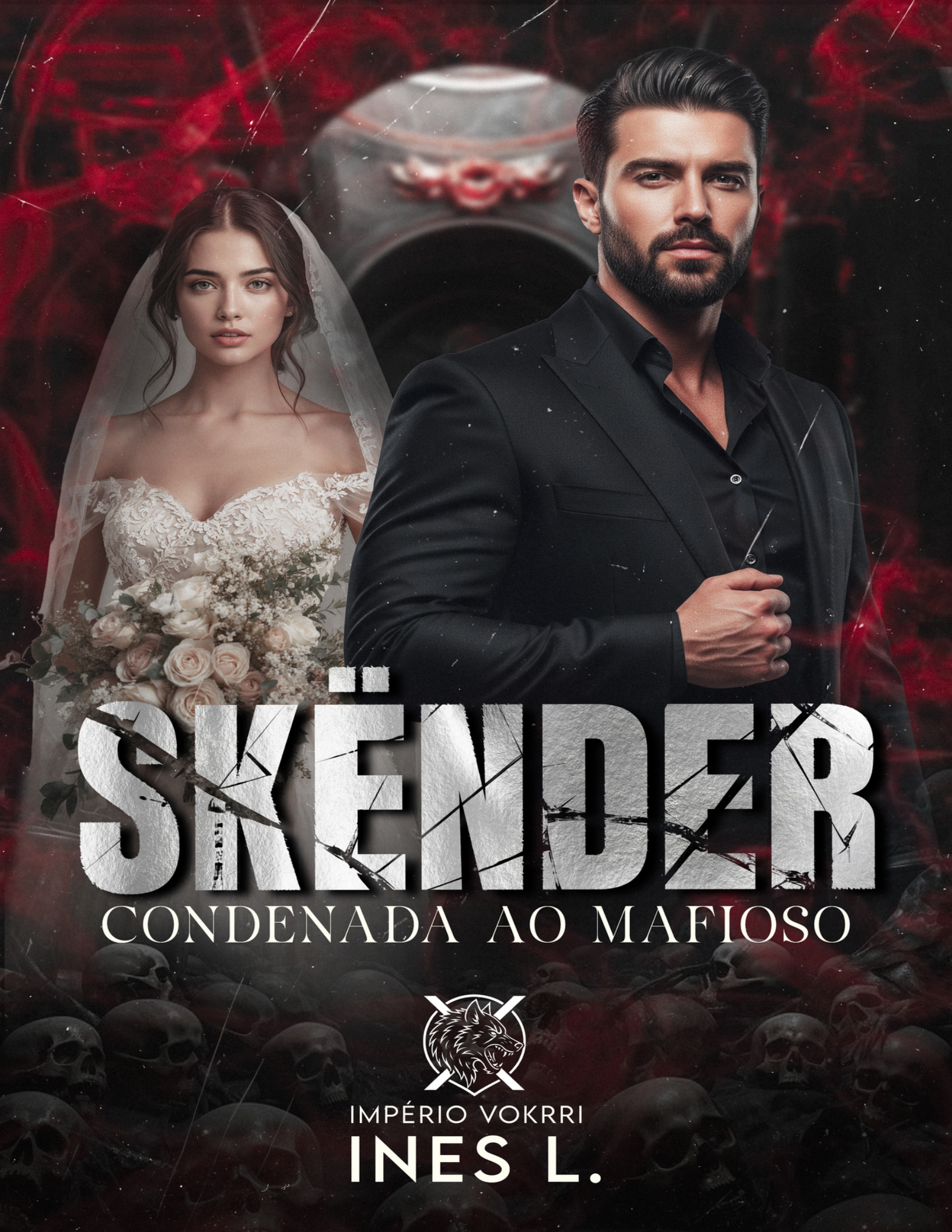

SKËNDER
CONDENADA AO MAFIOSO
IMPÉRIO VOKRRI
INES L.

SKËNDER

CONDENADA AO MAFIOSO

IMPÉRIO VOKRRI

INES L.

Copyright © 2025

Inês Lechinovski

Título original: Skënder

Subtítulo: Condenada ao mafioso

Primeira edição: 2026

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, seja por fotocópias, gravações ou outros métodos eletrônicos, sem a prévia autorização por escrito da autora. Exceto nos casos de breves citações em críticas literárias ou outros usos não comerciais permitidos pela legislação de direitos autorais.

Plágio não é inspiração.
Plágio é crime.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, empresas, eventos e incidentes, são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Você está prestes a entrar em um mundo onde poder, obsessão e guerra, moldam cada página, mas fora dele, a lei é clara:
respeite a criação.
Respeite a autora.

Preparação de texto e revisão: Entre Amigas Editora

Leitura Beta: *Gessivania Souza, Thamirys Eliseu*, *Cassia Kamilly e Maise Couto*

Diagramação: Entre Amigas Editora

Capa: *Giovana Martins (Gio_designer)*

Imagens: *Midjoney e Canva*

Ilustração: *Carlos Miguel Silva Gondim (@carlosmiguelartes)*

ÍNDICE

Onde me encontrar
Dedicatória
Epígrafe
Aviso de Gatilhos
Nota da Autora
Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49

Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Epílogo
Capítulo Bônus
Capítulo Bônus
Agradecimentos
Livros da Autora

Instagram - Clique aqui

Canal do Instagram - Clique aqui
Grupo de Leitoras do WhatsApp - Clique aqui
Grupo de Leitura Coletiva - Clique aqui

DEDICATÓRIA

Para quem sabe que o perigo é errado, mas ainda assim coloca o dedo e empurra mais fundo.

Para quem não resiste a um mafioso obcecado que deveria evitar, mas escolhe mergulhar mesmo assim.
Para quem quer calor, pressão, mão na garganta, e um homem que sabe exatamente como fazer você perder o ar.

Este livro é seu.

Que Skënder te encontre, e que você sobreviva a ele.

EPÍGRAFE

"Você era a minha vingança. A mulher condenada à minha escuridão. Mas quando eu olho para você, eu vejo o único ponto do mundo onde eu paro. Onde a fúria se cala. Onde até um monstro hesita. E agora, Louise... você não é só o limite da minha fúria. Você é a razão pela qual ela existe."

— Skënder Vokrri.

Aqui você encontrará:

- Violência física e psicológica;
- Tortura;
- Linguagem explícita;
- Cenas de natureza sexual com alta carga emocional;
- Relações de poder desequilibradas;
- Ameaças;
- E situações que podem ser perturbadoras para leitores sensíveis.

A leitura é estritamente destinada a maiores de 18 anos.

Não há traições entre o casal principal.

Não existe romantização de abuso nesta obra.

Os personagens são complexos, quebrados, violentos, mas a narrativa jamais glorifica violência real ou dinâmica abusiva como algo desejável fora da ficção.

Este é um mundo de ficção, conduzido por traumas, poder e redescobertas. Entre nas páginas sabendo que aqui a escuridão é parte do caminho, mas nunca uma justificativa para romantizar o imperdoável.

Olá, leitora.

Obrigada por escolher estar aqui.

Por entrar mais uma vez no INESVERSO.

Por se entregar a um mafioso obcecado.

Antes de começarmos, preciso explicar algo importante.

Nesta história, usei licença poética para trabalhar com cargos que vocês, minhas leitoras, já reconhecem: *Don, subchefe e conselheiro.*

Na realidade da máfia albanesa, esses papéis existem, mas são conhecidos como *chefe, vice-chefe e conselheiro: Krye, Kryes e Këshilltar.*

O que muda é apenas o nome. As funções... o poder e a hierarquia permanecem exatamente os mesmos.

Então, não se assustem quando essas palavras aparecerem, vou deixar tudo bem explicado ao longo da história.

Agora, respire...

Porque esta história é sobre dois mundos que nunca deveriam se cruzar, sobre duas almas quebradas por razões diferentes, e sobre o tipo de atração que não pede permissão, nem desculpas e pior, *não sabe parar*.

Skënder e Louise são um impacto de poder, coragem, e um amor inesperado, entre o homem que queimaria o mundo inteiro e a mulher que ousou olhar para ele sem baixar a cabeça.

Se, ao longo das páginas, você sentir desejo, medo, calor, adrenalina, paixão, pernas bambas ou lágrimas escorrendo (e eu não mencionei por onde) ... bem-vinda.

Você está exatamente onde deveria estar.

Obrigada por entrar neste império.

Obrigada por confiar em mim.

Que Skënder te marque.

Que Louise te inspire.

E que você sobreviva àquilo que este livro desperta.
Com amor, e uma dose generosa de caos,

Inês L.

SKINDER
CONDENADA AO MAFIOSO
IMPÉRIO VOKRRI
INES L.

SINOPSE

Age Gap :: :: Casamento Forçado :: Obsessivo e Possessivo :: Mocinha Virgem :: Convivência Forçada :: Gravidez Inesperada :: Enemies to Lovers :: Hot de Milhões :: Redenção :: Uma mesma cama :: Se tocar nela, morre

Algumas pessoas são salvas pelo destino.

Outras, condenadas por ele.

Skënder Vokrri é o Don da máfia albanesa. Um homem forjado em sangue, silêncio e decisões que não admitem retorno. Frio, calculista e impiedoso, governa pelo medo e acredita apenas em uma coisa: posse.

Até seus olhos se cruzarem com os dela.

Louise Chevalier cresceu sob controle, vigilância e expectativas que nunca escolheu por carregar o peso de um sobrenome poderoso. Inteligente, teimosa e imprevisível, aprendeu cedo que sobreviver exige coragem, e que baixar a cabeça, nunca foi uma opção.

Um erro muda o rumo de sua vida. E seu destino passa a ser selado por um laço de sangue.

Um casamento forçado.

Uma condenação.

Uma obsessão insana.

Quando uma gravidez inesperada surge e inimigos se movem nas sombras, o que já era perigoso se torna irreversível.

Louise foi entregue para evitar uma guerra.

Mas pode acabar pertencendo ao único homem capaz de incendiá-la.

Prólogo

15 anos atrás...

O sangue pingava.

Escorria lento, pesado, riscando o mármore em linhas vermelhas irregulares que captavam a luz fria da sala de reuniões.

O maldito que me deu a vida gemia com a mão espalmada sobre a mesa, o corpo tremendo enquanto minha faca permanecia cravada na carne.

Os homens ao redor se levantaram em um reflexo instintivo, fazendo as cadeiras rasparem no chão.

Saquei a arma com a outra mão, destravei e apontei um por um, devagar, deixando o cano descansar em cada rosto tempo suficiente para a mensagem entrar.

— Quem se mover, morre com ele — rosnei.

Ninguém ousou dar o primeiro passo e sentaram calados.

Meu pai tentou puxar a mão, mas a lâmina não cedeu. O esforço só fez o líquido jorrar mais quente, escorrendo entre os dedos.

— Agora você vai falar. Tudo.

— Skënder... — gemeu. — Você não entende.

Apertei o cabo da faca, girando contra a carne, e o grito desesperado dele explodiu na sala.

— Agora, porra!

Endireitei o corpo.

À medida que ele respirava em solavancos, o peito falhava e os olhos ardiam de ódio.

— Eu fiz o que qualquer um faria.

— Velho maldito — cuspi. — Você a entregou. Negociou a vida dela como se fosse mercadoria. Assistiu enquanto a levavam. Enquanto a quebravam.

Vladimir já se contorcia de dor.

— Eu deixei — confessou, com a voz se quebrando. — Eu deixei que levassem. Era ela, ou o império.

Firmei meu pulso.

— Escutaram? — perguntei ao conselho. — Ele foi um maldito covarde.

Arranquei a faca da mão, lentamente, para que sentisse cada milímetro da lâmina deixando a carne, rasgando, abrindo, queimando, sem piedade. O grito morreu preso na garganta quando Vladimir começou a tremer, fraco.

Puxei a arma, subindo a mira até ele.

Não hesitei.

Um único tiro e o projétil abriu um buraco exato no centro da testa. O sangue escorreu em silêncio, serpenteando pelo rosto antes de o corpo despencar da cadeira e atingir o chão com um baque seco.

Nenhum homem se moveu, ou respirou errado, porque todos entenderam que o poder mudou de lugar naquele segundo.

Virei-me para o meu executor.

— Jogue esse maldito ao lobo — ordenei. — Ele não merece ser enterrado.

Ele obedeceu sem hesitar, arrastando o corpo para fora da sala, deixando um rastro escuro marcado no mármore claro. O cheiro metálico se espalhou rápido, pesado, se misturando ao couro dos móveis e à fumaça que ainda pairava no ar.

Era assim que o fim cheirava.

E assim que mentiras antigas terminavam.

Não havia ódio. Ódio cansa. Aquilo era mais simples. Era escolha.

Porque a violência não era um erro, era linguagem.

Ajustei o punho da camisa manchado de vermelho e tomei meu lugar à mesa. O que vinha depois não era vingança.

Era domínio.

E ninguém sairia ileso.

Capítulo 1

Agora...

— Louise? — A voz veio sem aviso e já bem próxima.

Não parei de imediato. Acertei o saco de pancadas vermelho mais duas vezes. O couro rangeu, a corrente vibrou no teto e meu coração acelerou com o próximo impacto. Ali ainda era o meu refúgio. O único lugar da mansão onde eu conseguia existir sem vigilância excessiva. Porque, naquela casa, tudo funcionava sob controle.

Inclusive eu.

Principalmente eu.

Não porque não confiassem em mim, mas porque não podiam se dar ao luxo de me perder.

Eu não era protegida. Era preservada.

Acertei mais um soco, e dessa vez forte demais, fazendo o ar fugir dos meus pulmões por alguns segundos. Apoiei as mãos nos joelhos respirando com dificuldade. O suor escorria pela lateral do rosto quando ergui o olhar.

Logan estava ali.

Parado.

Observando.

Usava camisa social preta, as mangas arregaçadas até os antebraços cobertos por tatuagens escuras. O corpo tenso para alguém que sempre vinha *ver como eu estava*. O olhar dele varreu cada detalhe com atenção calculada.

Logan sempre fora mais silencioso que Louis, menos direto, mas isso nunca o tornou menos perigoso. E havia algo nos olhos dele hoje, que me fez gelar, mesmo com o corpo aquecido do treino.

Recuei um passo. O peito subia e descia rápido enquanto eu tentava recuperar o controle da respiração. Afastei o cabelo castanho da testa com o antebraço quente, sentindo a pele ainda vibrar por causa do esforço.

Desfiz as ataduras devagar. O tecido úmido se soltou dos punhos e dos dedos, revelando os nós avermelhados. A dor veio logo depois, tardia e pulsante.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, finalmente.

Ele demorou uma fração de segundo a mais do que deveria para responder.

Foi pouco.

Mas eu vi.

— Nada com você.

Meu estomago se contraiu de imediato.

— Louis só quer que você não saia do seu quarto... essa tarde. — *Mudou de assunto rápido demais.* — Agora, vamos almoçar. — Ele completou, como se encerrasse qualquer discussão.

Assenti, mesmo sem acreditar. Logan se aproximou, beijou minha testa com um gesto automático, mais mecânico do que carinhoso, e estendeu a mão com um pequeno envelope.

— Ele pediu pra você guardar isso no cofre do seu quarto. Sem abrir.

Peguei o envelope branco. Ele estava selado com cera preta, grossa e irregular e, de forma estranha, parecia carregar algo além de simples papel.

— O que é isso?

— Algo que não precisa te preocupar... agora. Talvez seja uma mensagem do nosso irmão porque seu aniversário está chegando.

Era sempre assim.

Quando diziam que não havia motivo para preocupação, era exatamente ali que ela começava.

Porque eu sabia que, para quem carregava o nosso sobrenome, preocupação nunca era tranquilidade, era só outro tipo de aviso.

Seguimos juntos até a saída da sala de treinos. No corredor, o cheiro que vinha da cozinha contrastava com o clima. Alho dourado no azeite se misturava com ervas e pão recém-aquecido.

— Vou só tomar um banho rápido e guardar a carta — avisei.

Logan assentiu, já distante, como se aquela conversa tivesse sido encerrada antes mesmo de começar.

Não demorei no banho. A sensação incômoda não me deixou relaxar. Guardei o envelope no cofre, sentindo um arrepio subir pela espinha ao girar a combinação, como se estivesse trancando algo que não deveria estar ali.

Na sala de jantar, tudo parecia normal.

Louis ocupava a extremidade da mesa, terno claro impecável, postura rígida, alerta. Isabella sentava à esquerda, elegante como sempre, tentando manter a atmosfera leve enquanto alimentava Bernardo. Logan estava à direita, a jaqueta pendurada na cadeira.

Sentei-me ao lado dele.

Os pratos já estavam postos.

— Já escolheu o que vai usar no seu aniversário, cunhada? — Isabella perguntou.

Louis ergueu o olhar imediatamente. Não curioso, avaliador.

— Como se um vestido fosse mudar alguma coisa — respondi, empurrando a comida no prato sem muito apetite. — Ou como se vinte e três anos fosse o marco da minha liberdade.

— Louise... — Logan advertiu.

— Você sabe que o nosso mundo é perigoso, irmã — disse Louis.

— E por causa disso, vou ficar trancada nessa casa até o fim da minha vida?

Ele não respondeu. Eu já esperava por isso, porque ele nunca respondia.

— Só se faz vinte e três anos uma vez na vida, cunhada — Isabella insistiu, tentando aliviar o clima.

Inclinei a cabeça, fingindo considerar.

— Então talvez eu use preto. Igual você usou no seu noivado.

Isabella riu.

— Foi um dia memorável.

— Foi — Louis concordou. — E você estava linda.

Seus olhos me fitaram por alguns segundos calculadamente.

— Você também fica linda de preto, Louise. Mas quero que fique no seu quarto esta tarde. Escolha o vestido que quiser e mande a Agnès fazer.

— Ainda faltam quatro meses, irmão. Por que tanta pressa por causa de um vestido?

— Faça o que mandei.

O olhar dele escureceu.

Foi breve, mas definitivo.

O silêncio se espalhou pela mesa enquanto os pratos eram recolhidos. Bernardo ria de algo que só ele entendia.

E então eu soube.

Ficar no quarto nunca significou descanso.

Significava portas fechadas, homens mais atentos e ordens que não seriam explicadas. Meu corpo reagiu antes da minha mente, fazendo um arrepio lento percorrer minha espinha. Era pesado para ser apenas intuição.

Porque, naquela casa, quando a vigilância aumentava, era sinal de que algo estava chegando.

E, dessa vez, eu tinha a sensação de que não seria algo que meus irmãos conseguiriam manter à distância, nem algo que passaria sem me alcançar.

Capítulo 2

Diziam que algumas famílias nasciam do amor. A minha tinha nascido da guerra.

Eu cresci ouvindo o homem, cuja linhagem corria nas minhas veias, repetir que, na Albânia, sangue não era apenas herança.

Era pacto.

Era sentença.

Era preço.

Vladimir Vokrri dizia, que no instante em que eu cheguei ao mundo, minha mãe morreu, e que, por isso, ele me odiaria para sempre.

"Nasceu e já tirou uma vida", ele murmurava. *"Trouxe morte pro mundo antes mesmo de abrir os olhos."*

Carreguei aquela culpa maldita por anos. Às vezes acreditando, outras fingindo, mas nunca deixei de procurar. Investiguei em silêncio, ano após ano.

Naquela época, eu ainda não tinha poder. Apenas paciência, e ódio suficiente para sobreviver. Quando a verdade finalmente chegou, ela veio brutal.

Minha mãe não morreu no parto.

Vladimir a perdera porque *a entregou.*

Ele deixou que a levassem.

Assistiu enquanto arrancavam tudo o que ela era. E quando recebeu partes dela: dedos, fios de cabelo, pedaços que jamais deveriam ter sido separados do corpo de uma mulher, ele não fez nada.

Nada.

Eu fiz.

Fiz o que ele deveria ter feito. O que qualquer homem de honra faria.

Comecei a guerra que ele não teve coragem de começar. Cacei os envolvidos até não restar escolha. Até que implorassem. Até que

deixassem de respirar.

Não parei.

Não até que a morte deles fosse tão completa quanto a dela.

E isso incluiu meu pai e meu tio.

Foi assim que a linhagem antiga terminou.

Foi assim que o último respiro do homem que me criou, se misturou ao dos que destruíram minha mãe.

A partir daquele momento, nada em mim deixou de ser moldado pela violência que herdei, e pela que escolhi.

Agora, estava atrás da mesa de carvalho do meu escritório, um dos cômodos centrais da mansão, desmontando minha pistola. Peça por peça.

Sem pressa.

O silêncio pesava mais do que qualquer barulho.

Do lado de fora o pátio permanecia sob vigilância absoluta. Homens em seus postos, postura rígida e armas visivelmente carregadas. Tudo no seu devido lugar, como devia ser.

Ainda assim, meu corpo percebeu antes da mente. Um aviso mudo. Aquele instinto maldito que só despertava quando algo já havia dado errado.

Três batidas na porta.

Rápidas. Secas. Urgentes.

O tipo de som que nunca vinha sozinho.

Meus primos entraram.

Cezar Vokrri carregava o peso de ser filho de um dos homens que matei, e acordava todos os dias sabendo o porquê. Não havia rancor ali, *nunca houve*. Apenas lealdade, forjada no mesmo fogo que nos moldou.

Erion herdara o lado frio da família Koçolla, como se tivesse nascido pronto para aquilo. Observador, silencioso e letal quando

necessário.

Nós crescemos entre cinzas e aço. Éramos herdeiros de impérios esmagados pela guerra, agora reunidos sob o meu nome.

Filhos da violência.

Criados pelo caos.

Os monstros que ninguém conseguia deter, muito menos ousava enfrentar.

Levantei o olhar para eles.

Os rostos sempre firmes estavam tensos demais, *rígidos*, e eu entendi, antes mesmo de qualquer palavra ser dita, que algo tinha sido tirado de nós.

Erion arrastou a cadeira para sentar.

— É Amir... — ele começou.

O nome caiu como chumbo.

Amir era tio dele e meu, irmão da minha mãe. Da parte que nunca se negociava. Nunca se perdoava quando era tocada.

— O que tem nosso tio?

— Os franceses o mataram.

Bati a arma incompleta contra a mesa, fazendo a madeira estalar.

— Mas que porra! — rosnei. — Como isso aconteceu? E por que diabos ele estava na França?

— Disseram que foi um engano — Cezar comentou, já levando o cigarro à boca. — Uma bala perdida.

Engano?

A palavra riscou algo dentro de mim. Uma linha fina que separava controle de destruição.

Engano era quebrar um copo. Não arrancar alguém de mim.

Respirei fundo.

O ar entrou queimando.

França.

Eu não pisava lá desde...

Trinquei o maxilar. Não era hora de pensar naquilo.

— Quero tudo sobre eles. Casas. Rotas. Famílias. Negócios. *Tudo*. — Fixei o olhar em Erion. — Quero cada maldito nome na minha mesa.

Ele assentiu. Era o melhor nisso.

Desviei para Cezar, que já exalava fumaça, tranquilo como sempre. Não perguntou nada. Não precisava.

— Preparem os carros. — Cerrei o punho contra a mesa. — Vamos à França.

Eles assentirem.

Sem perguntas. Sem hesitação.

Não por medo, mas por reconhecimento e lealdade.

Todos sabiam.

Quando alguém tirava o que era meu, eu não negociava. *Eu retalhava.*

Capítulo 3

— Azul...

— O que? — Balancei a cabeça, encarando minha prima, Elise.

— Azul ficaria lindo em você, prima. Deveria usar menos preto.

Ela folheava uma revista de moda aberta sobre a minha cama, enquanto eu mal prestava atenção nas páginas.

— Isso não faz sentido — murmurei.

— Talvez não faça, mas é perfeito.

— Não estava falando do vestido, mas de estar escolhendo-o agora. Ainda temos tempo e não é como se fosse demorar quatro meses para ficar pronto.

Elise se levantou, ajeitando o vestido branco no próprio corpo enquanto caminhava até a porta. Espiou o corredor antes de fechá-la outra vez, muito cuidadosa para alguém que só vinha *ajudar a escolher um vestido.*

Ela era minha prima, mas, mais do que isso, era a única com quem eu realmente conseguia conversar. Tínhamos sido criadas sob os mesmos costumes, as mesmas regras silenciosas da máfia. Elise entendia o que era crescer sabendo que o futuro já vinha escrito em linhas que você não podia apagar.

— Pensei que fosse só lá em casa — ela começou, hesitante. — Mas parece que aqui também.

— Eu não estou dentro da sua cabeça, prima. Explica melhor.

Elise suspirou e voltou a se sentar ao meu lado.

— Você não percebeu como eles estão agitados?

— Eles sempre estão planejando alguma coisa. Já me acostumei.

Ela apertou os lábios antes de continuar.

— Você é irmã do *Don*, então faz sentido. Mas meu irmão estava lá em casa hoje, e você sabe que ele odeia nosso pai. Só não deixa de ir lá por minha causa. Ele mesmo já deixou isso claro.

Fez uma pausa curta.

— E agora, apareceu dizendo que vai levar o filho e a esposa para ficarem um tempo com a família deles da Itália, e me convidou para ir junto.

— Então Julien foi avisar que vai levá-los para a Itália?

— Não é... — Ela disse, convicta. — Porque ele disse que vamos ainda hoje.

— Então você veio se despedir de mim?

Ela assentiu.

— Se eu pudesse, trocaria com você. Ou quem sabe eu possa ir escondida no porta-malas. Seria bom viajar. Você tem sorte de poder ir.

A frase ficou suspensa no ar por um segundo a mais do que deveria.

— Você sabe que Louis te protege porque você é a única irmã viva que ele tem — ela continuou, mais séria agora. — Sabe que seu irmão tem medo de te perder, como perdeu a... Lucie.

— Isso foi há vinte anos, Elise. *Vinte anos.* Quantos mais vão ser necessários para ele superar?

Meu peito apertou.

Ela me olhou com cuidado.

— E quem superaria? Louis viu tudo. Ele estava lá. Sobreviveu vendo a mãe e a irmã mortas no chão. É claro que vai te guardar a sete chaves.

Suspirei.

— Eu só queria um pouco de liberdade.

— Não repete muito isso — advertiu, arqueando a sobrancelha. — Vai que se realiza, e depois nunca mais volte a ser como antes.

— Liberdade, liberdade, liberdade — cruzei os dedos, rindo sem humor.

— Você brinca com o destino. Vai que algum anjo está passando por aqui, escuta e diz amém.

— Anjo, Elise? — Balancei a cabeça. — De onde você tira essas coisas?

— Só estou avisando porque é verdade.

— Eu queria ser como você — confessei, baixo. — Ou ao menos enxergar nosso mundo como um lugar bonito, onde desejos se realizam porque um anjo resolveu dizer amém.

— É sério. Não se brinca com destino. Depois não diga que eu não avisei.

Elise ainda me observava quando o silêncio caiu entre nós.

Pela primeira vez, desde que acordei pela manhã, tive a sensação estranha de que algo já estava em movimento, e não havia escolha capaz de impedir.

Capítulo 4

— Chegamos, chefe! — A voz do motorista me trouxe de volta à realidade.

Encarei os portões da mansão à minha frente, enquanto os carros paravam atrás de mim, um a um, em silêncio coordenado. Nenhum guarda se mexeu. Nenhuma arma foi erguida.

Eles já sabiam que eu estava chegando.

Louis Chevalier era corajoso, admito, por me receber em sua própria casa.

Erion já havia me entregado o dossiê completo deles.

A sucessão de Louis não era diferente da minha. Apenas um homem verdadeiramente frio e impiedoso era capaz de matar o próprio pai e continuar respirando como se nada tivesse acontecido.

Não demonstrar medo diante do inimigo sempre foi uma vantagem. Eu reconhecia isso à distância, mas coragem e inteligência não salvavam ninguém quando dívidas eram cobradas.

Erion já estava ao meu lado, observando tudo com atenção fria.

— Você entra comigo, Erion — ordenei e virei-me para trás. — Cezar, você sabe o que fazer.

Ambos assentiram, sem uma única palavra.

Fiz um gesto curto para os meus soldados e avancei com meu primo. Uma mulher de uniforme estava parada na porta para nos receber, postura rígida, mas sem disfarçar o nervosismo.

— O senhor Chevalier está esperando — informou, já nos conduzindo até o escritório.

Não bati.

Louis estava atrás da mesa com as mãos cruzadas sobre a madeira polida. Calmo demais. À direita dele estava Xavier e a esquerda estava o irmão, Logan Chevalier.

Encarei-o primeiro, e em momento algum desviou o olhar. Uma calma fria e calculada que eu conhecia bem.

— Onde está o corpo? — perguntei.

— Não restou corpo para entregar — Louis respondeu.

Apertei o maxilar até doer. A mão já estava no coldre antes mesmo de eu decidir. Saquei a arma e apontei direto para Logan.

Louis se levantou em um movimento brusco. Logan, não. O maldito ficou parado, como se a morte fosse só mais um detalhe da sala.

— Vocês mataram um dos meus — rosnei.

Destravei a arma e o clique ecoou seco no escritório.

Xavier se mexeu ao lado, puro reflexo, mas Louis ergueu a mão no mesmo instante, em um gesto simples de contenção. Porque aquele era o tipo de erro custaria caro.

— Esse filho da puta matou meu tio. — Minha mira firme em Logan. — E agora eu não quero só ele, eu quero cem dos seus mortos.

— Cem, porra? — Louis cuspiu.

— Ou cem, ou guerra. E quando começo uma guerra, eu não paro enquanto não restar *nada*.

— Temos acordos...

— Que se foda a porra dos acordos. — Minha voz ganhou peso, áspera. — Eles foram para o caralho no momento em que vocês mataram Amir Koçolla.

Dei um passo, lento, calculado.

— Vocês só continuam respirando... — pausei um segundo. — Porque eu quero assistir o maldito desespero crescer nos olhos de cada um. Quero que saibam que estão andando para a morte muito antes de serem entregues a ela.

— Como íamos saber que seus homens estavam dentro do nosso território sem aviso? — Louis rebateu. — A porra do erro começou aí.

— Meu tio continua morto, Louis. E nada justifica o erro de vocês.

Ergui o olhar, frio como lâmina.

— Vocês têm até meia-noite para me entregar todos eles. — Pausei novamente. — E Logan Chevalier será o primeiro a ter o crânio estourado.

Erion deu alguns passos e largou a lista sobre a mesa, com desprezo.

Xavier a pegou.

— Parabéns, Xavier — Erion comentou, com um sorriso venenoso. — Você será o novo *Don*.

Aquela lista tinha todos os nomes dos Chevalier, com exceção do dele, porque não era linhagem direta.

— Meia-noite — repeti. — Ou a primeira casa a explodir será a de vocês. Com todos dentro.

O silêncio que se seguiu não foi dúvida.

Foi contagem regressiva.

Mas eu não tinha vindo apenas para dar um prazo. Faltava a peça que encerraria tudo. E agora eu iria buscá-la.

Atrás de mim, ouvi passos apressados. Vozes contidas. A respiração deles tinha mudado. Não era mais indignação, era urgência.

Atravessei o corredor e foi então que ouvi...

Um passo fora do ritmo.

Leve.

Cuidadoso.

Errado demais para existir ali.

Era quase suave.

E suavidade naquele território, não sobrevivia sem ser tomada.

Ergui o olhar por instinto.

Ela descia as escadas devagar, distraída, uma mão apoiada no corrimão, como se aquele chão não estivesse manchado de decisões fatais, pactos e execuções silenciosas.

Uma princesa fora do lugar. Vestida de preto, caminhando sem saber que atravessava uma linha que só se cruzava uma vez, e nunca sem pagar o preço.

Os cabelos escuros, soltos, caíam livres sobre os ombros.

Ela levantou o olhar.

E não baixou.

Foi o suficiente.

Eu a marquei.

Louis apareceu ao fundo do corredor, a voz cortou o ar com urgência:

— Louise, volte para o quarto.

Ela parou no meio do degrau, o corpo ainda imóvel, mas os olhos ficaram presos em mim como se ela estivesse decidindo algo que nem sabia nomear, sustentando o desafio sem saber o erro que acabava de cometer.

Eu não desviei.

Apenas a observei, com a paciência fria de quem já sabia exatamente onde aquilo terminaria.

— Louise, agora! — Louis insistiu, quase desesperado, tentando não denunciar o que ela realmente era para ele.

Falhou miseravelmente.

Quando ela sumiu escada acima, virei-me para Louis. Ele já afrouxava a gravata.

— Quem é ela? — perguntei, só para confirmar.

— Ninguém que você deva olhar por mais de um segundo.

Dei um sorriso lento.

Predatório.

— Ela parece alguém muito importante para você, Louis — Erion observou, com a calma cruel de quem sabia onde pressionar.

— Meu tio também era importante para mim e foi morto em seu território — ralhei. — Agora, eu a quero. — *Não era um pedido*. — Entregue-a e sua dívida termina aqui.

O ar foi arrancado da sala.

Louis prendeu a respiração, como se tivesse levado um soco no estomago.

Logan endureceu.

Xavier cerrou o punho.

Os dois deram meio passo à frente, mas pararam com um gesto único das mãos de Louis.

Ele sabia.

O menor dos sinais bastaria. Meus homens estavam lá fora armados e à espera.

— Minha irmã não está em negociação — Louis alegou, firme.

— Agora está. Ou me entregue ela até meia-noite... — Deixei a frase cair pesada entre nós. — Ou o que vai restar da sua família, vai escorrer pelos corredores desta casa.

Ninguém respondeu, nem precisou, porque todos entenderam que aquilo não era ameaça, era decreto.

Virei as costas e caminhei sem pressa.

A sentença estava dada.

A partir daquele instante, Louise Chevalier já era minha, selada pelo mesmo sangue que eles ousaram derramar. Ou a França aprenderia, da forma mais brutal possível, o preço de tocar em um Vokrri.

Capítulo 5

Meu coração batia tão forte que a respiração falhava.

Não era medo*, não exatamente,* era um aviso. Como se meu corpo tivesse percebido o perigo antes da minha mente, e estivesse tentando me alertar, desesperado, sobre o que estava prestes a acontecer.

Porque eu tinha certeza de que era por isso que meu irmão não queria que eu saísse do quarto.

— O que está acontecendo? — Elise disparou. — Por que seu irmão estava gritando?

— Tem dois homens aqui que eu nunca os vi antes. — Não diminuí o passo.

Puxei Elise comigo em direção ao corredor principal.

Cheguei à janela, afastei as cortinas pesadas e o que vi fez meu estomago se contrair no mesmo instante.

— Mas o que é isso... — murmurei.

O jardim estava tomado por carros altos e escuros. Muitos. Enfileirados como um aviso. Homens armados se posicionavam ao redor, atentos, imóveis, com a postura de quem aguardava uma ordem. Soldados. Aquilo não era uma visita. Muito menos um acordo simples.

Eles só apareciam assim, quando algo grave tinha acontecido.

Mas o quê?

— Eu disse que tinha algo errado — Elise resmungou.

Não respondi.

Vi o homem que me encarou tempo demais atravessar o jardim.

A barba escura emoldurava um maxilar duro. O cabelo negro, penteado para trás com precisão quase cruel. Alto. Muito alto. Quase dois metros de presença sólida, impossível de passar despercebida.

Ele parou em frente a um dos carros, falou algo com seus homens e, então, ergueu o olhar.

Direto para mim.

Como se soubesse exatamente onde eu estava, mesmo através do vidro escuro. O ar me faltou por um longo segundo.

A cena de pouco antes voltou com nitidez assustadora. O olhar escuro, profundos e atentos preso em mim, sem curiosidade, ou presas. Era como se eu tivesse sido prevista e escolhida muito antes de descer aquelas escadas.

Ele não me olhou como alguém passageira na história dele. Olhou como quem reconhecia um gatilho.

O ronco dos motores ressoou do lado de fora, um após o outro, se distanciando. Mas, mesmo com os carros partindo, a sensação permanecia.

Continuei observando pela janela, até que as vozes na sala começaram a subir de tom. Então me virei para Elise.

— Estão discutindo de novo — sussurrei, levando o indicador aos lábios. — Ouve.

Ela inclinou a cabeça, atenta.

— Vamos torcer para que sejam novos aliados.

Neguei devagar.

— Novos aliados não chegam e vão embora dessa forma. Viu a tensão quando desci as escadas? Isso não parece um acordo, parecem inimigos declarados.

— Isso explica por que todos estão agindo estranho — concluiu.

As vozes aumentaram e ficou claro que estavam mesmo discutindo.

Não aguentei ficar parada.

Ignorei as objeções de Elise e segui pelo corredor em direção às escadas. A casa parecia viva, pulsando comigo. Cada passo ecoava como se as paredes escutassem, *e guardassem,* tudo o que estava prestes a explodir.

Quanto mais eu avançava, mais a tensão se fechava em torno de mim.

As vozes vinham altas, quase severas.

O instinto que sempre me dizia quando recuar começou a gritar. Não era um aviso suave, era um alarme. Ainda assim, continuei tentando identificar as palavras no meio do caos.

Descia, degrau por degrau, em silêncio, sentindo o pulso martelar nos ouvidos, na garganta e nas mãos.

Então ouvi...

Meu nome.

Travei por um instante no último degrau da escada, e um frio nasceu no estomago, espalhando-se rápido pelo meu corpo.

Puxei o ar com cuidado, tentando manter o controle, antes de dar o próximo passo.

— Você deveria ter trancado a porra do quarto da nossa irmã. — *Louis estava furioso.*

— Como ele pode exigir ela no lugar de cem dos nossos. A vingança dele é comigo — Logan falou.

Vingança?

Do que eles estavam falando?

— Ele não está falando sério — *Era meu primo Xavier, incrédulo.* — Cem homens, porra.

— Skënder Vokrri não ameaça. Ele sentencia. Mas mexeu com a irmã errada — Louis rosnou.

Um nó apertou minha garganta.

— Então vamos entregar cem pessoas? — Xavier retrucou, com o tom subindo. — Você enlouqueceu? Ou preciso lembrar que você, e principalmente Logan, além de todos que carregam o sobrenome Chevalier, estão nessa lista?

Elise levou a mão à boca, o gesto automático de quem tentava conter o pânico.

Por um segundo, o ar também me faltou. A imagem dos dois caídos, e de todos aqueles corpos no chão por algo que eu não tinha escolhido, atravessou minha mente como um golpe seco. Forcei os pulmões a trabalhar e desci o resto da escada, agora com pressa.

— Não! Cem pessoas não! — Me anunciei.

Os três viraram ao mesmo tempo, e eu vi a tensão escancarada no rosto do Louis.

— Louise...

— Muito menos vocês dois — interrompi, entrando de vez na sala. Meu olhar foi de Logan a Louis. — Não suportaria carregar essa culpa, como pôde sequer cogitar isso, irmão?

— Eu não vou te entregar. Vou achar outra solução.

Soltei uma risada curta, sem humor, avançando um passo.

— Outra solução? Atacar eles? Que ótima escolha. Mais sangue derramado por minha causa. Isso não vai mudar nada.

Louis começou a andar de um lado para o outro, passando a mão pelos cabelos, inquieto.

— Você não entende o que está em jogo.

— Eu entendo perfeitamente, irmão. — Minha voz saiu mais firme do que eu me sentia com a ideia de perder tantas pessoas. — Se eu for, não tem guerra, não tem cem mortos, nem esse massacre.

Ele parou no mesmo segundo e encarou-me.

Os olhos dele estavam vermelhos.

— Não sabe do que ele é capaz, irmã. Skënder te quer por vingança porque você é minha família e nós eliminamos um deles. Como você acha que será sua vida nas mãos daquele homem?

— Eu convivo com vocês dia após dia. Eu sei me cuidar sozinha.

— Isso não está em discussão. Eu vou achar outra saída.

— E você quer uma guerra? — questionei. Meu peito acelerou. — Porque é isso que teremos. Eles são aliados da *Cosa Nostra*. A

Cosa Nostra tem acordo com a *'Ndrangheta*. E você é casado com um deles. Você realmente não vê o que isso vai causar?

Apontei um dedo para mim mesma.

— Tudo isso porque você não quer deixar que eu vá?

— Eu não posso perder você também. — Ele balançou a cabeça em negativa. — E jamais vou te entregar para ele.

A palavra *entregar* cortou fundo.

— Vá para o seu quarto — ordenou.

— Você não pode passar a vida inteira tomando decisões por mim, irmão. Eu sei exatamente o que estou fazendo.

— Eu mandei ir para o seu quarto.

— Eu cansei disso. — Algo dentro de mim estalou. Cruzei os braços. — Cansei. Vocês não vão me proteger para sempre. Um dia eu vou sair desta casa. Você sabe o mundo em que nascemos. Então, me deixe sair agora... para evitar que quem eu amo morra.

— Louise...

— Eu vou subir para o meu quarto — interrompi, já dando um passo atrás. — Mas para arrumar minhas coisas. E quando eu voltar, espero que você ao menos tenha chamado Skënder de volta.

Virei-me antes que ele pudesse responder e deixei a sala com passos rápidos, com minha prima me seguindo.

Ainda consegui ouvir, às minhas costas, as vozes tensas deles:

— Louise enlouqueceu, droga.

— Não vamos deixar ela sair.

Subi os degraus quase correndo, entrei às pressas no quarto. Ouvi o estalo seco da fechadura quando Elise fechou a porta.

Caminhei até o espelho, encarando meu próprio reflexo. Expressão firme e olhos decididos, deveria estar com medo. *Não estava.*

— Você não estava falando sério, prima — murmurou.

— Estava, Elise. Eu vou — afirmei.

E, estranhamente, não era o homem que tinha me exigido aquilo que me assustava. Era o fato de eu estar disposta a ir até ele.

— Tenho que concordar com meus primos. Isso é loucura.

— Você ouviu o mesmo que eu. Julien, seu pai e até você, podem estar nessa lista — retruquei, sem desviar o olhar do espelho.

Elise suspirou fundo, ergueu o rosto e encontrou meu olhar firme pelo reflexo, sustentando-o sem recuar. Ficou assim por um instante, como se quisesse atravessar minha expressão e entender o que eu ainda não tinha dito em voz alta.

— Me diga que você não está pensando em ir só para ter um pouco de "liberdade." — Ela fez aspas no ar. — Não. Você não é tão maluca assim, Louise.

— Talvez. — Dei de ombros. — Um pouco disso... e por todo o resto. Eu vou respirar fora dessas paredes e vocês vão ficar vivos. Não pode ser tão ruim assim.

— Não pode ser tão ruim assim? — repetiu, balançando a cabeça em negação. — Isso é a definição de ruim, prima.

— Ele me quer. Isso significa que tenho valor de troca. E eu posso salvá-los.

— Você viu todos aqueles carros no jardim. Eles são perigosos.

— Nós também somos — eu disse, firme. — E eu já me decidi. Você sabe que um Chevalier não volta atrás. Também é uma. E sabe, tão bem quanto eu, que nada do que disser agora vai me fazer mudar de ideia.

Ela resmungou, derrotada.

Mas eu estava decidida.

E, pela primeira vez desde que me lembrava, a escolha*, certa ou errada,* era inteiramente minha.

Capitulo 6

Rodava o uísque no fundo do copo enquanto observava Marselha do décimo andar do hotel. A cidade brilhava lá embaixo, viva demais para saber o que estava prestes a sangrar. O prédio inteiro havia sido fechado para nós. Nenhuma alma entrava ali sem autorização e nenhuma respiração escapava sem que fosse registrada pelos nossos homens.

Aquela vista sempre acalmava.

Hoje, me afiava.

— Você perdeu a porra da cabeça? — Cezar rompeu o silêncio, virando a bebida de uma vez antes de largar o copo com força na mesa de centro. — Eu vim aqui pronto para matar.

Para Cezar tudo se resolvia com corpos no chão. O filho da mãe não discutia estratégia, ele respirava violência. Meu *Kryes*.[1] Segundo no comando. O braço que executava antes mesmo da ordem terminar. E, entre nós três, o mais sanguinário. O único homem naquela sala que sorria quando o caos começava.

— Cem mortos — respondi, sem tirar os olhos da cidade. — É simples. É rápido. A dor passa.

Virei o rosto para encará-los.

Erion permaneceu em silêncio por alguns segundos. Sempre fazia isso. Pensava, media e calculava. Era um desgraçado observador. Quando colocava algo na cabeça, nem o diabo arrancava. E, se quisesse respostas, cavava fundo, *mas tão fundo*, que só restavam cadáveres pelo caminho.

Quando ele falou, a voz veio cortante como lâmina recém-afiada:

— Você não quer cem mortos.

— Não — concordei. — Cem mortos é misericórdia. Eu quero algo pior.

Cezar soltou um riso curto, incrédulo, passando a mão pela têmpora como se estivesse tentando acompanhar meu raciocínio.

— O que é pior que um massacre de cem mortos?

Eu ainda girava o copo devagar entre meus dedos.

— Mortos não sentem medo. Não imploram. Não assistem o mundo deles ruir... Eu quero que eles entendam. Um por um. Quero que Marselha aprenda o preço de tocar em um Vokrri.

Dei um gole no uísque. O álcool queimou a garganta.

— Cem homens mortos viram estatísticas. Viram luto coletivo. Viram discursos, velórios cheios e gritos que duram algumas semanas. Depois... silêncio — expliquei.

Bati os dedos no copo de uísque em um ritmo quase preguiçoso, antes de continuar:

— Agora, perder alguém que é importante? Alguém que arruinaria uma família inteira sem precisar empunhar uma arma? Isso não explode. Isso devasta por dentro. Uma perda assim corrói todos os dias. Em silêncio. Sem descanso.

Cezar balançou a cabeça, irritado.

— Você está falando da irmã dele.

— Estou falando do que realmente importa para os Chevalier — corrigi. — Sangue frágil, protegido, o último ponto de humanidade daquela casa. Se eu matar cem, eles vão me odiar e se unir. Vão transformar seus mortos em mártires.

Voltei-me novamente para a janela com calma.

— Mas se eu levar ela... eles vão continuar vivos, sabendo que falharam. Que estavam lá. Que tinham armas, homens, poder, e mesmo assim, não conseguiram protegê-la. Isso não passa, muito menos cicatriza.

Pela vidraça, vi Erion cruzar os braços, com o olhar atento. Como meu *Këshilltar*,[2] eu sabia que ele já havia entendido tudo, mesmo que ainda não tivesse falado.

— Você sabe o que isso parece.

— Sei.

— Parece pessoal — Cezar entrou na conversa, girando o copo entre os dedos.

Virei apenas o suficiente para encará-lo.

— Vingança sempre é pessoal. Quem finge o contrário morre cedo.

Cezar se recostou no sofá, rodando lentamente o líquido no copo, com aquele sorriso torto no rosto. Eu conhecia bem aquele sorriso. Era o mesmo que surgia antes de alguém sangrar.

— Então vamos torcer para que esses franceses ao menos tentem resistir. Porque meus dedos estão coçando para puxar um gatilho.

— Eles vão resistir. Por orgulho e por desespero.

Erion inclinou o corpo para frente.

— E quando Louise entra na sua vingança?

— Ela já entrou. No momento em que me encarou sem medo.

— Caralho! — Cezar explodiu. — Você está confundindo guerra com desejo.

— Não. — Minha voz desceu alguns tons. — Estou usando o desejo como arma.

Cezar me encarou por um segundo.

— Estou vendo tudo. Ela vai te quebrar, porra.

— Ninguém quebra um Vokrri — cortei, seco.

O silêncio se esticou.

— Seu plano sempre foi entrar na casa e descobrir uma fraqueza deles, não foi, primo? — Erion perguntou...

Talvez só para confirmar.

— Todos tem uma fraqueza, você só precisa procurar no lugar certo. Eu sabia que Logan e Louis tinham uma irmã. Só não sabia que ela era tão vital. Precisava confirmar. E confirmei.

Girei o copo uma última vez, antes de virar o restante da bebida.

— Agora ela já está condenada a mim, porque eu a quero.

Cezar encheu o copo outra vez e virou em um único gole, sem comentar. O tipo de gesto que significava aceitação. Erion permaneceu em silêncio, com o olhar distante, a mente já costurando cenários, rotas, consequências. Ele nunca parava de planejar.

E eu?

Eu nunca voltava atrás depois de decidir.

E agora, eu ia tomar.

Capítulo 7

Estava no meu quarto, ajustando um vestido preto diante do espelho.

Sempre gostei de preto. E de vestidos.

Aquilo não era uma ocasião especial. Não havia celebração, nem convite. Ainda assim, eu me arrumava com cuidado. Não para agradar, mas para mostrar que eu entendia exatamente o que estava prestes a fazer.

Eu não aceitava aquela exigência, mas também não fingia ignorar o que ela significava. Se eu não fosse, haveria guerra.

Eu não permitiria isso.

Não permitiria que Louis morresse tentando me proteger de uma decisão que, no fundo, todos ali sabiam ser inevitável. Ele preferia levar um tiro antes de me entregar. E eu preferia ir andando, de cabeça erguida, do que ser arrancada depois a força.

Eles eram o que me restava de família, e eu não os perderia por orgulho.

Meu pai foi exilado da França havia alguns anos. Minha mãe morreu cedo demais para eu guardar lembranças ou sentir. Não lembrava da voz dela, tinha apenas três anos. A única mulher constante da minha vida, foi Agnès. Em momento algum ela tentou substituir, apenas ocupou o espaço que existia e eu era grata por isso.

Foi ela quem me ensinou a sentar ereta, a observar antes de falar, a nunca chorar em público. Quem explicou que mulheres como nós não escolhiam destinos, aprendiam a atravessá-los com dignidade. Mas, acima de tudo, foi ela quem me ensinou a nunca abaixar a cabeça, mesmo quando esse maldito mundo exigia isso.

Desde cedo, soube que meu sobrenome vinha antes do meu nome. E sempre soube que um dia o preço seria cobrado.

Ainda assim, meu peito não apertava.

O coração batia mais rápido, o estomago se revirava, não de medo, mas de consciência. Eu sabia exatamente onde estava

pisando.

Caminhei até a penteadeira e prendi o cabelo no alto. Escolhi as joias sem pressa. Brincos prateados. A gargantilha fria entre os dedos. Quando estava prestes a fechá-la, duas batidas soaram na porta.

Não me sobressaltei.

Eu já estava pronta.

A porta se abriu com um ranger baixo da madeira.

Pelo reflexo do espelho, vi Louis entrar. Parou atrás de mim e indicou a gargantilha.

— Posso? — perguntou.

Assenti, breve.

Ele a pegou das minhas mãos e fechou.

— Eu não posso te deixar ir, Louise — insistiu. — Porque eu não posso perder você também.

Virei-me para ele antes de responder. Precisava que ele me olhasse.

— Você não vai me perder se eu for. Vou continuar sendo sua irmã. — Mantive a voz estável. — Mas se eu não for, já pensou em tudo o que vai perder? Porque, no fim, quem ficará sozinha serei eu.

Ele abriu a boca para responder, mas não deixei.

— Você vai tentar me proteger e se falhar, eles virão de qualquer forma. E quando isso acontecer, não será escolha. Será violência.

— Mas que droga, porra. Se você for com Skënder Vokrri, vai estar sozinha em um território desconhecido.

— Eu sei me cuidar. — Sustentei o olhar. — Você me treinou a vida inteira, lembra?

Louis não respondeu.

Continuei:

— Você sempre disse que eu era a razão pela qual ergueu este império. Então não me transforme na razão da queda dele.

O silêncio se estendeu entre nós.

— E tem mais — acrescentei. — Lá dentro, eu posso mudar o jogo a nosso favor. Não precisamos começar uma guerra quando podemos controlá-la. Não é isso que você sempre me ensinou?

Louis passou a mão pelo rosto, exausto. Não derrotado. Encurralado pela própria lógica.

— Quando foi que você cresceu tanto, Louise?

— Eu sempre cresci. Você só esteve ocupado demais tentando me proteger para perceber que eu não sou mais a garotinha que você colocava para dormir.

Louis me puxou para um abraço forte, como se quisesse me guardar ali, longe do mundo. Suspirei contra o peito dele.

Ele não disse nada, mas eu soube, o homem que prometera matar meu irmão, ainda estava lá, e tinha conseguido. Porque, naquele instante, Louis compreendeu

que não podia mais me salvar, apenas respeitar a escolha.

O sol se despedia no horizonte, tingindo o céu de tons quentes de crepúsculo, quando o rugido dos motores rasgou o ar. Não era um carro, nem dois. Soava como uma cavalaria chegando ao jardim da mansão Chevalier.

Louis cerrou os punhos, fazendo as veias saltarem nos braços e Logan respirava lentamente, tentando manter o controle.

Isabella apertou Bernardo contra o peito, soltando um longo suspiro quando beijei a testa do meu sobrinho. Queria guardar aquele cheiro de talco em mim.

— Se alguma coisa acontecer com você, Louise, eu entro naquela porra de país, explodo tudo e nada será capaz de me parar — Louis rosnou.

— Ele sabe disso. E é exatamente por isso que vai me manter viva. Para te torturar à distância. Então, faz um favor pra mim, não se preocupe comigo. Cuide do Bernardo, da sua esposa, do nosso irmão. Da nossa família.

— Você é nossa família, droga! — Logan explodiu, arremessando um copo de vidro contra o chão. Os cacos se espalharam, mas ninguém se moveu.

Xavier permanecia alguns passos atrás, com as mãos nas costas, segurando a arma em alerta. Pronto.

O silêncio que veio depois foi pesado.

Olhei para minha cunhada antes de pedir:

— Você vai ter que controlar todos eles agora, Bella.

— Como se as mulheres controlassem a gente — Louis resmungou, passando a mão pelo rosto.

— Sempre controlamos. Vocês só precisam proteger o ego que carregam no meio das pernas pra fingir que não sabem disso.

— Louise! — Logan reclamou.

Ri para quebrar a tensão na sala.

Xavier deu alguns passos pesados, com os olhos já escuros.

— Podemos matar todos eles agora — ele ralhou.

— E todos nós morremos.

— Mas levamos eles com a gente — insistiu.

— Deixaria sua filha órfã, primo? — soltei.

Foi baixo, cruel e eu não me orgulhei, mas funcionou.

Abracei todos eles, um por um, forte o suficiente para que entendessem que os amava e que ficaria tudo bem.

Quando segui em direção à porta, eles vieram comigo. Ao abri-la, o jardim se revelou tomado por dezenas de carros pretos, alinhados a poucos metros da varanda. Homens armados se espalhavam ao redor com disciplina letal.

E então, eu o vi.

Skënder Vokrri.

Ele estava encostado no carro, vestido todo de preto, os braços cruzados diante do corpo, a postura muito relaxada para alguém que não estava em sua casa. No rosto, algo que quase parecia um sorriso cruel.

Quando seus olhos encontraram os meus, o mundo encolheu. As vozes ao redor se dissolveram. O ar ficou denso para ser puxado de uma vez. Respirei curto, consciente e, por uma razão que eu não conseguia compreender, *e talvez nem quisesse,* não desviei o olhar.

Ele também não.

E, apesar de tudo o que meus irmãos diziam, das atrocidades, das ameaças, do que ele poderia fazer comigo quando me levasse, o medo simplesmente não veio.

O que veio foi outra coisa.

Algo que acelerava o pulso e deixava o estomago alerta.

Louis se moveu ao meu lado, tenso. O silêncio dele era mais perigoso do que qualquer ameaça dita em voz alta. Puxei-o para um último abraço forte.

— Não faça nada e eu vou ficar bem — sussurrei junto ao seu ouvido.

— Se alguma coisa acontecer com você...

— Não vai. Sou uma Chevalier, lembra?

Ele quis sorrir. Falhou.

Antes que eu me afastasse, deixou um beijo longo na minha testa. Não era despedida. Era um pedido silencioso para que eu voltasse inteira.

Caminhei na direção de Skënder de cabeça erguida, sentindo a tensão da minha família atrás de mim, como se cada um lutasse contra o impulso de fazer alguma merda irreversível.

Skënder me observava sem qualquer pudor. O olhar percorreu meu corpo de cima a baixo, lento, meticuloso, como quem avaliava território. Não por desejo imediato, mas por domínio.

Um arrepio desceu pela minha espinha. Não era medo. Era reconhecimento. Ficou claro naquele instante, que aquele homem não apenas ocupava espaço. Ele o tomava.

Ainda assim, não desviei o olhar.

Percebi a tensão contida na musculatura sob a camisa preta, as mangas dobradas expondo antebraços fortes, veias marcadas, tatuagens que não pareciam avisos gravados na pele.

Mordi a parte interna da bochecha, não para conter a reação, mas para lembrar a mim mesma de que eu estava ali por escolha.

Antes mesmo de parar diante dele, fui atingida pelo perfume que se espalhava no ar. Marcante. Era bom. *Irritantemente bom.*

— Onde estão suas coisas? — perguntou. O sotaque era firme.

— Não vou levar nada. Só a roupa do corpo. Se quer me levar, vai ter que lidar com isso.

— Você é corajosa por falar assim comigo. Já matei por muito menos, Louise. — Um breve silêncio. — E o que fará se eu não comprar?

— Aí eu vou andar pelada.

Vi o canto da boca dele se mover. Um quase sorriso. Um erro mínimo, e revelador.

Entrei no carro antes que alguém pudesse me impedir. O coração só disparou de verdade quando Skënder entrou e fechou a porta atrás de si. O espaço pareceu encolher no mesmo instante.

O clique da trava foi seco.

Definitivo.

Apertei meu cinto de segurança. Skënder tocou no vidro com dois dedos. Um gesto simples. O carro começou a se mover e a mansão Chevalier foi se distanciando.

— Olhe bem. Porque você nunca mais vai ver isso de novo.

A voz era grave, impiedosa e um arrepio indevido percorreu meu corpo.

Virei o rosto devagar para encará-lo.

Ele já estava com os olhos cravados em mim.

— Não se preocupe — respondi, sem baixar o olhar. — Já vi por vinte e dois anos. Não vai fazer falta.

— Isso é... interessante.

— O quê? — Arqueei a sobrancelha. — Você esperava que eu passasse a viagem inteira chorando? Implorando? Ou percebeu tarde demais que me levar não é exatamente a vingança que você imaginou?

Skënder manteve o olhar preso em mim. Não havia pressa ali, apenas uma atenção densa, calculada. O ar dentro do carro parecia mais pesado, como se cada movimento fosse medido.

Inclinei o corpo levemente para trás, encostando no banco, e cruzei as pernas com cuidado deliberado. Não para provocá-lo, mas para lembrar a mim mesma de que ainda tinha controle sobre o próprio corpo, mas a tensão nos ombros denunciava o impacto que ele causava sem tocar.

— Você não tem ideia do que é vingança — ele rosnou. — E está confundindo coragem com ignorância.

— E você é alguém que acha que o medo resolve tudo.

— Medo resolve quase tudo. O resto, eu quebro.

Ele se inclinou um pouco na minha direção. Não tocou. Não precisou. A presença dele era suficiente para fazer o ar pesar ainda mais.

— Você deveria estar tremendo agora, Louise. Pensando em como implorar para voltar.

— E você deveria estar comemorando por ter me conseguido, mas está me estudando. Isso te incomoda, não é?

Os olhos dele escureceram mais do que a cor natural deles.

— Você fala demais para alguém que acabou de ser arrancada da própria casa.

— Isso porque você acabou de exigir a pessoa errada.

Skënder sorriu, não com os lábios, mas com algo frio por trás dos olhos. Em seguida, recostou-se no banco e passou a língua lentamente pelo lábio inferior, como se minha resposta tivesse confirmado algo que ele já suspeitava.

— Pessoa errada? — repetiu. — Não. Você é exatamente quem eu vim buscar.

— Então por que parece surpreso?

— Porque você não se comporta como alguém que foi forçada a sair de casa. — *Estreitou o olhar.* — E pessoas que se comportam assim, dão trabalho.

— Então espero que goste de trabalho.

Um segundo. Dois.

Então ele sorriu de verdade pela primeira vez.

Lento.

Cruel.

— Gosto de desafios — admitiu. — E você acabou de se tornar um.

Meu estomago revirou, mas não desviei o olhar. Por um instante, achei que ele começaria a impor regras, a listar o que eu podia ou não fazer. Em vez disso, desviou os olhos, rápido demais para alguém tão seguro.

Aquilo confirmou o que eu já sabia.

Eu não era o prêmio.

Eu era o risco.

Skënder bateu duas vezes no vidro que nos separava do motorista.

— Acelera — a ordem foi seca.

O carro respondeu de imediato, ganhando velocidade.

Ele voltou a me encarar, firme, possessivo, como quem já havia decidido algo que não precisava ser explicado.

— Aproveite o caminho, Louise Chevalier. Porque a partir de agora, você vai aprender o que é pertencer ao Império Vokrri.

Capitulo 8

Depois de mais de vinte e três horas que separavam Marselha de Kukës, estávamos chegando. A cidade onde tudo obedecia ao império dos Vokrri.

Louise dormia.

Não era um sono tranquilo.

Ela se mexia de tempos em tempos, o cenho franzia, como se até inconsciente lutasse contra alguma coisa.

Inclinei a cabeça e observei por mais tempo do que devia.

Ela parecia menor dormindo. Menor, mas não frágil. Havia tensão no maxilar, uma rigidez contida que não desaparecia nem no repouso. Os dedos permaneciam semicerrados contra o couro escuro do banco, como se o corpo dela nunca baixasse a guarda por completo. Pronta para reagir.

Pelas poucas palavras que trocamos, ficou claro que a decisão de vir partiu dela. Louise cruzara as fronteiras do inferno por vontade própria, carregando o que ainda restava de dignidade, como um desafio aberto.

Aquilo me intrigava.

E eu não costumava me intrigar com nada.

A maioria das mulheres, *até as que se achavam espertas,* costumava chorar, negociar, ou tentar usar o corpo como moeda de sobrevivência. Louise não. Ela atravessou os portões de casa como se estivesse indo para um baile. Usou a própria boca como arma, e se sentou ao meu lado no carro sem tremer. E isso...

Isso a tornava muito mais perigosa do que todas as outras.

A porra da sorte dela era que eu gostava de guerra. E Louise Chevalier prometia ser uma.

O motorista anunciou pelo interfone do carro que estávamos a dez minutos da fortaleza. E era ali que Louise entenderia que estar viva não era o mesmo que estar livre.

Ela acreditava que tinha me desafiado quando entrou naquele carro. Mal sabia que o verdadeiro desafio começava agora.

Recostei-me no banco. Olhei pela janela. O céu começava a escurecer de novo. Mais de vinte e três hora vendo o dia passar pela porra da janela do carro. Minha ordem foi para seguir direto. Paradas apenas para a troca de motorista e quando muito necessário.

A velocidade do carro diminuiu.

Os portões foram se abrindo em silêncio, acionados remotamente.

Avançamos, e assim que o carro parou, Louise despertou com um sobressalto contido. Ou nem tanto. O movimento dos cabelos revelou a curva perigosa do pescoço, marcada por uma pinta escura.

Maldição.

O peito dela subia e descia rápido enquanto piscava, ainda desorientada. Os olhos percorreram o espaço, captando meus homens em seus postos, muros e todo o pátio.

Então pararam em mim.

— Chegamos, *Princeshë* [3] — anunciei.

Ela ajeitou o vestido entre as pernas, desviando o olhar de mim para a janela do carro, ainda avaliando cada detalhe ao redor.

— Isso aqui é... seu?

— Cada maldito centímetro do chão onde você vai pisar.

— Que romântico. Sempre sonhei em ser levada para um castelo com cheiro de pólvora e testosterona.

Travei a mandíbula.

— Já disse que para alguém que foi forçada a sair de casa, você tem a língua um tanto solta.

Ela abriu a porta sem retrucar e saiu do carro com uma elegância que não devia existir depois de horas presa em um banco de couro. Parou ali mesmo, encarando a construção à sua frente.

Imponente, escura e intimidadora.

— Quantas mulheres já passaram por aqui? — perguntou, sem me olhar.

— Nenhuma.

Ela me lançou um olhar de soslaio, com surpresa visível no rosto.

— E por que eu sou a primeira que trouxe para cá?

— Porque você teve a audácia de me olhar sem medo. — Reduzi a distância entre nós até que o ar se tornasse escasso. — E porque sua vida é uma dívida que seu irmão jamais poderá pagar. Ela vale mais que todos os soldados dele juntos.

Ela não recuou.

Ergueu o queixo, desafiadora.

— Então, parabéns. Você conseguiu sua vingança. Agora o que vai fazer comigo?

— Vai descobrir assim que cruzar aquela porta.

Ela me estudou por mais alguns segundos, *segundos perigosos*, antes de caminhar rumo à entrada.

Sem hesitar.

Naquele instante eu soube...

Uma mulher teimosa e audaciosa, acabava de entrar no meu território. E eu estava fodidamente pronto para vê-la tentar escapar.

Apenas para descobrir que, no meu império, não existiam saídas.

Capítulo 9

Eu tinha dormido durante toda a viagem, não por conforto, mas por exaustão. Um sono pesado, tenso, daquele que não relaxava por completo.

Ele poderia ter feito qualquer coisa comigo.

E ainda assim, eu acordei inteira.

Agora eu estava ali, na Albânia, a quilômetros da França, atravessando um pátio de pedra cercado por homens posicionados a cada metro da mansão, atentos, armados, silenciosos.

Skënder caminhava logo atrás de mim, tão próximo que eu quase conseguia sentir a presença dele roçando minha pele.

Ele só passou na minha frente para abrir a porta e indicar com um movimento curto da cabeça para que eu entrasse. Quando passei por ele, inspirei um pouco mais fundo. O perfume veio de novo. Deliberado demais para ser acaso.

Eu deveria sentir nojo.

Ele era o homem que me arrancara da França. Que me sentenciara a atravessar fronteiras sem escolha aparente.

Avancei.

Os corredores largos e imponentes se abriram diante de mim. Luminárias lançavam uma luz quente sobre paredes em tons de cinza profundo.

Na verdade, tudo era em tom escuro. Abri a boca para perguntar se havia algum motivo, mas Skënder fez um gesto breve com a mão.

Siga.

Não era pedido. Era comando.

Skënder fechou a porta atrás de nós. O clique metálico do trinco ecoou pela sala com peso suficiente para me fazer estremecer, alerta. Curiosamente, não ouvi o tintilar da chave.

Não soou como um descuido.

Era um teste.

Ou um aviso silencioso de que a porta não precisava estar trancada para deixar claro que eu não tinha saída naquele lugar.

Ouvi-o se aproximar.

Prendi a respiração por um segundo, me preparando.

— A única coisa que vou pedir, é sua obediência. Apenas isso. Se for contra minha regra, as coisas mudam para você, Louise.

— Que regra?

— Não tente escapar. Existe um lado meu que você ainda não viu. E não vai querer ver. Agora suba. — Apontou para uma das escadarias. — O andar da esquerda é onde estão suas coisas.

— Minhas coisas?

— Roupas. Enquanto você dormia, mandei providenciar.

A naturalidade com que ele disse isso, me fez piscar duas vezes. Como se fosse normal alguém escolher minhas roupas, sem perguntar meu número ou meus gostos.

— Quanto tempo eu dormi?

— Dezoito horas. Agora vá. O jantar será servido às oito.

Virei sem discutir, não por obediência, mas porque precisava de distância, de ar e de algo que não fosse ele dominando o ambiente.

Subi as escadas.

A iluminação do segundo andar era quente e baixa demais para ser acolhedora. Abri a única porta que encontrei e entrei. O ambiente era amplo, contínuo, sem divisões claras. Uma sala dentro de outra. Poltronas de couro escuro. Uma parede tomada por uma adega. Estantes com livros em um idioma que eu não reconhecia.

Tudo parecia calculado para impor presença.

Próxima à grande janela, a cama se destacava.

Percorri o cômodo mais uma vez com o olhar, agora com atenção de verdade. Foi então que o arrepio subiu pela minha espinha, diferente dos outros, porque foi lento e certeiro.

Não era só nervosismo, era o meu corpo reconhecendo o perigo em cada fibra. *Aquele era o quarto de Skënder.*

Respirei fundo, e o ar entrou áspero para sequer poder acalmar.

Procurei o closet. Entrei e passei os dedos pelos cabides alinhados. Vestidos. Todos, sem exceção, em tons escuros.

E todos no meu tamanho.

Exatamente o meu número.

O arrepio voltou e eu me perguntei, então, se enquanto eu dormia, ele havia procurado a numeração no vestido que eu usava.

Havia perfume sobre a cômoda ao fundo do closet. Uma escova de cabelo nova, outra de dente, joias discretas e itens de higiene pessoal.

Do lado oposto ao cabideiro, estavam as roupas masculinas.

Dele.

Não restava dúvida sobre a quem pertencia o quarto. Foi quando o pensamento surgiu, inevitável: *ele pretendia me fazer sua mulher?* Mas a pergunta mal se formou, e passos pesados estalaram no chão, quebrando o ar ao meu redor.

Skënder surgiu no batente da porta do closet e parou ali com o olhar fixo em mim, como se já soubesse exatamente o que eu tinha acabado de entender.

— Ainda não escolheu algo para vestir? — perguntou.

O tom era frio, controlado. Mas a crueldade dele não era o problema. O que me paralisava, era que eu não conseguia prever quando ele atacaria, nem qual parte de mim ele pretendia quebrar primeiro.

— O quarto é seu? — perguntei, ignorando a pergunta.

Ele avançou mais um passo. O limite do quarto ficou para trás. Depois, o do closet. O espaço encolheu.

— Tudo aqui é meu.

— Inclusive eu?

O olhar dele escureceu.

— Principalmente você.

— Você gosta de controle, não é? — Cruzei os braços, sentindo a adrenalina subir.

Skënder deu mais dois passos, ficando perto o suficiente para me deixar paralisada. Ele não me tocava e, ainda assim, dominava tudo.

— Controle é só uma forma elegante de chamar o que todo predador entende: território — sussurrou, roçando os lábios ao meu ouvido. — Isso aqui é meu. E você... está dentro dele.

— Território... — repeti, devagar. — Um nome bonito para prisão.

— Esse não é a porra de um nome, é a sua sentença. Você me pertence, Louise, e logo você vai entender o peso que isso significa.

— Então me trouxe para ser sua mulher?

Ele recuou um único passo*. Só um*. O bastante para me observar inteira, como quem avaliava uma arma antes de puxar o gatilho. Não quebrei o contato.

— É virgem, Louise?

— Não — *menti, descaradamente.*

— Está mentindo.

— Não estou mentindo.

— Então deite na cama e abra a porra da perna.

Não me movi.

— Viu? Não foi usada e nunca pertenceu a ninguém. Agora pertence.

A frase caiu como um golpe seco, calculado para atingir onde ele queria.

— Você é um completo idiota — acusei, com raiva.

Ele sorriu lento, porém frio. Quase satisfeito.

— Essa noite e todas as outras, você vai me esperar na cama... pelada.

Recuei um passo. Talvez nem isso. As mãos dele voaram para minha cintura no mesmo instante, me trazendo de volta para ele em um movimento rápido, violento e, sem escapatória. Meu corpo colidiu com o dele, e o choque roubou meu fôlego.

— Nunca fuja de mim, porra — rosnou.

— Então nunca me trate como uma puta!

O riso que ele deu foi perigoso.

Arqueei a sobrancelha.

E no instante em que seus olhos encontraram os meus, eu entendi que Skënder Vokrri, não me queria submissa. Queria que eu sobrevivesse a ele, mas ninguém sobrevivia ileso ao homem que decidia te marcar.

E isso...

Era mais perigoso que sentir medo.

— O que você quer de mim afinal? — arrisquei.

— Obediência.

— Isso não é resposta. É ameaça.

Um músculo saltou no maxilar dele.

— Você não deveria testar minha paciência, porra. Agora, vista-se. Você tem vinte minutos. Depois veremos se você sobrevive ao que pensa que é coragem.

Virou-se e saiu.

A porta se fechou com um clique baixo.

Fiquei parada onde estava por alguns segundos, esperando o corpo entender que ele tinha ido embora. Só então, soltei o ar devagar, como se tivesse passado minutos intermináveis trancando a respiração.

Caminhei até a cama porque minhas pernas decidiram antes de mim. Sentei na beirada do colchão e encarei o próprio reflexo no espelho à frente. O vestido preto ainda impecável. O cabelo preso com firmeza. O rosto controlado para alguém que tinha acabado de atravessar um limiar que não havia mais volta.

Eu não estava tremendo, nem com medo, mas havia algo diferente. Uma pressão estranha no peito. Como se eu tivesse entendido, finalmente, a real dimensão do que tinha aceitado.

Não a viagem. Não o acordo. *Mas ele.*

Skënder Vokrri não me queria quebrada.

Queria ver até onde eu aguentava inteira.

Passei os dedos pelo antebraço, sentindo a própria pele arrepiar com o simples gesto. Não era frio, era a memória do espaço que ele dominava. Da forma como o ar parecia diferente e mais denso quando ele estava perto.

Fechei os olhos por um instante, e odiei perceber que parte de mim não tinha recuado. Não porque eu quisesse, mas porque o corpo reconhecia perigo, do mesmo jeito que reconhecia sobrevivência.

Abri os olhos de novo.

— Isso não muda nada — murmurei para mim mesma.

Levantei em um movimento brusco, como se pudesse sacudir aquela sensação para fora do corpo. Caminhei até o closet, escolhi um dos vestidos escuros e o vesti com gestos firmes, precisos.

Cada centímetro do zíper que eu fechava era um lembrete que eu ainda estava no controle, ou talvez não.

Porque...

Skënder Vokrri não tinha me tocado.

Ainda assim, tinha conseguido algo pior.

Capítulo 10

Ela era um problema.

E eu não estava acostumado a problemas respirando sob o meu teto.

Tinha algo nela, na forma como me desafiava e, principalmente, na forma como eu permitia, que me deixava fodidamente puto, e querendo-a ainda mais.

Deixei a casa principal e segui para a segunda casa do complexo. O lugar era mais baixo, mais frio, feito de pedra e concreto. Ali ficava o escritório, onde decisões eram decretadas.

Meus primos já estavam lá. Alguns capos também. Homens que comandavam territórios, rotas e dinheiro.

Enquanto eu estava preso naquele maldito carro de volta para Kukës, eu já tinha marcado a reunião.

O silêncio caiu no instante em que atravessei a porta. Nenhum deles se mexeu, ou falou. Fui até a cabeceira da grande mesa de carvalho e fiquei em pé.

— Vou ser direto — comecei, medindo cada olhar. — A dívida com os franceses não vai virar guerra.

Alguns alinharam os ternos, outros endireitaram a postura e poucos ficaram imóveis, mas ninguém me interrompeu. Porque aqui não existia conselho. Existia a minha palavra.

Apoiei as mãos na mesa antes de anunciar.

— Eu vou me casar.

A frase caiu como um disparo que não precisava de repetição.

Cezar foi o primeiro a reagir. Um movimento mínimo do maxilar, quase imperceptível. Erion permaneceu imóvel ao meu lado, em silêncio, observando tudo com a atenção fria de quem já calculava as consequências.

— O quê? — Arben foi incapaz de se conter.

Arben Kasmi era um dos mais velhos do clã Vokrri. Antigo demais para esquecer o lugar que ocupava. Impulsivo, mas

inteligente o suficiente para nunca ultrapassar a linha. Sua família controlava a importação de bebidas e tabaco na região. Um negócio limpo no papel e bom para fazer cargas passarem sem chamar atenção.

— Casar? Com quem? — disparou.

— Com a irmã do *Don* francês.

O ar ficou pesado. Um dos capos pigarreou, nervoso. Parou quando percebeu que todos tinham notado.

— Isso é loucura — Arben prosseguiu. — Uma mulher não paga uma dívida.

— Paga quando vale mais viva do que cem mortos — respondi.

— Você sabe o que significa trazer uma francesa pra dentro de Kukës, do império e da família?

— Eu sei. Significa controle.

Arben respirou fundo, como quem media cada palavra antes de arriscar a próxima.

— Ela pode ser usada contra o senhor.

— Se a usarem contra mim, eles vão aprender o que acontece quando ousam me desafiar. — Endireitei o corpo.

O ar afundou na sala.

— Louise Chevalier será minha esposa — decretei, devagar, fazendo cada sílaba pesar. — Isso não está em votação. Estou apenas avisando.

Caminhei ao redor da mesa sem pressa, deixando que todos sentissem o alcance daquela decisão. Meu olhar percorreu cada rosto, um a um. Ninguém desviou.

— Ela já está em Kukës. E no momento em que cruzou esses portões, tornou-se uma Vokrri.

Fiz uma pausa curta.

— A partir de hoje, ela responde ao meu nome. Toquem nela, e morram. Profanem essa união, e morram. Tentem me atingir através dela, e eu apago o maldito sobrenome de vocês da existência.

O silêncio que se seguiu não foi respeito.

Foi medo.

— Reunião encerrada — conclui.

Mantive o olhar cravado em cada um deles tempo suficiente para garantir que a ordem tivesse sido gravada. Ninguém ousou se mover. Ninguém ousou respirar fora do ritmo.

Então virei as costas.

Saí da sala sem pressa. Atrás de mim, Cezar veio rápido e fechou a porta com força.

— Você não falou nada sobre casamento, porra — ele explodiu.

Continuei andando, afrouxando os botões da camisa.

— Isso não é uma decisão qualquer, primo — ele insistiu, acompanhando meu passo. — Você está ficando obcecado por essa garota.

Parei.

Levantei o olhar devagar até o dele.

— Cuidado com a próxima palavra — avisei.

— Louise não é só uma moeda. Ela é uma mulher criada no meio do poder. Sabe como funcionam alianças. Isso pode virar um problema dentro de casa, primo.

— Ela já é um problema. E exatamente por isso, Louise será minha como esposa. Acordos com franceses são instáveis. Mudam conforme o vento. Um laço de sangue, não... Casamento é contrato definitivo no nosso mundo. Não tem volta. Não tem saída. Não tem traição. Condená-la a mim sob o pretexto de um altar, não é risco. É vantagem.

O silêncio que se seguiu deixou claro que ele entendeu. Ainda assim, Cezar passou a mão pelo cabelo, tenso. Não era oposição. Era preocupação. Eu o conhecia bem.

— Você nunca quis casamento, porra — resmungou. — Nem quando o clã exigiu que você se casasse ao assumir como chefe.

— Eu ampliei o tabuleiro.

Era verdade.

Até aquele momento, tudo era cálculo.

Mas tudo mudou no instante em que vi aquela mulher descer a escada vestida de preto, postura ereta e sem abaixar o olhar para ninguém. Ali, algo antigo despertou em mim. Territorial. Primário. Um instinto que não pedia permissão, nem se explicava. Apenas reivindicava.

Eu a queria como vingança.

E a queria para mim.

Erion surgiu ao nosso lado, analisando tudo em silêncio antes de falar.

Cezar virou-se para ele imediatamente.

— Diga para o desgraçado do nosso primo que você também acha que isso é um erro, Erion.

— Skënder está certo. É uma jogada brilhante.

— Caralho. Você concorda?

— E por que não? Esse casamento garante acesso direto aos franceses e neutraliza aliados deles.

Cezar voltou a me encarar.

— Ela vai te odiar ainda mais, primo.

— Ela vai sobreviver. E isso já é mais do que a maioria recebe quando cruza meu caminho — respondi.

Erion inclinou levemente a cabeça.

Cezar respirou fundo e assentiu uma única vez. Não em concordância. Em aceitação.

Ele sabia.

Quando eu decidia algo, ninguém ousava ir contra.

Porque a minha palavra não era promessa.

Era lei absoluta.

Capítulo 11

Nada ali parecia definitivo, exceto o controle dele. E eu não sabia quanto tempo levaria até aquilo me quebrar.

Mas não ia ficar ali, naquele quarto, esperando.

Abri a porta.

Um cheiro delicioso de temperos já se espalhava pelo ar. Ainda que tivesse dormido por horas e não comesse havia muito tempo, a fome simplesmente não vinha. Meu corpo parecia muito ocupado tentando entender onde eu estava.

Entrei na cozinha. Era ampla, com móveis em tom de grafite escuro, e a primeira coisa que pensei, foi que Skënder gostava de preto. Algo em comum.

— Boa noite — chamei atenção, quebrando o silêncio.

— *Natë e mire*.[4]

— Me desculpa, não falo sua língua. Será que...

— Boa noite, querida.

Pisquei, surpresa.

Ok. Ela me entendia. E falava a minha língua. Talvez fosse coincidência, mas eu não acreditava nelas.

— Você me entende? — perguntei, só para confirmar.

— Perfeitamente — respondeu. Em seguida, baixou o olhar e o lançou para trás de mim. — Mas não deveria estar aqui. O senhor não gosta que conversem com os funcionários.

Puxei uma banqueta preta da bancada e me sentei, ignorando completamente o aviso.

Ela me observou com atenção. Usava um avental branco sobre o uniforme preto. Os olhos azuis eram claros para aquele ambiente escuro, e as rugas suaves na testa denunciavam alguém que já tinha vivido muito, e visto mais ainda.

— E nem deveria ficar aqui — completou.

— Eu nem sei qual vai ser minha função nessa casa — respondi, dando de ombros. — Talvez ele me coloque para te ajudar. Eu gosto de cozinhar.

Ela hesitou por um instante antes de falar.

— O senhor avisou que a senhora estava vindo. E deixou as regras bem claras.

Regras.

A palavra desceu amarga pela garganta, pesada para um lugar que ainda cheirava a comida quente.

— Que cheiro gostoso — comentei, tentando afastar aquela sensação, ao vê-la abrir o forno.

— Estou finalizando o *tavë kosi*[5].

Franzi o cenho.

— Torta de carne de carneiro — explicou com naturalidade. — É tradicional daqui. Quando o senhor disse que viria, procurei algo que fosse mais fácil para a senhora se acostumar com a comida local.

— Você é muito atenciosa — respondi. — Mas não precisa me chamar assim.

Ela sorriu de forma breve, respeitosa. E, por algum motivo, tive a certeza de que nos daríamos bem ali.

No instante seguinte, porém, o ar mudou.

Senti antes mesmo de ouvir. De novo.

O perfume chegou primeiro, invadindo meus sentidos. Puxei o ar com mais força, no automático, como se precisasse de mais daquele cheiro para entender por que era tão bom. Ou tão perigoso. Irresistível demais para ser ignorado.

Eu sabia quem estava ali sem precisar me virar. Ainda assim, virei o rosto devagar. Skënder estava parado à porta. O maxilar tensionado, o olhar duro o bastante para cortar qualquer tentativa de leveza.

— O que está fazendo aqui, Louise?

— Sentada. Como pode perfeitamente ver — respondi, calma.

Ele respirou fundo, visivelmente se contendo, antes de procurar pela mulher na cozinha.

— Donika, pode servir a mesa.

— Sim, senhor. — Ela assentiu, sem erguer o olhar para ele.

— Vamos, Louise. — Indicou o corredor.

Não discuti.

Levantei-me da banqueta e passei por ele, sentindo seu perfume com mais intensidade. Skënder me guiou até a sala de jantar. E não fiquei surpresa com as cores do ambiente.

— Vejo que você gosta de preto — comentei, puxando a cadeira.

— Se não gosta, vai se acostumar.

— Eu não disse que não gostava.

Ele arqueou uma sobrancelha e apoiou os cotovelos sobre a mesa, ocupando a extremidade do móvel de madeira escura.

Donika começou a servir. O vapor quente subiu imediatamente, tomando o ambiente com um cheiro intenso e reconfortante. Reconheci carne, especiarias, alho e algo diferente, mais profundo. À minha frente, ela colocou um prato de *tavë kosi*. A superfície estava cremosa, dourada, ainda borbulhando nas bordas.

Meu estomago se contraiu no memo instante, não de fome, mas de resposta àquele aroma.

— Você sabe francês... seus funcionários também — comecei, meio ao acaso, encarando-o. — Alguma exigência sua?

— Sim.

— Por quê?

— Pelo mesmo motivo que você vai aprender albanês. — Ele inclinou levemente o queixo em direção do prato. — Agora coma.

Servi-me mecanicamente e levei a primeira garfada à boca. Meu corpo reagiu antes de mim, engoli. Estava quente, a carne macia e bem temperada. Uma delícia.

— Amanhã uma costureira vem para ajustar suas medidas — Skënder murmurou, entre uma garfada e outra.

— Medidas?

— Do vestido de noiva. Nos casamos em dois dias.

O chão cedeu sob os pés. Por um segundo, achei que não tinha ouvido direito.

— Casar?

— Em dois dias — repetiu, definitivo.

Meu coração perdeu o compasso. Parei de mastigar. O sabor bom se dissolveu. Um peso se instalou no peito. E, de repente, a comida deixou de importar.

— Não. Eu...

— Você já é minha, Louise. — Ele me cortou. — Minha desde o momento em que coloquei os olhos em você. Está na minha casa. Vai ser minha mulher. E eu não perguntei se você quer. Eu afirmei.

— Mas eu não quero me casar.

Skënder largou o garfo e o estalo metálico foi seco sobre a porcelana do prato.

O olhar dele encontrou o meu com uma intensidade brutal, como se estivesse sugando todo o ar da sala.

— Quer mesmo desafiar alguém como eu?

— Você disse que só exigia obediência — retruquei. — Mas está exigindo casamento e me descrevendo como posse.

— No nosso mundo, é a mesma coisa. Eu a trouxe para cá como pagamento. Vingança. — Sentenciou. — Não como hóspede.

— Eu sei exatamente por que estou aqui. E não me iludo achando que tenho escolha para ir embora. Mas não confunda isso com submissão cega.

— Está me desafiando, Louise?

— Estou estabelecendo limites — corrigi. — Porque se você me quer funcional, viva e útil...

Ergui o queixo.

Por um segundo, achei que ele avançaria.

Não avançou.

Em vez disso, sorriu.

Não com os lábios.

Com algo mais frio.

— Então aqui está meu limite — continuei, firme. — Eu não vou tentar fugir. Não vou provocar sua guarda. Não vou colocar sua casa em risco. Em troca, você não decide por mim sem me informar. Não toca sem consentimento. E não me trata como um objeto descartável.

— Você está exigindo muito.

— Estou exigindo o mínimo para que isso não termine em algo que nem você controla.

Ele me encarou por longos segundos.

Longos demais.

— Você acabou de cruzar uma linha perigosa, Louise Chevalier.

— Eu sei — respondi. — Mas você também acabou de perceber, que me quebrar não vai ser simples.

— Então aqui vai o meu limite, *Princeshë*[6]. — O tom endureceu. — Você pode falar, quando eu deixar. Não vai fugir. Nem cogitar tal ideia. E em dois dias, será minha esposa e não haverá para onde correr. Se fizer isso, talvez eu considere ouvir quando o assunto for você.

Pensei em Louis. Em Logan. Na casa. Meu estomago se revirou com violência. Um nó apertou a garganta, porque eu lembrei do motivo de eu ter vindo para Albânia.

Para proteger aqueles que eu amava.

Se eu hesitasse, pessoas morreriam.

Então eu não hesitei.

— O casamento precisa ser tão rápido assim? — arrisquei. — Não pode ser mês que vem?

— Em dois dias — reafirmou, rígido. — Em dois dias nos casamos e você será minha esposa legítima.

O silêncio caiu por um instante, acompanhado pelo cheiro da comida.

Pensei rápido.

Era precipitado. Eu mal o conhecia. Ainda assim, dentro da máfia, eu já tinha ouvido histórias piores. Arranjos forçados, trocas, imposições. Ao menos eu tinha vindo por vontade própria. Isso contava alguma coisa. Ou eu queria acreditar que contava.

Nunca pensei muito sobre casamento. Nem quando, nem com quem. Talvez porque sempre soube que Louis não me colocaria em um casamento dentro desse mundo. E, no entanto, ali estava eu, entrando em um.

Talvez Elise estivesse certa o tempo todo, ninguém podia brincar com o destino.

Engoli em seco antes de arriscar outra pergunta.

— Minha família virá para o casamento?

Skënder me avaliou sem pressa. Terminou de mastigar, deliberadamente calmo.

— Isso vai depender de como você se comportar essa noite.

— Essa noite? Não sei se eu entendi o que quis dizer.

— Iremos sair. — Fez uma pausa. — Tem uma ocasião importante. Você vem comigo. Ficará ao meu lado. E só sai se eu mandar.

Capítulo 12

O salão estava cheio quando atravessamos a entrada principal. Luz baixa, música controlada, taças caras e homens que sabiam o que estavam fazendo. Aquela não era uma festa para celebração. Era para confirmação de poder.

Ao entrar, coloquei a mão nas costas de Louise. O toque encontrou a pele quente na abertura do vestido, deixando claro, desde o primeiro segundo, que ela estava sob a minha posse.

Erion foi o primeiro a nos notar. Estava próximo à mesa central, um copo de uísque na mão. Ao lado dele, seus pais, com Cezar e Nora logo atrás. Todos observando a festa com aquela atenção calculada que não se desligava nem em celebrações.

Guiei Louise até eles.

— Essa é a família do lado da minha mãe. Os Koçolla. — Meu olhar percorreu cada um antes de nomeá-los. — Hazin, Valmira e Erion.

Em seguida, indiquei meus outros primos.

— Cezar e Nora. Família Vokrri.

Voltei-me para Louise, sem suavizar o tom:

— Essa é minha futura esposa — declarei, sem rodeios.

— Bem-vinda a família, querida — minha tia saudou. Apesar de saber que eu a tomei dos franceses.

Louise respondeu com um sorriso breve, educado. Cumprimentou cada um sem hesitar, postura firme, queixo erguido. Não se encolheu. Não pediu permissão com os olhos. Eu a observei em silêncio, fodidamente curioso para ver como ela iria se mover naquele território.

— Bem-vinda mesmo — Nora repetiu, com um sorriso longe de ser inocente. — Porque se não fosse por você, Louise, eu não estaria aqui. Meu irmão jamais me traria para uma noite como essa, mas ninguém vai contra a ordens do *Don*.

— Ah, eu te entendo perfeitamente — Louise sorriu para ela.

Cezar arqueou uma sobrancelha, antes de intervir.

— Aproveite a festa, irmã... — O tom dele foi rígido. — Porque não virá a muitas outras tão cedo.

— A menos que o *Don* exija novamente — Nora acrescentou, soltando uma risada curta, contida.

— Bijë[7]! — Hazin a repreendeu de imediato.

E ela entendeu o aviso. Apenas assentiu, em silêncio.

Mesmo sem ser o pai dela, meu tio a via como filha. Entre nós, família não se media apenas pelo nascimento, mas pela casa, pela lealdade e por quem crescia sob as mesmas leis.

E eu era o laço que mantinha essa união, mesmo que todos soubessem, que fora eu quem matou o desgraçado do meu pai.

A conversa morreu ali e a festa retomou seu curso.

A música voltou a ocupar o salão em um volume calculado. Risadas surgiam aqui e ali, contidas. Alguns homens conversavam em tons mais altos, mas nunca descuidados. Outros cruzavam o espaço com passos lentos, observando mais do que falando.

Mais membros do clã Vokrri chegaram ao longo da noite. Cumprimentos discretos, toques rápidos nos ombros, acenos quase imperceptíveis. Territórios eram reafirmados sem precisar de mapas. Mãos se apertavam por tempo suficiente para selar acordos já decididos.

Aquele não era um evento aberto. Apenas membros dos clãs haviam sido convidados, e todos sabiam que a presença das esposas e famílias era indispensável.

Olhares cruzavam o salão com frequência. Um gesto de cabeça bastava. Um copo erguido, um meio sorriso, um passo calculado na direção certa. Códigos que não precisavam de tradução.

Em algum momento, senti Louise se mover ao meu lado.

— Vou tomar um pouco de ar — murmurou baixo.

Olhei para ela e assenti uma única vez, e enquanto se afastava, fiz um gesto mínimo com a mão. Meus homens entenderam

de imediato. Aquela casa estava sob nossa vigilância, mas havia soldados de muitos aliados espalhados ali.

Acompanhei Louise com o olhar até vê-la parar na sacada, onde eu ainda podia mantê-la sob controle.

Voltei à conversa com os dois líderes do Leste Europeu. Suas esposas tinham se agrupado com as outras.

Aleksandar Dragović. Sérvio. Alto, largo de ombros, cabelo grisalho penteado para trás com rigor militar. Ele controlava as rotas terrestres de armas e munição, do coração dos Bálcãs até o centro da Europa. Sérvia, Hungria, Áustria, Alemanha. Tudo que cruzava aquelas fronteiras passava, direta ou indiretamente, por ele.

Marek Kowalczyk. Polonês. Terno claro, sorriso calculado. Marek fazia o dinheiro desaparecer. Lavagem, empresas de fachada, cassinos, bancos fantasmas. Ele transformava corpos em números limpos.

Nosso acordo sempre foi simples:

Dragović movia. Marek limpava. Eu protegia.

— Então é verdade que vai se casar, *Don* Vokrri? — Aleksandar foi o primeiro a falar, casual demais para não ser cálculo.

— Casamentos são estratégias.

— Estratégias costumam alterar rotas. — Marek girou lentamente o uísque no copo. — Uma aliança direta com os franceses pode tornar-se... dispensáveis alguns intermediários.

— Especialmente quando se trata de portos franceses — Dragović acrescentou. — Marselha sempre foi um gargalo. Com acesso direto, você não precisaria mais das nossas passagens pelo Norte.

— Como eu disse, casamentos são estratégias. Não o fim de contratos.

O silêncio se estendeu por segundos longos o bastante para que ambos entendessem o aviso.

— O acordo continua o mesmo — afirmei. — Dragović mantém as rotas de armamento pelo Leste. Marek continua garantindo que o dinheiro chegue limpo onde precisa chegar. A França não substitui vocês. Ela amplia o alcance.

Marek sorriu primeiro. Sempre o mais rápido a entender quando recuar era mais lucrativo do que resistir.

— Então que essa expansão seja... vantajosa. — Ergueu o copo.

Dragović demorou um segundo a mais, mas assentiu.

— Desde que as rotas não sejam cortadas.

— Nenhuma rota é cortada enquanto for útil — finalizei.

— Então, um brinde. — Marek encerrou.

Assenti apenas uma vez. Foi quando ergui o olhar outra vez, e captei o exato momento em que Louise retornava ao salão.

Tudo parou.

Não era o vestido preto moldando seu corpo. Nem o cabelo solto caindo pelos ombros. Foi a postura. Reta, consciente e perigosamente segura do próprio lugar, ainda que não compreendesse o impacto que deixava por onde passava.

Ela caminhou em minha direção como se o mundo tivesse sido feito para abrir passagem onde seus pés tocavam. E, de certa forma, tinha. Ter chegado comigo já a colocava acima de qualquer outra ali.

Eles sabiam a quem ela pertencia.

Tudo estava indo bem, até eu perceber um olhar pousado nela.

Não foi rápido ou discreto. O olhar desceu devagar pelo corpo dela e parou onde nenhum homem deveria parar. Subiu até a boca. Curvou-se em um sorriso lento, sujo, como se imaginasse o gosto.

Aquilo bastou.

Tudo dentro de mim se desalinhou em uma única certeza. Meus dedos se fecharam com tanta força, que o vidro cedeu. O copo

explodiu na minha mão, os cacos abriram a pele, o sangue escorreu, e eu não senti nada.

Cezar já estava ao meu lado quando murmurou, baixo:

— Sabe que Xan Vuković é um filho da puta, mas não aqui, primo.

Era tarde.

Vi os cinco dedos dele se fecharem ao redor do braço de Louise, puxando-a para perto. O caos explodiu nas minhas veias e, naquele instante, o destino dele foi selado.

Levantei em um impulso bruto, a cadeira tombou atrás de mim.

A última coisa que o filho da puta viu, foi o próprio corpo sendo arrancado do lugar e esmagado contra a parede pelas minhas mãos sangrando. O impacto foi seco, violento, fazendo o salão inteiro prender a respiração.

Eu não.

Em um relance rápido, captei o choque estampado no rosto pálido de Louise, mas a fúria não me deixou parar.

— Você gostou do que viu? — rosnei.

— *Don* Vokrri, eu não sabi...

A desculpa morreu antes de nascer.

Meu punho veio primeiro. Direto. Pesado. Depois outro e mais outro. A satisfação sombria de sentir os ossos do rosto dele cederem sob a força do meu golpe era quase palpável. O medo vibrava na pele dele.

O sangue jorrou do nariz, da boca, da sobrancelha aberta.

Ele tentou escapar.

Não permiti.

Erion e Cezar já estavam ao meu lado, fechando o corredor lateral.

Golpeei no estomago, fazendo-o se curvar, mas o segurei pelo colarinho, obrigando-a a me encarar sem fuga.

— Você não olha para a minha mulher. Nunca. E ninguém toca nela. Jamais.

Cheguei tão perto, que senti o hálito falho dele contra a minha pele. Ele exalava ferro, mas o desespero dele tinha um cheiro próprio.

— Você cometeu o último erro da sua vida no instante em que encostou nela — sussurrei, a voz letal. — Vou mantê-lo vivo o bastante para entender cada segundo do erro que cometeu, antes de separar sua cabeça do corpo e entregá-la ao meu lobo.

Soltei-o com desprezo.

O corpo dele desabou no chão como o lixo que sempre foi.

Encontrei meus homens com um olhar.

— Sabem o que fazer.

Eles assentiram sem fazer perguntas.

O maldito foi arrastado dali. Não houve gritos, nem súplicas. Só os passos se afastando. Alguns segundos depois, a música aumentou levemente. Copos voltaram a se erguer. Conversas retomaram em tons mais baixos. O salão voltou a respirar.

Meu pulso martelava, feroz, vibrando no nós dos dedos.

Encarei Louise.

O epicentro do caos dentro de mim.

Ela já estava encostada na sacada. O peito subia e descia rápido, mas não recuou. Não piscou. Sustentou. Aquilo não deveria me afetar, mas afetou.

Inferno... aquilo quase me destruiu.

Caminhei até ela e segurei sua cintura. Meu toque não foi gentil. Nunca era. Foi posse. Domínio. Aviso. Ainda assim, ela se inclinou levemente em minha direção, como se compreendesse o que aquilo significava.

— Por que você fez isso, Skënder?

— Eu ensinei. A ele e a qualquer outro desgraçado aqui, o que acontece com quem ousar tocar em você — respondi, frio.

A boca dela ficou perigosamente próxima da minha quando buscou minha mão. Virou minha palma, analisando os cortes abertos.

— Você teve sorte de não ficar com cacos aí dentro — resmungou. — Mas está sangrando. E por minha causa. Não deveria ter me trazido.

— Você estava onde deveria estar. E eu ensinarei cada filho da puta que esquecer quem manda. Da mesma forma.

Os olhos dela subiram lentamente até os meus. Não havia medo ali. Havia algo pior. Desafio.

— Mas você não precisava quase matar um homem para provar isso.

— Homens como ele aprendem com dor. Outros aprendem assistindo.

Inclinei o rosto, chegando mais perto do seu ouvido.

— E tudo o que é meu, eu protejo. Mesmo que o mundo sangre por isso.

— Eu não sou uma coisa sua — protestou, sem elevar a voz, mas os dedos se contraíram ao redor da minha pele. — Não sou um território.

— Você é exatamente isso. E qualquer um que invadir... paga.

Ela respirou fundo, sem quebrar o contato. A música ficou mais alta atrás de nós.

— Então entenda uma coisa, Skënder, se você vai me manter nesse mundo, precisa saber que eu não abaixo a cabeça. Nem para você.

Minha mão subiu pela lateral do corpo dela, lenta, possessiva, parando firme em sua cintura.

— Você está falando com um homem que não sabe recuar — murmurei junto ao ouvido dela.

— Ótimo. — *Ela não se afastou*. — Porque eu também não.

Fitou minha mão outra vez.

— Nem esquenta. — Cezar surgiu ao nosso lado. — Ele foi treinado para não sentir dor.

Louise encarou meu primo, depois o copo de bebida que o filho da mãe ainda segurava em mãos, pegando-o sem pedir. Antes que eu entendesse o que ela faria, despejou o uísque direto sobre o meu machucado.

A ardência veio quente. Crua. O cheiro forte, amadeirado, subiu no ar.

— Pode ser treinado para não sentir dor, mas não é imune a infecção — murmurou, calma, como se não tivesse acabado de jogar álcool em uma ferida aberta.

Eu a fuzilei.

Cezar pousou a mão no meu ombro, divertido.

— Sabe que eu estou começando a mudar de ideia sobre esse casamento. — Aproximou, sussurrando: — Mas eu avisei que ela ia te quebrar.

Louise ouviu... e sorriu.

— Agora podemos voltar à mesa — ralhei, sem tirar os olhos dela. — Ainda tenho negócios a fechar.

Apertei a cintura de Louise com mais força e a puxei comigo, deixando claro para cada homem naquele salão...

Louise Chevalier me pertencia.

Ninguém tocava no que era meu e saía vivo.

E quem sequer ousasse olhar para ela com intenção...

Morreria.

Capítulo 13

As vozes e conversas vinham de todos os lados, um burburinho constante, mas tudo o que eu conseguia ouvir, era o meu próprio coração martelando contra os tímpanos. Skënder quase matou um homem diante de todos, apenas porque ele ousou encostar em mim.

Aquilo deveria ter me assustado.

Qualquer outra mulher, no meu lugar, teria recuado.

Eu não.

Será que havia algo de errado comigo?

Eu tinha sido exigida. Não estava ali por escolha, mas porque fazia parte de uma vingança que Skënder deixava clara a cada gesto, a cada olhar. Ainda assim, no fundo, bem no fundo, talvez eu quisesse estar ali.

— Louise — Nora me chamou, puxando minha atenção de volta. — Vamos ao banheiro comigo?

— Claro. Vamos.

Antes mesmo que eu me levantasse, a mão de Skënder pousou firme sobre minha coxa. O contato foi suficiente para fazer um arrepio subir lento pela minha coluna, queimando cada centímetro do caminho.

— Eu só vou ao banheiro com a sua prima.

— Dois minutos. — *Foi tudo o que disse.*

Inclinei o corpo, aproximando o rosto do seu ouvido, sentindo o calor dele.

— Com dois minutos eu não tiro nem a calcinha — sussurrei.

Ouvi o ranger dos seus dentes quando travou a mandíbula, mas não esperei pela resposta. Me levantei, deixando o rastro da tensão para trás.

Já no banheiro, encostei na bancada e fiquei esperando por Nora, percebi a presença de uma loira entrando. Vestia um vestido

roxo, longo, escuro, elegante demais para passar despercebido. Devia ter pouco mais de quarenta anos.

— Se eu fosse você, fugiria enquanto ainda há tempo.

A frase chegou baixa, cortante. No primeiro instante, não achei que fosse comigo.

Então ergui o olhar pelo espelho.

A loira estava atrás de mim, se aproximando devagar, o reflexo dos olhos dela, fixos nos meus.

— Nenhuma que o *Don* chama de *minha,* sobrevive por muito tempo — ela prosseguiu, sem rodeios.

— Eu não sei do que você está falando — respondi, sentindo o estomago se fechar.

Ela inclinou a cabeça, como quem avaliava uma presa.

— Pergunte a ele. Com sorte, talvez responda. — Houve um silêncio pesado antes da sentença final: — Mas, meu conselho é simples. Fuja.

Tentei assimilar tudo aquilo quando o som da descarga ecoou pelo banheiro. Pisquei, e ela já não estava mais ali.

— Você estava falando com alguém? — Nora surgiu ao meu lado, confusa.

— Não... — respondi rápido. — Duas mulheres entraram conversando e já saíram.

Ela me encarou por alguns segundos, como se tentasse decidir se acreditava ou não.

Talvez não acreditasse.

Mas as palavras daquela mulher continuaram martelando na minha cabeça. E não só isso. O detalhe que mais me inquietava era outro: ali, quase todos entendiam francês.

E aquela mulher sabia muito bem o que estava dizendo.

Nora estava secando as mãos e em seguida, ajeitou o vestido escuro o corpo. Ela era elegante e tinha os olhos escuros como os de

Skënder.

— Nora — chamei, quebrando o silêncio.

— Oi?

— Por que vocês falam francês tão bem?

Ela hesitou por um instante antes de responder.

— Coisa do *Don*. — Sorriu de lado, um pouco sem jeito.

Coisa do Don.

A expressão ficou girando na minha cabeça.

— Mas você se acostuma rápido com o nosso idioma — ela continuou. — E... com o meu primo.

Nora me observou com atenção, como se estivesse me medindo antes de prosseguir.

— Eu sei que sua chegada não foi planejada. Nem desejada. — A voz dela baixou alguns tons. — Mas você também nasceu no mesmo mundo que nós. Sabe que para mulheres como a gente, o destino nunca pede permissão. Ele simplesmente acontece.

Soltei o ar devagar.

— Infelizmente, eu sei muito bem.

— Mas, às vezes, o destino não é tão cruel quanto parece. Cabe a você tirar vantagem dele.

Esbocei um sorriso breve, involuntário, enquanto a lembrança de Elise me atravessava.

— Sabe, você se parece muito com a minha prima — comentei.

— E você gostava dela?

Assenti.

O sorriso dela ficou mais suave.

— Então estamos bem. — Ela tocou de leve no meu braço. — Você pode confiar em mim. E confie quando eu digo: você pode não

ter chegado aqui por vontade própria, mas meu primo jamais vai te machucar.

— Eu sou a vingança dele. Não sei se acredito cem por cento nisso.

— Você não é a vingança dele. — Ela negou com a cabeça, de imediato. — Talvez tenha sido só a forma de ele ter te tomado. Escute o que eu vou dizer. Skënder não vai te machucar, porque você foi marcada no instante em que ele te viu. E quando ele marca alguém, ele toma posse. E nada... nada arranca das mãos dele aquilo que ele chama de seu.

Engoli em seco.

A palavra *marcada* não saía da minha cabeça. Ela não soava como aviso. Soava como algo que já tinha acontecido antes mesmo de eu entender.

Capítulo 14

Estava deitada na cama, ouvindo os ruídos do chuveiro, os pensamentos em tudo o que aconteceu naquela festa e em tudo que eu notei faltar nela.

Porque os tios dele estavam, e não os pais?

Puxei uma coberta fina até o queixo, mas não estava com sono nenhum. Nem mesmo a festa foi capaz de me causar cansaço.

Encarei o teto escuro, ouvindo Skënder no banho.

Cada gota que caía do outro lado da parede parecia atravessar o ar até mim. Eu conseguia imaginar o vapor subindo, o cheiro do sabonete, o espaço fechado demais para conter aquele homem.

Então, um som rouco.

Baixo. Contido. Não precisava de tradução.

Meus batimentos aceleraram.

Levantei devagar, como se o próprio quarto pudesse me denunciar. Dei alguns passos silenciosos até o batente da porta do banheiro. O box estava embaçado, mas não o suficiente para esconder os detalhes.

A água descia pelo corpo dele em linhas lentas, marcando cada músculo, escorrendo pelo peito largo, pelos ombros tensos. A pele morena brilhava sob a luz artificial. As tatuagens pareciam mais vivas molhadas, o lobo desenhado próximo ao ombro direito. Selvagem, atento, indomável.

Skënder mantinha a cabeça baixa, concentrado. Os lábios presos entre os dentes deixavam o maxilar travado. As mãos se moviam com pressão e os músculos do braço se contraíam.

Não vi tudo.

E talvez isso fosse pior.

Dei um passo para trás imediatamente, sentindo o rosto quente, o pulso disparado como se tivesse sido pega em flagrante por mim mesma. Voltei para a cama rápido e sentei-me na extremidade, como se isso pudesse apagar o que tinham acabado de testemunhar.

Fechei os olhos.

Falhei.

O lobo tatuado voltou.

A água escorrendo.

A força contida em cada movimento.

Engoli em seco.

Porque, por um segundo perigoso demais para admitir, eu desejei estar do outro lado daquele box.

Peguei o celular, precisando de algo que me puxasse de volta para a realidade. Havia várias mensagens da Elise.

"Ainda não acredito que você foi mesmo. Eu avisei que você não deveria brincar com o destino"

Ri sozinha, balançando a cabeça ao lembrar do *anjo dizendo amém* que ela fielmente acreditava.

"Me fala se está bem?"

"Me conta como ele é?"

"Me liga quando puder. Te amo, prima"

Digitei a mensagem:

"Oi, prima, estou bem. Não precisa se preocupar comigo. De verdade. Você sabe que eu não mentiria pra você. Amanhã eu te ligo, ok? Te am..."

O celular foi arrancado da minha mão rápido.

Eu estava tão concentrada na mensagem, que nem ouvi os passos.

Quando ergui o olhar, perdi o ar.

Ele estava apenas com uma toalha cinza-escura presa no quadril, deixando à mostra os vincos da virilha, a pele ainda úmida e o corpo enorme.

— O que está fazendo? — A voz dele veio grave.

— Estava respondendo minha prima — respondi, firme, mesmo sentindo o corpo trair a calma.

— Destrave o celular.

Cruzei os braços por instinto. Meus olhos, traidores, deslizaram pelo corpo dele. Não foi descarado, foi lento, avaliador, como se eu o tocasse sem usar as mãos. A musculatura era firme. Dava para saber sem encostar.

— Você não deveria me olhar assim, porra. — Rangeu os dentes.

— Então não fique assim na minha frente — devolvi, sem pensar.

O canto da boca dele se curvou.

— Posso tirar a toalha, se quiser ver... de novo.

O calor subiu imediatamente às minhas bochechas.

— Eu sei que você foi até o banheiro, Louise.

— Se sabe, deveria fazer suas necessidades em particular.

— Meu particular será com você.

Ele deu um passo. *Só um.* Foi o suficiente para reduzir o espaço entre nós a algo perigosamente íntimo. Senti minha respiração falhar, curta, rasa e meu corpo denunciava tudo o que eu tentava controlar.

— Destrave. Agora, Louise.

— Eu não estava falando nada demais. Só falei como estava e que ia ligar pra ela.

Hesitei por um segundo antes de completar:

— Você ainda não disse se eu vou poder chamá-los para o... casamento.

— Se está falando a verdade, você pode chamá-los — ele disse, frio. — Mas se mentiu, você nunca mais irá vê-los.

Sorri. Porque eu não tinha mentido.

Digitei a senha do celular e o entreguei.

Skënder não disse nada. Deslizou o olhar pela tela, firme e seguro para alguém que estava apenas lendo uma conversa. Quando terminou, me encarou.

— Você escreve com cuidado.

— Eu escrevi a verdade.

Ele me avaliou por um segundo a mais. Meu estomago se contraiu, mas eu não quebrei o contato visual.

— Você não falou de mim — observou.

— Vou falar quando eu ligar.

— Inteligente.

Me entregou o aparelho, mas não se afastou.

— E o que você vai falar de mim?

— Que vou me casar com você. Porque você quer.

A mão dele subiu e segurou meu queixo, firme o bastante para me obrigar a encará-lo. O toque não foi violento, foi precisamente dominante.

A pressão foi mínima. O efeito, devastador.

— Você disse que não mente — murmurou. — Então essa não é a resposta correta. Porque a verdade é que você me deseja e me odeia na mesma intensidade. E o seu corpo já entendeu a quem pertence. Basta um olhar meu, Louise.

O polegar deslizou um milímetro. Só isso.

— Essa é a porra da verdade.

Não consegui respondê-lo, ou apenas não quisesse admitir que no fundo, ele estava certo.

Eu o odiava e, talvez, o desejava na mesma intensidade.

Não sabia o que havia naquele homem que me puxava com tanta força.

O toque alto vindo do banheiro rompeu a tensão no quarto. Era o celular dele. Skënder se afastou, atendendo de imediato:

— São quase duas da manhã, porra! O que você quer?... — A voz saiu dura, carregada. Houve uma pausa. — Como assim, não sabe onde está?

Franzi o cenho.

— Não pode ter fugido — ele continuou, tenso. — Estou indo aí.

Não entendi, ou escolhi não entender.

Os passos dele ficaram pesados ao atravessar o cômodo até o closet. Voltou dobrando a camisa preta sobre o antebraço. O olhar encontrou o meu. Eu ainda estava sentada na cama, no mesmo lugar.

— Vai sair? — a pergunta escapou antes que eu pudesse conter.

— Volto antes que sinta minha falta.

— Não vou sentir.

Ele sorriu de lado.

— Você não consegue mentir para alguém como eu, Louise.

— Você não sabe nada sobre mim — rebati.

— Sei. Tudo.

Deu as costas e se afastou. Ouvi seus passos diminuindo pelo corredor, até a porta se fechar com força.

Fiquei sozinha.

E a única pergunta que ecoava na minha cabeça, era simples demais para me tranquilizar:

O que teria sido capaz de fugir dele?

Capítulo 15

Eu estava de pé diante do espelho.

O sol já invadia o quarto em tons dourados, enquanto a costureira ajustava o vestido branco ao meu corpo. Ainda assim, minha mente permanecia presa à noite anterior. À imagem de Skënder a um passo de matar um homem. E ao detalhe que não me saía da cabeça: os pais dele não estavam ali. E, talvez, no porquê de Skënder não ter voltado ao quarto.

— Não está muito apertado? — A voz de Nora me puxou de volta.

Ela tinha chegado cedo e estava ali para traduzir o que a costureira dizia.

Observei meu reflexo com mais atenção. Estava lindo. O tomara-que-caia moldava o busto com precisão, a saia tradicional abraçava minhas curvas, as luvas iam até os cotovelos e o véu curto caía delicado.

Simples. Perfeito.

Mesmo sendo um casamento imposto.

Ou, não tão imposto assim. Porque uma parte de mim, pequena, silenciosa, e perigosamente sincera, não achava aquilo um completo absurdo.

Girei levemente o corpo, testando o movimento da cintura, imaginando meus passos ao caminhar. O vestido acompanhou cada gesto.

— Está bom assim — respondi.

A senhora assentiu, dizendo algo em seguida.

— Ela só vai finalizar com uma prega na cintura — Nora explicou. — E ficará perfeito.

Assenti, observando a costureira se afastar em busca das agulhas.

Respirei fundo antes de falar:

— Nora... ontem, na festa, eu não vi os pais do Skënder.

O olhar correu até a porta, instintivo, antes de encontrar o meu de volta pelo reflexo.

— Estão mortos.

— Mortos?

— Sim. — *A resposta veio seca.* — Ele matou o pai por vingança.

— Ele matou? — O espanto escapou antes que eu pudesse contê-lo.

Nora assentiu.

— As regras se aplicam a todos, Louise. — A voz era calma para aquele assunto. — Tudo se protege. Tudo se vinga. Nada se perdoa. Traição é imperdoável. Você sabe como funciona.

Ela fez uma breve pausa, observando a costureira, que continuava o trabalho, alheia a cada palavra. Quando voltou a me encarar, os olhos verdes estavam mais frios. Mais distantes.

— Mas Skënder é muito mais perigoso — avisou. — Ele exterminou toda a linhagem antiga dos Vokrri, matando o pai dele e o meu no mesmo dia.

Pisquei algumas vezes, tentando organizar o que tinha acabado de ouvir, mas nada dentro de mim parecia disposto a se encaixar.

— Você não sente raiva pelo que ele fez?

— Não. Eles eram homens horríveis. O mundo se tornou melhor sem eles. — Ela foi direta. — Meu primo só é ruim com quem merece. Ou com quem toca no que é dele.

Ela se aproximou um pouco mais antes de continuar:

— Só não comenta nada sobre a mãe dele. Skënder não gosta. E vai me odiar se souber que fui eu quem te contou.

— Não vou contar.

Nora soltou um meio sorriso.

Não como quem confiava. *Não totalmente.*

— É bom ter alguém com quem conversar, e ter uma desculpa para sair de casa. Cezar me sufoca — resmungou.

— Passei vinte e dois anos assim. E eu tenho dois irmãos.

Nora soltou uma risada curta.

E, por um instante raro, esqueci onde estava, como se aquele quarto não fosse parte de uma fortaleza, mas apenas o lugar onde nós duas respirávamos o mesmo alívio.

A costureira terminou o ajuste.

— Você já pode tirar o vestido — Nora traduziu.

Assenti.

Troquei o vestido por uma calça de moletom do Skënder e uma camiseta preta. Antes que a costureira fosse embora, pedi que ajustasse as peças para mim.

Elas hesitaram, trocaram olhares desconfortáveis, até eu avisar, com toda a calma do mundo, que andaria de calcinha pela casa se não fizessem.

Cederam na hora.

Nora balançou a cabeça, divertida.

— Meu primo vai ficar furioso quando ver você assim.

— Essa é exatamente a intenção — respondi, abrindo um sorriso maior.

Saímos do quarto juntas e acompanhei Nora até a porta.

Assim que alcancei o lado de fora, meu olhar percorreu o entorno. Homens por todos os lados. Postos fixos, atento.

— Não está pensando em fugir, está?

— Talvez.

— Meu primo te encontra, nem que para isso ele precise destruir o mundo.

Tocou meu ombro. O gesto era familiar para o que aquelas palavras carregavam.

— Nos vemos amanhã. No seu casamento — completou.

Um frio subiu pela espinha.

Amanhã.

Eu ia me casar amanhã.

Esperei até que ela entrasse no carro e desaparecesse pelo portão, antes de voltar para dentro da casa.

Explorei a mansão sem pressa, abrindo portas, uma após a outra. Todas destrancadas. Cada sala revelava um pedaço daquele lugar, frio e perigoso. Em algum ponto, comecei a me perguntar por que ele não usava chaves, por que nada ali parecia precisar ser trancado.

Depois de perder a conta de quantas portas abri, encontrei uma diferente. Mais espessa. Empurrei.

E eu sabia que ele não ia gostar de me ver ali, por isso, era ainda melhor.

Era a sala de treino.

O cheiro de metal e pólvora estava impregnado no ar. Alvos alinhados ao fundo, marcas de disparos espalhadas pelas paredes, armas organizadas com precisão quase obsessiva. Peguei uma das pistolas sobre a bancada, conferi o peso, o equilíbrio.

Posicionei os pés, alinhei os ombros e atirei.

O recuo vibrou no braço. Acertei o centro do alvo.

Atirei de novo. E de novo. Até perder a noção do tempo.

Foi então que senti a presença atrás de mim, rápido.

E ouvi.

Passos.

Pesados.

O toque quente veio antes que eu me virasse, tentando me desarmar por trás. Reagi por instinto. Girei o corpo e o atingi com uma coronhada seca no canto da boca.

Skënder.

Era ele, a camisa preta semiaberta.

Ele levou a mão ao lábio, passando o polegar devagar, antes de encarar os dedos e lamber o sangue, sem quebrar o contato visual comigo.

— Você é boa, Louise.

— Treinar era a única coisa que eu fazia na França. — Apontei a arma para ele. — E eu nunca erro.

Skënder não se moveu.

— Abaixe a porra dessa arma.

Sorri de canto. Desloquei a mira apenas alguns centímetros para o lado e puxei o gatilho. O disparo ecoou seco, atingindo exatamente onde eu quis.

— Caralho! — Ele explodiu.

— Eu disse... nunca erro.

Skënder conferiu o alvo atrás dele. Porque quando ele me girou, ele havia ficado de costas para os alvos pendurados.

Voltou a me encarar. Não como quem observava uma presa, mas como alguém que media o nível do perigo à sua frente.

Agora ele sabia.

Em um movimento rápido para que eu reagisse, ele arrancou a arma da minha mão, retirou o pente e a jogou sobre a bancada.

Os olhos furiosos subiram dos meus pés até a minha cabeça, devagar, avaliando.

— E que merda é essa que você fez com a minha roupa?

— Resolvi aproveitar a costureira que você mandou. Já que não comprou calças.

— O problema são as calças? — Deu um passo à frente, com o maxilar rígido. — Eu mando comprar a porra das calças. Agora vá se

trocar. Antes que eu arranque isso do seu corpo aqui mesmo, no lugar onde você *não* deveria ter entrado.

— Então, dá próxima vez, tranque a porta.

— Eu não fecho as portas da minha casa.

— Por quê?

— Não importa.

Cruzei os braços, sustentando o desafio.

— Posso voltar aqui? Eu gosto de atirar.

— E matar? Gosta também?

— Talvez... quando for você.

Ele me encarou por um longo segundo, imóvel, como se estivesse lendo algo que eu não disse em voz alta.

— Você não atiraria em mim, Louise. Porque não é isso que está escrito no seu olhar quando me encara assim.

— Está certo. Eu não quero você morto. Porque, se quisesse, não teria vindo. Teria deixado vocês se matarem. — Dei de ombros, sincera. — Eu não gosto de ver pessoas morrendo.

Ele deu outro passo, encurtando a distância entre nós. O ar mudou.

— Engjëll i ëmbël[8].

— Que?

— Doce anjo. — O tom suavizou, perigoso por isso. — Delicada demais para esse mundo, mas feroz o bastante para proteger quem ama, não importa o preço.

Ele ergueu a mão e afastou meu cabelo para trás da orelha. Meu corpo reagiu antes de mim. O gesto foi simples, quase casual, mas o toque ficou selado ali, como se a pele ainda ardesse depois que ele se afastou.

— Você não pensou nas consequências de ser condenada a mim.

— Não importava — consegui dizer. — Toda a minha família estaria salva.

— Eu sou sua *familja*[9] agora.

— E eu espero que cumpra seu dever como marido — devolvi, afiada. — E saiba que, a partir do momento em que estivermos casados, você não vai sair à noite para ir atrás de... sabe-se lá quem. Porque, da próxima vez, talvez eu não desvie a mira.

Ele quis rir, eu notei os lábios se curvando minimamente.

— Fui atrás do meu lobo, *Princeshë*.

— Um lobo? — repeti, incrédula. — Você tem um lobo? E espera mesmo que eu acredite nisso?

— Sim. Eu tenho um lobo.

— E eu tenho um elefante de estimação.

Cruzei os braços, balançando a cabeça diante daquele absurdo.

Os olhos dele escureceram.

— Vá se trocar — ordenou. — Vou te levar para vê-lo. E você vai se arrepender de duvidar de mim, Louise.

Capítulo 16

O portão interno se abriu com um rangido baixo. Eu senti a mudança no ar antes mesmo de vê-lo. O cheiro ferroso se misturava à terra úmida da montanha.

Louise encarava, sem piscar, a cerca reforçada que delimitava a reserva.

Apoiei a mão no metal frio, sentindo a vibração leve sob a pele.

— Você é louco? — perguntou. — Quem cria um lobo, *um lobo*, como animal de estimação?

— Eu não crio, eu encontrei — corrigi.

Virei o rosto apenas o suficiente para vê-la reagir.

Lembrei do dia que o encontrei.

Ele estava caído à beira da estrada. Ferido demais para sobreviver, mas vivo o suficiente para recusar a morte.

— Ele estava machucado — continuei. — Um tiro mal calculado. Tentou me atacar quando cheguei perto. Cego de um lado, sangrando, ainda queria lutar. Não implorou. Não fugiu. Jamais se deixaria morrer por aquilo.

Ela murmurou algo, mas segui, sem tirar os olhos da reserva.

— Imobilizei. Arranquei o projétil. Costurei como deu. Ele tentou morder minha mão. Não abandonei. Nem ele parou de resistir. Quando acordou, tentou me matar de novo — acrescentei. — Depois... ficou.

O lobo surgiu entre as sombras. O olho direito não existia mais, apenas uma cicatriz profunda, cortando a lateral do rosto, descendo até o focinho. O corpo enorme, vigilante. Rei de um território que ele mesmo tinha tomado.

— Nascido na montanha — murmurei. — Crescido na guerra e forjado para reinar.

Senti o olhar de Louise mudar e recair sobre meu ombro por cima da camisa, antes mesmo de ouvi-la falar.

— A sua tatuagem — ela sussurrou. — A marca. Um lobo negro, de um olho só...

— Sim — confirmei. — É o símbolo da criatura que sobreviveu a todas as caçadas. Que perdeu um olho e voltou mais feroz do que qualquer predador.

O lobo ergueu a cabeça.

O único olho refletiu a luz, atento.

— Então você estava falando a verdade. Você tem um lobo.

— E você não tem um elefante de estimação.

Ela riu.

Alto para aquele lugar.

O lobo semicerrou o olho, farejou o ar e avançou alguns passos, lento, dominante.

— Um dos meus homens achou que ele tinha fugido ontem à noite — continuei. — Pensou que alguém tivesse aberto o perímetro. Mas não tinha fugido. Estava escondido. Ferido. Provavelmente de uma luta por território. Alguém precisava entrar para medicá-lo.

— E esse alguém foi você — ela concluiu.

— Sempre sou eu.

Indiquei com a cabeça a parte mais afastada da reserva.

— Ele podia ter ido embora depois de curado. Tinha floresta. Liberdade — continuei. — Não foi. Ficou. Lutou.

Voltei-me para Louise.

— Ele quis ficar, exatamente como você.

— Eu não sou um lobo.

— Não — concordei. — Mas entende território. *Escolha*.

O lobo se aproximou da cerca e parou. O olho âmbar se fixou nela. Não havia submissão ali. Nem fúria. Apenas presença.

— Ele é meu animal — finalizei. — Mas é livre, e ainda assim, escolheu essa terra. Escolheu ficar sob minha proteção. E eu protejo

o que fica.

O peito dela subiu e desceu, lento.

— E se um dia ele quiser ir embora?

Não desviei os olhos do lobo.

O uivo dele veio baixo, grave, vibrando no ar.

— Ele já provou que não quer ir embora. Está protegendo. — Inclinei o rosto, roçando os lábios no ouvido dela. — Mas se a pergunta é sobre você... Você também não quer mais ir embora. E, se ousar tentar, eu sei caçar.

Encarei Louise, e eu soube que ela entendeu.

Eu não prendia. *Eu tomava.*

— Agora vamos voltar. Porque você não deveria ter duvidado de mim, e irá pagar o preço.

— O que vai fazer comigo?

— Você verá.

Capítulo 17

O uivo ainda vibrava dentro de mim quando atravessei o portão de volta para a casa.

Não era medo.

Era reconhecimento.

O lobo não me assustava. O que me assustava era o quanto eu tinha entendido.

Skënder não falava de posse como um homem inseguro. Ele falava como quem estabelece leis da natureza. O lobo não estava preso. Estava ali porque tinha escolhido ficar. Porque sobrevivera. Porque dominara.

E, de algum jeito cruel, isso me incluía.

Entrei na casa em silêncio. Meus passos ecoavam mais alto do que deveriam. O cheiro de madeira, pedra e ferro, parecia mais denso agora, como se a mansão respirasse comigo. Ou contra mim.

Foi então que vi.

Um homem sentado no sofá da sala principal. Terno escuro, pasta de couro marrom ao lado e postura rígida para ser visita comum.

Erion estava em pé ao lado dele. Bem-vestido, calmo e atento. Como se aquilo fosse apenas mais um detalhe logístico.

Meu estomago afundou.

— Quem é esse homem? — perguntei, a voz saiu baixa demais para disfarçar o nó na garganta.

Skënder não diminuiu o passo.

— Suba — ordenou. — Vista o vestido que está em cima da cama. Vamos nos casar ainda hoje. Eu avisei que você não deveria duvidar de mim.

Meu corpo parou antes da mente aceitar.

— Você disse que nos casaríamos amanhã.

Ele virou o rosto apenas o suficiente para me olhar de soslaio.

— Nos casaremos de novo. Na frente de todos. Não se preocupe — sentenciou, gélido. — Hoje assinamos os papéis e você se torna minha esposa.

O chão se moveu sob meus pés.

— Você é louco.

— Completamente. Agora vá.

Não era possível.

Subi as escadas em estado automático. Minhas mãos tremiam, mas não por medo. Era indignação, choque e a consciência brutal de que eu tinha subestimado o alcance da palavra dele.

O vestido estava ali.

Branco. Impecável. Pronto.

Pesado demais para algo que eu não tinha escolhido.

Vesti.

Cada camada parecia me afastar um pouco mais da França. Da minha família. Da versão de mim que ainda acreditava em negociação.

Coloquei as luvas. Prendi o cabelo em um coque improvisado. O véu veio por último, segurado entre meus dedos trêmulos, como se aquele gesto selasse algo que eu ainda não tinha tido tempo de lamentar.

Desci com passos hesitantes.

Skënder me esperava ao pé da escada. Já estava de camisa branca impecável e eu me perguntei de onde ela veio, já que não entrou no quarto para se trocar.

O juiz de paz se levantou ao nos ver se aproximar. Não sorriu. Apenas abriu a pasta e espalhou os documentos com cuidado técnico.

— Estamos reunidos para formalizar o casamento civil conforme a lei da República da Albânia — começou, em um tom

neutro. — Não há necessidade de votos. Seguiremos diretamente com o procedimento.

Ele ergueu o olhar.

— O senhor Erion Vokrri, confirma que testemunha este ato e reconhece a validade deste vínculo?

— Confirmo — Erion respondeu.

O impacto das palavras me atingiu, seco.

O juiz colocou a caneta sobre os documentos.

Skënder assinou primeiro, seguro e definitivo, como quem não precisava pensar duas vezes antes de possuir algo.

A caneta veio até mim e eu hesitei por um segundo. Não por dúvida, por raiva.

Skënder arqueou uma sobrancelha, severo.

Assinei, com os dedos quase trêmulos.

O juiz pigarreou, carimbou os documentos e murmurou, quase mecânico:

— O casamento civil está formalizado. A senhora agora é esposa do senhor Skënder Vokrri.

Silêncio.

Esposa.

A palavra não cabia em mim.

— Preciso de água. — Minha voz saiu firme demais para alguém recém-condenada.

Skënder assentiu, distraído com o juiz e com Erion.

Foi o suficiente.

Entrei na cozinha e sai pela porta dos fundos, seguindo direto para o pátio.

Ainda de véu. Ainda de vestido, arrastando pelo chão de pedra.

O ar frio bateu no rosto como um tapa. Corri. Não porque acreditasse que iria longe*, eu sabia que não iria*, mas porque precisava tentar. Precisava saber que ainda era capaz de dar um passo que não tivesse sido autorizado.

Ouvi passos atrás de mim.

Uma mão se fechou ao redor do meu braço. Forte demais para ser engano. O aperto não doeu. Avisou.

— Aonde vai, senhora?

Virei o rosto, a raiva queimou na garganta.

— Você não deveria me tocar.

O homem, alto, de uniforme preto e escuta no ouvido, riu.

Foi nesse meio segundo que eu senti...

O espaço ao redor se contraiu, ficando pesado para ser apenas a noite e eu sabia que ele estava perto.

A confirmação veio fria:

— Tira a porra da mão da minha esposa.

A voz de Skënder não era alta.

Era pior.

Grave, densa e carregada de promessa que fez o ar se encolher. Encarrei o segurança.

— Eu avisei — murmurei, sentindo o frio subir pela espinha.

O homem não teve tempo de reagir.

Skënder me puxou para o lado com força, sacou a arma e atirou tudo em um mesmo movimento.

Um único disparo foi sem barulho, mas devastador.

O sangue quente e escuro respingou no meu vestido e gotas voaram no meu rosto, paralisando-me por um segundo completo. O cheio ferroso subiu rápido e eu assisti o corpo cair antes de completar a respiração.

Eu não gritei.

Não me mexi.

Em contrapartida, meu estomago se contraiu, violento, como se meu corpo reagisse antes da mente. Olhei para o chão, onde a poça vermelha se espalhava lenta, espessa, e respirei fundo antes de consegui encarar Skënder.

Ele guardava a arma atrás das costas com a mesma calma com que a havia sacado.

— O que você fez? — Minha voz saiu quebrada, incrédula.

— Isso é para você entender o que acontece quando foge de mim — rosnou. — Quem tocar em você, morre.

Pisquei duas vezes.

Porque ele não atirou por raiva. Atirou por regra.

Balancei a cabeça em negação, tentando organizar algo que não tinha lógica emocional. Só poder.

Skënder me ergueu sem aviso, jogando-me sobre o ombro como se eu não pesasse nada.

Não lutei.

Não por submissão.

Por cálculo.

Ele atravessou todo o caminho de volta à casa comigo daquela forma. Ninguém olhou, ou sequer tentou interferiu.

E eu tinha acabado de aprender que, com Skënder Vokrri, escolha e consequência eram a mesma coisa.

Capítulo 18

Skënder me largou no chão. O vestido de noiva se espalhou ao meu redor, manchado de vermelho, e o coração ainda batia rápido no peito.

Ele voltou até a porta do quarto e a fechou com um clique metálico que ecoou pelo espaço como sentença.

Deveria ter lembrado que aquele homem era meu inimigo, meu carcereiro, o predador que tomou meu nome, minha vida inteira sem pedir nada além da minha obediência.

Mas Skënder não era feito para que eu respirasse perto dele e lembrasse do que era certo.

Ele avançou.

Devagar.

Passos largos, precisos, predatórios, como se cada centímetro que diminuía entre nós, fosse um teste da minha coragem, ou da falta dela.

— Você estava fugindo de mim, *zemër*[10]? — A voz dele veio perigosa.

Meu peito subiu e desceu rápido para uma mentira.

— Eu não estava fugindo.

— Não? — Segurou meu queixo, erguendo-o para ele. — Então por que treme?

Eu tremia.

Mas não de medo.

O sorriso dele veio lento. Reconhecedor.

— Acha que eu não sei? — murmurou junto à minha orelha. — Que não sinto quando você luta contra o próprio corpo?

Roçou a barba na minha pele.

Minha respiração falhou antes que eu conseguisse controlar.

— Você é minha esposa, Louise — continuou, arrastando o polegar pela linha do meu lábio inferior. — Não por escolha. Não por amor. Mas por guerra.

O olhar dele me atravessou, faminto, como se quisesse me devorar inteira.

— E, ainda assim, é em mim que você pensa quando deveria me odiar.

— Não pense tão alto de si — consegui dizer.

— Eu penso real.

Ele me puxou pela cintura. Colidi contra ele, um muro musculoso, quente e vivo.

— *Je vula ime tani.* — A frase veio carregada, rouca, na língua que eu ainda não entendia. — Não fuja de mim de novo.

— O que isso significa?

Os lábios dele encostaram nos meus, sem beijar. Um aviso.

— Significa que agora você é minha. Meu sangue. E que eu queimarei o mundo inteiro antes de deixar você escapar.

Então ele me beijou.

Não foi gentil.

Não foi pedido.

Foi um decreto.

Quando minha boca respondeu, eu entendi, *tarde demais*, que algo dentro de mim já tinha sido marcado também. E de algum modo que eu não conseguia explicar, eu permiti.

Beijei de volta.

Minhas costas encontraram a parede, fria demais para contrastar com o corpo dele, quente, sólido, impossível de ignorar.

O beijo ficou mais exigente.

Minhas mãos subiram sozinhas, agarrando a camisa dele, sentindo o músculo tenso sob o tecido. O mundo encolheu ao redor do choque entre nossas bocas, da respiração misturada, do peso da presença dele me cercando por todos os lados.

Então eu o empurrei.

Foi só um segundo. Um gesto curto, instintivo. O suficiente para criar espaço. Para lembrar quem eu era. Ou quem eu achava que ainda era.

Skënder me examinou, seus os olhos escureceram.

— Louise... — Era um aviso, não um chamado.

Meu peito subia e descia acelerado.

A cabeça gritava para parar.

O corpo... não.

— Eu preciso pensar — sussurrei, mais para mim do que para ele.

— Você deveria ter pensado antes de tentar fugir de mim — rosnou.

Antes que eu pudesse protestar, o beijo voltou.

Mais feroz, mais profundo e sem espaço para dúvida. Minha resistência cedeu, não como fraqueza, mas como escolha, consciente demais para ser negada depois.

Skënder me ergueu do chão com facilidade, como se meu peso não existisse. Um braço firme sob minhas pernas, o outro segurando minhas costas. O movimento roubou meu fôlego, e o beijo se quebrou não por escolha, mas pela falta de ar.

— Skënder... — meu protesto saiu fraco.

Porque, entre todos os pensamentos possíveis, agora nenhum quis recuar.

Enterrei o rosto no ombro dele enquanto era carregada, sentindo o mundo se mover sob meus pés suspensos, sentindo cada passo dele como uma afirmação silenciosa de poder. O cheiro ferroso se misturava ao perfume dele, pesado, invasivo. Quando me lançou sobre o ombro, manchou a própria roupa com o sangue do meu vestido.

A cama surgiu no meu campo de visão.

Ele me colocou sobre o colchão sem delicadeza. As mãos dele ficaram ali por um segundo a mais, firmes, marcando presença, antes de se afastar o suficiente para que eu respirasse.

Fiquei olhando para ele, com o coração disparado, o corpo inteiro em alerta, sabendo, com uma clareza assustadora, que eu tinha cruzado um limite.

E que não pretendia voltar atrás.

Capitulo 19

Ela estava na cama.

Respirando como quem tinha acabado de atravessar uma linha que eu sabia que não havia retorno. O vestido branco manchado de sangue. Não dela. Do erro de um homem que achou que podia tocar no que era meu.

Aquilo devia ter sido suficiente. O aviso, a demonstração, mas não foi. O que me fodeu não foi a fuga. Eu esperei por isso. Mulheres como Louise não se rendiam, elas testavam os limites antes de aceitá-los.

O que saiu do cálculo, foi o beijo.

O maldito segundo em que ela não recuou.

Caralho.

Fiquei parado tempo demais, observando-a ali, o peito subindo e descendo rápido, os olhos ainda quentes de desafio.

— Fique em pé — ordenei.

Ela hesitou. Depois obedeceu. Sempre com esse maldito jeito de quem não se curvava, apenas escolhia o momento. Usei a própria luva para limpar o sangue da pele dela. Seus olhos não deixavam os meus.

Depois a virei de costas.

Desci o zíper devagar.

— Você devia me odiar — murmurei, rouco.

— Eu odeio.

— Mesmo assim, não está lutando.

— Eu odeio você, meu corpo não.

Sorri.

O vestido caiu sobre seus pés. Ela estava com uma calcinha vermelha, atolada na bunda gostosa. *Caralho*. Passei a mão pelos meus próprios cabelos, tentando conter o que crescia dentro do peito. Raiva. Desejo.

— Eu devia te castigar. *E vou* — rosnei. —Estou furioso, mas você me deixou louco por ter me beijado de volta.

Ela se virou.

O sorriso mínimo que surgiu nos lábios dela, foi um erro. Meu erro.

— Não deveria sorrir assim para um homem como eu.

— Você não me assusta.

— Deveria. Porque não existe nada em mim além do predador que vai te destruir no instante em que te tocar, porra.

— Sou sua esposa. Não sou?

— Isso, *minha*. Minha esposa.

— Então me faça sua.

— Você me quer. — *Não era uma pergunta.*

— Quero. E me odeio por isso — admitiu.

Curvei os lábios.

Apertei a cintura dela e a puxei contra mim. Ela soltou o ar com o impacto. Sem tirar os olhos dela, arranquei o único pedaço de pano que a cobria, com um puxão seco. O estalo contra sua pele ecoou no quarto.

Minha boca caiu sobre a dela em um beijo brutal, faminto, exigente. Não pedi espaço, tomei. Minha língua invadiu, percorreu cada centímetro, roubou o fôlego, a resistência, o controle. Beijei como quem queria destruir. Mordi o pescoço, *aquela maldita pintinha*. Chupei o nódulo da orelha até sentir ela estremecer.

— Você me deixa louco, Louise — rosnei contra a pele dela. — Doido pra me afundar em você.

Ela engoliu em seco. Sentiu.

Desci a boca sem pressa, lambendo o vale entre seus seios, e abocanhei um deles com fome. Minha língua serpenteou o mamilo antes de sugar forte, sem cuidado. Vibrei ao ouvi-la arfar, os dedos

dela se enroscaram no meu cabelo, como se precisasse se segurar em algo para não cair.

Cravei os dedos em sua bunda, puxando-a mais ainda para que sentisse o quão duro estava por ela.

Deslizei a mão pela virilha com lentidão calculada, traçando a linha sensível de cada dobra quente com o indicador, atiçando, torturando cada segundo. O estremecer dela veio antes mesmo do impacto, e então invadi sua boceta apertada, sem aviso.

— Oh, Skënder...

Sorri. Um sorriso sujo. Sentia o corpo dela se fechar ao redor de mim como se tivesse sido feito para isso. Ela estava encharcada. Se esfregava contra minha mão, desesperada, implorando sem palavras para ser fodida.

Fechou os olhos, o corpo cedeu.

— Olhe pra mim — exigi, intensificando o movimento. — Quero assistir o momento exato em que você entende o que é ser minha esposa.

Louise abriu os olhos no mesmo instante em que empurrei o segundo dedo dentro dela, de uma vez. Pressionei o ponto cruel do clítoris, firme, calculado, e ela arquejou, agarrando-se em minha camisa como se aquilo fosse a única coisa que a mantinha de pé. A boca se abriu em um gemido contido e baixo para ser inocente.

Linda. Perigosamente linda.

Ela fechou as pernas em um reflexo instintivo, ao mesmo tempo em que esmagava o lábio inferior entre os dentes, mas seu corpo já não a obedecia. Apenas a mim. Usei o calcanhar para mantê-la aberta, sem fuga.

Aumentei o ritmo contra o broto sensível, com os dedos enterrados fundo na região molhada, trabalhando com círculos violentos, até o corpo dela perder qualquer noção de comando.

Cerrou a mão em torno meu braço, desesperada para manter algum vestígio de controle, que eu ditava. Louise respirava fora do

ritmo, o ar saia em arfadas irregulares conforme eu me afundava sem piedade.

Ela se arqueava contra meus movimentos, se oferecendo sem perceber, e eu saboreei cada maldito segundo em que Louise se desfazia, lenta, linda e completamente tomada por mim.

Retirei os dedos devagar, c*ruelmente devagar, e l*evei-os até os lábios dela, deslizando seu próprio sabor por entre eles, sem pressa, obrigando-a a sentir. Meus olhos presos nos dela enquanto eu pressionava de leve, exigindo que abrisse a boca.

Passei a língua. Provei, sem beijar ainda, e mordisquei.

— Deliciosa — murmurei, rouco.

Então esmaguei a boca dela com a minha.

Não foi um beijo gentil. Minha língua invadiu, colidindo com a dela, misturando seu gosto, provando ali antes mesmo de ir à fonte.

Quase sem ar, empurrei-a contra o colchão. Afastei suas pernas sem pedir, e com os dedos, abri bem sua boceta lisinha, expondo-a inteira para mim. Mergulhei a língua ali, reivindicando cada centímetro.

— Oh, meu Deus — o grito veio, manhoso.

Devorei sua carne como o animal faminto que eu era. Suguei de forma impiedosa seu nervo, mordi sua virilha só o suficiente para fazê-la estremecer. Chupei seus lábios já inchados, provocando, exigindo. Um rosnado baixo, rouco, rasgou minha garganta.

Porra.

Maldita mulher.

— Tão molhadinha... — rosnei. — Tão pronta pra mim.

Percorri seu broto molhado com lentidão, explorando, arrancando dela gemidos rendidos, sujos. Lambi cada dobra, ouvindo-a gemer entregue.

Ela empurrou o quadril para cima, com as mãos cravadas no lençol escuro, esmagando-o. Eu não aliviei. Rodeei seu clitóris com

crueldade, instigando, atrasando o que ela implorava sem voz, antes de afundar a língua, larga e firme, sem misericórdia em sua boceta. Sugava, mordiscava, tomava, punia com minha boca.

Minha mão livre afundou na carne quente da bunda e a puxei de volta, obrigando-a a esfregar sua boceta no meu rosto. Acelerei os movimentos da minha língua. Louise gritava meu nome, perdida, desfeita. O broto inchado pulsava, molhado, implorando. Eu castigava sem dó, chupando impiedoso.

Meti um dedo junto, bruto.

O gemido dela cortou o ar, alto, rasgado. Capturei suas pernas, prendendo-as entre os dedos, abrindo-as bem, expondo-a completamente. Vulnerável. Só minha.

— Tão deliciosa, mal posso esperar para te tomar inteira. Para beber cada gota de você e depois te foder bem gostoso.

— Meu Deus... — arfou, o corpo tremeu. — Isso é muito bom, Skënder.

— E vai ficar ainda melhor... — prometi, minha voz vibrou em sua pele quente. — Quando meu pau entrar nessa bocetinha apertada.

Cravei os dentes no núcleo de prazer. Mordi para marcar, para possuir. Pressionei até sentir o corpo dela ceder, derreter sob minha boca. Os espasmos vieram violentos, desordenados.

O orgasmo explodiu, a respiração dela se partiu em pedaços, e o gemido atravessou o quarto, cru, trêmulo.

— Oh...Deus... o que... — Ofegou, incapaz de completar a frase.

— Você gozou na minha boca, linda. Agora deixa vir, porque eu vou tomar cada maldita gota sua.

Colei a boca ali, impiedoso, limpando cada vestígio que escorria. Minha língua abriu caminho pela fenda encharcada. O dedo permaneceu dentro, firme, insistente, pressionando o clitóris sem dar

trégua. Torturei sem pressa, até o corpo dela tremer outra vez, exposto, rendido. Só meu.

Me afastei apenas o suficiente para vê-la inteira.

Sua boceta lisa brilhava. À mercê. Marcada por mim, escorrendo.

Arranquei a camisa do corpo, jogando-a em algum lugar do quarto. Louise me observava em silêncio, os olhos atentos aos meus movimentos enquanto puxava o ar com dificuldade.

Ela estava nua na minha cama. Os seios fartos subiam e desciam no ritmo irregular da respiração, o corpo arqueado, cheio de curvas feitas para provocar o pior em mim. Para arrancar qualquer vestígio de razão que ainda ousasse existir.

Linda pra caralho.

De um jeito fodido, perigoso.

Eu não pensava em tocar. Pensava em destruir. E essa parte de mim queria se afundar nela até não restar nada além de caos.

Abaixei a calça e segurei meu membro grande, duro, pesado, sustentando o olhar dela. Ela encarou de volta, firme, como se desafiasse a própria brutalidade do gesto.

— Ele é todo seu, *Princeshë*.

Os olhos verdes brilhavam com algo mais perigoso. Expectativa. Curiosidade. Passei os dedos sob o queixo dela, erguendo seu rosto. E eu sorri. Porque monstros reconheciam quando alguém decidia atravessar o limite por vontade própria.

Me aproximei, encaixando-me entre suas pernas e a invadi em um único movimento. O ar fugiu dos seus pulmões em um arfar quebrado.

— Caralho... Skënder! — ela gritou, a voz veio crua.

Parei por um segundo, apenas para que sentisse o peso do controle. Indiquei que iria recuar, mas ela cravou os olhos nos meus.

— Não para — pediu.

— Tem certeza? Sou grande.

Assentiu sem hesitação.

Voltei a avançar, enchendo sua boceta melada com meu pau, sentindo o calor úmido me engolir, enquanto meu corpo rijo tomava o espaço que já me pertencia. Um rosnado escapou da minha garganta quando o aperto brutal se fechou ao redor do meu membro.

— Porra! Que delícia de boceta — murmurei entre os dentes.

Impulsionei mais firme, enterrando todo meu pau. Ela gemeu, os dedos cravaram na minha pele. Eu saboreei a visão dela, nua, entregue, os peitos se movendo conforme eu a arrematava.

— Estou todo dentro de você. Agora é só sentir meu pau.

— Será impossível não sentir — arfou. — É grande demais. Gostoso. Ah meu deus...

Aumentei o ritmo.

— Geme mais alto, linda. Quero ouvir você implorando.

Retirei-me só o suficiente para fazê-la sentir a ausência, e então voltei. Devagar. Cruel. Um vai e vem calculado para torturar.

Ela umedeceu os lábios, respirando fundo, arquejando o corpo, um gemido explodiu no ar.

Avancei mais firme. Meti com força, sentindo seu calor aumentar e se espalhar por mim. Louise passou a acompanhar meus movimentos. Sedenta. Pronta.

— Assim... Mais forte. Não para.

— Você é virgem.

— Eu era. Agora não sou mais.

Afundei de uma vez, inteiro, em um único golpe. Prendi meus braços ao redor do corpo dela, trabalhando meu quadril sem piedade, sem descanso. Cada investida, um aviso bruto, sujo, devastador, de que eu não ia aliviar.

Uma lágrima escorreu pelo canto do olho. Inclinei-me sobre ela e a colhi com a língua, lenta, possessiva, deixando a barba roçar

no pescoço, marcando território.

— Minha diabinha linda — rosnei, avançando com intensidade. — Safada.

Enterrei-me fundo, feroz. Meu pau saia cada vez mais lambuzado. Afundei um dedo junto, rasgando sua carne encharcada, e foi ali que ela se quebrou de vez, escorrendo ao redor da minha pele, tremendo, aberta.

Eu entrava mais fundo só para sentir o limite dela quebrar. Louise se contorcia, o corpo cedia, arrepiado, se moldando ao meu tamanho. Perdida. Escorria por mim, me deixando insano.

— Sua bocetinha me engole inteiro, Princeshë.

O estalo úmido dos corpos se chocando me enlouquecia, empurrando meu controle para o fundo do inferno. Meti insano, sem pausa. Abria-a inteira para me receber, sujo, possessivo, até não restar nela nada que não fosse meu.

Ela arfou, gemendo a porra do meu nome.

— Isso... caralho... — meu urro saiu rouco.

Louise me prendeu com as pernas, cruzando-as nas minhas costas. Avancei sem dó. As paredes quentes me engoliram, *apertadas pra caralho*, me arrancando o último resquício de sanidade. Meu corpo respondeu bruto, selvagem, faminto.

Não parei.

Não aliviei.

Nada nela ficaria inteiro depois.

A respiração dela vinha quebrada, irregular, batendo contra meu rosto em rajadas quentes. Por dentro, seu corpo tremia, tenso, vivo, completamente tomado por mim.

Meus gemidos saíam roucos, quebrados, quase animalescos, enquanto eu me afundava sem misericórdia em sua boceta deliciosa.

As pernas dela tremiam ao meu redor, falhando, tentando se manter. Os olhos brilhavam de um jeito perigoso, e o sorriso que se

abria em seus lábios, só me deixava mais fodido da cabeça.

Estocava sem misericórdia. Assistia meu pau desaparecer em sua boceta lisa, apertada demais, infernalmente quente, e feita para me enlouquecer.

— Goza pra mim, *Princeshë*. Goza no meu pau — comandei.

O corpo dela ardia sob mim, tomado por espasmos incontroláveis. Tremia inteira, quebrada, receptiva, gemendo meu nome como se fosse uma súplica.

Sua boceta convulsionou, lambuzando minhas bolas e meu pau.

Entrei uma última vez, até o limite, e me perdi dentro dela. Tudo foi despejado ali. Meu pau pulsava, reclamando posse. Preenchi-a com minha porra, urrando seu nome como maldição.

Porque era.

Louise acabava de cruzar uma linha sem volta.

Ela era minha.

Irremediavelmente minha.

Capítulo 20

Já estava na banheira.

Fingindo calma, enquanto o corpo enorme de Skënder permanecia colado às minhas costas. Ele era quente, *quente demais,* e aquele calor não vinha só da água. Eu não fazia ideia do quanto precisava daquele banho, até estar submersa ali, presa naquela água, com ele respirando atrás de mim, ocupando cada pensamento meu.

Ele passava os dedos pela minha pele, apagando rastros, limpando cada vestígio seu em mim, mesmo quando tudo em mim ainda gritava o nome dele. Era quase cruel ver aquele homem, o mesmo que me corrompeu sem piedade, agora silencioso, concentrado.

Meu corpo doía, e a sensação de o sentir dentro de mim era visceral.

Cada músculo lembrava, cada ponto sensível denunciava o quanto ele tinha ido fundo e forte demais.

O pior?

Era o quanto eu ainda o queria.

A mão dele desceu lenta e quando alcançou minha virilha, o ar me faltou. Mordi os lábios, virei o rosto, encarei Skënder por cima do ombro. O olhar escuro dele encontrou o meu, pesado, atento, faminto.

Eu me esfreguei nele de propósito, roçando minha bunda no pau duro, provocando, pedindo.

— Louise — rosnou, a voz grave vibrou contra minha pele. — Se continuar, eu vou te destruir ainda mais.

Inclinei um pouco mais o quadril. Só o suficiente.

— E se eu quiser?

— Sua bocetinha é gostosa. Seu gosto é um inferno de bom. E não existe nada nessa porra de mundo que eu queira mais do que meter meu pau em você... em tudo.

A mão dele apertou meu quadril com força suficiente para doer.

— Mas eu cuido do que é meu — completou.

— Que romântico — murmurei, com um sorriso torto. — Mas eu continuo te querendo.

Antes que eu pudesse repetir o movimento, ele segurou meu quadril, me imobilizando. Um gesto simples. Absoluto.

— Chega — murmurou junto ao meu ouvido.

Não foi um grito.

Não precisou ser.

A respiração dele estava pesada agora. Irregular demais para alguém que dizia controlar tudo. Senti o peito subir contra minhas costas, o esforço físico para não ceder.

Inclinei a cabeça levemente para o lado, oferecendo o pescoço sem oferecer nada mais.

— Você faz isso de propósito — continuou, rouco. — Provoca, desafia e depois me encara como se quisesse ver até onde eu aguento.

— E até onde você aguenta? — devolvi, sem recuar.

Ele afastou a mão devagar e saiu de trás de mim, parando à minha frente. O corpo enorme bloqueou a luz. O membro ainda rígido, grande, esperando. Mas eram os olhos cravados nos meus, que tornavam tudo mais perigoso.

— Eu aguento porque eu não quero que isso seja... assim.

Franzi o cenho.

— Assim como?

A mão dele encontrou meu rosto, o polegar deslizou pela minha boca com uma lentidão quase cruel.

— Como algo que te tira a escolha. Mesmo quando seu corpo insiste em mentir.

— Você acha que eu não escolho? — desafiei.

— Acho que você escolhe o risco. E eu sou o risco.

Minha respiração vacilou, um segundo longo demais para passar despercebido. Fechei os olhos por um instante. Quando abri, ele ainda estava ali.

— Saia da banheira — ordenou. — Agora.

— E se eu não sair?

— Não foi um pedido, Louise.

Ele estendeu a toalha.

Hesitei. O desafio cruzou meu rosto rápido demais para ser escondido. Fiquei de pé na banheira, sentindo a água escorrer pelo meu corpo, enquanto o silêncio se tornava pesado para ser ignorado.

Peguei a toalha, puxando contra meu peito, antes de a jogar no chão e passar rebolando por ele.

Caminhei devagar, como se o corpo ainda esperasse por algo que não veio. Atravessei o quarto descalça, sentindo o chão frio contrastar com o calor que insistia em ficar em mim.

Peguei uma camisola branca no closet. Quando voltei, Skënder estava sentado na extremidade da cama, sem camisa, a pele marcada por tatuagens escuras, brilhava sob a luz do abajur. O cabelo ainda úmido. Não era ali que eu esperava encontrá-lo.

Deitei de lado, de costas para ele.

O colchão cedeu do outro lado quando se mexeu.

— Você vai dormir assim? — perguntou, por fim.

— Assim como?

— De costas pra mim.

— Vou — resmunguei.

— Não é seguro.

— Nem amar alguém como você — respondi antes de pensar.

Senti o movimento mínimo quando ele se inclinou um pouco para frente.

— Pessoas como eu não são amadas, são temidas. E eu não espero que me ame.

— Não vou — cuspi.

Ele riu. Breve. Frio.

— Você é diferente, *Doce anjo*. É por isso que você é perigosa.

— Eu avisei que você exigiu a pessoa errada — acusei.

— Você não é a pessoa errada — afirmou.

Um silencio intenso tomou o ar.

— Eu nunca volto atrás da minha palavra. Nunca. Você é minha, Louise Chevalier, desde o segundo em que cruzei o seu olhar, e amanhã o mundo inteiro vai saber a quem você pertence.

— Bom, nesse caso, acho melhor mandar lavar o vestido que *você...* — frisei —, sujou ao matar aquele homem.

— Eu matei porque você fugiu... Mesmo que eu já imaginasse que ia tentar.

Virei o rosto o suficiente para encará-lo por cima do ombro.

— Então por que ficou tão furioso?

Os olhos dele escureceram. Havia algo ali que eu ainda não sabia nomear. Não era só posse. Não era só desejo.

— Porque me beijou como se tivesse escolhido ficar.

— E isso te incomodou?

— Isso me fodeu.

Meu peito apertou.

Talvez porque amanhã eu fosse me casar diante de todos. Ou talvez, por um motivo que eu me recusava a encarar. Quem sabe eu conseguiria fazer ele mudar de ideia. Era quase impossível que alguém como ele mudasse de ideia, mas não custava tentar.

— Podemos deixar o casamento para depois do meu aniversário — tentei.

— Quatro meses é muito tempo. — *Ele foi seco. Definitivo.*

Virei-me por completo.

— Como sabe quando é meu aniversário?

— Sei tudo sobre você, *tudo*, minha Louise.

Aquilo deveria me assustar mais do que assustou.

— Então me conte sobre você — arrisquei. A voz saiu mais baixa do que eu pretendia. — Eu quero saber.

— Não há nada em mim que você precise saber. Apenas lembrar que não se foge de mim. Que não se desafia o que é meu. Que não se testa limites que eu já tracei.

Meu coração bateu errático.

— E seu castigo por isso... — Ele se inclinou o suficiente para que o calor da respiração tocasse minha pele. — Começa amanhã. Agora durma, Louise.

Apertei os olhos. Não porque estivesse vencida, mas porque, naquele instante, entendi que não havia mais retorno.

E uma parte de mim queria descobrir exatamente até onde aquilo iria.

Capitulo 21

Na manhã seguinte, saí de casa antes mesmo de Louise acordar. Quando ela abrisse os olhos, aprenderia que me desafiar nunca vinha sem preço.

— Ainda não descobriu o que o nosso tio fazia na França? — Foi a primeira coisa que perguntei a Erion.

Estávamos no escritório da empresa de construção. Concreto, aço, contratos públicos. A fachada perfeita. Ninguém questionava caminhões entrando e saindo, caixas sendo movidas, dinheiro circulando em volumes que não chamavam atenção porque pareciam legítimos demais.

— Não — ele respondeu. — Você sabe como Amir era quando não queria deixar rastro. O filho da mãe sabia desaparecer dentro do próprio esquema.

— Descubra logo. Não podemos ser pegos de surpresa. Por nada.

Erion assentiu uma única vez. Não precisava de mais.

Voltei o olhar para Cezar.

— E a boate?

— Como deveria — respondeu, direto.

Eu o deixara no comando do lugar.

Desde que assumimos o controle total da *Serreia Vermelha,* o fluxo estava limpo demais para levantar suspeitas. Caixa girando em dinheiro vivo, bebidas importadas entrando com nota fria, segurança alinhada, portas certas abertas para as pessoas certas.

Nada de confusão desnecessária.

No papel, a casa ainda estava no nome dos Baroni, os italianos. Um acordo antigo. Útil. E, depois que o problema foi resolvido, os termos permaneceram exatamente como estavam. Ninguém ousava mexer no que funcionava, muito menos testar um equilíbrio que podia resultar em uma guerra.

Tudo operava como uma engrenagem bem lubrificada.

E, no nosso mundo, isso significava poder exercido em silêncio.

— Só teve uma coisa — Cezar acrescentou, como quem comentava algo irrelevante. — Uma troca de fornecedor no último carregamento.

— Troca? — questionei.

— O habitual atrasou. Não chegou — explicou. — Usaram um intermediário de Marselha. Papel limpo. Rota curta. Chegou no prazo.

Erion franziu o cenho.

— Marselha não é rota nossa.

— Não era — Cezar corrigiu, seco. — Agora passou a ser.

O silêncio caiu pesado para um detalhe tão pequeno. Passei os dedos pela borda da mesa, sentindo o verniz frio.

— Você conferiu quem assinou a liberação no porto?

— Conferi os documentos — respondeu. — Arden Kasmi — completou. — Se o contêiner não chegar, a dívida cai toda nas costas dele.

— Ele está usando o sobrenome que tem — Erion comentou. — Achando que isso vai protegê-lo.

Cezar riu, curto, sem humor.

— Gente assim sempre acha.

Fechei a pasta com um estalo seco.

— Cezar, cuide disso.

Ele levantou o olhar para ele.

— Não importa se o velho maldito é do clã, o faça pagar — decretei.

O sorriso de Cezar veio lento. Familiar. Do tipo que nunca deixava dúvidas sobre como ele resolvia as coisas.

— Considere feito.

O celular vibrou sobre a mesa.

Não atendi de imediato.

Cezar e Erion, os dois desgraçados, já me observavam, esperando a bomba. Ninguém me ligava naquele número sem que fosse problema.

Era Donika.

Cerrei o punho em torno do aparelho antes de atender:

— Senhor... — a voz veio tensa. — O senhor precisa vir pra casa.

Endireitei o corpo.

— O que aconteceu?

Houve uma pausa curta.

— É a senhora...

Trinquei o maxilar.

— Eu não deixei claro que a porta só deveria ser aberta depois das três, porra?

— Sim, senhor, avisou, e eu fiz isso, mas... — a voz falhou — eu achei melhor avisar que ela... Bom, o senhor tem que ver com os próprios olhos.

— Estou chegando. Não deixe que ela faça nada.

Encerrei a chamada.

Levantei o olhar para meus primos. Erion já tinha a sobrancelha arqueada, calculando riscos. Cezar se recostou na cadeira, o canto da boca repuxou como quem sentia o cheiro da guerra antes dela começar.

— Esse casamento tá ficando interessante — ele murmurou. — Aliás, não é hoje à noite?

— Não mais. Louise precisa de um novo vestido.

— Soube o que aconteceu. Vou recrutar novos soldados. Só para garantir que não ficará sem — finalizou.

— Você tem sorte de ser meu primo, Cezar — rosnei.

Ele não se ofendeu. Apenas deu de ombros.

— Se realmente quisesse me matar, isso não te impediria.

— Não mesmo. — Virei as costas. — Agora vocês sabem o que têm que fazer. Quero tudo resolvido pra ontem.

Não esperei comentários.

Deixei o escritório com a porra das ideias fervendo.

O que diabos, Louise havia aprontado?

A casa estava silenciosa quando entrei.

Subi as escadas em direção ao quarto, mas o cheiro me atingiu antes mesmo de vê-la.

Combustível.

Virei no corredor oposto.

A sala.

Meu santuário.

Ou o que restava dele.

As facas estavam espalhadas pelo chão, sobre a mesa, nas estantes. Lâminas abertas, aço cru, refletindo a luz baixa. Caos.

No centro da sala, perto do expositor de vidro, havia um amontoado delas. E Louise, ao lado. Girava o cabo do lança-chamas na mão, com uma calma que não combinava com o cenário.

— Mas que porra é essa? — rosnei, furioso.

Ela ergueu o olhar.

Sorriu.

— Me pareceu importante — foi o que ela disse.

Houve um estalo seco.

A chama escapou curta, viva, lambendo o ar antes de apagar.

Cerrei os punhos sem perceber.

— Louise... me dá essa porra. Agora.

— Você gosta de controle, não é mesmo? — atiçou. — Mas você não vai me controlar.

Avancei mais um passo.

Ela acionou o lança-chamas de novo. A língua de fogo cortou o espaço entre nós.

— Mais um passo... e eu queimo tudo — avisou, firme.

Parei.

O cheiro de gasolina estava mais forte agora, resultado do uso da porra daquele lança chamas.

— Louise...

— Essas facas são importantes pra você, não são? — Os olhos dela varreram a sala. — São. Claro que são. Se não fossem, não estariam guardadas e protegidas nesse santuário doentio.

Ela voltou a me encarar.

— E você ter vindo rápido só confirma que são.

— Não são — menti.

— Então não vai se importar se eu colocar fogo.

— Caralho, porra! — explodi. — O que você quer?

Os olhos dela encontraram os meus. Firmes. Sem medo.

— Você nunca, *nunca* mais vai me trancar naquele quarto.

O silêncio caiu pesado.

Assenti devagar, com o maxilar duro.

Ela não relaxou.

— Você disse que é um homem de palavra, então me dê a sua, Skënder.

Avancei um passo, controlado. Ela negou com a cabeça e acionou o lança-chamas, ameaçando encostar a chama nas facas de aço e madeira.

Cerrei o punho.

— Eu prometo, caralho.

— Não. — *A voz dela não tremeu.* — Jure pelo sangue que você tanto defende. E se quebrar essa promessa... — Estalou o botão. A chama subiu mais alta, refletindo seu rosto de laranja. — Eu queimo você enquanto dorme.

Caralho, que mulher.

Era tudo que eu conseguia pensar, mas de um jeito fodidamente orgulhoso. Senti algo perto do riso subir pela garganta.

— Eu juro pelo sangue. Agora desligue essa porra.

A diabinha sorriu ao desligar, largando tudo no chão antes de caminhar até mim. Lenta. Calculada. Não esperei até que chegasse perto, a puxei contra o meu corpo.

— Você é uma lobinha feroz. Mas eu vou te *domar*.

— Lobos não são domesticados.

Cheirei o pescoço dela antes de sussurrar a sentença que selava tudo:

— Mas você será.

E a beijei.

Não como promessa.

Como sentença.

Capítulo 22

A boca dele ainda estava na minha quando a lembrança veio.

Rápida. Indesejada.

A imagem da cesta de café organizada sobre a mesa de cabeceira. O cheiro quente tentando fingir cuidado. A porta trancada. O clique seco da maçaneta confirmando que eu não tinha escolha.

A raiva subiu de novo, queimando por dentro, misturada ao gosto dele em meus lábios.

Skënder aprofundou o beijo como se sentisse a mudança no meu corpo, como se soubesse exatamente quando eu endurecia por dentro. As facas ao redor refletiam a luz baixa. Aço cru. Silêncio pesado. O santuário dele, e o lugar onde eu tinha decidido que não aceitaria jaulas bonitas.

A mão dele segurou minha nuca, firme, possessiva, puxando-me mais contra o corpo quente. Meu coração batia descompassado, não só pelo beijo, mas pela certeza que se formava.

Eu não estava ali porque tinha sido quebrada. Estava ali porque tinha escolhido enfrentar.

Empurrei o peito dele por um segundo. *Só um.* O suficiente para puxar ar para dentro dos pulmões e lembrar da sensação de acordar presa, cercada por paredes que não tinham saída.

Os olhos escuros dele encontraram os meus.

Eu o odiava naquele instante. Um ódio quente, pulsante, do tipo que arranha por dentro. Mas o ódio não anulava o desejo, ele o alimentava. Meu corpo doía, reclamava, ainda sentia cada marca invisível da noite anterior, e, mesmo assim, o queria com uma fome que não obedecia a lógica nenhuma.

Puxei o colarinho dele e o beijei de novo, com mais vontade. Com raiva suficiente para ser desejo.

A mão dele desceu pela minha lateral, firme, sem pressa, me empurrando de costas contra a bancada de madeira. O impacto arrancou o ar dos meus pulmões e as facas tilintaram atrás de nós.

Um aviso. Um sussurro metálico de perigo.

Skënder me ergueu com facilidade, sentando-me sobre a superfície dura, o corpo dele se encaixou entre minhas pernas como se aquele lugar tivesse sido feito para isso.

— Você não aprende — murmurou contra minha boca.

— Eu aprendo rápido, na verdade — devolvi, encarando-o sem recuar. — Só não aceito coleiras.

O sorriso dele surgiu devagar.

Do tipo que não avisava antes de morder.

— Então vamos ver até onde vai essa sua coragem.

E me beijo volta.

Não como promessa, como colisão.

Minha revolta bateu contra o corpo dele e voltou em forma de calor, de choque, de algo que estava mudando sem pedir permissão.

Ele me segurou com mais força, impaciente. Em um movimento bruto, me ergueu como se meu peso não significasse nada e me largou sentada sobre a bancada. O vidro frio mordeu minhas mãos. O contraste arrancou meu ar quando ele se encaixou atrás de mim, dominando cada centímetro de espaço.

O olhar dele estava diferente.

Ainda escuro. Ainda perigoso.

Mas havia algo novo ali.

Certeza.

Ele deslizou os dedos pela minha lateral, esmagou meu clítoris com o polegar por cima da calcinha, só para me ver suspirar, ou implorar. Não importava, porque eu o desejava com cada fibra do meu corpo, ainda que dolorida.

Arrancou meu vestido em um único puxão, jogando-o para longe.

A calcinha foi a próxima.

Levantei o olhar para ele antes de começar a desabotoar sua camisa, botão por botão, mas Skënder não facilitava. Ele brincava com a minha urgência, com a minha intimidade exposta, me torturava de propósito.

Minhas mãos tremeram. Em vez de soltar, cerrei os dedos com força no tecido, amassando a camisa contra o peito dele, como se me segurar fosse a única forma de não implorar. Ele sentiu. Sabia. E sorriu com isso.

— Skënder — grite seu nome, desesperada quando ele invadiu quatro dedos de uma só vez.

Os movimentos vieram mais duros, mais impiedosos, como se quisesse me quebrar por dentro, e quase conseguiu. Mesmo assim, reuni o pouco de controle que ainda me restava e consegui afastá-lo o suficiente para me mover.

Abaixei sua calça com urgência.

Ele já estava completamente ereto. Veias grossas pulsavam ao redor da carne tensa, carregada de nervos e violência contida. Era grande. E eu sabia que ia me destruir mais um pouco, mas não havia nada em mim disposto a impedir.

Skënder segurou seu membro grosso, o roçando em minha entrada apenas o suficiente para me enlouquecer.

— Me foda. Agora... Por favor — supliquei.

Ele sorriu, perverso.

Um aviso silencioso de que ele sabia exatamente o poder que tinha, e que iria usar cada segundo antes de me dar o que eu pedia.

A mão prendeu meu pescoço, empurrando minhas costas contra o vidro gelado, arquejei de forma violenta, descontrolada. O aperto firmou e a invasão veio brutal, em um movimento que me preencheu inteira.

Arfei, rendida, o corpo cedeu.

Era bom. Cruelmente bom.

— É assim que você gosta, não é?

— Sim — forcei a voz entre os dentes. — Mais forte.

Ele intensificou, segurando meu pescoço, firme o suficiente para roubar o ar, metendo o pau gostoso dentro de mim, sem pausa, de novo e de novo, mais fundo, sem tempo de respirar, ou pensar qualquer coisa que não fosse ele macetando minha boceta sem trégua.

Gemi, perdida de mim mesma, a cabeça vazia, o corpo inteiro dominado por ele.

Skënder cravou os olhos nos meus, duros, famintos, enquanto avançava como se quisesse me partir ao meio e tomar tudo o que eu era.

Meu broto pulsava, escorrendo ao redor dele.

Ele não diminuía.

Não tinha piedade.

Batia o corpo duro contra minha entrada. Eu vibrava por dentro e por fora. Eu estava encharcada, completamente aberta para ele, sentindo intensamente tudo. Meu corpo convulsionava ao redor do dele, entregue, quebrado, insano. *Totalmente dele.*

— Olha como você me recebe, *Lobinha*. Olha o estado em que me deixa... meu pau está marcado de você.

Mordi o lábio com força, o frio do móvel queimava sob meus dedos enquanto me agarrava à extremidade, sem pausa, sem fôlego. O impacto dos nossos corpos ecoava pela sala em estalos secos, obscenos. Pele contra pele. Respirações descompassadas. Gemidos se misturando no ar pesado.

Meu corpo tremia inteiro.

Skënder era grande. Forte. Musculoso. Quente. O tipo de homem feito para quebrar, *e estava me quebrando*. Cada movimento vinha profundo, impiedoso, arrancando reações que eu não controlava.

Eu sentia tudo.

Sentia ele batendo dentro de mim, marcando, dominando.

Era bom.

Deus, como era bom.

— Eu... eu vou gozar — avisei, quase sem fôlego.

— Goza, *Agora.*

A pressão dos dedos cerrados ao redor do meu pescoço aumentou, no mesmo instante em que ele avançou dentro de mim, duro, implacável, arrancando o ar dos meus pulmões e qualquer resquício de controle que ainda me restava.

Ele saiu de mim, deslizou a glande rosada de forma cruel em torno do meu broto inchado, torturando-me. Voltou em um golpe bruto, sujo, impiedoso, me lançando para fora de mim mesma, sem ar, sem chão, reduzida àquela colisão que me atravessou inteira.

Arfei.

Gritei, perdida.

Cada investida era uma punição lenta, deliciosa, sem misericórdia, minha carne pulsava ao redor da sua rigidez. Skënder foi mais fundo. Mais forte. Preciso.

Tudo em mim tremia, músculos, ventre, pensamentos, enquanto eu o recebia por completo. Apertei seu membro grande com minha intimidade, sentindo cada centímetro dele, cada pulsação.

O gemido de Skënder rasgou o ar, grave, rouco, perdido. Vibrou dentro de mim e me fez entender, sem palavras, que nenhum dos dois sairia ileso daquela entrega.

— Caralho, que gostosa — rosnou.

Fechou os dedos com mais força no meu pescoço, avançando sem dó.

— Você é minha, Lobinha. Minha. Ouviu? MINHA.

O controle simplesmente cedeu.

O orgasmo me rasgou por dentro, violento, desordenado. Meu corpo foi tomado por espasmos cegos, os músculos travaram enquanto eu me desfazia inteira nele.

Skënder afundou o pau em mim, até o limite, bruto, possessivo. Não recuou. Ficou ali, enterrado, me prendendo contra o próprio corpo, enquanto o dele pulsava forte, quente, despejando tudo dentro de mim.

O gemido dele explodiu alto, rouco, primitivo, e vibrou na minha pele como uma sentença.

Porque eu estava completamente perdida. Tomada. Sem retorno.

*Esse capítulo possuí uma ilustração Hot, para acessá-la, ente no meu grupo do WhatsApp:*Clique aqui

Capítulo 23

Afastei-me dela.

Louise permaneceu nua sobre o balcão de vidro, aberta, quebrada, o peito subindo e descendo de forma irregular, muito rápido para alguém que ainda ousava me desafiar.

Observei com atenção cruel.

A pele branca estava marcada por mim. Vermelha. Sensível. Meus dedos haviam deixado rastros fundos, quase possessivos. Ela era o caos que eu tinha acabado de criar e ainda assim, me encarava como se não tivesse sido vencida.

— Que porra eu vou fazer com você, Louise? — rosnei.

— Simples. — A voz dela saiu firme para alguém naquela posição. — Não me tranque de novo naquele quarto. Ou eu transformo esse casamento no seu inferno particular.

Ela estendeu a mão e me alcançou a camisa preta, jogando-a contra meu peito com um gesto seco, desafiador.

— E você não vai querer me ver brava. — Um meio sorriso cruel surgiu em seus lábios. — Eu sei ser perigosa. Tanto quanto você.

Quando apanhei a camisa, ela deslizou do balcão e deu dois passos.

Só dois.

Meu reflexo foi mais rápido que o pensamento. Minha mão se fechou em seu braço, antes que o terceiro acontecesse, os dedos cravaram com força suficiente para arrancar um suspiro contido.

Os olhos dela se ergueram para os meus. Escuros. Indomáveis.

— Onde pensa que vai? — Puxei-a de volta para mim.

— Escolher outra roupa.

— O caralho que vai sair daqui pelada. Eu mato qualquer um que te olhe.

Ela riu. Outro erro.

— Ciúmes, marido?

— Não. — Forcei seu queixo para cima. — É posse. E o que é meu, ninguém olha. Ninguém toca. Ninguém chega perto. — Pausei, deixando cada palavra afundar. — E ninguém respira perto o bastante para continuar vivo depois.

O sorriso morreu nos lábios dela.

— Então por que você age assim? — perguntou, firme. — Medo de que a história se repita?

— Que porra você tá dizendo? — O rangido dos meus dentes foi involuntário.

— Não sou burra, Skënder. — Sustentou o desafio ao me encarar. — Você não age por impulso. Você calcula. Sempre. As ameaças. Os castigos. Até o jeito de parecer fora de controle. E todo mundo nessa casa fala francês. Isso não é coincidência. Pela sua reação... ela era francesa. Não era?

O silêncio caiu pesado.

— Quem andou enfiando essas merdas de ideias na sua cabeça? — perguntei, frio.

— Ninguém me fala nada aqui. Todo mundo tem medo de você, Skënder.

— Você deveria ter mais.

— Não tenho.

— Então é hora de entender com quem você se casou.

Fechei os dedos em torno da sua pele, o suficiente para que ela sentisse, com os olhos cravados nela.

— Eu tinha a sua idade quando mataram minha noiva. Francesa. Era uma aliança política. Nunca quiseram que eu chegasse vivo ao poder. Queriam que os franceses viessem atrás de mim. Para me destruir.

Ela não interrompeu. Eu continuei:

— Eles vieram. Matei todos. Um por um. Depois matei meu pai. Meu tio. Enterrei a linhagem inteira naquela noite.

Pausa.

— Eu sou o monstro que ninguém controla. Não fique no meu caminho e jamais fale o que não sabe. Eu queria vingança. E você era a sentença. Até eu cruzar seu olhar.

Ela não piscou.

— Agora entende quem eu sou, Louise? Sou o homem que te marcou. O homem ao qual você está condenada para sempre. E do qual... jamais vai escapar.

Ela respirou fundo, balançando a cabeça.

— Tantas mortes francesas. Isso abriria uma guerra direta.

— Abriu.

— Eu saberia se tivesse — rebateu. — Louis teria contado.

Soltei um riso curto. Sem humor.

— Quinze anos atrás, Louis não era Don. — A larguei. — E na época, o maldito do Isaque Chevalier não fez nada. Louis fez bem em matá-lo.

Louise empalideceu.

— O... o que você disse?

— Louis matou Isaque — repeti, calmo.

Ela cambaleou, apoiando as duas mãos na bancada, com os dedos tremendo. O olhar perdido vagou pelo nada, até parar em mim.

— Não — sussurrou. — Meu pai foi exilado.

— Mentiram pra você, *Princeshë*.

— Como você sabe disso?

— Eu sei tudo.

— Não acredito.

Dei de ombros, indiferente.

— Ligue para ele — ofereci. — Ou pergunte quando ele vier ao nosso casamento.

Ela ficou em silêncio.

Observei cada micro reação. Parecia fodidamente calma para quem entendeu muito bem quem eu era de verdade.

— Vista-se — ordenei.

Alcancei o vestido e estendi para ela. Louise crispou os olhos, mas obedeceu. Mal tinha ajustado o tecido ao corpo quando batidas violentas ecoaram na porta.

— Senhor... estamos sendo atacados pelo Norte — Era Ruslan.

— Porra!

— Eles são muitos — continuou, do outro lado da porta.

Fitei Louise.

— Fique aqui.

— Nem pensar! — Ela deu um passo à frente. — Você ouviu. São muitos. Eu sou boa em atirar. Você mesmo viu.

— Pode ser boa em atirar, mas nunca matou ninguém. Vai ficar aqui, e fim de história.

— Você não pode me pedir isso.

— Não estou pedindo — rosnei. — É uma ordem.

Um tiro explodiu o ar antes que ela conseguisse retrucar.

Capitulo 24

Os tiros continuavam lá fora.

Peguei a arma da outra parede no mesmo movimento em que Louise se deslocou dois passos à direita e pegou uma Glock de um dos suportes.

Fodidamente linda e perigosa.

E isso me atingiu mais do que eu gostaria de admitir.

— Se for o seu irmão... — falei sem tirar os olhos dela — Está pronta para atirar, *Lobinha*?

Ela assentiu.

Rápido. Firme.

Não acreditava que fosse ele.

Mas naquele mundo, quem chegava rápido, geralmente chegava sabendo demais.

Abri a porta com o cano da arma à frente.

— Estão a que distância?

— No portão — Ruslan respondeu, já posicionado para seguir na frente. — Dois grupos. Um pela frente, outro pela lateral.

Isso não era invasão.

Era cerco.

Avançamos até o lado de fora da casa.

— Quem são? — perguntei, já fazendo uma varredura do local com os olhos.

— Ainda não identificamos.

Minha mente traçava nomes, razão.

Conselho. Alben, talvez. Ou alguém que não queria essa aliança e estava tentando impedir o casamento antes que acontecesse. E isso só acontecia de dentro.

— Eles vão entrar — um soldado avisou.

— Pronta, *Lobinha*? — perguntei.

— Mais do que imagina.

O primeiro portão cedeu com um estrondo metálico.

Os carros avançaram poucos metros, não tiveram tempo para mais. Pneus explodiram em sequência seca, o ar escapando se misturava ao estilhaçar dos para-brisas. Os que saltavam dos veículos, recebiam um baque surdo dos corpos sendo perfurados pelas balas. Tiros cruzavam o pátio como linhas de fogo.

Eu mirava nos crânios, atravessava-os sem piedade. Gritos de dor viravam músicas.

Eles caiam, um a um.

— Em frente!

Avançamos juntos.

Louise ajustou a empunhadura, respirou fundo e correto para alguém que nunca esteve ali, e seguiu comigo.

Ela não ficou atrás.

Isso me deixou puto.

E orgulhoso.

O ar cheirava a pólvora. O chão vibrava sob nossos passos. Homens caíam antes mesmo de entenderem de onde vinha o fogo.

Louise atirava curto.

Sem desperdiçar munição.

Sem gritar.

Vi quando ela acertou o primeiro.

Depois o segundo.

Abaixou a arma, um segundo, só isso, respirou fundo e me olhou de soslaio. Eu reconhecia aquele sentimento de longe, e eu sabia que ela jamais ia esquecer o primeiro que derrubou no chão.

— Esquerda! — gritei.

Ela reagiu rápido.

Disparou.

O homem caiu com o impacto seco no ombro e outro no peito.

Caralho. Se eu ainda estava puto com ela, naquele instante, eu esqueci completamente.

O segundo grupo tentou avançar pelo jardim. Mal chegaram à calçada.

Caíram.

Quando achei que estava acabando, ouvi o som errado.

Um disparo diferente.

Mais grave.

De longe.

Virei a tempo de vê-la errando os passos para trás, o corpo amolecendo.

— Louise!

Cheguei nela antes que ela desabasse no chão. O impacto dela contra mim arrancou o ar dos meus pulmões.

Sangue.

Muito rápido.

— Porra... — rosnei, segurando firme.

— Senhor, nas montanhas, um atirador — meu executor.

— Traga ele para mim, Ruslan. Vivo — ordenei.

— Sim, senhor.

Carreguei-a no meu colo. Ela se contorceu de dor, mordendo os lábios para não gemer.

— Eu devia ter te deixado trancada no quarto — falei entre os dentes. — E vou te deixar quando voltarmos pra casa.

Ela riu. Um riso curto, fraco.

— Faça isso... — murmurou. — E eu vou te odiar pra sempre.

— Ao menos vai estar viva pra isso.

Ela levantou o rosto com dificuldade.

— Não aja como se se importasse comigo.

A apertei mais forte contra meu peito, apressando os passos até o carro.

— Não me importo — menti. — Mas não te quero morta.

Os olhos dela escureceram.

— Você... mente... — sussurrou. — Eu sinto.

— Shiu. — Encostei a testa na dela por um segundo. — Fica comigo.

Ela engoliu em seco.

— Tinha uma mulher...

— Não fala.

— No banheiro... aquele dia... — *a voz já falhava.* — Ela disse... avisou... que isso ia acontecer de...

O corpo dela relaxou de repente.

— Louise?

Nada.

Segurei-a com força.

O mundo ao redor ainda queimava.

Mas tudo o que eu conseguia pensar, era uma coisa só...

Isso não tinha sido um ataque.

Tinha sido um aviso.

E alguém dentro do meu mundo, tinha decidido tocar no que era meu.

E isso...

Isso eu não tolerava.

Capitulo 25

Eu atravessei as portas da emergência com Louise nos braços, sentindo o peso do corpo dela aumentar a cada passo.

O hospital era frio. Meu ódio era mais.

Luzes brancas, corredores longos demais, o cheiro de álcool misturado a ferro e a pólvora, impregnava o ar.

Louise estava pálida e imóvel para alguém que minutos antes estava me desafiando com uma arma na mão. O sangue escorria pelo meu antebraço, quente, escuro, grudando na pele.

Dois enfermeiros surgiram de imediato. Uma maca apareceu. Eles a tomaram de mim com rapidez treinada, profissional. Louise gemeu baixo quando foi deitada.

— Pressão?

— Caindo — respondeu alguém. — 70 por 50.

— Acesso venoso agora.

Eu segui a maca até onde me deixaram. Uma enfermeira jovem, com olhos firmes para a idade, se colocou a minha frente.

— Nome?

— Louise — respondi. — Louise Vokrri.

Ela levantou o olhar por um segundo.

Reconhecimento. Não medo. Respeito.

— Leve a paciente para a sala de trauma — comandou a médica, depois olhou para mim: — O senhor é o quê?

— O homem que não vai sair de perto dela.

Ela sustentou meu olhar por um instante calculado.

— Entendemos a necessidade, mas assumimos daqui. Faremos de tudo para salvá-la.

— Se alguma coisa acontecer com ela, ninguém sai daqui vivo. — Não era uma ameaça, era decreto, e eles sabiam com quem estavam falando.

A maca começou a avançar mais rápido. Rodas rangeram no piso liso. Louise gemeu baixo quando fizeram uma curva brusca.

— Ferimento por projétil no ombro esquerdo — anunciou outro médico, acompanhando os exames iniciais. — Trajetória transfixante, fratura parcial, provável lesão vascular. Cirurgia imediata.

A enfermeira voltou o rosto para mim.

— Tipo sanguíneo da paciente?

— A positivo — informei.

— A positivo — repetiu, já anotando.

Naquele segundo, agradeci silenciosamente ao filho da mãe do Erion por ter feito um dossiê completo da vida dela.

— Estoque de A positivo? — Ela perguntou, sem parar de andar.

— Baixo. Muito baixo — alguém respondeu do fundo. — Estamos verificando bolsas disponíveis.

Não esperei.

— Use o meu.

A enfermeira franziu o cenho.

— O senhor sabe seu tipo?

— O positivo.

— Ótimo. O positivo é compatível — anotou. — Precisamos fazer tipagem rápida e teste cruzado.

— Faça.

As portas duplas se abriram à frente da maca. Um último vislumbre de Louise, pálida demais, os olhos semiabertos, antes de desaparecerem.

Fui conduzido para uma sala lateral. Uma enfermeira já estava preparando o material com movimentos rápidos, precisos. Luvas. Tubos. Agulha.

O elástico apertou meu braço.

A agulha entrou.

Não desviei o olhar.

Acabou rápido.

— Em vinte minutos teremos a compatibilidade emergencial liberada — informou.

— Façam o mais rápido possível.

Meu olhar deixou claro, que rápido não era negociável.

Ela assentiu uma única vez e saiu da sala sem discutir.

Assim que fiquei sozinho, puxei o celular do bolso. Liguei para Erion. Precisava confirmar uma coisa, e ele era o desgraçado certo para isso.

Meu primo atendeu no segundo toque.

— Encontraram quem permitiu a entrada — ele começou.

— Não faça nada até eu chegar — cortei. — E tem mais uma coisa. Quero cada pessoa que entrou no evento naquele dia. Nomes de quem estava na lista, dos que entraram sem autorização, e ainda... de quem permitiu que entrasse.

O silêncio do outro lado da linha pesou. Ele entendeu o tamanho do problema.

— Entendido — respondeu ele. — Já estou indo atrás.

— Quero esse maldito relatório antes do amanhecer.

Desliguei sem esperar resposta.

A porra dos vinte minutos passou se arrastando. Quando a enfermeira voltou com os resultados, não precisou dizer muito. Positivos.

Ela separou as bolsas, preparou o material e começou a trabalhar sem olhar nos meus olhos. Ninguém olhava.

A agulha entrou no meu braço outra vez.

Não senti dor. Nunca senti. O sangue começou a correr pelo tubo transparente, escuro, constante.

Observei sem piscar.

Uma parte minha iria para ela. *Literalmente*.

Quando terminou, vieram com instruções automáticas. Sentar. Esperar. Evitar levantar rápido.

Porra nenhuma.

Minha mulher estava em uma sala de cirurgia.

Ignorei tudo e segui pelo corredor até a ala cirúrgica. O vidro grosso da parede separava dois mundos. De um lado, aço, luzes cirúrgicas, mãos cobertas de luvas. Do outro, *eu.*

Vi Louise imóvel sobre a mesa. Pequena e vulnerável para alguém que, horas antes, me encarava com fogo nos olhos, sem medo algum do que eu era. Ela estava inconsciente e conectada a monitores que marcavam cada batimento, como se a porra do universo tivesse decidido se equilibrar naquele ritmo frágil.

O peito subia e descia com dificuldade.

E ali, parado diante do vidro, algo em mim travou.

Pela primeira vez em muito tempo, eu não podia matar, ameaçar, comprar e nem impor minha vontade à bala. Só ficar, diante do vidro, parado e assistindo. E eu odiei cada segundo.

Mais de duas horas tinham se passado.

A cirurgia ainda estava em andamento quando iniciaram a transfusão de sangue. Observei o líquido vermelho descer lentamente pelo tubo, gota a gota.

Fiquei parado.

Cada bipe do monitor marcando o coração de Louise, era um nome a mais sendo riscado no meu mapa. Um maldito a mais

condenado antes mesmo de entender o erro que cometeu.

Cerrei os punhos. O braço ainda estava envolto pelo curativo da doação, as veias ardiam, e não vinha da perda de sangue.

Vinha da vingança.

Porque eu não perdia.

Nunca.

E agora, o mundo inteiro ia sangrar pelo que fizeram com ela.

Capítulo 26

Acordei com uma pressão surda dentro da cabeça, como se o mundo estivesse infinitamente longe para ser alcançado. O corpo demorou a obedecer. O pensamento vinha em fragmentos, desaparecendo antes de se completar.

Um bipe insistente, ritmado, repetia como um dedo batendo por dentro da minha têmpora. Depois, o ar... seco. Com um gosto estranho na boca: metálico, amargo e algo ferroso que reconheci de imediato.

Abri os olhos e a luz branca me atravessou inteira. Pisquei, as pálpebras estavam pesadas para ser rápido. A sensação era de ter areia por dentro. Minha visão entrou e saiu de foco. Teto. Um pedaço de cortina. Uma haste de soro. Uma sombra que eu ainda não distingui quem era.

Algo parecia preso ao meu braço. Olhei, confusa, e vi o tubo transparente, o líquido vermelho descendo com lentidão.

Minha boca secou.

O mundo se ajustou mais um pouco.

Tentei me mexer. O ombro esquerdo respondeu com uma fisgada funda, quente, latejante. Era uma dor que me lembrava: *você foi atravessada*. O movimento puxou a garganta, a nuca, tudo ao mesmo tempo.

Um gemido escapou antes que eu conseguisse segurá-lo.

— Não se mexa. — Uma voz grave, rouca...

Era ele.

Skënder.

Só o simples fato de saber que ele estava ali, fez meu estomago contrair sem aviso, um frio desceu lento, profundo, sem lógica alguma, mas real. *Absurdamente real.*

Virei o rosto devagar.

O olhar dele encontrou o meu com a mesma precisão que usava ao mirar alguém. Mas havia algo a mais ali. Algo contido. Algo que ele nunca admitiria.

Skënder estava em uma poltrona branca ao lado da cama, inclinado para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Usava a mesma camisa preta, mangas arregaçadas.

Quis falar. As palavras saíram quebradas, difíceis, como se eu estivesse reaprendendo a falar.

— Qua... quanto... tempo... — engoli saliva, a garganta ardeu. — Você... tá... aqui?

— Desde que você passou por aquelas portas.

Fechei os olhos por um segundo. Lembrei de flashes: o chão sumindo, o peso do corpo deixando de ser meu, a sensação de cair, sem cair. E o disparo... o tilintar dos cartuchos. O movimento do carro. As portas da emergência.

Abri os olhos de novo.

— O que... — minha voz arranhou a garganta. — Aconteceu? A casa...

Um músculo duro saltou perto do maxilar, denunciando o que ele não disse.

— Não se preocupe com isso.

— Não devo?

— Não deve. — *Não soou como um pedido.* — Descanse.

O bipe do monitor pareceu crescer no quarto, mais alto do que antes. Minha respiração falhou por um instante quando meus olhos foram puxados para o tubo preso à veia do meu braço.

— Por que esse sangue?

Ele se inclinou apenas um centímetro*, só um*, ainda assim, foi como se tivesse atravessado a cama inteira.

— Você perdeu muito. — A pausa foi curta, fria. — E agora tem meu sangue correndo em suas veias.

O choque foi imediato. Mais eficaz do que qualquer medicamento. Os olhos dele não se moveram, não piscaram. Ele se

levantou. Quatro passos. Foi tudo o que precisou para chegar à cama.

— Você doou sangue para mim?

— Eu daria até meu coração. Mas por minha causa, você não morreria. Agora descanse.

A frase *minha causa* ficou ecoando dentro de mim. Eu queria odiar. Eu queria dizer que não pedi nada daquilo, mas em vez disso, algo mais intenso tomou o lugar. Algo que eu não sabia explicar, ou queria fingir que não sentia.

— Por quê? — murmurei, baixo.

Skënder ficou imóvel, *imóvel de verdade, c*omo se a frase tivesse acertado um lugar específico nele.

— Você não ouviu? Descanse.

Respirei com cuidado. O ar entrou áspero. O ombro ardeu de repente, uma dor fina, porém profunda, como se agulhas tivessem sido empurradas para dentro do osso, rasgando a carne lentamente.

— Por que age como se não se importasse e é tudo o que faz?

— Não se engane. — *Curto, seco, direto.*

Soltei uma risada sem humor que virou tosse no meio do caminho. O peito reclamou junto. Levei a mão ao lençol, tentando recuperar o fôlego.

Uma enfermeira passou pelo corredor e lançou um olhar rápido para o quarto. Ao vê-lo ali, diminuiu o passo. Parou por meio segundo a mais do que deveria.

Entrou.

Perguntou como eu me sentia, fez algumas anotações no prontuário e disse que avisaria ao médico que eu havia acordado. Skënder permaneceu imóvel enquanto ela me examinava, o corpo rígido para alguém que fingia indiferença. Não disse uma palavra.

Quando a porta se fechou atrás dela, minha visão tremulou por um instante, mesmo assim arrisquei:

— Podia ter me deixado morrer se era pra se arrepender tanto assim.

— Acha mesmo que eu queria que você levasse aquela porra de bala? — Rangeu os dentes, a voz veio agressiva. — Ou que viesse parar aqui?

— É o que parece.

Ele soltou um riso curto, em humor algum, e furioso.

— Durma — ele disse, já se afastando. — Estarei no corredor.

O pânico me atingiu de um jeito ridículo e imediato. Não era medo de ficar sozinha no quarto. Era medo de ficar sozinha com a minha cabeça. Com as imagens soltas. Com o eco dos tiros. Com a sensação de cair sem chão.

Antes que ele desse o segundo passo, estendi a mão livre e agarrei a barra da camisa dele.

— Não vá. — Minha voz desceu alguns tons. — Por favor, fique.

Ele parou como se eu tivesse puxado uma corrente no pescoço dele. O olhar desceu até meus dedos cerrados em sua camisa. Eu apertava o tecido como se fosse a única coisa sólida naquele momento. Depois voltou para mim. Não soube dizer se havia mais raiva ali, ou posse.

Talvez as duas coisas misturadas.

— Você me deixa furioso, Louise.

— Você também me deixa. Engraçado, né?

Sustentei o olhar, ignorando a fisgada no ombro, e um meio sorriso escapou sem que eu planejasse.

Ele passou a mão no rosto, arrastando os dedos pela barba por fazer.

— Isso fode comigo.

Eu senti um calor estranho subir pelo peito. Não era paz. Era algo pior: era *satisfação*.

— Ótimo — finalizei, cansada, mas teimosa. — Então estou no caminho certo.

Ele balançou a cabeça uma única vez. Voltou até a cadeira, mas não se sentou. Arrastou-a para mais perto da cama, o barulho contra o piso ecoou mais do que os batimentos do monitor ao fundo.

Virei o rosto, o sangue ainda descia devagar pelo tubo.

— Quanto ainda falta?

— Essa é a segunda bolsa e está na metade. — Ele apontou com o queixo. — Depois disso, você vai ficar na observação mais um tempo. Te doparam o suficiente pra derrubar um cavalo.

— Eu odeio hospital.

— E quem gosta? — devolveu, rápido.

Meu corpo inteiro parecia feito de chumbo. Cada osso doía, pesado, profundo, como se eu tivesse sido atropelada por um caminhão, e não atingida por uma única bala. Tudo em mim pedia descanso, mas a necessidade de entender o que tinha acontecido, ardia mais alto.

— Quem atacou a gente?

O olhar dele mudou.

Não foi medo. Foi cálculo. A mesma frieza que eu já tinha visto quando ele falava de negócios, de território e de punição.

— Ainda não tenho todos os nomes.

— Mas sabe alguma coisa?

Ele me observou por um instante longo demais, talvez avaliando quanto eu ainda aguentaria ouvir.

— Vieram pelo Norte. Muita gente pra ser improviso. Alguém abriu o portão.

Minha garganta apertou.

— Foi traição de dentro?

— Não apenas isso. — *Ele não desviou. Não suavizou.* — Alguém tentando me testar.

— E *eu* fui o recado? — A palavra saiu áspera, rasgando por dentro.

Foi ali que algo se deslocou no rosto dele. Quase imperceptível. Um detalhe mínimo, mas eu vi. *Culpa.*

— Você não era o recado. — Ele falou, frio. — Você foi consequência.

— Então, sabiam que eu estaria lá?

— É isso que me irrita.

— Irrita?

Ele rangeu os dentes.

— Eu controlo tudo — rosnou. — Rotas. Pessoas. Entradas. Saídas. E, ainda assim, você sangrou.

O monitor ao meu lado apitou, reagindo à aceleração súbita do meu coração.

— Mas eles vão pagar — murmurou.

E, de algum jeito torto e perigoso, aquela foi a coisa mais bonita que ele já tinha dito para mim.

Respirei fundo e tentei me mover, *um erro*. A dor no ombro respondeu na mesma hora, afiada. Fiz uma careta antes que conseguisse conter.

Skënder percebeu.

O corpo dele reagiu antes de qualquer palavra. A mão veio na direção do meu braço e parou a um centímetro da pele, suspensa no ar. Ele respirava fundo, controlado, mas o controle não chegava aos olhos. Ali não havia frieza. Havia medo. Cru. Indomável. O tipo que homem nenhum como ele admitia sentir.

Quando finalmente me tocou, apenas para impedir que eu me movesse, o monitor ao lado da cama voltou a apitar, nervoso,

denunciando cada batida acelerada que eu sabia que não era só por causa da dor.

— Será que é tão difícil assim ficar sem se mexer? — Ele rosnou.

— Trocamos de lugar, aí você me diz — respondi, tentando aliviar o clima.

Ele quase riu. Quase. Eu vi o canto da boca tremer antes de voltar ao lugar.

— Dói muito?

— Um pouco — admiti. — Mas valeu a pena... pra te tirar do sério.

Ele me encarou com ferocidade. Por um segundo, achei que viria outra resposta dura. Não veio. Em vez disso, e, com um cuidado que não combinava em nada com o homem à minha frente, puxou o cobertor mais para cima, ajeitando a borda sobre o meu peito.

Meu coração tropeçou em uma batida.

— Por que você ficou? — A pergunta escapou antes que eu pudesse segurá-la. No segundo seguinte, me arrependi.

Ele demorou para responder.

O bipe ritmado dos meus batimentos ocupou o espaço entre nós, quase invasivo.

— Porque você é minha esposa, Louise. Quer goste, quer não.

A frase deveria me revoltar.

E revoltou.

Mas, ao mesmo tempo, um alívio estranho escorreu por dentro, porque uma parte de mim, *uma parte que eu jamais admitiria em voz alta*, começava a gostar daquela proteção dele.

As pálpebras pesaram de novo. Lutei contra o sono, mas o corpo já tinha decidido por mim.

Cansado. Dolorido.

— Você... vai... matar... eles? — murmurei, já meio longe.

— Vou fazer pior.

Meu estomago revirou. Não de nojo. De medo tardio. De adrenalina atrasada. Da certeza exata do que aquele homem era capaz de fazer quando alguém tocava no que ele chamava de *dele*.

— Não... — tentei dizer, mas o restante da frase se dissolveu antes de ganhar forma.

— Dorme. — Não foi ordem dessa vez. Foi quase um pedido. *Quase*.

Havia tantas coisas que eu queria dizer. Perguntar se a bala tinha sido retirada. Se eu ficaria com alguma sequela. Se ele tinha sentido medo quando me viu sangrando daquele jeito.

Mas a sonolência me puxou de volta, com mais força.

Senti a mão dele tocar a minha, leve, no limite do permitido, como se ele estivesse testando a própria humanidade e odiando cada segundo disso.

— Dorme, *Lobinha.* Porque quando acordar, vai estar onde eu mando — ele murmurou, baixo para ser só ameaça. — E, a partir de agora, você só respira fora das paredes da minha casa, quando eu permitir.

O mundo começou a escurecer outra vez. O bipe distante do monitor foi ficando lento, abafado, distante.

Fechei os olhos, com a certeza de que, quando eu os abrisse de novo, tudo seria diferente.

E *diferente,* podia significar muitas coisas.

Capítulo 27

Estava na poltrona ao lado da cama, quando Nora entrou sem avisar. Ela nunca avisava. Olhou primeiro para a cama. Depois para mim.

Louise dormia.

O efeito dos analgésicos deixava a respiração dela lenta e profunda para alguém que normalmente dormia em alerta. O rosto ainda estava pálido. O braço imobilizado, o tubo do sangue ainda preso a veia, e o monitor insistente, quebrava o silêncio da sala.

— Como ela está? — perguntou.

— Acordou, foi avaliada, mas dormiu sob efeito dos remédios — respondi.

Nora cruzou os braços, analisando a cena com atenção excessiva para alguém que raramente saía de casa.

— Você não saiu daqui desde que ela chegou?

Ignorei.

— Preciso que fique com Louise. Se ela acordar, diga que volto em breve.

— *Volto em breve* — ela repetiu, frisando as palavras. Com as sobrancelhas arqueadas. — Interessante escolha de palavras para alguém que não costuma prometer nada.

— Não estou prometendo. Estou avisando.

Ela se aproximou da cama, observando a bolsa pendurada, depois voltou a me encarar.

— Você está sentindo demais, primo.

— Não confunda atenção com sentimento.

— Claro. — Ela sorriu de lado. — E esse anel invisível no ar também não significa nada, imagino.

Não respondi.

— Ainda assim... — Nora se inclinou um pouco, a voz mais baixa. — Parabéns pelo casamento.

— Não fale do que não entende.

— Entendo o suficiente — rebateu. — Você nunca deixa alguém se aproximar de você desse jeito...

— Cuide dela — cortei.

Nora suspirou, rolando os olhos para cima.

— Não precisa se preocupar. Sei que já tem homens espalhados por esse hospital inteiro. Então, estaremos seguras.

Não corrigi.

Era verdade.

Saí do quarto sem olhar para trás.

A noite já tinha caído. O ar estava frio e limpo para o que eu levava cravado por dentro. O motor do carro já roncava quando me aproximei.

Ruslan me aguardava no banco do motorista, sorrindo. O desgraçado sempre sorria.

Meu executor era um maldito sanguinário. Matava sorrindo. Às vezes assobiava enquanto a carne cedia sob os golpes. Não por prazer. Prazer exigia emoção. Ruslan não tinha isso.

Para ele, violência era método. Era idioma. Era a única forma de comunicação que ele conhecia.

Entrei no carro e fechei a porta com força suficiente para selar o que vinha depois.

— Quanto tempo? — perguntei, sem rodeios.

— Vinte minutos até o local.

— Faça em dez.

Ruslan não perguntou como. Nem por quê. Apenas assentiu, os lábios ainda curvados naquele sorriso torto que não significava desafio nem coragem.

Significava lealdade.

O carro arrancou, rasgando a noite.

E eu só pararia quando o filho da puta entendesse, que morrer seria misericórdia, e implorasse por isso antes de continuar vivo nas minhas mãos.

A casa era velha, isolada, engolida por árvores e sombras. Madeira apodrecida. Janelas cegas. Antes mesmo de parar o carro, contei.

— Sete — murmurei.

— Sete — Ruslan confirmou. — Estão nervosos.

— Ótimo.

Descemos.

O primeiro morreu sem entender como chegamos ali.

Ruslan surgiu por trás dele como um erro do destino, a lâmina curta entrou pelo espaço exato entre o maxilar e o pescoço. Um golpe limpo. Preciso. O estalo molhado, abafado pela mão que Ruslan usou para segurar o corpo enquanto a vida escorria.

Eu já estava no segundo.

Aproximei rápido, fechei a distância, enfiei a faca abaixo das costelas e girei com força. O ar saiu dos pulmões dele em um sopro curto. Ouvi o osso ceder. Familiar. O corpo caiu pesado demais.

O terceiro tentou correr.

Erro clássico.

Alcancei-o em três passos. Enfiei a lâmina no estomago, cortando fundo. Ele caiu gritando. Não terminei. Ainda não.

O quarto e o quinto vieram juntos.

Ruslan sorriu mais largo.

Ele gostava quando vinham em dupla. Deixei para ele.

Um deles tentou atacar alto. Ruslan desviou, afundou a lâmina na barriga e puxou para cima, abrindo como se fosse carne de açougue. O outro mal teve tempo de reagir antes de eu cravar a faca na base do pescoço, torcendo até o corpo perder força.

O sexto pensou em abrir a boca para falar, mas atirei das facas nele. Bem no olho. Caiu, o corpo duro.

Antes que eu me virasse, senti o movimento atrás de mim.

O sétimo.

Tarde demais.

Peguei o braço dele, girei com força e ouvi o estalo seco do ombro saindo do lugar. Empurrei contra a parede. Ele caiu de joelhos, arfando, chorando sem saber quando tinha começado a chorar.

— Onde ele está?

— D-dentro... — gemeu.

Puxei a faca da cintura e enterrei no peito. Morto.

Entrei na casa.

O atirador, o maldito, tentou fugir pelos fundos. O corredor era estreito. Não havia espaço para erro. Ele virou com a arma em mãos.

Cheguei antes.

A lâmina entrou calculada, na lateral da perna, profunda, rasgando músculo sem piedade. Ele caiu gritando, como um animal encurralado.

Torci o cabo devagar, pressionando a carne até ver o sangue jorrar e ele estremecer.

— Ninguém derrama sangue dos meus — rosnei. — Agora você vai desejar o inferno em vez das minhas mãos.

O golpe veio forte. Direto na têmpora. Ele apagou.

Desci do carro pisando em cacos de vidro e cartuchos vazios.

O soldado que me traiu estava de joelhos no gramado da segunda casa, a de reuniões e armamento. As mãos amarradas atrás do corpo e a cabeça baixa para alguém que um dia seguiu minhas ordens.

Ao redor, meus homens. Primos. Soldados. Todos em silêncio.

O erro desse filho da puta precisava ser público.

Ele tremia. Não de frio. De saber exatamente quem ousou trair.

— Verme maldito — ralhei.

— Senhor, eu jur...

Não deixei terminar.

Saquei a arma das costas em um movimento limpo. O disparo soou seco. Curto. Definitivo. O corpo caiu para frente com o peso, morto, e o sangue se espalhou rápido pela grama verde.

Ergui o olhar.

Passei por cada rosto ali. Um a um, sem presa.

— Esse é o fim de quem ousa pensar em me trair. — *Não foi ameaça. Foi sentença.*

Voltei-me para meus primos.

— Já tem os nomes que pedi? — perguntei, com o olhar cravado em Erion.

— Ainda não. Se entrou no evento, usou nomes falsos.

— Então descubra. Não me interessa como.

Erion não questionou, não respirou fundo, apenas assentiu.

Naquele instante, Ruslan passou por nós com o atirador jogado no ombro, como um saco inútil de carne. Ninguém ao redor respirou fora do ritmo. Nem um músculo errado.

— Limpem essa bagunça — ordenei aos soldados.

Eles já se moviam quando segui para o galpão dos fundos.

A porta de metal rangeu quando empurrei. O cheiro veio primeiro. Suor velho, ferro, urina seca e medo acumulado.

Ruslan já prendia o maldito às correntes presas ao teto por ganchos grossos.

Xan ainda estava ali.

A mesa de metal permanecia a poucos metros da cadeira onde ele estava amarrado. As ferramentas alinhadas. Organizadas para um ambiente tão sujo. Ele estava desacordado, o corpo curvado para a frente, tornozelos presos, pulsos marcados. O rosto inchado, os lábios rachados, os olhos fundos para alguém que ainda acreditava em saída.

Tremeu inteiro quando percebeu Ruslan prendendo o outro.

Medo.

Só existia isso ali.

Peguei o alicate da mesa. O metal estava frio. Pesado. Passei os dedos lentamente pela superfície, sentindo o equilíbrio da ferramenta, como quem escolhe uma extensão do próprio corpo.

— Curioso — rosnei, aproximando-me. — Você chegar... e poucos dias depois, alguém achar que pode invadir a minha casa, mas coincidências não existem.

Ele balançou a cabeça, fraco, desesperado.

— Eu... eu juro que não sei de nada... — gaguejou.

Inclinei a cabeça de lado, avaliando.

— Sabe por que está aqui, Xan?

— Porque você é um maluco psicótico. — Ele cuspiu sangue no chão.

— Não. — Dei um passo à frente. — Porque, no momento em que você colocou a porra das mãos na minha mulher, eu soube que não era só uma provocação.

Inclinei-me até ficar à altura do rosto dele.

— Você já sabia exatamente quem ela era. Sabia que ela estava comigo e mesmo assim, a encostou.

— Você não devia ter me trazido aqui — tentou ameaçar. — Não sabe quem é a minha família.

Sorri.

Devagar.

— Eu sei exatamente quem é a sua família. — Cheguei ainda mais perto. — E todos eles vão lembrar quem eu sou.

Prendi a mão dele.

Firme.

Os olhos cravados nele.

Eu estava pronto para começar a divisão quando ele desabou:

— Eu não sabia, porra... não sabia quem ela era... Eu só estava lá e achei bonita...

Fechei o alicate. O metal mordeu as juntas dos dedos de uma vez. O estalo veio antes do grito: alto, seco, definitivo. O osso cedeu. O grito veio depois, cru, descontrolado, arrancado do fundo do peito.

Agora ele chorava. Não falava mais palavras.

Só sons.

Soltei a mão quebrada. Caminhei ao redor da cadeira, sem pressa. Larguei o alicate ali e apanhei o facão pesado, bem afiado.

— Louise sangrou. — Ergui a lâmina, deixando a luz correr pelo fio do metal. — E isso faz de você um erro.

Voltei a ficar diante dele.

— Quem mandou você?

Ele tentou resistir. Tentou.

Não conseguiu.

Espalmei a mão dele sobre a mesa, firmei o pulso, cerrei os dedos em torno do cabo frio e desci a lâmina na vertical, sem piedade.

Um a um, os dedos se soltaram e caíram no chão.

O urro que veio depois não foi só de dor.

Foi de desespero absoluto.

Nomes começaram a sair entre soluços, a voz quebrada, enquanto ele puxava o que restava da mão contra o corpo, em uma tentativa inútil de conter o sangue que escorria rápido, formando uma poça escura aos pés da cadeira.

Eu observei. Frio. Porque homens como ele, só aprendiam quando entendiam que tocar no que era meu tinha um preço, e ele ainda não tinha pagado tudo.

— Eu falo — berrou, desesperado.

Dei três passos para trás.

— Viu? É simples. A memória sempre volta rápido. Só precisa de incentivo.

— Me... me prometa que vai me soltar — implorou, engasgando no próprio choro. — Sei que você é um homem de palavra.

— Eu solto, mas primeiro me dê a porra do nome.

Ele puxou o ar com força, como se isso fosse segurar a vida dentro do corpo.

— Apolline... — conseguiu dizer entre soluços. — Ela falou comigo. Disse que eu tinha que provocar você. Criar uma distração... pra ela entrar sem que você percebesse.

Soltei o facão no chão. O baque seco ecoou pelo galpão.

Abaixei-me até ficar à altura dele.

— Sabe o que acontece com quem ousa me desafiar, Xan?

— Ela me obrigou, eu não tive escolha...

— Sua lealdade era com o clã. Não com uma maldita mulher.

— Me perdoa... — suplicou.

Endireitei o corpo.

— Solta ele, Ruslan. Agora— ordenei.

— Sim, senhor.

Ruslan não discutiu. Assentiu, já soltando as correntes dos tornozelos. Xan quis ficar em pé, o corpo cedeu, jogando-o de volta para a cadeira.

— Obrigado... senhor... eu juro...

Saquei a arma com calma. Travei o olhar nele enquanto destravava.

A cor sumiu do rosto inchado.

— Eu disse que soltaria — falei, aproximando-me, até tocar a testa dele... — E cumpri. Mas nunca disse nada sobre deixar você vivo.

Os olhos dele se arregalaram, molhados, vazios.

— Eu não tolero falhas. — Pressionei o cano. — Muito menos traição.

O tiro foi único. Curto. Final.

A cabeça foi lançada para trás. Carne e sangue respingaram no concreto. O corpo ainda tentou reagir por um segundo, um reflexo inútil, antes de despencar da cadeira com um baque pesado.

O silêncio que veio depois foi absoluto.

E merecido.

Virei as costas. Erion já estava ali, atento, esperando ordens que não precisavam ser detalhadas.

— Agora sabemos quem estava no evento — decretei, entre os dentes. — Descubra como ela entrou e qual a ligação com Xan.

Não acrescentei nada. Não precisei.

Capítulo 28

Oito dias...

Era quanto tempo tinha passado desde o tiro. Três dias desde que eu tinha recebido alta do hospital.

O ombro esquerdo latejava em um ritmo próprio, uma dor aguda, constante, que piorava quando eu respirava fundo demais.

Ainda havia pontos.

Os drenos já tinham sido retirados, mas a pele ao redor continuava ardendo, sensível ao menor toque. Uma faixa mantinha meu braço preso ao tronco, limitando cada gesto, cada tentativa automática de esquecer que eu tinha sido baleada.

Analgésicos em horários marcados. Mais do que eu gostava de tomar. Menos do que meu corpo permitia ignorar.

E havia Skënder.

A presença dele tinha mudado depois do tiro.

Ele era rude o tempo todo, não distante. Estava próximo, mais vigilante e controlador. Não tocava em mim sem necessidade, *por isso* e*ra pior.*

Estava sentada na cama, apoiada por travesseiros, tentando encontrar uma posição que não fizesse o ombro queimar, quando senti a mudança no ar antes mesmo de ouvi-lo. Skënder entrou no quarto sem anunciar, como sempre fazia.

Vi primeiro o reflexo no espelho.

Alto. Ombros tensos. A postura rígida de quem não relaxava nem quando deveria. Na mão dele, o celular. *O meu celular*. Preso entre os dedos como se fosse uma extensão do próprio corpo.

Meu estomago se contraiu devagar.

Não era medo.

Era alerta.

— Elise te ligou todos os dias — anunciou, sem rodeios.

A frase caiu direto no peito, seca, precisa.

— Por que não me deixou falar com ela?

Ele não respondeu de imediato. Caminhou até a janela, ficando de costas para mim, braços cruzados atrás do corpo, com calma, como se aquilo fosse mais simples.

— Você não podia se preocupar com nada. Precisava descansar.

— Não deveria ter feito isso — retruquei, a voz baixa, porém firme. — Você não conhece a Elise.

Ele virou o rosto na minha direção.

Calmo demais.

— Eu a respondi por você, dizendo que não estava podendo falar naquele momento e que assim que pudesse, retornaria.

Balancei a cabeça devagar. O movimento puxou o ombro na mesma hora, uma dor surda, insistente, lembrando que meu corpo tinha sido atravessado por uma bala.

— Ela não vai acreditar e a essa altura, já entendeu que alguma coisa aconteceu comigo. — Respirei fundo, sentindo o aperto se formar. — E, com sorte, não aparece aqui.

Estendi a mão livre. O gesto saiu lento, limitado pela tipoia que cruzava em meu ombro e pela dor. Skënder hesitou por um segundo, curto e quase imperceptível, antes de colocar o celular na minha palma.

Havia chamadas perdidas. Muitas. Mensagens não respondidas. Várias.

Liguei de volta.

Caixa postal.

Meu estomago afundou.

Quando tentei pela segunda vez, duas batidas firmes na porta ecoaram no quarto.

Meu corpo inteiro enrijeceu.

— *Senhor...* — a voz de Donika veio do outro lado, contida. Ela não entrou. — *Tem uma mulher dizendo que é prima da senhora Louise.*

Encarei Skënder.

— Eu avisei.

Ele não desviou o olhar de mim.

— Com quem ela veio? — perguntou alto o suficiente para Donika ouvir.

— *Apenas com o irmão, senhor.*

O silêncio que se seguiu foi denso. Pesado demais.

— Tudo bem — ele disse, por fim. — Deixe-os entrar.

Meu coração disparou.

— Skënder, por favor, não faça nada.

— Não se preocupe. Dei minha palavra de que nenhum deles morreria se me entregassem você. *Mas* se o seu primo entrar *na minha casa* e me desafiar... o acordo morre junto com ele.

Engoli em seco.

Eu conhecia meu primo. Inteligente para cometer erros gratuitos. E não fazia sentido algum ele ter vindo. Meu irmão não seria estúpido a ponto de mandá-lo para cá usando Elise como desculpa, tentando me arrancar daqui à força.

Os minutos que levou até eles baterem na porta pareceram uma eternidade, e eu nem sabia como se respirava direito. Skënder permaneceu ao pé da cama, próximo à janela. Imóvel. Atento a cada ruído da casa.

A porta se abriu e meu coração martelou descompasso no peito.

Eles estavam ali. Mordi os lábios para conter o tremor. Estava com saudades deles e nem acreditava que estavam de fato ali. Elise usava um vestido azul. O detalhe me atingiu de repente, puxando

uma lembrança da última conversa que tivemos antes de tudo ruir. Julien estava de preto. Como sempre.

Elise empalideceu no instante em que me viu. O olhar percorreu meu rosto. Desceu devagar até o braço preso à tipoia e ficou ali tempo demais, segundos que pareceram minutos, como se ela ainda não acreditasse no que estava diante dela.

Então ergueu o olhar até Skënder, e cravou como lâmina.

— O que esse desgraçado fez? — rosnou na nossa língua.

— Skënder sabe francês, prima — avisei, forçando um sorriso breve.

— Ótimo. — Ela não tirou os olhos dele. — É bom que entenda mesmo.

— Vou relevar a porra dessa língua — Skënder respondeu em francês, a voz baixa e afiada. — Apenas porque você é parente da Louise.

— Fala direito com a minha irmã, caralho — Julien rosnou. Com o punho já cerrado.

— Se quer voltar com ela respirando, a controle — Skënder devolveu.

O ar do quarto ficou pesado.

— Por favor, vocês dois — intervi.

Elise arfou, levando a mão à boca.

— Eu sabia. Eu sabia que alguma coisa tinha acontecido — ela resmungou.

Julien deu um passo à frente, os olhos ainda cravados em Skënder.

— O que você fez com ela? — rosnou.

— Julien... — repreendi, firme. — Não.

Ele me olhou sem entender.

— Skënder não fez nada — continuei. — Fomos atacados e eu quis estar ao lado dele, sabendo dos riscos. Se quer culpar em alguém, culpe a mim.

— Ah, por Deus, prima — Elise levou a mão ao rosto. — Você é louca?

— É o que você sempre me diz — tentei sorrir.

Ela não sorriu de volta.

Meu primo se aproximou da cama. Acompanhei cada passo com os olhos. Julien sempre estivera por perto. *Perto demais.* Crescemos cercados pelos mesmos silêncios, pelas mesmas verdades quebradas ao meio. Ele guardava segredos como todos da minha família, e eu precisava de respostas.

— Preciso saber de uma coisa, Julien — controlei a dureza na voz. — Mas quero que me diga a verdade.

Ele assentiu, quase imperceptível.

— Louis matou nosso pai? — A pergunta caiu no quarto como um disparo.

Elise abriu a boca, chocada, mas não conseguiu falar.

Skënder permaneceu imóvel. Não parecia surpreso. Era como se soubesse que, na primeira oportunidade, eu faria aquela pergunta.

Julien não respondeu de imediato.

Não precisou.

— Entendi — murmurei, sentindo algo se partir por dentro. — Não precisa responder.

— Seu pai fodeu com tudo, prima. — O tom de Julien veio duro. — Vendeu rotas, nomes, casas. Ou era ele, ou todos nós. Uma decisão precisava ser tomada.

— Eu não preciso saber o motivo — cuspi. — Não iam me contar mesmo, iam?

Elise tocou meu ombro, cautelosa.

— Prima...

— Eu odeio mentiras. Você sabe, Elise. — Cerrei o punho sem perceber. — Não me importo que a verdade doa. Mas mentir sobre meu pai... ele não tinha esse direito.

O silêncio se espalhou.

Olhei para Skënder.

— Pode deixar eu e Elise sozinhas?

Ele me observou por um segundo longo demais. Talvez tentando entender o motivo ou a intenção. Depois assentiu. Esperei até que eles saíssem e torci, em silêncio, para que não se matassem quando ficassem a sós.

Assim que os passos ficaram distantes, Elise sentou-se ao meu lado.

— Seu irmão está preocupado — pausou um segundo. — Furioso, na verdade. Ele quer te tirar daqui, de um jeito ou de outro.

— Diga a ele que estou bem. Eu disse que não era para se preocupar comigo. Não sou mais responsabilidade dele.

— Louise, não diga isso só porque está com raiva dele agora...

— Eu estou casada, prima — a cortei. — *Casada*.

Elise congelou.

Piscou alguns vezes, rápido demais.

— O quê? — soltou um riso nervoso. — Não. Como assim casada? Isso é brincadeira, né? Não tem graça, Louise.

Balancei a cabeça em negativa.

O sorriso morreu no rosto dela. Os olhos se arregalaram, procurando uma explicação que não existia.

— Eu me casei com Skënder.

— Ele te forçou?

— Não usaria essa palavra.

Ela se inclinou um pouco mais para frente, os olhos fixos nos meus.

— Então me conta como isso aconteceu. Ou como você deixou chegar a esse ponto. Porque eu, sinceramente, não acredito que alguém consiga te forçar a fazer qualquer coisa... — a voz dela baixou. — A menos que você... também quisesse.

Ela me conhecia bem para não perceber.

— No começo eu não queria. — Baixei o olhar para o meu dedo. Sem aliança. — Mas agora eu o quero. E é melhor assim. Ninguém mais precisa brigar, nem morrer. Somos todos família agora.

Elise ainda me encarava, incrédula.

— Você enlouqueceu.

— Eu sou a paz que ninguém quer admitir — respondi calma, até para mim mesma. — E assim vai ser. Para sempre.

Ela passou a mão pelos cabelos, nervosa, andando pelo quarto.

— Seu irmão vai surtar.

— Por isso você vai contar.

— Contar o quê? — ela disparou. — Que Louise Chevalier enlouqueceu de vez?

— É Vokrri agora.

Ela fechou os olhos por um instante.

— Você ainda vai me matar do coração, prima. — Puxou o ar com força. — O que exatamente você quer que eu diga? Porque eu não vejo nenhuma saída em que Louis não bata naquela porta.

— Diga que foi uma escolha. — Levantei o rosto, firme. — Se eu contar, ele vai achar que fui obrigada. Se você contar... Louis vai acreditar.

— E depois ele vem aqui e te leva de volta.

— Ele não vai vir — respondi, certa. — Porque vai entender que é melhor assim. E, se vier, vai ouvir de mim que eu não volto mais para aquela casa.

Elise me encarou por longos segundos. Avaliando. Tentando me reconhecer.

— Nada do que eu diga vai fazer você mudar de ideia, vai?

— Absolutamente nada.

Ela soltou o ar devagar.

— Tudo bem. — Fez uma careta. — Antes casada do que morta.

— Elise...

— Estou puta com você. — Cruzou os braços. — Como assim se casou sem a família, sem aliança, sem o *sim* no altar?

— Você é romântica. Eu não. Mas, para te deixar feliz, saiba que vamos nos casar de novo, e vocês virão.

— Para o casamento... ou pra guerra?

Rimos.

Mas a verdade era outra.

Eu não tinha sido salva, tinha sido escolhida.

E agora, eu também fazia uma escolhia.

Capitulo 29

Já estava no escritório, sentindo o peso do olhar de Julien cravado nas minhas costas enquanto eu servia dois copos de uísque.

Virei-me devagar, sem pressa, deixando o copo deslizar pela mesa de mogno até parar diante dele.

— Louis te mandou aqui? — fui direto.

Ele não tocou no copo. Primeiro, estudou, observou e analisou o ambiente. Tudo nos mínimos detalhes.

Eu já tinha lido a ficha dele.

Inteligente, cruel quando necessário, e extremamente leal. Um homem que reagia e pensava ao mesmo tempo, mas que nunca traía. Matar alguém assim seria fácil. Perda irreparável também. Homens desse tipo não se descartavam, se dobravam, ou se traziam para o lado certo.

— Louis não sabe que estamos aqui — respondeu, por fim. — Minha irmã surtou dizendo que tinha alguma coisa errada com Louise. Se eu não viesse, ela iria até ele.

Fez uma pausa curta.

— E digamos que meu primo não faria uma visita... *amistosa*.

— E por isso você trouxe uma arma? — Apontei com o queixo para a jaqueta dele.

— E você não deveria ter permitido que eu entrasse sem revista.

Bebi um gole lento antes.

— Você não vai atirar. — Larguei o copo na mesa do meu escritório. — Porque trouxe alguém importante para cometer um erro.

Ele estreitou o olhar.

— Você é esperto, Skënder.

— Por isso cheguei ao poder vivo.

Ele finalmente pegou o copo, girou o líquido âmbar, e bebeu.

— Agora me diga, Skënder, como minha prima acabou com um tiro?

— Louise contou. Você deveria confiar mais no seu sangue, em vez de esconder a verdade sobre ele. Mas, se quer confirmação... fomos atacados.

— Quero provas.

Não discuti. Não expliquei. Apenas apontei para a porta.

— Tenho algo para você, Julien. Me siga.

Saí do escritório sem esperar. Sabia que ele viria.

Atravessamos a propriedade em silêncio. O ar da noite estava frio, carregado de terra úmida e ferro. Passamos pelas árvores altas, pelos homens de guarda.

Julien observava tudo.

O galpão surgiu à frente. Concreto. Portas reforçadas. Nenhuma luz externa. Empurrei a porta.

O cheiro metálico veio forte, seguido pelo tintilar das correntes.

Acionei o interruptor.

Os estalos ecoaram na mesma sequência em que as luzes iam acendendo, uma a uma, revelando o maldito pendurado pelos pulsos, como um porco a ser abatido. Os pés mal tocavam o chão. O corpo coberto de hematomas em diferentes estágios. Alguns recentes, outros já escuros, quase roxos. O rosto inchado. Um olho completamente fechado. O outro nos encarava com um ódio fraco, cansado para fingir coragem.

— Aí está o filho da puta que atirou em Louise — falei, sem rodeios. — Está a dias aprendendo que o inferno começa quando eu encosto.

Julien observou em silêncio. Avaliou. Reconheceu o tipo de verme pendurado ali.

— Dias... — murmurou. — Você tem paciência, Skënder.

— Tenho método.

O homem cuspiu sangue no chão.

— Vocês vão todos pro inferno.

Julien sorriu.

Devagar.

Um sorriso que não prometia nada além de dor.

— Vá. Pergunte você mesmo. — Indiquei a parede de ferramentas com um gesto curto. — Divirta-se, Julien. Sei que você gosta, não gosta? Não o mate, é a única exigência. Porque eu só comecei com ele — acrescentei.

Julien não respondeu.

Apenas arregaçou as mangas.

Pegou um soco inglês e o primeiro golpe foi seco. Direto no abdômen já machucado. O corpo se contraiu, as correntes titilaram no teto, e o ar saiu em um arfar longo. O segundo veio logo depois. Terceiro. Quarto. Julien era impiedoso, mas era preciso. Sabia exatamente onde bater para não matar.

Eu observei em silêncio.

Um riso quebrado. Sujo. Ensanguentado.

— Vocês acham que isso muda alguma coisa? — a voz do maldito saiu falha. — Que minha morte vai salvar a vida de vocês?

Julien segurou o queixo dele com força suficiente para deslocar o maxilar.

— O que você sabe, maldito?

— Já falei tudo. — Cuspiu as palavras junto com sangue. — Sobre vocês. Sobre os franceses. Sobre as rotas. Sobre o filho da puta do seu tio.

Julien congelou por um segundo mínimo. Quase imperceptível. Então virou o rosto para mim.

— Eu sei tudo o que Isaque Chevalier fez — o infeliz continuou.

Julien voltou-se para ele lentamente.

— Então, foi mesmo você.

— Eu só apertei o gatilho. Ordens são ordens. E ela era o alvo.

Julien deu um passo para trás. Inspirou fundo. Controlado. Quando ergueu o olhar e encontrou o meu, havia algo diferente ali.

Mais frio.

Mais perigoso.

— A morte desse filho da puta precisa doer mais do que o tiro que ele deu na minha prima.

— Vai ser mil vezes pior.

O homem começou a se debater. As correntes tilintaram umas contra as outras, o ranger metálico se arrastou pelas paredes do galpão, ecoando por dentro. Tarde demais. O desespero só chegou quando a ficha finalmente caiu. Quando entendeu que não havia saída, nem negociação.

— Vocês não podem...

— Posso — cortei. — E vou.

Julien inclinou o rosto de lado, observando.

— Louise sabe quem foi o atirador? Ou que ele está aqui?

— Não — respondi sem hesitar.

— Vai saber?

— Não precisa.

Ele assentiu devagar. Entendeu. Concordou.

Aproximei-me do atirador até ficar frente a frente. O suor escorria pela testa dele, o único olho que ainda podia abrir, estava arregalado para fingir coragem.

— Eu vou fazer você sentir cada segundo de dor. Hoje. Amanhã. E depois. Até você esquecer quem é... e perder o controle

até do próprio corpo.

Ele não pediu que parasse. *E eu não ia.*

Arregacei as mangas até os cotovelos. O silêncio voltou a pesar, denso, absoluto. Peguei o lança-chamas, acionei o fogo sobre o ferro e esperei. Sem pressa. Até o metal começar a reagir, escurecer primeiro, depois ganhar vida própria, incandescente, vermelho vivo, vibrando de calor.

Ergui a barra. O cheiro de ferro queimado e medo impregnou o ar.

A noite estava longe de acabar.

Porque eu só estava começando.

Capítulo 30

— Eu trouxe isso pra você.

Franzi a testa quando Elise levou a mão ao busto do vestido. Tirou de lá um envelope e o colocou sobre o colchão ao meu lado.

Reconheci no mesmo instante.

— Por que trouxe isso? — perguntei, mais grossa do que pretendia.

— Porque eu queria saber o tamanho da sua raiva pelo seu irmão.

Fechei os olhos por um segundo. O suficiente para conter o que subia.

— Não quero saber o que tem aí. — Empurrei o envelope com dois dedos. — Queime.

Ela arqueou uma sobrancelha, avaliando.

— Bom... agora eu sei o tamanho da sua raiva.

— Louis não deveria ter mentido para mim. — Apertei os olhos. — Ele achou que eu não aguentaria? Que eu precisava ser poupada?

— Não sei. Eu também não sabia de nada. Fiquei tão surpresa quanto você. — Hesitou. — Talvez eles quisessem nos privar disso. Proteger.

— Não defenda ele... *eles* — cortei, firme. — Todos sabiam. Menos nós duas.

— Eu não estou defendendo. Só dizendo o que penso. — Ela ergueu as mãos, em rendição. — Você devia ler. Saber o que está escrito nessa carta. Talvez seja isso.

Ela empurrou o envelope de volta para mim.

Peguei.

Rasguei.

O papel se dividiu em dois, três, quatro, dezenas. Os pedaços caíam como neve suja na cama.

— Louise! O que você fez? — Elise exclamou, olhando os pedaços espalhados sobre o lençol.

— Eu disse que não queria saber.

— Você não pode culpá-lo pela morte do tio Isaque — insistiu. — Você sabe como ele era. Um monstro.

— Eu não o culpo pela morte, culpo pela mentira — corrigi, sem elevar o tom, ela assentiu devagar.

— Tem todo o direito.

— Agora chega de falar nisso. — Forcei um meio sorriso. — Vamos mudar de assunto. Estou feliz que você tenha vindo.

Elise pareceu aceitar a trégua. Começou a fazer perguntas, entrou no closet sem cerimônia, comentou sobre as roupas serem escuras e prometeu trazer alguns vestidos coloridos quando voltasse, mesmo sabendo que dificilmente eu os usaria. Por último, gargalhou quando contei que quase coloquei fogo na coleção de facas do Skënder.

— Sabe... — ela disse, ainda rindo. — Fico mais tranquila em ver que você está lidando com tudo isso melhor do que eu imaginei. Mas não sei se posso dizer o mesmo do Skënder. Acho que logo ele implora pro Louis te aceitar de volta.

— Eu jogaria um travesseiro em você agora se pudesse — resmunguei.

— Só digo isso porque te conheço muito bem — provocou. Depois inclinou a cabeça, o sorriso ficou mais curioso. — Mas e então... vocês já se deitaram juntos?

Assenti.

Sem entrar em detalhes.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas eu a interrompi.

— Aliás, você pode me alcançar um copo d’água e pegar uma pílula anticoncepcional pra mim antes que eles voltem? — pedi, tentando soar casual. — Tá na última gaveta do closet. No meio da última calcinha preta.

Ela congelou.

— Skënder não sabe que você está tomando?

— Não — respondi rápido. — Pedi para Donika não contar nada.

— Louise...

— Não faça essa cara.

— Quando você pediu pra ela? E confia que ela não vai te entregar?

— Não confiava — admiti. — Também era um teste. Pedi ontem após Skënder sair ao anoitecer. Ele saiu no mesmo horário três dias seguidos... e três dias nunca são coincidência.

— Você acha que ele está fazendo o quê?

— Não sei. E, sinceramente, prefiro não saber.

Elise se levantou.

— E se ele ficar bravo?

— O problema vai ser dele.

Ela me encarou por um longo segundo. Depois soltou o ar, vencida.

— Você sempre foi assim.

— Assim como?

— Perigosa. — O canto da boca dela se curvou de leve. — E consciente disso.

Ela foi até o closet e voltou com o comprimido. O copo d'água já estava sobre a mesa de cabeceira. Ela alcançou-me.

— Você está brincando com fogo, prima.

— Eu sei... — *não neguei.* — Mas agora eu escolho onde queimar.

Quase no mesmo instante, passos pesados ecoaram no corredor, nos deixando em alerta. Devolvi o copo a ela.

— Acha que se mataram? — perguntou, séria.

— Ainda estão podendo caminhar, então acho que não — respondi, entre risos.

Elise não riu. Cravou os olhos em mim, como se tentasse decidir se aquilo era ironia, negação, ou costume com a violência.

A porta se abriu.

Julien entrou primeiro.

Meus olhos foram direto para os nós dos dedos dele, vermelhos, inchados, a pele ainda tensa demais.

Depois, Skënder.

O maxilar rígido. A postura controlada. O olhar passou por mim rápido, como se confirmasse que eu ainda estava inteira, antes de se fixar em Elise.

— Não se preocupe. Seu primo está bem — Skënder se adiantou, como se lesse meus pensamentos.

Encarei meu primo.

— Julien? — P*recisava ouvir dele.*

Ele deu um meio sorriso que não enganava ninguém.

— Skënder estava apenas me mostrando a propriedade, prima.

Ergui uma sobrancelha.

Não acreditei em uma única palavra.

— A propriedade... certo? — Elise comentou, desconfiada.

— Foi o que eu disse, irmã. — Julien voltou-se para ela. — Precisamos ir pra casa.

— Já? — reclamou. — Não podemos ficar mais alguns dias? — Olhou para mim. — Eu posso ficar aqui e voltar para a França depois de você, irmão.

— Você sabe o que isso vai causar.

— Tudo bem. — Ela bufou, rendida. Aproximou-se da cama e me abraçou com cuidado. — Se cuida. E nunca deixe de ser essa maluca que me enlouquece junto.

Ri, sentindo o aperto aliviar no peito.

Ela se afastou com um sorriso genuíno, daqueles que aliviam o peito.

— Aviso a data do casamento — comentei, casualmente.

Julien arregalou os olhos.

— Vocês vão se casar?

— Já nos casamos — Skënder respondeu por mim.

Julien encarou Skënder por alguns segundos longos demais. Então, de forma inesperada, pousou a mão no ombro dele.

— Louise está em boas mãos.

Franzi o cenho.

Boas mãos?

Eu esperava, no mínimo, um soco. Não aquilo.

— Eu perdi alguma coisa aqui? — perguntei, surpresa.

— Ou nós, prima — Julien respondeu, com um sorriso de canto.

Eles se viraram para sair. Elise ainda olhou para trás uma última vez, com os olhos cheios de perguntas que ela escolheu não fazer.

A porta se fechou.

Fiquei sozinha com Skënder.

Ele ainda estava próximo da janela. Meu olhar foi direto para as mãos dele. Arroxeadas, marcadas e os nós dos dedos inchados.

— Em quem vocês estavam batendo? — arrisquei, quebrando o silêncio.

Ele não respondeu de imediato.

Tirou o paletó com um movimento deliberadamente calmo para alguém que tinha acabado de voltar com meu primo. Dobrou a peça com cuidado excessivo e a deixou sobre a cadeira, como se nada tivesse acontecido.

— Em um saco de pancadas.

— Um... vivo, por acaso?

Ele quase riu.

Eu vi. O canto da boca se moveu por um segundo rápido para virar sorriso.

— Eu treino a vida inteira, Skënder — continuei, a voz firme. — Sei muito bem que esses hematomas não vêm de um saco de pancadas.

Ele me encarou por alguns segundos, antes de virar as costas e caminhar. Ouvi a porta do banheiro. Água correndo. Passos. Quando retornou, as mãos ainda estavam úmidas e o cheiro discreto de sabonete veio junto.

Pegou a caixa de medicamentos sem perguntar. Abriu. Ouvi o estalo seco dos frascos se chocando. Separou o antibiótico, estendeu para mim. Depois a gaze. O soro.

— Vai trocar o curativo agora?

— Vou.

Ele se aproximou. Os dedos tocaram a fita com cuidado excessivo, quase fora de lugar para alguém como ele. Soltou devagar. Quando o curativo antigo saiu, o ar frio atingiu a pele exposta e meu corpo reagiu antes da vontade, um arrepio curto, involuntário.

Os pontos estavam ali. Alinhados. Vermelhos demais. A ferida limpa, mas viva. Pulsando.

Skënder não comentou.

Molhou a gaze no soro e passou sobre a pele com lentidão controlada. Observava meu rosto mais do que a ferida, atento a cada respiração mais curta, a cada músculo que tensionava sem pedir permissão.

— Não deveria ter deixado você sair daquela sala — murmurou.

— Eu quis sair e você não ia me manter lá. Deu sua palavra que não ia mais me trancar.

— No quarto — corrigiu, rápido. As mãos dele hesitaram por um segundo. — Foi o que eu disse.

— Skënder...

Ele não respondeu.

A gaze deslizou sobre a pele com cuidado preciso, firme o bastante para não falhar, suave o suficiente para não machucar. Secou, aplicou a pomada, prendeu o curativo com um gesto seguro, sem pressa, nem delicadeza demais.

— Pronto.

— Desde quando você faz isso? — perguntei.

— Desde que precisei cuidar de pessoas para as manter vivas sem médicos por perto.

— Isso não é cuidado — murmurei, observando-o. — É controle.

— Não confunda as coisas, Louise, eu cuido do que é meu. — *Não era ameaça, era constatação, e foi isso que mais me atingiu.*

Skënder organizou tudo em cima da mesa de cabeceira e quando percebi, ele estava desabotoando a camisa preta.

Um botão de cada vez. Devagar.

O tecido se abriu revelando os bíceps rígidos, marcados pela tensão recente. O peito largo se expandia a cada respiração controlada. O abdômen era duro, vincado, esculpido por disciplina e violência. Cada músculo parecia em alerta, pronto para agir.

Mordi o lábio antes mesmo de perceber.

Ele deu um passo à frente.

O ar ficou mais pesado. Desceu pela minha garganta com dificuldade, como se o espaço entre nós tivesse diminuído sem que

ninguém tocasse em nada.

E então, ele me ergueu sem aviso, ou esforço.

Passei o braço bom ao redor do pescoço dele. Seu corpo se ajustou ao meu com uma precisão que arrepiou dos ombros ao ventre.

Inspirei fundo, sentindo o cheiro de pele quente misturado a suor e ferro. Meu corpo reagiu antes que a mente alcançasse o que estava acontecendo. Um arrepio lento, perigoso, que não pedia permissão.

Skënder não disse nada. E talvez fosse isso que tornasse tudo tão intenso.

— Eu posso ir caminhando, sabia? — resmunguei. — O tiro foi no ombro, não nas pernas.

— Não importa. Sangrou igual.

Ele não diminuiu o passo.

Os músculos dos braços se contraíram de leve.

Skënder atravessou o quarto sem pressa. O ritmo era controlado, calculado, como se nada no mundo pudesse tirá-lo do eixo. Abriu a porta do banheiro com o pé, sem me soltar em nenhum momento, e o gesto simples fez meu estomago revirar.

— É sempre assim? — arrisquei.

— Só com o que importa.

Meu peito apertou.

Virei meu rosto devagar, sentindo o espaço entre nós diminuir centímetro por centímetro. A respiração dele tocou minha pele antes de qualquer contato. O ar estava quente ali.

Meu olhar desceu sem pedir permissão. Parou na linha da boca. Lábios firmes, cerrados em uma concentração silenciosa, como se ele estivesse segurando algo que não pretendia soltar fácil.

Ergui o olhar de novo.

E senti.

Os olhos dele estavam escuros, atentos demais. Não havia pressa ali. Nem desejo exibido. Era outra coisa. Presença que ocupava. Posse que não tocava, mas prendia.

Ele podia negar, mas algo estava mudando. Eu sentia. Em cada arrepio fora de hora que me percorria inteira e intensamente toda vez que ele se aproximava demais.

— Então, agora admite que eu sou importante?

O silêncio que veio depois respondeu mais do que qualquer palavra.

O vapor leve da água quente subia da banheira, preenchendo o banheiro e aquecendo o ambiente. Skënder me colocou sentada com cuidado na borda, mantendo meu braço imobilizado junto ao corpo, como se cada movimento fosse calculado para não me ferir.

Começou a me despir.

— Fica parada.

— Mais parada do que já estou, só se me amarrar aqui.

— Ideia tentadora, *Diabinha*.

Quis rir, mas me contive.

Observei as veias do braço dele se destacarem quando molhou o lenço e o torceu com força. Afastou meus cabelos e começou pelo pescoço. O pano morno deslizou pela pele devagar, atento, arrancando um suspiro que escapou sem pedir licença.

Desceu até o ombro. Apenas o direito. Sem pressa. Sem excesso. Cada toque parecia menos sobre limpar e mais sobre ficar.

Naquele silêncio aquecido pelo vapor, eu entendi que ele não dizia que eu importava. Ele agia como se eu fosse impossível de ignorar.

Umedeci os lábios. Ele percebeu.

— Sabe que o que está fazendo é tortura, né?

— Acredite, eu sei. — A voz dele saiu rouca. — Mas sei te respeitar. Seus movimentos estão limitados, Louise. Você passou por

uma cirurgia. Os pontos ainda são recentes.

— Você fala como se soubesse exatamente o que está dizendo.

— Eu sei — afirmou.

Quando terminou de lavar a parte superior do meu corpo, Skënder me estendeu a mão. Apoiei nela para ficar de pé, e o gesto seguinte foi direto para ser delicado: ele deslizou minha calcinha para baixo e a afastou sem cerimônia.

Entrei na banheira e fechei os olhos no instante em que ele começou a me lavar. As mãos grandes e calejadas dele não eram gentis. Eram firmes. Dominantes. Cruéis, de tão certeiras. Ensaboavam minha pele, torturando cada fibra do meu corpo já sensível demais. Não doía, torturava de outro jeito.

Mordi o lábio.

— Skënder... — Foi quase um gemido.

— Caralho, Louise... eu estou me controlando. E você geme a porra do meu nome assim?

— Que graça teria se só eu fosse torturada?

Ele balançou a cabeça, como quem perdia uma batalha interna. Aproximou-se, e senti o rosto dele perto demais. A barba roçou meu pescoço, áspera contra a pele quente, e eu prendi a respiração no mesmo instante em que algo dentro de mim pulsou forte para ser ignorado.

— Você vai aprender o que é tortura — sussurrou — quando estiver melhor.

— Mal posso esperar.

Virei o rosto. Meus lábios ficaram a um sopro dos dele, perto o suficiente para sentir a respiração quente tocar minha boca antes de qualquer contato.

O ar sumiu dos meus pulmões.

Ele não se afastou.

O espaço entre nós deixou de existir.

O beijo veio forte. Urgente. A boca dele tomou a minha como se fosse a única coisa real naquele momento, como se toda a raiva, o medo e a dor, tivessem sido esmagados sob aquele beijo.

E, por um instante absurdo, funcionou.

O peito se abriu, o estomago afundou, as pernas perderam a firmeza dentro da água quente. O beijo era quente, profundo. As mãos dele se firmaram em mim, dominando.

Nada existia além da boca dele, da pressão certa, do ritmo que fazia meu corpo esquecer tudo o que tinha acontecido até ali. A raiva que eu sentia evaporou como vapor contra o azulejo quente, e aquele choque intenso, quase brutal, me atravessou inteira.

Eu correspondi.

Sem pensar, sem medir, mas então meu corpo me traiu. Ao me inclinar mais para ele, o braço esquerdo se moveu além do que devia. Um puxão seco atravessou o ombro, direto na ferida ainda viva.

— Ah... — resmunguei, a dor me rasgou por um instante.

Skënder se afastou no mesmo segundo.

O beijo se rompeu e as mãos dele recuaram imediatamente, os olhos escureceram, não de desejo agora, mas de alerta.

— Vou buscar a toalha... — a voz dele saiu rouca, como se estivesse puxando o controle de volta para o lugar certo.

Ele se afastou por um instante e voltou com a toalha dobrada no antebraço. Levantei-me devagar. A água escorreu pelo meu corpo em caminhos irregulares, pingando na superfície da banheira e quebrando o silêncio em ruídos baixos, íntimos, entre nós.

Vi o maxilar dele se fechar no mesmo instante em que o olhar demorou um segundo a mais do que devia, percorrendo meu corpo com precisão contida, antes de me envolver na toalha com cuidado. Ajustou o tecido, firme, preciso. Em seguida, me ergueu de novo no colo, como se aquele gesto fosse a coisa mais natural do mundo.

Na cama, a camisola branca de seda já estava separada. Ele me ajudou a vestir, guiando o tecido pelos meus ombros com cuidado. Arrumou os travesseiros, um a um, até meu corpo encontrar o ponto exato de conforto.

Quando percebi que ele ia se afastar, não pensei.

— Fica.

A palavra saiu baixa, mas inteira.

Skënder não perguntou por quê. Apenas sentou na beirada da cama, apoiando as costas na cabeceira. Eu me movi por instinto, encostando a testa no peito largo dele. A pele era quente, firme, uma parede de músculos e tensão. O coração batia firme, regular, irritantemente calmo para alguém que vivia sempre no limite.

Ele não me afastou. Não me apertou.

Ficou.

E o silêncio que se formou ali não pesava.

Era estranho.

Quase bom.

Fechei os olhos e, sem saber exatamente por que, a última conversa antes de eu parar no hospital, uma das primeiras em que realmente tínhamos falado de verdade, voltou inteira à minha mente.

— Você a amava? — soltei, sem pensar.

— Amor é uma fraqueza.

— Mas a amava? — insisti, mais curiosa do que acusatória.

Demorou. Tempo suficiente para eu achar que ele não responderia.

— Isso foi há quinze anos — falou, frio. — Eu era novo. Como vou saber?

Sorri de leve, com o rosto ainda escondido no peito dele.

— Dizem que o primeiro amor a gente nunca esquece. Não importa o tempo... nem com quem estamos.

O ar mudou e o corpo dele tensionou.

— Você já amou? — Skënder devolveu.

Um frio percorreu minha barriga. Não era medo. Era algo mais fundo, mais silencioso, como se aquela pergunta tivesse encontrado um lugar em mim que eu nunca tinha tocado antes.

— Não sei... — respondi devagar. — Acho que não.

As palavras saíram, mas ficaram suspensas entre nós.

Engoli em seco.

— Passei vinte e dois anos sendo irmã do Don. E agora, vou passar o restante como esposa de outro... que diz que não ama. — *Meu peito apertou. Não doeu como o ombro. Doeu de outro jeito*. — Talvez eu nunca saiba o que é amar uma pessoa.

Pausa.

— Talvez eu nunca sinta falta de alguém assim ou precise dela.

O silêncio se estendeu.

A respiração dele batia quente contra meu cabelo. Senti o leve deslocamento quando a mão dele encontrou meu braço bom. Devagar. Sem pressa. Um gesto simples e, exatamente por isso, perigoso demais.

— Amar não é sentir falta. Não é precisar — ele disse, depois de um tempo.

Levantei um pouco o rosto para encará-lo. Os olhos dele estavam escuros, atentos, como se escolhesse cada palavra antes de deixá-la existir.

— Então o que é?

Ele inclinou a cabeça de leve. Os olhos se prenderam aos meus com uma intensidade quase física. Seria estúpido dizer que não aconteceu nada. Senti o impacto no peito antes de entender, e precisei puxar o ar fundo, como se aquele olhar tivesse roubado parte do meu fôlego.

— É escolher ficar... quando tudo em você foi treinado para ir embora. É saber que alguém tem poder suficiente para te destruir... e ainda assim, escolher mantê-la viva. Intocável. É carregar o peso sozinho. A culpa. A sujeira. O sangue. Tudo. Para que ela não precise carregar nada disso.

A mão dele se fechou no meu braço. Não doeu. Mas não era um toque gentil. Era posse. Confirmação.

— Amar é aceitar ter um ponto fraco... — a voz dele desceu ainda mais perigosa. — E não o matar. Decidir protegê-lo. Mesmo que isso o transforme em algo pior do que já é.

O coração disparou quando ergui o rosto de vez.

— Isso não soa como fraqueza.

— Para homens como eu, é a pior de todas.

Meu peito apertou.

Porque, sem dizer meu nome, sem prometer nada, ele tinha acabado de dizer exatamente o que sentia por mim.

Meu coração acelerou. Não porque era bonito, mas porque soava verdadeiro demais.

— Parece... — comecei.

— Perigoso — ele completou. — E é.

As pálpebras foram pesando.

O cansaço voltou, inevitável. A dor estava ali, mas mais distante agora, abafada pelo calor do corpo dele e pelo seu coração batendo sob minha orelha.

— Você diz que não ama — murmurei, já meio longe. — Mas fala como quem já sentiu ou sente.

— Eu sei reconhecer quando começa.

— E começou? — perguntei, a voz quase inexistente.

Em de me responder, ajustou uma coberta fina sobre mim, puxando-a até meus ombros com cuidado excessivo para alguém que dizia não amar.

— Dorme, Louise.

— Você vai sair de novo?

— Vou ficar com você.

Sorri. Foi automático.

Um reflexo simples do peso que aquelas quatro palavras tiveram em mim.

O sono me puxou com mais força.

A última coisa que senti, foi a mão dele repousando no meu cabelo, pesada, protetora. E então, inesperado, quase suave para ser real, o toque quente dos lábios dele no topo da minha cabeça.

Não foi urgente.

Foi curto, contido, possessivo, como se ele estivesse atravessando uma linha que jurava não existir.

Antes de apagar de vez, pensei que talvez amar não fosse uma fraqueza. Talvez fosse apenas o ponto exato onde até os monstros, perdiam o rumo.

Capítulo 31

A noite foi um inferno para passar.

Aquele beijo na testa não foi planejado. *Foi um erro.* Ou o começo de algo pior.

Quando o céu começou a clarear, deixei o quarto em silêncio. Precisava de distância. De algo que não respirasse, não perguntasse, não me olhasse como se estivesse desmontando minhas certezas uma por uma.

Segui até a sala de facas.

Quatro novas peças repousavam sobre o pano preto. Lâminas equilibradas, frias e limpas para quem tinha visto sangue dias antes. Peguei a primeira. Pesei na mão. Senti o centro de gravidade. Observei o fio.

Cada faca ali tinha uma história e nenhuma era bonita.

Fixei uma a uma na parede. Ajustei o ângulo. O espaço. A distância exata entre elas.

Quando estava colocando a última, ouvi os passos. *Louise.* Sabia que era ela antes mesmo de virar.

Ela estava encostada no batente da porta.

O roupão escuro pendia torto nos ombros, cobrindo um pouco da camisola. O braço imobilizado junto ao corpo, o rosto pálido para alguém que insistia em dizer que estava bem. O cabelo caía solto, indisciplinado, como se ela tivesse desistido de domá-lo.

Ainda assim, infernalmente linda. Caralho.

Mas não foi isso que me atingiu.

Foi o jeito como ela me olhava.

Não havia medo ali. Nem recuo.

Era curiosidade.

E isso fodia com todo o controle que eu levei uma vida inteira para construir.

— O que faz fora da cama? — Tentei distrair a mente.

— Não aguento mais ficar no quarto. Estou bem já.

— Isso não é você quem decide.

Ela ignorou.

O olhar dela percorreu em cada lâmina na parede.

— O que são todas essas facas?

— Não vai querer saber.

— Não perguntaria se não quisesse.

Não, ela não queria saber. Nem devia.

— Guardo as facas com que mato as pessoas. — *Direto. Cru. Sem rodeios.*

Ela piscou uma vez, *só uma,* e não recuou. Foi aí que eu soube que ela não estava curiosa sobre as facas, estava curiosa sobre mim. E isso era fodidamente muito mais perigoso.

— E você já matou tudo isso de pessoas?

— Eu disse que não ia querer saber.

— Tem quantas?

— Duzentas e vinte e três. Todas pelas minhas mãos.

Vi o movimento lento da garganta dela ao engolir em seco.

— Isso com as novas de hoje? — perguntou, a voz estranhamente firme.

— Sem elas.

— E de quem são?

— Não importa.

Ela deu um passo à frente. Pequeno. Calculado.

— Não me esconda as coisas. — O pedido não era suave.

— Essas facas marcaram o fim dos homens que seguiam ordens da pessoa que atirou em você, Louise.

O silêncio se espatifou entre nós.

— Eles escolheram um lado e pagaram por isso — finalizei.

O impacto foi imediato.

Louise apertou os olhos por um instante, depois desviou o olhar para minhas mãos, como se tentasse enxergar nelas o que eu não dizia.

— Você disse que as facas foram dos homens que protegiam o atirador. — *A voz dela era calculada*. — Mas não nomeou nenhuma como sendo dele... Então era nele que vocês estavam batendo ontem, não era?

— Gosto de mulheres inteligentes.

— Me deixe vê-lo.

— Não — decretei.

— Por favor.

A palavra saiu diferente. Não fraca, nem implorando, mas controlada, e foi isso que me fez cerrar o maxilar.

— Minha resposta ainda é não.

— Se não me deixar ver, vai se arrepender depois.

Me aproximei até ficarmos perto demais. Ela não recuou.

Louise não tinha medo de mim, isso era mais perigoso do que qualquer faca pendurada naquela parede.

— Não me desafie — rosnei. — Porque você pode acordar um dia acorrentada naquela cama, Louise.

— E eu já disse o que vai acontecer se me prender naquele quarto.

O ar ficou denso. Perigoso.

Segurei o queixo dela com cuidado suficiente para não machucar, firme o bastante para não permitir dúvida.

— Vamos tomar café.

Ela piscou, surpresa com a mudança brusca.

Depois sorriu.

Um sorriso pequeno. Provocador.

— Claro, *burri im*[11].

— Você está aprendendo a minha língua?

— Alguma coisa eu tinha que fazer para passar o tempo naquela cama — respondeu. — Já que você não estava lá para ser minha distração.

Soltei o que poderia ter sido um riso se eu ainda soubesse rir direito.

A conduzi até a sala de jantar e a servi. Observei um instante enquanto ela comida, devagar, usando apenas um dos braços.

— Escolha a data do casamento. — Fui direto.

Os olhos verdes dela se ergueram imediatamente para mim.

— Como é?

— Você me disse que nunca fez nada além de treinar. — Apoiei os cotovelos na mesa. — Então agora, estou te dando o direito de escolher quando vamos nos casar diante de todos.

Por um segundo inteiro, ela ficou imóvel.

— Mas... — começou. — E o que os outros vão dizer? Eu sei o que um casamento significa dentro da máfia.

— Eu quero que os outros se fodam, Louise. Ninguém diz o que eu devo ou não fazer.

Ela me encarou como se estivesse medindo o peso daquilo.

Então sorriu.

Um sorriso pequeno. Perigoso. Daqueles que fodiam com minha cabeça.

— Ok... tá bom. Obrigada.

— Não precisa agradecer. Só me avise quando decidir.

— Ou eu aviso minutos antes, como fez comigo — provocou.

— Louise... — *Os dentes rangeram.* — Não faça eu me arrepender.

Porque, no meu mundo, casamento não se sustentava no altar. Se sustentava no medo.

Deixar em aberto era declarar guerra.

E eu estava fodidamente pronto, esperando por ela.

Capitulo 32

Girava o líquido âmbar no fundo do copo, observando o inchaço nos nós dos meus dedos das noites anteriores. Lá fora, o dia se despedia em silêncio. A guerra, não.

Meus primos entraram. Erion trazia um envelope pardo entre os dedos. Cezar, com o corpo relaxado para quem só esperava o sinal para agir, já arrastava uma cadeira para se sentar.

Erion largou o documento na mesa, com o semblante mais fechado do que antes.

— Descobri o que nosso tio estava fazendo na França — Apontou para o envelope. — Amir já desconfiava que estavam se movimentando pelas sombras, costurando algo grande. Ele descobriu que Apolline já estava infiltrada dentro do clã.

O maxilar travou.

— E por que diabos ele foi sozinho? — murmurei.

— Não oficialmente — respondeu. — Mas ninguém sabia exatamente com quem ele estava falando. Descobri um nome... — hesitou um segundo.

— Paul Montval. Esse é o nome que apareceu. Usado em duas frentes diferentes, com intermediários distintos. Sempre limpo. Sempre fora do alcance direto.

— E quem diabos é esse homem? — Cezar questionou.

— Não é um homem. Não existe Montval. E se embaralhar as letras, forma...

— Valmont — sussurrei. — O maldito sobrenome da Apolline. E Paul é comum demais para chamar atenção.

O ar ficou mais pesado.

— Minha opinião — Erion continuou, firme. — É que essa maldita percebeu que nosso tio estava na cola dela, e então armou a morte dele. Jogou a informação certa no ouvido certo, para que os Chevalier puxassem o gatilho.

O nome se encaixou na minha cabeça como uma lâmina bem afiada.

Cezar balançou a cabeça.

— Os Chevalier não atiram sem motivo.

— Atiram quando acreditam que o alvo não tem nome nem peso — Erion rebateu.

— E por que ela jogaria Amir justamente para eles? — Cezar insistiu.

Inclinei-me para frente, apoiando as mãos na mesa.

— Porque tudo começa com Isaque — respondi, a voz baixa. — E o desgraçado era um Chevalier.

O nome caiu como pedra.

— Vingança — completei. — Pura e calculada.

Erion assentiu.

— Apolline conhece você, primo. Sabia exatamente como reagiria. Sabia que a morte de um dos nossos, nos levaria direto até eles. O que ela não contava, era que você não os mataria. Que traria Louise pra cá.

Cezar soltou um assobio baixo.

— Isso muda tudo agora.

— Muda — confirmei. — Porque Louise é filha de Isaque, a vingança perfeita para ela. E eu, em vez de encerrar o ciclo, abri outro.

Encostei-me na cadeira, com o olhar duro.

Ninguém contestou.

Porque todos ali sabiam, Apolline tinha iniciado uma guerra por vingança. E no meu mundo, quem começava por ódio, sangrava até esquecer o porquê.

Pensei cada maldita consequência antes de soltar a decisão.

— Por isso, o casamento será adiado até pegarmos Apolline.

— Adiar pode parecer fraqueza — Erion ponderou. — O clã vai notar.

— Mato qualquer um que abrir a porra da boca pra questionar.

Cezar soltou um meio sorriso torto, girando o copo entre os dedos.

— Você sempre foi direto. — Inclinou levemente a cabeça. — Interessante ver onde decidiu traçar a linha agora.

Ignorei.

— Já sabemos que ela quer Louise. — Apoiei os cotovelos na mesa. — Mas não sabemos quem é o maldito que a esconde.

— Eu puxei as câmeras enquanto Louise e Nora estavam lá dentro — Erion comentou. — Nenhuma mulher entrou no banheiro. E eu reconheceria se fosse Apolline. Mas o interessante, é que duas câmaras estavam desligadas.

Travei o maxilar.

Cezar se inclinou para frente.

— Vou fazer uma visita para o vigia — garantiu, sem perder a oportunidade.

— Faça isso, Cezar. E você, Erion, descubra onde Apolline está se escondendo e quem está ajudando aquela maldita.

— Já estou cruzando rotas. Pousadas, hotéis pequenos. Ela não ficaria em lugar grande.

— Nem sozinha — acrescentei.

Apolline nunca agia sem uma rede.

Cezar bateu a ponta dos dedos na mesa, pensativo.

— Sabemos que ela está atrás da sua esposa. É arriscado, mas... — ponderou, erguendo o olhar para mim. —Podemos atrair ela para um evento.

— Porra nenhuma — rosnei.

A cadeira rangeu quando me inclinei para frente.

— Louise mal saiu do hospital.

Cezar ergueu as mãos em rendição.

— Foi só uma ideia.

— Ideia de merda.

Levantei-me, caminhando até a janela. Do lado de fora, o pátio estava em vigilância total. Homens armados. Disciplina absoluta. Mesmo assim, eu sentia.

A porra de uma guerra maior chegando.

— Ela quer provocar um erro. Me tirar do eixo.

— E está conseguindo? — Cezar perguntou.

Virei o rosto devagar.

— Não.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Porque parece que você está escolhendo com mais cuidado agora.

— Estou escolhendo matar na hora certa.

Cezar soltou uma risada baixa.

— Olha só... — disse. — O coração está ficando mole, primo. É bom que ninguém do clã veja isso.

Ignorei. Cezar nunca soube quando calar a porra da boca.

— Você sempre protegeu o que é seu — continuou. — Território. Nome. Família. Só estou dizendo que agora tem um rosto real.

— Isso não me torna fraco, me torna mais perigoso.

Voltei para a mesa e peguei o copo, girando-o entre os dedos antes de virar a bebida em um único gole.

A imagem da Louise, pálida no hospital, cruzou a porra da minha mente. E a ideia de mais alguma coisa acontecer com ela, me deixava fora de mim.

— O casamento só vai acontecer quando capturarmos a maldita. — Encarei os dois, sem piscar. — Até lá, esse assunto não sai desta sala.

— E Louise? — Erion perguntou.

— Ela será tratada como o que de fato já é, a esposa do *Don*. Com a mesma proteção. A mesma prioridade. E aquele que ir contra, morrerá pelas minhas mãos.

Capítulo 33

Um mês se arrastou como um inferno que não dava trégua.

O ombro de Louise ainda a traía em pequenos momentos, uma careta quando girava o corpo, o fôlego preso quando a dor apertava do nada, mas ela escondia como se eu não percebesse.

Eu percebia tudo.

E a cada dia em que ela sentia dor, eu contava como mais um dia acrescentado à sentença daquele filho da puta que puxou o gatilho.

O galpão me recebeu com o mesmo silêncio bruto de sempre. Homens atentos ao perímetro. Armas visíveis. Disciplina absoluta. Nada fora do lugar.

Quase nada.

O atirador ergueu o rosto quando ouviu meus passos. Agora estava amarrado à cadeira por correntes grossas de ferro. Os olhos semicerrados queimavam em ódio. O rosto inchando, nariz sangrando. A pele marcada por semanas de resistência inútil.

Quando me viu, sorriu.

Dentes sujos de sangue.

— Você acha que me manter aqui vai mudar alguma coisa? — rosnou ao me ver. — Não, ela não vai parar. Não até que você e tudo o que você diz ser seu... estejam mortos.

Cuspi no chão.

— Não tenho medo de ameaças. Eu sentencio.

O sorriso dele falhou por meio segundo, *só meio*, mas falhou.

Virei o rosto até Ruslan.

— Traga-o.

Ele assentiu, já caminhando até ele. Soltou as correntes e agarrou seu corpo como se não pesasse nada, jogou-a sobre os ombros e saiu do galpão, seguindo-me.

O caminho até o cercado de reserva cortava a propriedade por trás, onde as árvores eram mais densas e a segurança mais discreta.

O cercado não era para exibição. E o animal lá dentro não era de *estimação.* Era parte do meu território, e da minha punição.

Quando chegamos, o lobo não estava visível, mas eu senti.

A mudança no ar sempre vinha antes.

Ruslan parou diante do portão de metal.

— Jogue ao meu lobo — ordenei.

O homem mal ficava em pé. E quando a realidade finalmente o alcançou, o ódio nos olhos dele cedeu espaço ao medo.

— Seu maldito! — rosnou, entre dentes.

Dei um passo à frente. *Apenas um.* O suficiente para que ele ouvisse cada palavra, como se eu falasse direto dentro do crânio dele.

— Você sabia desde o início que eu não sou homem que se deve desafiar. E essa é sua sentença.

O pânico explodiu no rosto dele, o queixo tremeu e a arrogância morreu ali.

— Não... — suplicou. — Não. Isso... isso não.

Mais um minuto daquele desespero e ele teria se desfeito por inteiro.

Passos apressados cortaram o ar atrás de nós, e eu soube de quem era antes mesmo de virar.

— O que você vai fazer? Não...

A voz de Louise veio desesperada.

Virei o rosto o suficiente para vê-la parar ao meu lado. Estava pálida. O corpo rígido. Os olhos presos em mim.

— Agora, Ruslan — ordenei, sem sequer olhar para Louise.

— Skënder, por favor. Isso não é necessário.

Soltei uma risada curta, sem humor algum, a encarando.

— Me pedia para que eu a levasse até o atirador. — O indiquei com o queixo. — Aí está... Esse desgraçado foi quem puxou o gatilho

contra você.

O corpo de Louise endureceu no mesmo instante.

— Foi ele...

— E não vai parar — continuei, a voz baixa, carregada de fúria. — Não por ordem dela. Ela quer que eu sinta a mesma dor.

Louise respirou com cuidado, como se cada fôlego custasse.

— Ela? — sussurrou. — Ela quem?

— A mãe da minha ex-noiva.

O silêncio que caiu foi quase físico.

Louise voltou o olhar para o infeliz.

— É verdade? — perguntou.

— Apolline avisou que era pra você fugir — ele respondeu. Sorriu.

Louise deu um passo para trás, como se não conseguisse mais dividir o mesmo ar. Naquele instante, eu sabia, algo tinha se quebrado dentro dela.

— Louise, vá pra casa — avisei, atraindo sua atenção para mim. — Você não vai querer ver o que acontece aqui.

— Você não pode jogar uma pessoa para um lobo.

— Posso.

O filho da puta começou a resmungar.

— Por favor... eu imploro...

— Jogue. Agora, Ruslan.

Louise murmurou algo ao meu lado. Um protesto fraco. Impotente.

O metal do portão do cercado rangeu quando foi aberto. E, em um último espasmo de sobrevivência, o desgraçado cravou em mim um olhar carregado de ódio.

— Você vai pagar caro, Skënder.

Sorri. Amargo.

— Fuja — sentenciei, devolvendo a ele a mesma palavra que Apolline deve ter oferecido a Louise.

— Seu maldito...

— Corra — rosnei.

Ele se moveu, dando dois passos rápidos. Instintivos. O corpo reagiu antes da mente, como se a fuga ainda fosse uma opção real. *Não era.*

Saquei a arma das minhas costas em um único movimento. Mirei e atirei sem piedade.

O disparo seco quebrou o ar.

O corpo foi arremessado para frente com a violência do impacto. A bala atingiu o ombro esquerdo, o mesmo ponto onde o maldito havia ferido Louise.

Não era para matar. Era escolha.

O grito rasgou o espaço como algo sendo arrancado vivo. A mão voou para o ferimento, pressionando em desespero, como se ainda houvesse tempo de conter o sangue.

— Por que fez isso? — Louise disparou, incrédula.

Ele avançava em desequilíbrio, arrastando as pernas, tentando correr. Semanas sob as minhas mãos tinham cobrado o preço.

— Um detalhe sobre lobos — falei baixo, sem pressa. — Eles não atacam qualquer coisa que se mexe. Eles avaliam. Observam. Esperam o erro.

Louise engoliu em seco.

— Eles sentem o cheiro de sangue fresco a centenas de metros. Mas quando esse cheiro vem de dentro do território — continuei... — Não é só cheiro. É sinal. É invasão. É ameaça confirmada.

Louise estremeceu.

— Não...

— Um lobo só ataca quando tem certeza de duas coisas — acrescentei. — Que a presa está vulnerável, e que não há risco para ele.

Louise me encarou, entendendo rápido.

— Então você o torturou todo esse tempo... — murmurou, quase só para ela mesma. — Até ele ser incapaz de conseguir fugir. O tiro agora... — a frase se desfez antes de terminar.

Ela ergueu o olhar devagar, firme e assustada.

— Tudo isso foi cálculo?

— Não chame de cálculo. — Sustentei o olhar dela. — Chame de sentença. Aquele desgraçado feriu você. E qualquer um que ouse tocar em um fio do seu cabelo, vai ganhar o mesmo destino. Só que mais lento.

Louise piscou uma, duas vezes.

A mata se mexeu.

O vento mudou, trazendo agora o cheiro de terra molhada. *Ele estava ali.*

Os estalos dos galhos das arvores vieram primeiro. Depois, o lobo surgiu como uma sombra viva. Grande, negro, a cicatriz no olho. Ele não atacou de imediato. Avançou com o corpo baixo, orelhas tensas, com a paciência de quem sabia que nada escapava antes do rosnado rasgar o ar.

O atirador tentou correr. Mais se arrastou do que fugiu. O medo era evidente.

Falhou miseravelmente.

O lobo não disparou. Não correu. Caçou.

O corpo negro cortou o espaço em um ataque único, violento, preciso. O maldito atirador mal teve tempo de gritar antes de ser atingido. O impacto o lançou contra o chão, com força suficiente para arrancar o ar dos pulmões.

As presas cravaram primeiro no braço ferido. O instinto escolheu carne já aberta, dilacerando o que restava, arrancando um grito que se perdeu na reserva.

Antes que ele pudesse reagir, a mandíbula subiu. O pescoço foi preso na jugular. Firme. Letal. O lobo não sacudia. Não precisava. Mantinha a pressão exata, paciente, sentindo o pulso enfraquecer sob os dentes. Dominava.

Era assim que a morte aprendia a obedecer no meu território.

O lobo arrastou o filho da puta para dentro da mata.

Louise virou o rosto com violência, como se o corpo tentasse expulsar a cena de dentro dela. Puxei-a contra meu peito, firme. Ela se debateu. Me acertou com o punho fechado, uma, duas vezes, sem força suficiente para me mover, mas carregada de fúria.

— Você é um monstro! — cuspiu.

— Eu sei. E eu te avisei — murmurei no cabelo dela.

Eu a apertei mais contra meu corpo. Louise parou de bater. Não porque aceitou, mas porque o corpo dela não aguentou. Afundou o rosto no meu peito, tremendo.

E eu senti, com uma clareza fria, que ela não estava tremendo só de medo.

Era choque.

Era o impacto brutal do entendimento.

O momento exato em que ela compreendia quem eu realmente era, e o que significava ser marcada por mim.

— Vamos pra casa — ordenei.

Louise tentou se afastar. Um reflexo inútil. Fechei a mão ao redor da cintura dela, firme, impedindo qualquer passo para longe de mim.

— E vou reconsiderar te amarrar na cama se sair mais uma vez sem minha ordem — sentenciei, frio.

Ela ergueu o rosto devagar. Os olhos estavam vermelhos, molhados, mas ainda havia desafio ali. *Teimosa*.

Fodidamente, minha ruína inteira.

— Você não manda em mim.

— Então não me force a provar que eu mando.

Capítulo 34

Eu não sentia meus pés tocando o chão.

Caminhava porque alguém me conduzia, porque o corpo ainda lembrava como obedecer, mesmo quando a mente tinha ficado para trás. O mundo parecia distante demais, como se eu estivesse ouvindo tudo abafado.

Talvez eu não devesse ter seguido Skënder.

Talvez devesse ter escutado quando um dos soldados murmurou que era melhor eu não ir.

Ele não me segurou, não tentou me impedir, e eu sabia o motivo.

Medo...

Do que Skënder faria se alguém encostasse um dedo sequer para me deter. Aquilo sempre esteve claro.

Mas agora...

Agora a cena não me deixava.

O barulho, a violência crua, o animal avançando sem pressa, sem hesitação, como se o mundo inteiro tivesse se reduzido àquele único ato de devorar.

Fechei os olhos por um segundo, mas não adiantou. A imagem estava gravada por dentro. Meu estomago revirou. Respirei fundo, tentando puxar o ar até o fim para me ancorar de volta ao presente.

Eu estava longe demais.

Só percebi que tínhamos chegado ao quarto, quando ouvi o clique da fechadura.

O estalo metálico foi baixo. Preciso.

Estremeci no reflexo de alerta e tensão.

Porque agora eu tinha certeza de quem Skënder realmente era.

— Agora acabou? — perguntei, sentando-me na cama.

— Nunca acaba — respondeu, simples. — O dia só recomeça, *Lobinha*. Esse é o meu mundo. E agora, o seu também.

Ele disse aquilo com uma naturalidade que me atravessou. Como se nada tivesse acontecido. Como se o que aquele animal fizera lá fora, fosse... normal.

Engoli em seco.

— Como pode você não sentir nada? — perguntei.

Ele congelou por apenas um segundo, antes de vir na minha direção. O frio subiu pela minha coluna, um aviso claro de perigo. Não o perigo da violência, mas o do que acontecia comigo quando ele se aproximava.

Parou à minha frente e se inclinou, até ficar na minha altura.

— Eu sinto.

Levantou a mão e tocou meu rosto primeiro, os dedos deslizaram devagar pelas bochechas ainda quentes. Minha respiração quase falhou. Skënder afastou meus cabelos dos ombros e, com um cuidado que não combinava com a dureza da voz, abaixou a alça do vestido.

— Sinto raiva correndo junto com o sangue, cada vez que eu olho para você e vejo seu corpo marcado por uma porra de bala.

— Então sente raiva de mim, porque fui eu que quis estar lá.

Meu coração acelerou.

Porque, sem entender completamente a razão, mesmo depois de ter visto Skënder na sua forma mais verdadeira, naquele instante, ele era o único lugar onde o mundo não parecia desabar inteiro sobre mim.

A proximidade dele era diferente agora. Não era só domínio. Era atenção. Uma atenção perigosa, que fazia o ar entre nós parecer mais quente.

— Você está com medo? — ele perguntou.

— Estou.

— De mim?

Pensei antes de responder. Precisava ser honesta até comigo mesma.

— Do quanto isso já me alcançou.

A respiração dele ficou pesada, como se aquela fosse a resposta mais honesta que eu poderia dar.

— Eu vou te proteger — afirmou. — Mesmo de mim se for preciso.

— Essa é a promessa mais perigosa que alguém já me fez.

— Eu nunca prometo o que não posso cumprir.

Ele se afastou um pouco, apenas o suficiente para me puxar de volta com cuidado, ajustando meu corpo contra o dele, como se eu ainda carregasse os pontos no ombro. O calor dele era estável. Firme. Um contraste perturbador com o caos dentro de mim.

— Então me prometa que não vai matar mais ninguém por mim.

— Louise... — *Meu nome na boca dele sempre soava como aviso.* — Você não está pedindo algo simples.

— Eu sei, mas estou pedindo mesmo assim.

A respiração dele encurtou. Pesada. Contida.

Recuou, um passo apenas, mas eu senti como se fossem dez.

— Você não entende o que desperta em mim. Ninguém machuca você. Porque eu mato sem piedade quem ousar fazer. Eu fico furioso só de imaginar. — Ele puxou o ar com força. — E o que fode com tudo, é que eu nunca me importei. Até você, Louise.

Vi o cerrar dos punhos, mesmo que por um segundo.

— Isso não devia ter acontecido — continuou. — Porque...

Passou a mão pelos cabelos, como se procurasse palavras que não existiam.

— Você era a minha vingança. A mulher condenada à minha escuridão. Mas quando eu olho para você, eu vejo o único ponto do mundo onde eu paro. Onde a fúria se cala. Onde até um monstro hesita.

O olhar dele queimou no meu.

— E agora, Louise... você não é só o limite da minha fúria. Você é a razão pela qual ela existe.

As palavras não caíram. Afundaram.

— Se alguém tentar te tirar de mim, eu destruo o mundo. Eu caço. Um por um. Porque ninguém ousa tocar no que me pertence e sobrevive. E você é minha, Louise... É meu sangue agora.

Por um segundo longo demais, eu esqueci como se respirava. Ou talvez o ar tivesse simplesmente abandonado aquele quarto.

Meu peito travou. O coração batia alto demais, descompassado, como se tentasse fugir das costelas. Ele tinha acabado de dizer tudo o que eu sentia... e mais. Não era só ameaça. Não era só obsessão. Pela primeira vez, não era vingança.

Olhei para seus olhos.

— Isso ainda é sobre vingança?

— Não é a muito tempo.

— Então eu posso ir embora?

— Não pode. Eu não deixo. — Ele segurou meu rosto com as duas mãos, firme, como se estivesse se ancorando em mim. Os polegares quentes contra a minha pele. — Se você for, eu coloco o mundo abaixo e te trago de volta. Você está condenada a mim, pra sempre, Louise. E não finja que ainda quer ir.

A mão dele deslizou devagar pelo meu rosto. Fechei os olhos, no reflexo mais antigo que existia.

— Cada centímetro de você implora por mim. Sua respiração muda quando me vê. Seu coração pulsa mais forte quando estou perto. Sua carne treme cada vez que a toco.

O nó se fechou na minha garganta, apertando até doer.

— Isso... — ele continuou, a voz baixa. — É o seu corpo me reconhecendo. Antes de você admitir. Antes de tudo.

Abri os olhos.

Os deles estavam escuros, intensos, cravados em mim.

E, pela primeira vez desde que tudo aconteceu, entendi que o mais assustador não era o que Skënder era capaz de fazer.

Era o quanto eu já estava dentro disso.

O quanto não havia mais retorno.

E o quanto, em algum lugar fundo demais para negar, eu não queria que houvesse.

Capítulo 35

Ainda estava sentada na cama, tentando dar forma às palavras que ele tinha jogado sobre mim. Não sabia se estava assimilando, ou se meu corpo simplesmente se recusava a acreditar que ele realmente tinha dito aquilo em voz alta.

— Você não vai dizer nada? — a pergunta dele cortou o silêncio do quarto.

Ergui o rosto devagar, encarando o fundo dos seus olhos escuros.

— Não precisa. Porque eu me odeio por admitir, mas tudo o que você disse está certo, Skënder.

Me levantei, indo até ele. Apoiei a mão em seu peito largo. Quase podia sentir a pele pulsar sobre meus dedos, como se ainda carregasse o impacto do que tinha sido dito.

— Eu preciso sentir você — confessei, sem orgulho. — Não amanhã. Não depois. Agora.

A palavra ficou presa na garganta por um instante.

— Se eu não sentir, vou quebrar. Eu preciso... eu quero esquecer o que vi. — Fechei os olhos por um instante, antes de os abrir e encontrar os dele. — Mas não quero esquecer nenhuma palavra do que você disse.

Ele inspirou fundo.

— Você está cruzando uma linha...

— Já cruzei — interrompi, sem hesitar. — No momento em que decidi ficar.

Skënder não se moveu. Permaneceu ali, imóvel, como se o próximo passo tivesse que ser meu. Como se quisesse ter certeza.

E eu tive.

Subi na ponta dos pés sem pensar, como se o corpo já soubesse o caminho antes de mim. Meus braços fecharam ao redor do pescoço dele, puxando-o para perto. Não o beijei. Ainda não.

Encostei a boca na dele devagar, só o suficiente para sentir o calor úmido dos lábios, sua respiração pesada batendo na minha, irregular, misturada. O ar entre nós ficou espesso, tenso, vibrando como algo que podia romper a qualquer instante.

Esperei. Um segundo. Talvez nem isso.

A mão dele veio para a minha cintura, possessiva do jeito que sempre foi, em um toque que não pediu permissão. Reconheceu. Quando nossas bocas finalmente se encontraram, foi como um acordo silencioso sendo selado.

O beijo não era gentil.

Era urgente.

Senti isso na forma como ele me puxou para mais perto, no contraste entre o cuidado excessivo e a fome contida. Meu corpo acordou quente, desperto, rendido. Como se estivesse esperando por ele desde sempre.

Eu o queria.

Necessitava.

O beijo se aprofundou, lento e intenso ao mesmo tempo, e quando Skënder deslizou a mão para dentro do meu vestido, o ar escapou dos meus pulmões em um arfar involuntário. Cada nervo reagiu ao toque como se o reconhecesse e aceitasse sem resistência.

— Skënde... — Não era uma contenção, era quase uma súplica.

Ele sorriu contra minha boca, porque sabia exatamente o estrago que causava.

— Tão molhadinha. — Me arrepiei com sua voz rouca. — Que saudade dessa boceta apertada.

— Por favor... não me torture mais.

Foram quase quarenta dias de tortura.

Ele sorriu em vez de responder.

No instante seguinte, afundou os dedos em minha entrada, de uma só vez, sem piedade, selvagem, como se quisesse me marcar por dentro. Movia-se rápido, girando por dentro, sabendo exatamente onde tocar para arrancar reação. Arquei, engasguei no ar, perdi o controle. Meu centro já estava sensível, inchado, pulsando vivo, cada batida pedindo mais pressão, mais fundo, mais tudo.

Skënder mordeu meu lábio no meio do beijo. Doeu. Ardeu de um jeito bom. O calor ficou ali, latejando. Passei a língua por instinto, mais para aliviar do que provocar, sentindo o gosto dele misturado ao meu.

A mão dele não dava trégua. Os dedos giravam firmes, repetidos, no mesmo ponto, sem pressa, castigando meu clitóris. Cada volta atravessava meu corpo como um choque que não acabava nunca.

Afastei o rosto porque não consegui sustentar o beijo. O ar faltou, o controle também. Me agarrei aos seus braços, cravando as unhas na pele, como se aquilo fosse a única coisa sólida enquanto o resto de mim cedia.

Gemia, perdida, alucinada, à mercê do que ele fazia com minha boceta usando apenas os dedos grandes.

Os estalos eram indecentes, molhados, vivos. Cada movimento arrancava um gemido novo, mais alto, mais quebrado, ecoando pelo quarto como se o espaço inteiro estivesse sentindo comigo.

Minha cabeça pendeu para trás, o corpo arqueou sem que eu mandasse. As pernas começaram a tremer, fracas, traindo o quanto eu estava perto de ceder. Ele sentiu, claro que sentiu, e não diminuiu.

Enterrou ainda mais os dedos em minha boceta, desenhando círculos no ponto exato onde tudo queimava e pulsava ao mesmo tempo. O movimento era fundo, insistente, quase feroz, e gostoso demais para resistir. Cada investida me deixava mais molhada, mais aberta, mais perdida.

Intensificou.

Gritei.

Arfei.

Umedeci os lábios, cravando os olhos nele.

Era bom. Cru. Avassalador.

Deus, como era.

Meu corpo cedeu de uma vez quando o orgasmo me tomou por completo.

As pernas falharam e eu me agarrei aos braços dele para não desabar. Senti a firmeza dos músculos sob a pele, as veias saltadas, vivas, pulsando contra minha palma, como se acompanhassem o que ele provocava em mim.

Skënder sorriu.

Não foi pressa, nem vitória rápida. Foi aquele tipo de sorriso que nascia devagar, bonito demais para ser limpo e cruel para ser só prazer. Ele saboreava cada segundo da minha perda de controle e cada fração da minha queda.

Porque, naquele exato segundo, eu me desfazia inteira em sua mão áspera, grande e calejada.

Ele tirou os dedos da minha intimidade devagar, sabendo o que estava causando. A ausência veio junto, brusca, arrancando de mim um arfar baixo, quebrado. Os trouxe para diante de nós, exibindo-os, sujos, brilhando. Sem quebrar o contato visual, levou os próprios dedos à boca. A língua rodeou devagar, obscena, preguiçosa, antes dele sugar com vontade, como quem não tinha intenção nenhuma de esquecer aquele gosto.

— Fodidamente gostosa. — A voz veio rouca, baixa.

Um arrepio violento me rasgou inteira, porque naquele tom não havia elogio.

Havia posse.

Insanidade.

E a certeza crua do que estava fazendo comigo.

Skënder arrancou meu vestido em um único puxão firme e se desfez das suas roupas com rapidez impressionante. Me puxou de volta, fazendo meu corpo colidir contra seus músculos quentes, firmes e implacáveis.

Antes que eu pudesse reagir, ele já me erguia no colo como se eu não pesasse nada, as mãos firmes cravadas em minhas coxas. Caminhou até a poltrona e se sentou, me guiando para cima dele com um controle cruel, possessivo.

Encaixei seu membro em minha entrada e o engoli, centímetro por centímetro, sob o olhar dele. Arqueei o corpo, completamente tomada pela pressão, pelo calor, pela sensação avassaladora que me atravessava e apagava qualquer resquício de controle.

Ele estava todo dentro de mim. O choque era quente, intenso, quase doloroso de tão cheio. Comecei a rebolar com fome, sentindo todo seu pau grande dentro de mim enquanto eu o engolia. Meus quadris desenhavam círculos lentos, provocativos, e Skënder rosnava baixo, rouco, tomado por mim.

Seu membro latejava, duro de intenção. Era gostoso.

Os dentes desceram pelo meu pescoço, em mordidas lentas, úmidas, marcando a pele como aviso e posse. Arrepiei-me inteira. A língua áspera roçou perto da minha orelha, provocando, insistente, antes de chupar, e aquela combinação era explosiva para meu corpo.

O centro das pernas vibrava violento, exigente. Acelerei, tomada por uma fome insana. Sentava em seu pau grande, rebolando em desespero, sentindo o corpo em chamas.

— Caralho, Louise. Assim. Continua.

Skënder enterrou os dedos na minha bunda, abriu-a bem, guiando cada movimento meu como se quisesse moldar meu corpo ao ritmo dele. A pressão era quase enlouquecedora e eu me arquei contra ele, apertando seu pau rijo enquanto sentava com força.

Segurei no estofado apenas com o braço bom, enquanto eu não diminuía o ritmo. Os urros vinham partidos, rasgados, como se o

ar não bastasse. O couro rangia sob o impacto, gemendo junto comigo, misturado às respirações curtas, abafadas e descontroladas.

Skënder travou o maxilar, prendeu o lábio entre os dentes até ficarem vermelhos e inchados. Cravou todos os dedos na minha pele, mantendo-me presa ali. O quadril dele subiu de baixo para cima, seco, bruto, impiedoso. Cada estocada batia deliciosamente fundo e me incendiava por dentro, como se ele quisesse gravar a própria presença na minha carne e deixar claro que aquele território tinha dono.

Eu gemi.

Perdida. Descontrolada.

Minha intimidade pulsava, desejosa, em torno do pau grande dele. Skënder avançou sem aviso, fundo, pesado, bruto. O choque roubou o ar dos meus pulmões e o gemido voltou, rasgando minha garganta, fora de controle.

Tudo em mim reagiu. Quente. Úmido. Sensível. A pressão fazia minha carne tremer, apertar, responder como se tivesse vontade própria, implorando sem palavras. O calor se espalhava, escorria, denunciava o quanto eu já tinha passado do limite.

Fechei os olhos. Não por pudor, mas porque os manter abertos, exigia uma sanidade que eu já não tinha.

— Olha pra mim — ele rosnou.

Obedeci, fazendo melhor. Porque gemi... seu nome.

— Skënder — supliquei.

A estocada veio firme, funda, como um golpe direto no ventre. O impacto me atravessou inteira, batendo nas paredes em um choque molhado.

Ele era grande, grosso, insano, e não havia uma parte minha que não cedesse, queimasse, tremesse aberta, dominada pelo peso dele cravado até o fundo.

Skënder invadia, rasgava, tomava.

O mundo do lado de fora deixou de existir. Não havia cercados, nem sangue, nem monstros naquele instante. Só nós dois tentando sobreviver ao que sentíamos.

Ele acelerou, enterrando aquele pau delicioso enquanto esmagava minhas nádegas contra o corpo rígido, me instigando e torturando até o limite. Minhas pernas cederam, falharam de vez, mas ele não diminuiu. Veio mais forte, mais firme, sem freio, fazendo minha boceta o engolir inteiro. Meu ventre explodiu em espasmos descontrolados e o calor me rasgou por dentro.

Gozei gostoso.

Transbordei, escorrendo em suas pernas.

Skënder sorriu.

Ele sabia.

— Adoro quando você me lambuza, Lobinha.

Mas ele não parou.

Ele não diminuiu.

A pressão aumentou, firme, absoluta, como se quisesse me esmagar contra a própria vontade dele. Fiquei imóvel, capturada, sentindo seu membro grosso, profundo, pulsando contra a minha carne encharcada.

— Ah... meu Deus... — o som escapou de mim, quebrado, sem controle.

O calor entre nós era sufocante. As respirações se chocavam, desordenadas. O móvel rangia como se fosse ceder, e meus gemidos eram altos para serem contidos.

Então veio.

Sem aviso, sem cuidado, um jorro violento, marcando posse, deixando claro que aquilo não era ternura, era domínio.

Dessa vez, eu sorri.

Porque naquele caos, eu era dele.

Completamente dele.

— Esses sorriso fodem comigo — rosnou.

Abri ainda mais o sorriso.

Roubei seus lábios em um beijo curto, insolente. Só para provocar, e me afastei. Dei dois passos. Talvez nem isso. As pernas cederam antes que o cérebro entendesse. O corpo inteiro reclamava, pesado, dolorido, sensível.

Ele não tinha me tocado. Ele tinha me destruído.

Foi o que eu pensei.

Até...

O impacto real vir depois.

A náusea subiu sem aviso, ácida, traiçoeira, rasgando meu estomago de dentro para fora. Levei a mão à boca. Corri para o banheiro com a cabeça girando, a sensação de que o chão não me reconhecia mais. Caí de joelhos, rendida, antes que o corpo decidisse por mim.

Fechei os olhos, respirando mal, odiando aquela fraqueza que não combinava comigo. Odiando não conseguir manter a pose. Odiando meu próprio corpo por reagir sem pedir permissão.

Senti as mãos dele no meu cabelo antes mesmo de ouvi-lo se mover.

— Por favor... sai daqui — pedi baixo, com a voz falhando mais do que eu queria.

— É exatamente aqui que eu vou ficar, Lobinha.

— Eu estou vomitando, Skënder...

— E eu não vou sair daqui.

O enjoo voltou, seco, profundo. Apoiei as mãos na superfície fria, tentando me manter ancorada em alguma coisa enquanto o mundo se estreitava. O ar parecia pesado demais, carregado de lembranças que meu corpo reconhecia antes da minha cabeça.

De repente, o cheiro da mata, terra molhada, sangue, lobo... parecia impregnado ali, como se eu nunca tivesse saído de lá.

Quando consegui respirar de novo, foi curto, irregular. Os braços tremiam enquanto eu mantinha a cabeça baixa, esperando o enjoo ceder.

Skënder estava perto. O calor do corpo dele atravessava minhas costas, e a respiração quente tocava minha pele, lenta, firme, constante. Presente.

Ele afastou uma mecha do meu cabelo, guiando-a para trás da orelha com um cuidado que não combinava com nada do que éramos.

— Eu não sei o que aconteceu... — a frase escapou sozinha, quebrada, mais pensamento do que voz.

— Eu sei.

Virei o rosto devagar. O olhar dele já estava ali, me esperando. Escuro, atento, vigilantes.

— Você está grávida, Louise.

Capítulo 36

Eu já desconfiava.

Agora, tinha certeza.

Louise ainda estava curvada, a respiração curta, a mão espalmada na tampa do vaso como se aquilo fosse a única coisa impedindo o mundo de desabar. Não era o vômito. Não era o gosto amargo que ela tinha cuspido fora.

Foi o que eu disse.

— Você tá grávida, Lobinha — repeti. Não era uma pergunta.

Eu sabia que estava.

Ela fechou os olhos por um segundo, tentando se recompor rápido para quem ainda tremia por inteiro.

— Não. — Balançou a cabeça, incrédula.

Observei cada movimento quando ela se ergueu devagar e se apoiou na pia. O cuidado excessivo. A forma como evitou o espelho e como desviou de mim.

— Negar não vai desfazer o que já aconteceu.

— Não, Skënder. Eu não estou grávida.

Ela atravessou o quarto em passos apressados. Foi até o closet, voltou com uma cartela de anticoncepcional quase vazia e a ergueu entre nós, apontando como se aquilo pudesse silenciar o que eu já vinha percebendo a dias.

— Agora você entende porque eu sei que não estou. Olhe você mesmo.

Não me movi. Não peguei.

Só conseguia pensar uma coisa, e isso me deixou furioso.

— Você não queria engravidar de mim? — rosnei, perdendo o controle da voz.

— Eu não te conheço direito.

— Sou seu marido — rebati. — É suficiente.

— Não é.

Travei o maxilar até os dentes rangeram sob a pressão.

— Se é ou não suficiente, não muda o fato. Você está grávida. — Estendi a mão. — Agora me dá essa porra de cartela. Vou jogar no lixo.

Ela fechou os dedos em torno do plástico com cuidado excessivo, como se medisse cada gesto. Mas os ombros rígidos, a respiração curta, o tremor contido que ela se recusava a admitir, denunciavam o contrário.

— Você não tá vendo? — insistiu. — Como ainda pode achar que estou grávida?

— Eu não acho. Eu sei — corrigi.

Dei um passo e invadi o espaço dela. Minha mão subiu rápido, fechando no queixo. Forcei-o para cima, obrigando o olhar a ficar preso ao meu, como um aviso. A pele estava quente sob meu toque, viva, provocando.

Aquilo não me acalmou. Me incendiou.

Fodeu com o pouco de controle que ainda me restava.

— Pensa no tempo em que vocês está aqui. Nenhuma menstruação. Seus seios estão diferentes. Agora o enjoo. — Contornei o desenho dos lábios com o polegar. — Eu conheço o seu corpo, Lobinha. Você está grávida.

Ela abriu a boca, buscando qualquer explicação que ainda pudesse desviá-la da verdade. Não deixei. Me afastei antes que encontrasse fôlego.

Caminhei até o closet. Voltei em menos de um minuto.

O ar pareceu escapar do peito dela no instante em que reconheceu a caixa branca na minha mão.

— Por que tem um teste de farmácia em casa?

— Porque eu já sabia.

Abri a caixa com calma, a mesma que usava para puxar um gatilho, e estendi o teste diante dela.

— Faça.

— Não.

— Agora.

— Skënder...

— Não estou pedindo.

Não era ameaça. Era ordem.

Mesmo contrariada, Louise apanhou da minha mão e foi até o banheiro com o corpo ainda tenso. Quando tentou fechar a porta, meu pé travou a madeira antes que ela encostasse no batente. Não por sadismo. Por controle. Coisas importantes não aconteciam fora do meu alcance.

— Por favor...

— Na minha frente.

— Eu não vou mijar na droga de um potinho com você me olhando.

— Já te vi nua. Já te vi perder o controle gemendo meu nome com meu pau socado em você, Princeshë. — Inclinei o rosto, com os olhos presos nela. — Não tem nada de novo aqui. Faça. Agora.

Ela reclamou, praguejou, me odiou mais um pouco, mas eu não recuei.

No fim, fez. Tensa, humilhada, furiosa por eu estar ali. Um dia ainda entenderia e me agradeceria.

O teste ficou sobre a pia. Pequeno demais para o peso que carregava.

Os segundos se arrastaram.

Trinta.

Sessenta.

Eu observava. Ela não respirava direito. O peito subia curto, contido, como se qualquer fôlego a mais pudesse mudar o resultado.

— Isso não significa nada — murmurou, em um fiapo de voz.

— Significa tudo — respondi.

O visor mudou.

Duas linhas.

O mundo dela inclinou. O meu se encaixou.

Louise vacilou, o corpo cedeu de uma vez, como se finalmente tivesse entendido o tamanho do que vinha. Eu a segurei antes que caísse. Firme. Possessivo.

Peguei o teste da mão dela. Conferi o visor como quem revisava um cálculo já fechado, apenas confirmando o óbvio.

Ali estava a prova.

Agora, ela sabia.

— Não... não pode ser.

— Eu disse.

— Impossível... eu tomei as pílulas.

— Pílulas falham — não hesitei.

— E o que aconteceu? — Engoliu em seco. — O tiro, o sangue que perdi...

Ela apertou os olhos para mim.

As lágrimas vieram antes que ela percebesse. Escorreram em silêncio, como se o corpo tivesse entendido antes da mente. Aquilo apertou algo no meu peito, algo que eu não nomeava, nem mostrava, mas registrava com precisão brutal.

Tomei o rosto dela com a mão inteira, firme, colhendo a lágrima com o polegar.

— Como você pôde ter pensado?

— Pensei em tudo — respondi baixo. — Desde o momento em que você quase morreu sangrando nos meus braços.

Ela inspirou fundo, com os olhos marejados.

— Essa gravidez... — começou, mas o que diria morreu antes de ganhar forma. Balançou a cabeça, ainda presa à negação. — Meu

Deus... isso é loucura. Eu não posso estar grávida. Porque isso muda tudo.

— Tudo já tinha mudado — respondi, sem hesitar.

Puxei-a contra o meu peito e a envolvi com os braços, fechando o espaço ao redor dela, como se aquele fosse o único lugar ainda firme no mundo.

Louise voltou o olhar para o teste. Para as duas linhas. Ficou encarando aquela marca no plástico como quem tentava decifrar algo que não deveria existir. O peito subia e descia, o ar entrando curto, irregular, a cada segundo prolongando o choque. A tensão se espalhou pelos ombros e a rigidez denunciava o esforço para não desmoronar.

Observei tudo.

Registrei.

Gravei cada reação.

Porque, a partir daquele instante, nada mais no mundo importava.

Louise tinha a mim.

E qualquer um que ousasse se colocar no caminho, eu destruiria sem hesitar.

Por ela.

Por eles.

Capítulo 37

Os pensamentos vinham em ondas, se chocando, se atropelando dentro da minha cabeça, sem dar tempo de respirar entre um e outro.

O palito de plástico ainda estava na minha mão.

Duas linhas. Duas marcas.

Grávida.

Eu não conseguia acreditar.

Sentia o coração de Skënder bater contra o meu rosto, forte, constante, como se tivesse vida própria. O peito largo me cobria, me cercava, e ainda assim, dei um passo para trás, por puro instinto, como quem precisa de espaço para não afundar.

Ele não impediu.

Andei até a cama e me sentei, porque as pernas simplesmente não iam me sustentar por mais um segundo.

— Isso não faz sentido — repeti, mais para mim do que para ele. — Nada faz.

Ele puxou o celular do bolso e começou a digitar, como se o mundo ainda obedecesse a alguma ordem.

— Já marquei seus exames com a doutora.

Balancei a cabeça sem perceber. Um gesto vazio, automático, como se o corpo estivesse funcionando sozinho enquanto a mente ficava para trás.

— Existem falsos positivos — murmurei. — Eu li sobre isso.

— Talvez exista. — Ele ergueu o olhar até o meu — Mas eu não erro, Louise. Não quando se trata do corpo da minha esposa.

O ar entrou rasgando pela garganta.

Como ele podia ter tanta certeza?

Como podia me conhecer melhor do que eu mesma?

Seis semanas. Esse era o tempo que dividíamos o mesmo teto.

Ainda assim, e se ele estivesse certo e eu errada?

Peguei o celular da mesa de cabeceira para conferir o horário. Senti o olhar dele me seguir em cada gesto.

Vinte horas.

— Temos o aniversário da Nora — falei, quase mecânica. — Começa em duas horas.

— Se você quiser, não precisamos ir.

— Eu quero. — Suspirei. — Gosto da sua prima.

Ele me olhou de soslaio, mas não disse nada.

— E você, como parente dela, deveria se importar mais.

— Eu a protejo. Isso é o máximo que pessoas próximas a mim recebem. — O tom foi neutro.

Inclinei a cabeça, provocando apesar do nó preso no estomago.

— Então, não se importaria se ela começasse a namorar?

— Não. — Deu de ombros. — Porque eu mataria o maldito. Não existe namorado se for um cadáver.

E ali, no meio do caos, do medo e das duas linhas que ainda queimavam na minha mão...

Eu ri.

Ri porque, de um jeito completamente absurdo, aquele homem, perigoso, brutal, insano, era exatamente o que eu precisava naquele momento para não desmoronar.

O salão onde a festa aconteceria ficava próximo. Chegamos em menos de quinze minutos.

Tudo ali era calculado para impressionar: tons elegantes de vermelho e dourado, lustres de cristal pendendo do teto alto,

refletindo luz sobre vestidos caros, ternos sob medida e sorrisos ensaiados. Música baixa, taças tilintando e conversas leves para um lugar onde metade das pessoas carregava segredos piores do que crimes.

— Isso é só um aniversário? — murmurei para Skënder.

Ele caminhava de braços cruzados com os meus. Usava um terno preto impecável e o perfume que, sem perceber quando, eu tinha começado a gostar.

— Ninguém está aqui só pra cantar parabéns — respondeu. — Estão para serem vistos. Para lembrar que ainda têm valor para o clã.

— Nora sabe disso?

— Sabe.

Avançamos.

Skënder observava tudo com atenção silenciosa. Mapeava rotas, saídas, posições. Contei pelo menos dez homens dele espalhados pelo salão, misturados aos convidados.

Não foi imediato. Foi gradual.

À medida que avançávamos, conversas morriam no meio da frase, risadas se perdiam no ar, olhares desviavam e corpos se ajustavam, abrindo passagem quase sem perceber.

Eu usava um vestido preto, elegante e discreto. Algumas pedrarias marcavam o contorno do busto, uma fenda subia pela lateral da coxa. Nada ostensivo, ainda assim, chamava atenção. Não porque era revelador, mas porque eu estava ao lado dele.

Os olhares vinham e iam. Nunca mais de um segundo. O suficiente para registrar, nunca o bastante para desafiar.

Skënder foi interceptado antes de chegarmos ao centro do salão por um homem de cabelos grisalhos e sorriso treinado para ser sincero. Era um dos que estava naquele evento. Eles apertaram as mãos, trocaram comentários calculados sobre negócios e territórios. Mas as palavras soavam distantes.

Eu já não prestava atenção no que diziam.

Prestava atenção no ambiente.

Um arrepio cortou minha pele sem aviso, subindo devagar pela espinha, como se estivesse sendo observada. Varri o salão com os olhos, procurando por algo, qualquer coisa que explicasse aquela sensação incômoda.

Mesmo em conversa, Skënder me observava pelo canto do olho. Sempre atento. Finalizou o assunto minutos depois e seguimos adiante.

Então avistei Nora.

Ela estava linda de vermelho. Ainda não tinha nos notado e, ao nos ver, abriu um sorriso verdadeiro, diferente dos outros daquela noite.

— Vocês vieram — murmurou, já me envolvendo em um abraço.

— Feliz aniversário — parabenizei, antes de me afastar. — Está tudo muito bonito.

— Não tanto quanto vocês dois juntos — provocou, com o tom leve que sempre usava quando queria cutucar. — Formam um belo casal. — Sorriu. — Imagina os filhos de vocês?

Meu estomago afundou.

Lancei um olhar rápido para Skënder, mordendo a bochecha por dentro, torcendo para que ele não dissesse nada.

Ele não disse.

Soltei o ar que nem sabia que estava prendendo.

Nora tocou meu ombro de leve, como quem tentava desfazer algo no ar.

— Eu estava só brincando. — Sorriu, breve.

Eu não acompanhei.

— Mas qualquer um que olhe pra vocês, vai pensar a mesma coisa — reforçou.

— Onde está seu irmão? — Skënder perguntou, encerrando o assunto antes mesmo que crescesse.

— Ele está na sacada com pai Hazin e Erion — ela respondeu, indicando com o queixo.

O olhar dela ficou preso ali um segundo a mais do que deveria. Não o suficiente para chamar atenção, mas o bastante para denunciar.

Acompanhei a direção.

Só Erion estava visível.

— Vou falar com eles — Skënder avisou, já deixando um beijo no topo da minha cabeça.

O impacto daquele gesto me atravessou inteira.

Ele se afastou.

— Vocês dois... — Nora murmurou, alternando o olhar entre mim e ele.

— Não. Não tem nada.

— Tá. Claro. Nada.

Sustentei o olhar dela por um instante.

— E vocês dois? — devolvi. — Tem alguma coisa?

— Nós dois?

— Já notei como você olha pra ele.

Ela tentou rir nervoso, curto, incompleto. Morreu antes de se formar.

— Esqueci que você lê pessoas melhor que um dicionário.

— Skënder sabe?

— Não. — A resposta veio apressada. — Ninguém sabe. Ninguém pode saber. Eles me mandariam pra longe.

— O que tem de errado?

Ela desviou o olhar, apertou os dedos uns nos outros.

— Não é recíproco. — Engoliu em seco. — E a gente cresceu junto.

— Mas vocês não são...

O impacto veio antes da frase terminar.

Um garçom com uma bandeja de prata passou rápido entre nós e, no instante seguinte, o choque frio atravessou meu vestido. O líquido escorreu pela pele em um rastro gelado. Em mim foi incômodo. Em Nora, foi pior.

Ela puxou o ar, o tecido vermelho escureceu sob o álcool.

— Não acredito nisso — resmungou, afastando o vestido do corpo apenas com dois dedos.

— Senhora, me perdoe... — o garçom gaguejou, já dando um passo para trás.

Ele evitava nossos olhos. As mãos tremiam tanto, que quase deixou a bandeja cair. O cheiro da bebida era forte, agressivo e impregnou o ar em segundos.

Nora encolheu os braços, arrepiada.

— A casa do Skënder é perto — sugeri, sem pensar demais, tentando afastar aquela sensação que começava a se instalar no peito. — Podemos ir e trocar de roupa. Ainda voltamos antes dos parabéns.

Nora observou o entorno, como se medisse o peso da decisão.

— Sinceramente, preferia que isso acabasse logo. — Riu, baixo. — Ouvir os parabéns aos vinte anos é quase humilhante.

Ri, sem conter.

— Vou fazer vinte e três. Não seria diferente na França.

— Então vou fazer questão de preparar sua festa — disse, balançando a cabeça, já se rendendo à ideia.

— Vamos?

— Vamos. — Ela abraçou o próprio corpo. — Estou tremendo de frio com esse vestido molhado.

Antes de dar o primeiro passo, olhei para a sacada.

Skënder ainda estava lá.

As mãos se moviam em gestos curtos, tensos. O rosto fechado demais para uma conversa casual. A atmosfera ao redor dele parecia pesada, carregada de algo que eu não conseguia ouvir dali, mas sentia.

Não quis interferir.

A casa era perto e não íamos demorar. Talvez voltássemos sem que ele sequer percebesse nossa ausência.

Foi exatamente o que eu pensei...

E, mais tarde, entenderia o quanto aquela certeza tinha sido um erro.

Capítulo 38

Assim que vi os três juntos, afastados do resto, eu soube.

Tinha merda acontecendo.

Me aproximei. O vento da sacada deixava o ar gelado, mas não era isso que incomodava. Meu tio encarava o vazio com aquele olhar calculista, o mesmo que surgia sempre que ele já havia calculado tudo. Erion tinha puxado dele. Os dois atentos a qualquer erro mínimo.

Cezar passou a mão pela têmpora em um gesto rápido.

— Que porra tá acontecendo? — perguntei, alternando o olhar entre os três.

— Os Valmont já estão em Kukës — Cezar disse, cerrando o punho.

O ar entrou queimando.

— Como?

— Separados. — Erion ergueu o olhar até mim. — Documentos limpos demais. Entraram sem levantar bandeira. — Fez uma pausa curta, encarando Hazin. — Tem alguém vazando informação de dentro. Mais perto do que a gente pensava, e eles sabem exatamente onde estamos.

Cezar foi direto:

— Eles vão atacar a festa. É o cenário perfeito. Todo mundo reunido. Alvo certo.

Não esperei mais explicação.

Puxei o celular do bolso e digitei rápido para Ruslan.

"Reforços na festa. Agora."

Enviei antes que alguém tentasse me convencer do contrário.

— Eles não seriam burros assim. — Hazin cortou. — Os Valmont não querem espetáculo. Eles querem vingança. E vingança não precisa de plateia. Precisa de dor.

Cerrei o punho até sentir os nós dos dedos estalarem.

— Eu devia ter matado todos eles.

— Você matou todos os envolvidos, sobrinho — Hazin rebateu. — O suficiente para intimidar qualquer outro clã.

— Não pra eles — rosnei.

— Aqueles filhos da puta fingiram aceitar os acordos — Cezar cuspiu as palavras.

Hazin negou com a cabeça, lento.

— Eles não fingiram. — Os olhos dele se estreitaram. — Eles não tinham nada que pudesse te atingir.

OS três me fitaram.

— Até agora — completou.

O pensamento atravessou minha cabeça como um tiro.

Meu olhar foi direto para o salão.

E eu não vi.

Nem Louise. Nem Nora.

A porra do mundo parou por meio segundo.

Cadê elas?

Não ouvi mais nada. Tudo ao redor virou ruído. Música, vozes, risos se calaram. Atravessei o salão abrindo caminho, ignorando cumprimentos e quem demorava a sair da frente.

Avancei.

A mesa de Nora.

Vazia.

O sangue martelava nos meus ouvidos.

Segui para o corredor lateral. Abri a primeira porta. Depois a segunda, terceira... Todas elas.

— Louise? — chamei.

Nada.

Entrei no banheiro feminino sem pensar. Gritos cortaram o ar. Algumas mulheres recuaram, outras congelaram. Ignorei todas.

— Louise? Nora?

Nenhuma resposta.

Saí dali com passos duros, a mandíbula travada a ponto de doer. Cada músculo do meu corpo estava em alerta máximo, tenso como antes de um disparo.

Porque, naquele instante, só uma verdade existia: se alguém tivesse tocado nelas, eu não deixaria nada de pé.

Dei dois passos.

E vi.

A maldita.

Apolline.

Ela estava perto do bar, uma taça de champanhe na mão, perfeitamente à vontade, como se não tivesse acabado de começar um incêndio. O vestido caro, a postura relaxada, o sorriso ensaiado de quem acreditava ser intocável.

Quando nossos olhares se cruzaram, ela sorriu.

Devagar. Deliberado. Provocando.

Foi ali que tudo ficou vermelho.

Avancei sem pensar, sem medir, sem ouvir mais nada além do próprio coração martelando dentro da minha cabeça, pesado, ensurdecedor. O salão desapareceu. As pessoas viraram borrões.

A maldita tentou se mover em direção à saída. Não deu tempo.

Alcancei-a antes que chegasse. A segurei pelo braço com força suficiente para marcar. Senti o corpo dela tensionar sob o impacto.

— Perdeu alguma coisa, Skënder? — ela provocou.

— Cadê Louise?

O sorriso dela se abriu um pouco mais.

— Bem longe daqui, nesse exato momento.

O ar queimou nos meus pulmões.

— Você é burra por aparecer na minha frente achando que pode me ameaçar — rosnei, aproximando o rosto do dela até sentir o cheiro do medo mal disfarçado ali. — Não existe lugar seguro quando eu saio pra caçar.

Ela baixou o olhar para a minha mão ainda cravada no braço dela. Apertei mais.

— Eu não tenho medo da morte. — Inclinou o rosto, provocando. — E espero que você me mate. Assim, sua amada morre no mesmo instante.

Cerrei o punho até sentir o tendão puxar.

— Não vou te matar. — Minha voz saiu baixa, controlada demais. — Vou arrancar de você, pedaço por pedaço se tocar em um fio de cabelo da Louise.

Ela não recuou.

— Como entrou aqui? — ralhei, entre dentes.

— Do mesmo jeito que entrei no evento. — Os olhos dela brilharam. — Quando ninguém estava olhando para onde devia.

A música do salão parecia distante agora.

Lembrei do que Erion havia dito. Ela já estava infiltrada no clã. Alguém estava ajudando, e quando eu descobrisse quem, ninguém mais cometeria esse erro.

— Me diga uma coisa... — ela continuou, tranquila para quem ia morrer implorando. — Quem vale mais pra você? Sua prima, ou sua esposa?

O sangue gelou antes de ferver.

Inclinei o rosto até o dela. Bem perto.

— Entrar no meu território foi seu primeiro erro. Ameaçar Louise, foi o segundo.

— Não tenho medo de ameaças. — A voz dela não vacilou. — Eu já morri há muitos anos. No dia em que vocês mataram minha filha.

Me encarou como se a culpa fosse minha e deixou o veneno escorrer devagar.

— Mas se me matar agora, sua amada morre antes de ser devorada pelo que você protege.

Algo dentro de mim se partiu.

Não foi raiva.

Foi clareza.

Ergui a mão em um gesto curto. Cezar e Erion entenderam no mesmo instante. Se moveram como sombras, fechando as saídas e isolando o espaço.

Apolline riu.

No segundo seguinte, Hazin surgiu e a segurou, sem chance de fuga. Ergui o olhar até o dele.

— Essa filha da puta não sai daqui.

Ele assentiu, discreto.

Eu encarei a maldita com rancor.

— Quando eu encontrar Louise, você vai entender exatamente o erro que cometeu — sentenciei em um rosnado.

Ela me encarou. Os olhos escureceram.

Eu não disse mais nada, não precisava.

Virei as costas.

Eu sabia exatamente onde Louise estava.

E ninguém tocava no que era meu, e saía vivo para contar a história.

Capítulo 39

A última coisa de que me lembrava, era de ter alcançado o carro e pedido ao motorista que nos levasse até a casa de Skënder.

Não cheguei a ouvir a resposta.

Algo foi pressionado contra o meu rosto com força brutal, selando minha respiração. O ar desapareceu em um segundo. O cheiro veio logo depois. Era agressivo, químico, queimando por dentro, antes mesmo que eu pudesse reagir.

Minhas pernas cederam.

O corpo perdeu o peso, a tensão, a consciência. Não lembrava de ter caído, só da escuridão engolindo tudo.

Quando os sentidos começaram a voltar, o frio foi a primeira coisa que senti.

Um frio duro, colado às costas. Depois, a umidade na palma da mão. Passei os dedos sem pensar. Áspero, irregular, cedia sob o toque. Folhas esmagadas... lama.

Inspirei fundo, e o cheiro já não era mais álcool.

Era terra molhada.

Então veio o estalo seco de um galho se partindo ao longe. O roçar baixo de folhas se movendo ao vento, misturado a um coro distante de insetos.

Abri os olhos de vez.

A reserva.

Nora estava ao meu lado, sentada no chão, rígida. O olhar corria pelo entorno em pânico puro, como se procurasse uma saída que não existia.

— Meu Deus... isso é...

— Xiu. — Segurei o braço dela antes que se mexesse. — Não faça nada e fique parada.

O estalo da mata ficou mais perto.

— Pelo amor de Deus... — Nora murmurou. — Tem um... l-lobo...

Outro estalo. Tão próximo, que pareceu quebrar o silêncio ao lado do meu ouvido. Prendi a respiração e forcei os olhos contra a escuridão, tentando separar sombra de movimento.

E então eu vi.

Surgindo entre os troncos, a uns cinquenta metros. Grande. Escuro. O corpo quase se confundia com a noite e o pelo engolido pela sombra.

Mas o olho...

O único que ele tinha, brilhou em amarelo, afiado como lâmina na escuridão. O lobo negro tinha apenas um. E talvez fosse exatamente isso que o tornava ainda mais aterrador.

— Louise... — a voz da Nora falhou.

— Ele não vai atacar. Confie.

— Não dá pra confiar numa coisa que quer nos devorar!

Ela tentou se levantar. Eu fui mais rápida, segurei seu braço e a puxei de volta, antes que cometesse uma burrice.

— Não levante.

— Como você consegue me pedir isso com um predador olhando pra gente como se fôssemos o jantar?

Porque não éramos.

Meu coração batia acelerado, mas forcei a respiração a ficar lenta e controlada.

— Não encare o animal por muito tempo e respire devagar — falei baixo, quase sem mover os lábios. — Ele não está atacando. Está só observando.

O vento passou entre as árvores, arrastando o cheiro de terra molhada, folhas apodrecendo e algo selvagem impossível de ignorar.

O lobo deu mais alguns passos.

Parou.

— Louise, vamos sair daqui. Ainda dá tempo de correr.

— Não. — Balancei a cabeça devagar. — Lobos não atacam sem motivo. — Minha voz saiu firme, apesar do corpo inteiro estar em alerta. — Ele sente quando algo está errado no território, mas não vê a gente como ameaça.

O vento mudou de direção. Trouxe outro cheiro.

Pensei em Skënder.

No cheiro dele impregnado em mim.

— O lobo é leal ao alfa — completei em um quase sussurro. — E nós carregamos o cheiro do Skënder. Isso nos torna território dele.

Nora me encarou como se eu tivesse enlouquecido.

— Resolveu me contar só agora que virou veterinária?

Apesar de tudo, um riso curto escapou.

— Não sou. Mas li sobre lobos nas últimas semanas...

Um tiro cortou o ar. O estampido explodiu na mata, ecoando entre os troncos como um rasgo. Reagi antes de pensar e puxei Nora para baixo no mesmo instante, sentindo a lama fria contra as mãos.

— Inferno! O que vocês estão fazendo paradas aí? Corram! — A voz veio de longe. Era grossa, furiosa e eu já tinha ouvido antes.

— Não se mexa — sussurrei, sem desgrudar os olhos do lobo, ainda no mesmo lugar.

— Se a gente sair viva disso...

— A gente vai sair — interrompi, firme.

Mais tiros.

O disparo seco fez meu coração saltar no peito.

Porque, no fundo, eu sabia.

Ele tinha chegado.

Capítulo 40

Antes de sair da festa, não olhei quem estava lá.

Observei quem faltava.

Aquele maldito.

Aleksandar Dragović.

Homens que sorriam demais sempre escondiam dentes afiados. Dragović nunca foi leal, era oportunista. Mas se aliar aos Valmont, achando que sairia ileso, foi a última estupidez que cometeu.

Ele estava limpando os próprios rastros, usando os franceses.

Não adiantaria, porque ninguém escapava quando eu decidia caçar.

Parei o carro longe o bastante para o ronco do motor não denunciar minha posição. A reserva estava silenciosa. O cercado iluminado recortava a escuridão como uma cicatriz artificial no meio da mata.

Puxei o ferro do coldre com um estalo seco e desci no automático. Andei poucos metros quando um tiro rasgou o ar.

Por um único e maldito segundo, tudo parou, e a porra do mundo se estreitou até aquele estampido.

Avancei sem aceitar a ideia de que pudesse ser ela. Mais alguns passos e o cheiro de terra úmida e pólvora me invadiu.

Contei três homens espalhados perto da cerca da reserva. Mal posicionados para quem achava que tinha vantagem. Aleksandar estava entre eles.

Encostei o corpo no tronco de uma árvore grossa, sentindo a casca áspera nas costas. Calculei cada disparo antes de apertar o gatilho.

O primeiro tiro derrubou o da esquerda. A bala entrou limpa, atravessando a lateral do pescoço. O corpo caiu pesado, fazendo um estalo oco. O segundo girou tarde e a bala cravou na porra da testa, estilhaçando o crânio. O sangue escorreu antes do maldito desabar

no chão. O terceiro tentou sacar a arma, não dei tempo. Abri um buraco no centro do peito e o impacto o lançou para trás.

Enquanto os homens dele caíam mortos, um por um, Aleksandar não fez nada além de se esconder.

— Skënder! — gritou, com a voz rasgada de ódio. — Sempre se achando dono de tudo...

— Eu não acho. Eu sou. — Avancei. — E você acabou de assinar a própria sentença.

Puxei o gatilho.

A bala estilhaçou a madeira da árvore atrás da qual ele se escondia, arrancando lascas grossas do tronco. Dragović correu para outra, mas não ia adiantar.

Porque eu só errava quando queria.

— A Albânia nunca vai se ajoelhar para franceses — ele cuspiu, tentando um disparo. — Nunca. Já cuidei para que isso não acontecesse uma vez e cuidarei de novo.

Não vi o tiro chegando. Só senti o impacto. A bala rasgou meu antebraço, abrindo a carne em um corte quente. Ardeu. Só isso.

Continuei avançando.

— Tudo isso por medo? — ralhei. — Rotas? Território?

— Negócios — respondeu.

O pensamento me atravessou como lâmina.

Meu tio havia chegado até ele.

— Amir descobriu. — Não foi pergunta.

O silêncio dele confirmou antes da resposta.

— Aquele velho era um problema. Os Vokrri sempre foram.

Aí ele errou.

— Depois de você, vou atrás do Cezar — continuou, desesperado para perceber o que fazia. — E quanto à sua esposa...

Ele riu.

— Ela o lobo resolve. E você, Skënder, vai assistir e ouvir os gritos.

Ele atirou para a escuridão da reserva.

Foi o erro final.

Cheguei até ele em dois segundos.

Guardei a arma e puxei a faca da cintura no mesmo movimento. Prendi Aleksandar por trás, travando o tórax com o braço. O corpo dele tremia quando o virei para mim.

Eu não matava pelas costas.

Segurei o pulso armado e torci. O estalo seco ecoou na mata. O grito veio antes que a dor se organizasse.

— Você tocou no que é meu, filho da puta — rosnei.

Cravei a faca no abdômen. Uma vez. O ar saiu em um jato curto e quase patético. Antes que pudesse reagir, enterrei a lâmina sob as costelas. O corpo arqueou, desesperado, tentando puxar oxigênio onde já não existia mais. No terceiro golpe, o metal entrou até o cabo.

O grito dele morreu preso na garganta.

O sangue subiu pela boca, espesso, escuro. Os olhos se arregalaram em pânico puro.

Girei a lâmina.

Senti a resistência da carne ceder devagar, músculo, fibra, vida. O calor escorreu pela minha mão, deixando tudo escorregadio.

— Mal... di... ção.

— Não, seu pior pesadelo. — Afundei a lâmina, agora no coração.

Os espasmos vieram violentos, desordenados. Soltei o corpo antes que morresse. Aleksandar caiu de joelhos, sufocando no próprio sangue.

Não desviei o olhar. Esperei.

Quando tombou para trás, o silêncio voltou a ser meu.

Morto.

Uma poça vermelha se formou rápido pelo chão.

O cheiro ferroso subiu, morno, sufocante.

Só então senti algo escorrendo pelo meu braço. Era insistente, quente, abundante.

Ignorei.

Ergui o rosto e forcei os olhos para a escuridão da reserva.

— Louise? — chamei. — Nora?

Uma fração de segundo depois, vultos se moveram entre as árvores.

— Estamos aqui. — Era ela.

— Estão feridas?

— Não... e você?

Não respondi.

Meu olhar varreu o entorno, atento a cada sombra, cada ruído fora do lugar. O silêncio não era seguro. Nunca era.

— Quero que venham devagar. Um passo de cada vez. Sem virar as costas. Entenderam?

— Sim.

Obedeceram. Mesmo assim, o tempo estava contra nós. Dragović não viria sozinho. Era covarde para isso.

Quando chegaram à cerca, abri o portão da reserva.

Louise veio direto para mim.

O abraço dela me ancorou. O cheiro doce do cabelo, o peso do corpo contra o meu. Era a única coisa capaz de conter o monstro ainda rosnando dentro do peito.

— Você está bem? — sussurrei. Precisava focar em algo que não fosse ódio.

Ela assentiu, mas quando se afastou, os olhos arregalados entregaram a mentira. Evitou me encarar por um segundo, e foi nesse instante, que a atenção dela travou no meu braço.

A manga da minha camisa já estava encharcada.

— Você está ferido?

— Não foi nada.

— Skënder... — Meu nome saiu quebrado.

Virei para Nora.

— Tire ela daqui.

— E você? — minha prima reagiu, tensa.

— Vou depois que eu acabar aqui, mas ela precisa ir. Louise está grávida e mais virão.

— Grávida? — Nora disparou.

— Não estou! — Louise rebateu. — Skënder só acha.

— Vão, agora, porra!

— Não vou te deixar aqui sangrando, Skënder — Louise retrucou, firme.

Antes que eu respondesse, ela se abaixou, apanhou duas armas caídas dos homens e arremessou uma para Nora.

— Se alguém atirar, você atira de volta — ordenou.

— Eu nunca atirei.

— Então aprende agora — Louise sentenciou. Sem espaço para recuar.

Sorri.

Orgulhoso pra caralho.

Capítulo 41

A pressão no meu peito veio forte, inesperada, quase dolorosa quando vi Skënder sangrando.

Não era pouco.

Nem superficial.

Meu estomago se fechou no mesmo instante em que ouvi, entre as arvores, fora da reserva...

Crac.

Galhos se partindo, um seguido do outro para ser coincidência. O silêncio entre os estalos era pior do que o barulho, aquele tipo de pausa que anunciava coisa ruim.

Skënder girou devagar, o corpo todo atento, varrendo a escuridão entre as árvores como um predador.

— Eles estão vindo... — Rangeu os dentes ao falar.

Ao meu lado, Nora tinha os dedos firmes em volta da arma, e a respiração dela vinha curta, rápida, como se o medo pudesse puxar o gatilho sozinho.

O frio começou a doer.

O vestido grudava na pele, pesado, encharcado, cheirando a álcool.

Olhei de novo para o braço de Skënder. O sangue já pingava, espesso, marcando o chão. E os barulhos na mata se aproximavam. Mais deles.

Aquele ferimento era um problema sério.

Não pensei. Agi.

Passei a mão pelas costas de Skënder e senti o volume conhecido sob o tecido. A faca. Sempre ali. Fechei os dedos no cabo frio, firme, e puxei em um movimento rápido.

— O que você vai fazer, Lobinha?

— Confia em mim. — Mantive a voz baixa. — E me dá o isqueiro.

Não houve perguntas. Ele enfiou a mão no bolso e jogou para mim.

A chama demorou a pegar. Minhas mãos tremiam demais. Na segunda tentativa, o fogo surgiu, pequeno e instável, iluminando nossos rostos em tons irregulares de laranja e azul.

Aproximei a lâmina.

O metal escureceu. Depois começou a mudar de cor. Um vermelho vivo, pulsante, quase doloroso de olhar. Incandescente.

O calor subiu rápido, pesado, batendo no rosto e nos dedos. O cheiro de ferro quente, pólvora, algo ácido e metálico, veio junto. Era forte o bastante para arranhar a garganta.

— Isso vai doer — avisei, já sabendo que ele não recuaria. — Talvez não resolva tudo, mas vai te manter de pé.

— Faça.

Sem hesitação.

Encostei a lâmina na ferida.

O estralar curto e úmido veio primeiro.

Skënder não gritou. Cerrou os dentes com força e travou a respiração no meio. O gemido que escapou foi baixo, contido à força, arrancado do fundo do peito.

O corpo dele se retesou inteiro enquanto cravava os dedos na minha cintura, duros, exigindo apoio, fortes o bastante para arrancar o ar dos meus pulmões.

O cheiro de carne queimada subiu de uma vez.

Minha visão escureceu nas bordas, o estomago virou, mas eu engoli a náusea à força, e mantive a lâmina ali.

Vinte segundos.

Talvez trinta.

Skënder fechou e abriu os olhos em um piscar brusco quando o corpo reagiu sozinho, um espasmo rápido, incontrolável. Antes que a reação crescesse, bati de leve no rosto dele.

— Skënder. Olha pra mim.

Ele puxou o ar em golpes curtos, irregulares. Ficou.

Quando afastei a faca, o sangue ainda escorria, menos, mas não havia parado completamente. A cauterização tinha feito o que podia. Sabia que não era definitivo.

Minhas mãos tremiam tanto, que precisei fechá-las em punho para não deixar a faca cair.

— Onde você aprendeu isso? — Nora perguntou, em choque.

— Tudo que meu irmão fez esses anos todos, foi me ensinar a sobreviver. — Inspirei fundo. — Acho que ele nunca superou ter perdido nossa irmã e nossa mãe. Me protegia como podia.

Skënder me encarava quando voltei o olhar para ele.

— Sabe por que eu não matei seu irmão? — perguntou, baixo.

— Porque você trocou cem homens por mim.

Ele soltou um riso curto. Amargo.

— Nunca passou pela sua cabeça que, se eu quisesse, eu mataria os cem... e te pegaria mesmo assim?

Balancei a cabeça devagar.

— Então por quê?

Ele deu um passo à frente. Vacilou por meio segundo antes de firmar o peso.

— Porque eu reconheço homens bons quando vejo. — A voz dele desceu, firme. — E por isso eu quis você.

— Me usou pra uma aliança. — Meu peito apertou.

— Usei. — Um segundo de silêncio. — Até te ver.

O estalo de galhos cortou o ar.

— Realmente é lindo o momento de vocês — Nora sussurrou, nervosa. — Mas dá pra deixar isso pra depois?

Lancei um olhar rápido para Skënder.

— Você tá bem?

— O suficiente pra atravessar o crânio de quem entrar na minha frente — rosnou. — Eu prometi que você não ia se machucar de novo. E eu não quebro uma promessa.

A mão direita foi ao coldre. O metal do revólver apareceu rápido, pesado, seguro, como se fizesse parte dele.

Os sons estavam mais perto agora. Galhos cedendo. Passos.

Skënder se inclinou, espiando entre as árvores.

— Quatro — murmurou. — Vou atraí-los. Vocês vão por trás. Eles não sabem que sobreviveram ao lobo.

Assenti.

O disparo veio seco.

Skënder já se movia quando o grito ecoou, curto, interrompido no meio. Não vi se acertou, mas o baque pesado no chão respondeu por ele.

Nora e eu seguimos pelo outro lado, acelerando os passos.

O segundo disparo ecoou enquanto ainda avançávamos entre as árvores.

Fechei os olhos por um segundo.

Nos escondemos atrás de um tronco. Ainda havia dois homens em pé, avançando na direção de Skënder, atentos àquele ponto da mata.

Levantei a arma, o peso parecia maior do que antes.

Inspirei fundo e depois soltei o ar.

Atirei.

Um deles foi atingido nas costas. O impacto o jogou para frente. Caiu de joelhos, engasgando, tentando virar o corpo como se ainda pudesse entender de onde vinha a morte.

Meu corpo respondeu antes da cabeça. Tremi junto quando ele caiu, pesado, definitivo. Balancei a cabeça, tentando voltar. Tarde

demais.

O último já tinha a mira em mim. Em Nora.

O disparo veio no segundo seguinte. Minha respiração falhou, mas nada me atingiu.

Nora.

Virei o rosto em um reflexo cego. Ela estava ali. Inteira. Os olhos arregalados, tão perdida quanto eu.

Soltei o ar que nem percebi estar prendendo e voltei para o atirador. Ele estava de joelhos na grama. A arma caída longe demais para servir de alguma coisa.

Skënder surgiu da mata. Sem pressa. Fez questão de ser visto chegando. O homem tremeu quando percebeu. Tentou falar. Um pedido talvez.

Skënder parou diante dele sem hesitar, enfiou o cano da arma na boca do homem e torceu, sem piedade, forçando até o limite. O disparo veio abafado, úmido, curto e poderoso.

Fechei os olhos no instante em que tudo explodiu.

O mundo ficou distante, os sons abafados, e quando voltei, Skënder ainda estava lá. Imóvel demais para quem tinha acabado de matar.

Levantou o rosto devagar.

O olhar encontrou o meu.

Não havia fúria.

Havia certeza.

Aquele olhar não pedia desculpas, nem buscava aprovação, e foi isso que me atingiu.

Era assim que ele resolvia o mundo, e eu estava dentro dele agora.

Skënder caminhou até nós. Cada passo firme, silencioso, como se a mata abrisse espaço. O cheiro de pólvora fresca vinha junto, colado à pele, pesado.

— Você tá bem?

— Acho que sim.

— Prima? — Ele chamou.

— Não estou — Nora respondeu, sem fôlego. — Por um segundo achei que o tiro...

O som cortou o ar antes que ela terminasse.

Outro disparo.

Skënder nos puxou para trás dele no mesmo instante. Um movimento só. Seco. Protetor. O corpo dele virou barreira.

— Isso não acaba nunca? — Nora soltou, em pânico.

O homem mal teve tempo de se mostrar entre as árvores. Um passo em falso. Caiu no segundo seguinte, com a bala atravessando o crânio.

Mais homens atrás, rápidos, se movimentando por todos os lados. Skënder não estava tenso, mas o braço dele ainda nos envolvia.

Reconheci Erion quando ele surgiu entre os homens. Depois Ruslan.

— Meia hora e um gramado cheio de mortos... — Erion murmurou.

— Onde tá Cezar? — Skënder perguntou.

— Cuidando dos convidados.

Skënder assentiu uma vez.

— Então tira a Nora daqui. — A ordem veio seca. — Vou levar a Louise pro hospital.

— Você é quem precisa de hospital. Não eu — retruquei.

— Porra nenhuma.

— E não adianta insistir. Ele não vai — Erion cortou.

Skënder virou o rosto para mim. O olhar ficou preso um segundo a mais do que devia.

— Quem precisa de hospital é você, Lobinha.

Os olhos de Erion correram pelo meu corpo.

— Ela se machucou?

— Louise está grávida, primo — Skënder não hesitou.

Abri a boca para negar. De novo. Mas o cheiro ferroso voltou de uma vez, quente, misturado à pólvora e à terra úmida.

Só tive tempo de virar o rosto.

— É... — Era Nora. — Tá grávida mesmo.

Me endireitei devagar, limpando o canto da boca com o dorso da mão, ainda sentindo o gosto amargo na língua.

— Erion vai te levar pra casa, prima — Skënder cortou, firme, encarando-a.

Depois, encarou Erion.

— Não deixa ela até o Cezar chegar.

— Não deixaria nossa prima sozinha.

— Não sou sua prima — Nora rebateu no mesmo instante.

Quase ri.

Aquele assunto morreu ali.

Mas eu vi o jeito como Skënder e Erion trocaram aquele olhar rápido demais para ser casual. Curto. Ajustado. O tipo de comunicação que não precisa de palavras.

Alguma coisa tinha acontecido na festa também.

Eu sentia.

Algo grande demais para ser explicado ali. O que significava que ainda não tinha acabado e o perigo não tinha ido embora.

Só tinha aprendido a esperar.

Capítulo 42

Louise veio calada durante o caminho.

Eu sempre preferi silêncio, mas o de hoje, fodia com minhas ideias.

Pela primeira vez, me peguei pensando no que devia estar acontecendo dentro da cabeça dela. Não por curiosidade, mas porque aquele silêncio não me obedecia.

Talvez por todos os acontecimentos de uma só vez. A gravidez que ela ainda negava, o sequestro, os corpos caindo diante dos olhos dela, e depois... a porra da bala. Um maldito raspão justo no lugar onde mais sangrava.

O carro parou e eu desci primeiro. O ar frio bateu no rosto, mas não foi o suficiente para levar o resto da adrenalina. Olhei para Ruslan, um segundo bastou, ele entendeu.

Indiquei a casa com um gesto curto para Louise.

Antes de entrar, ela lançou um olhar vago para trás, na direção de onde viemos. Fechou os braços à frente do corpo e passou o polegar pela própria pele, como se estivesse verificando se ainda estava inteira.

Quando a porta se fechou atrás de nós, ela foi direto para o quarto. Não perguntou nada e nem olhou para trás. Andou com a certeza absoluta de que eu iria.

E eu fui.

— Preciso limpar isso — murmurou, já abrindo a gaveta da mesa de cabeceira.

Encostei no batente da porta, sentindo o corpo pesado e o braço latejando, fiquei observando. Ela foi direto até a mesa de cabeceira, puxou a gaveta com força, com se o móvel fosse o culpado do que aconteceu.

— Não precisa — neguei.

— Senta, por favor.

Ela respirou fundo e apontou para a cama.

Fosse qualquer outra pessoa, eu não teria ido. Mas era ela.

Cada passo que dei foi acompanhado pelo olhar dela. Só então se virou, como se aquele fosse o único instante em que podia me dar as costas sem risco. Alinhou a gaze, abriu o antisséptico, organizou tudo como quem tentava impor ordem ao caos.

Quando parou na minha frente, os olhos desceram direto para o ferimento. Um suspiro curto escapou.

Quando olhei para o rosto dela, entendi. Os olhos estavam apertados, duros, cheios de tensão.

Não era pânico.

Era o medo lúcido de quem sabia exatamente quem eu me tornava quando alguém encosta no que era meu. O medo de quem entendia que aquilo nunca terminava sem consequência.

Abriu botão por botão. Os dedos quentes roçaram minha pele com um cuidado tenso, calculado, como se qualquer erro fosse foder com tudo. Já estava. Quando puxou a manga pelo braço ferido, os olhos travaram na pele elevada, marcada pela cauterização que ela mesma tinha feito antes.

— Eu disse que não precisava.

— Você mente mal quando sangra, Skënder.

— Não estou sangrando.

Ela crispou os olhos, contrariada.

— Você me entendeu — resmungou.

— Eu entendi, e o que você precisa entender, é que não vai ser a porra de uma bala de raspão que vai me parar.

— Não foi só uma bala de raspão. E você sabe disso. — Suspirou. — Porque eu sei que você conhece cada ponto do corpo onde sangra mais, e onde sangra menos.

— Cada um — confirmei, sem suavizar nada.

Aquilo só a deixou mais brava.

E, caralho, ela ficava fodidamente mais linda assim.

Louise balançou a cabeça e começou a limpar a ferida. Com os dedos firmes, precisos. A cada vez que a gaze passava, a dor vinha abafada por algo pior.

Posse.

Controle.

— Eu fiquei com medo hoje — confessou, de repente.

As mãos dela pararam no meio do gesto, suspensas no ar, como se o corpo tivesse esquecido o que fazia. O olhar subiu devagar até encontrar o meu, sem pressa, como quem sabia que aquela frase já tinha atravessado tudo.

Eu não disse nada.

Esperei.

— Você estava sangrando muito, tinha mais homens vindo... — a voz falhou por um instante mínimo. — Eu pensei... eu achei que ia...

— Eu não ia deixar nada acontecer com você — interrompi.

— Não era por mim que eu estava com medo. Eu estava com medo de te perder.

Aquilo me acertou como um tiro no peito.

Fiquei olhando para o rosto dela. Ela piscou rápido e desviou logo em seguida, como sempre fazia quando queria fugir do meu olhar.

— Quando não te achei na festa... — comecei, mas hesitei.

Inferno. Eu nunca hesitava.

Ela ainda estava com os olhos fixos em mim.

— Por um segundo, caralho... Eu achei que encontraria você no chão.

— E você sentiu medo?

— Senti. — Admitir aquilo rasgou mais fundo do que o ferimento. — Não de morrer. De não chegar a tempo.

— Eu nunca duvidei que chegaria. Não sei como, mas eu sabia que você ia me encontrar.

A mão dela veio firme ao meu rosto, ancorando e aquilo me fodeu completamente.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, eu vi o ar se formar, vi a palavra... a língua estalar na boca, quando o celular vibrou no meu bolso, quebrando o momento.

Fechei os olhos por um segundo antes de puxar o aparelho, porque eu já sabia o que era.

Cezar...

"Estou com ela no esconderijo da maldita."

Quando levantei o olhar, Louise estava de sobrancelha arqueada.

— Vai sair, não vai?

— Vou. — Coloquei o telefone de volta no bolso. — Mas não demoro.

— Outra pessoa não pode fazer o que vai fazer?

Ela era esperta.

— Apenas eu.

Me levantei, ficando a centímetros dela, sentindo sua respiração falhar ao tocar seu rosto. Ergui o queixo, obrigando-a a me encarar. Louise puxou o ar em um fôlego curto, preso, sem fuga.

— Volto logo.

— Antes que eu sinta sua falta? — provocou, quase em um sopro.

— Agora você admite que vai sentir?

— Talvez...

O canto da minha boca cedeu, quase sem querer. Um gesto mínimo e perigoso.

Soltei o rosto dela e saí antes que aquilo fosse longe demais.

Ruslan parou o carro diante da cabana escondida no meio da mata. Não havia estrada, só terra, árvores fechadas e escuridão espessa.

Erion já tinha me dado o endereço e o carro dele já estava ali.

Meus pés tocaram o chão e os gravetos estalaram. Eu não sentia nada. Nem frio, nem umidade, nem dor, só a adrenalina correndo nas veias.

Empurrei a porta da cabana e o próximo passo fez o assoalho ranger sob meu peso.

O primeiro cheiro não foi mofo, nem madeira velha, foi algo mais forte, intenso e ardido. Combustível. Atravessei a sala e cerrei o punho no instante em que a vi.

Apolline.

Ela estava de joelhos. Os pulsos amarrados para trás. O corpo contido, mas o olhar carregava arrogância.

— Maldito... tá vivo. — Não soou como pergunta. Soou como erro de cálculo. — Como vocês escaparam?

— Já tentaram antes — respondi. — Sempre falham. — Parei à frente dela, obrigando-a a erguer o rosto.

Os olhos dela vacilaram por uma fração de segundo.

— E esse... será o seu fim — sentenciei, com a voz fria.

Ela tentou rir.

Mas o som saiu quebrado, curto, nervoso, e aquele maldito riso morreu sufocado pelo próprio medo.

Os olhos dela começaram a se mover mais rápido.

— Você não vai... — a voz falhou. — Você não mata mulheres.

— Eu não faço distinção de gênero. — Inclinei um pouco mais o corpo, deixando minha sombra cair sobre ela. — Você tocou na única coisa pela qual eu reduzo o mundo a cinzas.

Ergui o olhar para Ruslan.

— Acenda.

— Você não pode... — começou, já perdendo o controle. — Seu desgraçado!

Ruslan riscou o fósforo em um estalo curto, e o filho da mãe ainda sorriu antes de atirar o palito aceso no chão. O fogo nasceu baixo, rasteiro, vivo.

Não subiu de imediato.

Cercou.

O oxigênio começou a rarear antes da dor. Ela inspirou uma vez, duas. A terceira veio curta.

— Não... não... — O desespero apareceu.

A fumaça subiu primeiro, espessa, cinza, e entrou nos pulmões antes do calor. A cabana pareceu encolher. Ela começou a tossir, forte, desesperada, arranhando a garganta.

— Por favor... — tentou dizer.

A palavra morreu antes de chegar ao fim.

As chamas avançaram em círculo, rápidas agora, fechando o rastro de gasolina com precisão cruel de uma prisão que não precisava de grades.

O grito veio inteiro dessa vez. Alto, cru, um som que não pedia ajuda, implorava por ar. A tosse voltou, misturada ao grito, quebrada, úmida. Ela se debatia. Puxou os pulsos de novo, mas a corda queimava antes da pele.

O calor tomou o espaço. A madeira respondeu com estalos secos. As chamas a alcançaram, e a maldita gritou mais alto, mais fino, até virar só dor, só medo.

Não desviei o olhar.

A última coisa que vi, foram os olhos dela, arregalados, refletindo o brilho irregular das chamas que cresciam, dançando alto, subindo sem pressa, lambendo seu rosto.

Virei as costas.

Saí antes que a estrutura cedesse.

Entrei no carro.

Porque eu não matava por raiva, eu sentenciava.

Quando voltei para casa, Louise não estava na cama.

Ela estava sentada na poltrona perto da janela, as pernas inclinadas contra o peito, o corpo encolhido dentro da camisola clara. A luz fraca do abajur não alcançava o quarto inteiro, mas era suficiente para denunciar que ela não dormia.

Fechei a porta com cuidado.

O cheiro de fumaça ainda estava impregnado em minhas roupas.

— Você não dormiu — constatei.

— Não quis.

Ela levantou o olhar devagar. Não havia reprovação, nem medo aberto, só atenção.

Fui até ela. Parei perto o suficiente para que o cheiro chegasse de vez. Ela inspirou fundo antes mesmo de perceber, o nariz franziu de leve em um gesto automático.

— Você tá cheirando a fumaça.

Não neguei.

— Imagino que agora esteja servindo carne assada pro seu lobo. — Mordeu o lábio inferior, pensativa. — Você matou mais

alguém hoje?

Não era acusação. Era necessidade de verdade.

— Dei a ordem.

— Mais de um?

— Não.

Ela assentiu, como quem confirmava algo que já desconfiava.

— Eu não quero detalhes.

— Não vou dar — decretei.

— Mas eu quero saber uma coisa. — Arqueei a sobrancelha e dei um passo a mais, esperando. Ela engoliu em seco antes de continuar: — Se algum dia eu for a razão de você fazer algo que não tem volta, você vai conseguir viver com isso?

A pergunta não era frágil, era perigosa.

— Eu não faço coisas sem volta. Eu faço coisas definitivas. E desde que chegou aqui, tudo que tenho feito nunca teve volta, nem era para ter.

Ela fechou os olhos por um segundo. Depois respirou fundo, como se estivesse organizando algo dentro de si.

Me encarou.

— É curioso — disse, baixo. — Como mesmo sabendo disso, mesmo tendo visto você jogar uma pessoa viva pra um animal devorar, eu não sinto medo.

Parou por um instante. O suficiente para doer.

— O que me assustou de verdade, foi perceber que eu sabia que você ia chegar antes de ouvir o ronco do carro. — Os dedos dela se apertaram no tecido da roupa. — Eu não tremi. Pelo contrário. Meu corpo relaxou. E isso é o que me assusta.

— Por quê?

— Porque significa que eu confio — disse, sem vacilar. — E eu não sei se isso é prudente.

— Nada entre nós foi prudente, minha Lobinha. Nada.

Inclinei-me e toquei a testa dela com os lábios, um beijo breve, firme.

Não era carinho. Era marca.

— Vou tomar um banho. Já volto.

Ela não respondeu, apenas suspirou.

Fui até o banheiro.

A água quente bateu nos ombros, escorreu pelo corpo, levou sangue seco, fuligem, pólvora. Passou pelo braço cauterizado, não doeu, queimou. Ignorei.

Quando desliguei o chuveiro, o espelho estava embaçado. Apoiei as mãos na pia por um segundo a mais do que precisava, me sequei e ao retornar para o quarto, a luz estava apagada.

Louise já estava na cama.

Dormia de lado, com o rosto relaxado, os lábios entreabertos, o pescoço exposto. Uma das mãos repousava sobre o lençol, como se tivesse me esperado e adormecido. A respiração era lenta. Regular.

Aproximei em silêncio.

Deitei com cuidado para não a acordar. Ela se mexeu na cama, buscando calor sem abrir os olhos. Os dedos tocaram meu braço por um segundo. Depois chegou mais perto, encaixando a cabeça em meu peito.

— Nunca mais eu quero... te ver... sangrar — murmurou sonolenta, ainda de olhos fechados. — Promete?

— Agora eu sangro por um único motivo. E esse motivo é você, Louise. Volte a dormir.

— Você é romântico.

— Nem nos seus sonhos.

— Você... é. Eu gosto.

— Dorme.

— Eu gosto... de você. Gosto de verdade.

Passei os dedos pelos cabelos dela com cuidado, como se o mundo pudesse quebrar se eu fosse menos preciso. Ela já tinha voltado a dormir.

— Ninguém mais toca em você — murmurei, perto do ouvido. — Nunca mais.

E, pela primeira vez, o silêncio não me incomodou, ele selou...

E terminou de condenar Louise a mim.

Capítulo 43

Três dias tinham passado e Skënder seguia agindo como se o corpo fosse só mais uma arma que pudesse ignorar. Não reclamava de dor, se era possível que ele sentisse isso. A única coisa que eu notava, era que ele movia o antebraço esquerdo um pouco mais devagar do que o normal.

Ele precisava de um médico.

E eu sabia que não o arrastaria para um hospital sem ameaças.

Então, joguei baixo.

Disse, com a calma mais firme que consegui reunir, que só iria à consulta com a obstetra, a mesma que ele havia marcado e desmarcado duas vezes, se ele fosse primeiro ao médico.

Ele me encarou por alguns segundos.

Não foram segundos vazios, foram medidos e avaliados. Ele sabia que nada me faria voltar atrás daquela decisão. Que, se quisesse me ter naquela consulta, teria que ceder. E cedeu.

Foi assim que, enquanto eu aguardava o resultado do exame de sangue que eu fizera antes, acabei sentada ao lado dele em uma sala branca, cheirando a antisséptico e metal, observando cada movimento do médico no braço ferido.

Skënder estava sem camisa, o antebraço apoiado sobre um campo estéril. A pele ao redor da lesão estava avermelhada, inchada. A cauterização tinha deixado uma marca irregular, escura e malfeita. Funcional, mas bruta.

O médico franziu o cenho.

— Quem fez isso? — perguntou, sem levantar o olhar.

Skënder me fuzilou antes de responder.

— Eu mesmo.

Mentiroso.

— Imaginei.

O médico pressionou levemente a região ao redor da ferida. Skënder nem piscou.

— A cauterização estancou o sangramento — explicou, profissional, mas com uma ponta de reprovação. — Apesar de não ter sido feita de forma... adequada.

Skënder olhou rápido para mim, depois voltou ao braço.

— O problema é isso aqui. — Indicou a pele inflamada. — O tecido reagiu. Ainda não há infecção ativa, mas estamos bem perto.

— Perto quanto? — perguntei.

— Perto de virar um problema sério se continuar ignorando.

Ele começou a limpar a área com cuidado, removendo resíduos escuros, sangue seco e pele.

— Você teve sorte — completou. — Mais alguns dias assim, e estaríamos falando de infecção profunda. Tendão, talvez... Mobilidade comprometida.

Sorte.

A palavra bateu errado dentro de mim.

Skënder permaneceu em silêncio, o olhar cravado em mim agora, não no médico. Como se estivesse me acusando por estar ali. Como se aquele curativo fosse culpa minha.

O médico terminou os pontos, refez o curativo, enfaixou o braço com firmeza.

— Terminamos aqui. Só vou pedir para que um dos enfermeiros traga uma tipoia...

— Sem tipoia — Skënder rosnou.

O médico ergueu a cabeça, finalmente encarando-o de verdade, mas não disse nada. Talvez conhecesse muito bem quem era o paciente sentado à sua frente.

— Certo — não insistiu. — Deixarei antibiótico por dez dias — continuou. — Analgésico se doer. E repouso relativo.

— Repouso não é uma opção — Skënder devolveu.

— Se o braço latejar, inchar mais ou ficar quente demais, volte imediatamente para cá.

Ele assentiu uma única vez, não por aceitar, mas por querer acabar logo. Depois, Skënder inclinou o rosto na minha direção.

— Satisfeita? — murmurou.

— Um pouco — respondi. — Vou ficar de verdade quando você parar de agir como se dor fosse algo opcional.

O canto da boca dele se moveu devagar. Não chegou a ser um sorriso, mas também não era indiferença. Era aquela expressão rara que só aparecia quando alguém ousava enfrentá-lo sem medo.

Ele me encarou por um segundo a mais do que o necessário. Depois soltou o ar, lento, como quem cedia um milímetro, e odiava admitir.

— Você é perigosa, Louise.

— Aprendi com você.

Uma hora depois, ele estava com o braço enfaixado depois de recusar usar uma tipoia, em uma cadeira de metal. Eu, deitada em uma maca do consultório da doutora Anisa, as mãos entrelaçadas sobre o ventre, nervosa demais para fingir calma.

O lugar cheirava a antisséptico. O relógio na parede marcava os segundos com estalos secos, e cada tic-tac, parecia aumentar o caos dentro de mim.

— Bom, já temos o resultado do exame de sangue... — A médica chamou atenção, puxando a cadeira para perto da maca.

Meu corpo reagiu antes da cabeça. O estômago se contraiu, pesado, como se tivesse despencado alguns centímetros. O papel

estava aberto sobre a prancheta, discreto demais para sustentar o peso que eu sentia no peito.

— Positivo — anunciou, com a naturalidade de quem entregava uma informação comum. — Gravidez confirmada.

As palavras ficaram presas dentro da minha cabeça.

Positivo. Gravidez confirmada.

— Não... — foi quase um sussurro. — Isso não faz sentido.

Encarei a médica. Um sorriso breve apareceu no rosto dela, mais profissional do que otimista.

— Quer me explicar por que acha isso, senhora Vokrri? — Eu ainda não estava acostumada com aquele sobrenome.

— Eu comecei a pílula — falei rápido, atropelando as próprias palavras. — Dias depois. Quase imediatamente. E... — engoli em seco, vendo Skënder cerrar o punho. — Eu levei um tiro. Perdi muito sangue logo depois de ter relação. Eu achei que... que isso impediria qualquer coisa.

Anisa assentiu devagar.

— Entendo por que você pensou isso — disse, sem me cortar. — Muita gente pensa. Mas vou explicar como funciona.

Pegou uma caneta e puxou um papel para perto, desenhando algo simples, quase esquemático.

— O espermatozoide pode sobreviver até cinco dias no corpo da mulher — começou. — Pelo que você me contou, a relação aconteceu pouco antes de tudo o que veio depois. Nesse intervalo, ele ainda pode permanecer viável no trato reprodutivo. A fecundação nem sempre acontece no mesmo dia.

Levantou o olhar para mim, certificando-se de que eu estava acompanhando.

— A perda de sangue que você teve foi consequência de um ferimento externo. Grave, sim. Mas não interfere diretamente no sistema reprodutivo. São processos diferentes no corpo.

Um calor súbito irradiou pelo meu corpo todo.

— Quanto à pílula... ela não age de forma imediata e nem retroativa. Ela precisa de um tempo para começar a inibir a ovulação. Se você já estava em período fértil, a ovulação pode ter ocorrido antes da medicação fazer efeito.

Fez uma pausa curta, respeitosa.

— Em outras palavras: biologicamente, o que aconteceu é possível e plausível.

O silêncio que caiu foi pesado, quase físico.

Não havia erro.

Não havia exceção milagrosa.

Não havia um "mas" ou "se".

Balancei a cabeça devagar, como se meu corpo precisasse aceitar antes da mente.

— Mesmo com o trauma? — insisti.

— O corpo feminino é mais resistente do que parece — ela respondeu, firme. — E, em alguns casos, mesmo sob estresse extremo, a gestação se mantém. Pelos seus exames, estimamos cerca de seis semanas.

Seis.

Um nó apertou minha garganta.

Skënder estava completamente imóvel. Não falava, ou se mexia, mas eu sentia o olhar dele em mim como se fosse uma mão pesada pressionando minhas costelas.

— Eu... — comecei, mas precisei inspirar fundo antes de continuar. — Eu não estava preparada.

— Ninguém está — a médica disse, com suavidade honesta. — Nem mesmo quando planeja.

Ela se levantou e ajustou o equipamento.

— Ainda é cedo para ouvir o coração — continuou. — Com cerca de seis semanas, muitas vezes o batimento não é audível pelo doppler abdominal. Mas, se vocês quiserem, podemos tentar pelo ultrassom transvaginal. Às vezes conseguimos captar a atividade cardíaca.

Eu já estava ali. Já tinha atravessado o ponto em que fingir que nada existia era possível. Saber que uma vida crescia dentro de mim, mudava tudo.

Por um segundo, um segundo que se esticou como uma eternidade, tudo veio junto. Desde o momento em que fui forçada a vir para cá, até o medo de perdê-lo quando o vi sangrar. A vingança declarada nos olhos dele, e depois o rompimento disso tudo no instante em que ele me chamou, quase desesperado, só para saber se eu estava bem.

As lembranças não vieram em fila, vieram como um impacto, engolindo-me inteira.

Virei o rosto para o lado até ver Skënder.

Ele apertou os olhos levemente. O corpo estava imóvel, tenso de um jeito controlado. Era como se, mesmo já sabendo, alguma coisa tivesse se deslocado dentro dele.

Não disse nada.

Eu sabia que ele não pediria que eu fizesse.

— Eu quero fazer — afirmei, sem piscar.

Minha voz saiu firme para alguém que ainda tentava entender o próprio chão.

— Certo. — Anisa assentiu, profissional. — Você pode se trocar então. No banheiro há um armário com roupas adequadas para o exame. Pode ir. Quando estiver pronta, voltamos para prosseguir.

Levantei da maca com cuidado, como se um movimento errado pudesse alterar tudo. Skënder se moveu no mesmo instante, um passo curto, quase imperceptível, parou.

Por um segundo, achei que fosse dizer alguma coisa.

Ele não disse.

Passei por ele, sentindo o peso daquele silêncio me acompanhar. Quando fechei a porta do banheiro, foi como se tudo que eu tinha segurado até ali finalmente tivesse me alcançado.

Me apoiei na pia.

Encarei meu reflexo no espelho como se fosse outra pessoa. O rosto pálido. As pupilas dilatadas. Soltei o ar que nem tinha percebido que estava prendendo, e foi ali que o impacto me atravessou inteira.

Eu estava grávida. Gravida.

A palavra parecia não caber em mim. A ideia de algo batendo dentro do meu corpo não era só absurda, era imensa, assustadora e já real demais para ser negada.

Fechei os olhos por um instante.

Eu ia ser mãe.

Um dia eu ia me acostumar?

O pensamento veio inteiro, pesado, e por um segundo, achei que minhas pernas não iam me sustentar. Afastei tudo antes que me engolisse. Troquei a roupa devagar, com movimentos automáticos, como se o corpo estivesse fazendo aquilo sozinho enquanto a mente tentava se reorganizar.

Quando voltei, a sala já estava preparada.

O ambiente parecia diferente. Mais silencioso. A luz um pouco mais baixa, quase respeitosa. Deitei novamente, com o coração tão acelerado, que tinha a sensação de que batia na garganta.

Skënder ficou de pé ao meu lado. E então, sem aviso, sem palavra alguma, ele segurou minha mão. Firme, presente.

Foi um gesto simples, mas me pegou de surpresa, de um jeito que nenhuma frase conseguiria.

Aquilo bastou.

Foi como se o caos dentro de mim tivesse diminuído o volume.

A médica explicou o procedimento com calma, avisou sobre o desconforto, pediu que eu respirasse fundo. Assenti, com o corpo inteiro tenso, como se estivesse à beira de algo que não sabia nomear.

O monitor acendeu.

No começo, não fazia sentido nenhum.

Manchas, tons de cinza, outros preto. Um ponto mais claro que poderia ser qualquer coisa, ou nada. Meu coração batia rápido demais para que eu conseguisse entender alguma coisa.

Anisa ajustou o foco. Um pouco mais. Depois menos.

O silêncio da sala se esticou, pesado, e cada tilintar baixo dos equipamentos, parecia alto demais. O ar parecia diferente, como se estivesse se tornado escasso naquela sala.

— Aqui — disse, apontando para a tela. — Está vendo esse ponto?

Eu forcei os olhos.

Vi.

Pequeno, quase nada, ou talvez nem estivesse entendo nada.

— Isso é o saco gestacional — explicou. — E aqui... — moveu o cursor com precisão. — A atividade cardíaca.

Ela ligou o som.

No início, não veio nada.

Meu corpo se contraiu de um jeito tão abrupto, que a respiração travou no meio do caminho.

Um segundo depois...

Um ruído rápido, irregular, acelerado. Não era como nos filmes, era estranho, vivo, alto. Cada batida atravessava meus ouvidos como um impacto seco, repetido, insistente.

Meu corpo simplesmente parou.

O peito ficou pesado, como se algo tivesse fechado por dentro, impedindo o ar de entrar, ou de sair. A visão embaçou de repente, em uma ardência quente que tomou meus olhos sem aviso. Pisquei rápido, tentando conter, manter o controle por mais um segundo.

Não deu.

O calor subiu rápido, pressionando o rosto, e quando percebi, a lágrima já tinha escapado, lenta, traçando a pele até encontrar o gosto salgado nos meus lábios.

E foi ali, ouvindo aquele coraçãozinho batendo como um tambor, que algo dentro de mim mudou para sempre.

Olhei para Skënder no instante seguinte.

Seu semblante tinha mudado.

Os olhos estavam diferentes, mais escuros, intensos e vidrados na tela, como se algo tivesse atravessado uma muralha antiga e encontrado um lugar onde nunca tinha estado antes.

A mandíbula dele estava travada, dura, e os ombros rígidos denunciavam o esforço absurdo de permanecer inteiro.

— Está aí — Anisa disse, com cuidado. — É cedo, mas está batendo.

Engoli em seco no automático. Um reflexo do corpo tentando se manter inteiro quando algo grande atravessa o peito. O som ainda ecoava dentro de mim quando percebi que Skënder me encarava.

Os olhos dele estavam vermelhos. E foi isso que me quebrou de vez. Mais lágrimas vieram sem aviso, quentes, copiosas, e eu nem tentei conter, porque sabia que não havia força suficiente para isso.

Ele não pensou, não hesitou, a mão firme alcançou meu rosto e, no instante em que os dedos quentes tocaram minha pele, meu corpo reagiu inteiro. O ar ficou preso no meio do caminho. O estômago se contraiu de um jeito estranho, leve, quase elétrico. Borboletas. Ridículo pensar nisso em um momento como aquele e, ainda assim, estavam lá.

O toque dele tinha esse efeito.

Deslizou os dedos devagar pela minha bochecha, limpando as lágrimas com um cuidado que não combinava com o homem que o mundo conhecia. Era como se, ali, só comigo, ele permitisse existir de outro jeito.

— Vou deixar vocês um momento. Depois eu volto para passar as instruções, as vitaminas, e marcar a próxima consulta — Anisa disse, respeitosa.

Eu já nem a via mais.

— Vamos ter um filho, Lobinha — ele disse baixo, com a voz rouca, enquanto ainda limpava meu rosto.

Fechei os olhos por um segundo.

Precisei.

Inspirei fundo o cheiro dele. Algo familiar, forte, que eu já reconhecia antes mesmo de perceber o quanto gostava. Meu peito subiu e desceu devagar, como se estivesse reunindo coragem.

Só então ergui o olhar.

Os olhos escuros dele estavam ali, intensos, lindos, perigosos do jeito que sempre foram, mas agora, havia mais. Algo novo, algo que mais uma vez me fez apertar os olhos antes de sustentar aquele olhar sem desviar.

— Acho que agora você tem um motivo para não sangrar.

— Agora eu tenho dois pra fazer o mundo sangrar — corrigiu.

O canto da boca dele se moveu quase imperceptivelmente.

E eu sorri, entre lágrimas...

Porque com aquele som rápido, imperfeito e vivo, nós dois tínhamos sido atravessados por algo sem volta.

Capitulo 44

Saí do hospital com a porra do braço esquerdo enfaixado, rígido contra o corpo.

Louise caminhava ao meu lado, passos curtos, cuidadosos. Uma mão cruzada ao meu braço bom e a outra repousando, instintivamente, sobre a própria barriga. O rosto ainda pálido, os olhos perdidos naquele lugar estranho de quem acabou de descobrir que a própria vida saiu do eixo.

Grávida.

Eu sabia desde o começo. Soube antes do exame, antes do resultado positivo, antes de qualquer explicação médica.

Ainda assim, absolutamente nada me preparou para o que senti quando vi aquelas imagens no monitor.

Meu filho.

Meu.

Ele estava ali.

Eu não entendia nada daqueles pontos cinzas, da tela fria, das formas sem sentido. Mas, quando aquele ruído começou rápido e imperfeito, alguma coisa dentro do meu peito travou de um jeito que nunca tinha travado antes.

O estacionamento estava quase vazio. O céu começava a escurecer, aquele tom de cinza sujo que antecedia a noite.

Abri a porta do carro para ela, antes que tentasse sozinha.

— Não precisa — murmurou, automática.

— Precisa sim.

Ela entrou sem discutir.

Fechei a porta atrás de mim e dei a ordem para seguir. O hospital ficou para trás rápido, e o ronco do motor não abafava nada.

Pai.

A palavra não fazia barulho, mas esmagava meu peito. Ela não vinha com imagem, nem com ideia clara, muito menos com manual ou promessa bonita. Vinha como sentença definitiva e irrevogável.

Louise se mexeu no banco ao meu lado, inquieta.

— Você está quieto — ela comentou.

Quieto não era a palavra.

Eu estava desmontando o mundo por dentro e montando de novo. Recalculando rotas, riscos, nomes, lugares. Porque tudo tinha mudado de tamanho, e agora girava em torno dela e da vida que crescia em seu ventre.

— Estou pensando — respondi.

— Isso geralmente é perigoso.

— Agora, é mil vezes mais.

Os olhos dela percorreram meu rosto devagar, como se procurassem algo que não estava acostumada a ver ali, soltou um ar curto, em um sorriso quase nervoso.

— Por causa do bebê?

— Por sua causa. E dele.

O peito dela subiu rápido, depois desceu devagar, como se tivesse acabado de perceber o peso exato daquilo.

— Isso te assusta?

— Não. Me define.

— Como assim? — Franziu o cenho, confusa. Talvez.

— Antes, eu protegia o que era meu porque era meu. Território, nome, família. — Olhei bem para ela. — Agora, qualquer ameaça ganha outro peso.

— Mais responsabilidade?

— Mais violência.

Ela puxou o ar com força, apertando os dedos no tecido do vestido escuro sobre a barriga, instintivamente.

— Skënder…

— Esse sou eu, Louise. Impiedoso, cruel, obcecado. — Mantive os olhos cravados nos dela. — E quando eu tenho algo a perder, não

fico mais cuidadoso. Eu fico mais letal.

— A gravidez não precisa mudar quem você é — disse, hesitante.

— Não — afirmei. — Mas muda o quanto eu vou até o fim.

Ela não respondeu.

Seguimos alguns minutos em silêncio. A cidade foi ficando para trás aos poucos, luzes rareando, o ronco do motor engolido pela estrada mais escura. Dei dois toques secos no vidro. O motorista entendeu no mesmo instante e saiu da rota principal.

— Onde estamos indo? — perguntou.

— Para casa. — Pausei. — Mas não pela estrada comum.

Desci primeiro, ignorando o protesto do braço. O ar ali era diferente. Mais frio, mais limpo. Um silêncio antigo.

Abri a porta para ela, estendendo o braço livre.

Estávamos à margem do lago.

As montanhas ao redor formavam sombras pesadas contra o céu escuro, como sentinelas imóveis. A estrada terminava ali, engolida pela terra. Não havia cercas, nem casas próximas. Só água, pedra e o céu estrelado.

Louise olhou ao redor devagar, absorvendo tudo.

— Aqui é…

— É seguro — adiantei.

— Tudo que você diz ser seguro, vem acompanhado de tiros depois.

Errada não estava, mas o inferno tinha acabado. Ao menos uma porta eu tinha trancado.

— Hoje não — respondi.

A guiei até a beira do lago.

A água estava parada, lisa como vidro. A lua inteira se refletia ali, perfeita, intocada, como uma lâmina estendida na escuridão. Nenhuma ondulação, ou som.

— Quando a médica disse… — ela hesitou um segundo. — Eu pensei que você fosse dizer alguma coisa.

— Eu estava pensando o que faria com você se fosse fugir.

— Fugir de você?

— Fugir de mim... grávida.

Ela riu.

— E no que você estava pensando quando me encarava daquele jeito? — devolvi, e eu não precisava encará-la para saber. Sentia o olhar dela queimando na lateral do meu rosto.

Louise respirou fundo antes de responder.

— Pensei em você sangrando. Em você me procurando naquela mata. Em você me chamando pelo nome… — a voz falhou um pouco. — Como se o mundo fosse acabar se eu não respondesse.

Apertei a mandíbula.

— Eu teria acabado com o mundo.

— Eu sei.

Virei de frente para ela.

Segurei o rosto dela entre as mãos, sentindo o calor da pele, o pulso acelerado sob meus polegares. Louise engoliu em seco, mas não desviou. Nunca desviava quando entendia que aquele momento era definitivo. Os olhos dela estavam brilhando com tudo o que ainda não tinha sido dito.

— Sou o filho da puta mais sortudo desse mundo por ter te roubado pra mim.

— Você é romântico.

— Porra nenhuma.

— Continue — pediu, quase rindo, e as malditas covinhas apareceram, pequenas, traidoras.

Eu não continuei falando.

Beijei.

Forte, sem cuidado, como quem prendia e não soltava. A boca dela cedeu no mesmo instante, urgente, querendo provar que aquilo era real. Quando me afastei, ela puxava o ar devagar, os olhos escuros demais.

Foi nesse instante, que enfiei a mão no bolso interno do casaco.

Ela congelou.

— Skënder…

— Não fala ainda.

Abri a caixinha.

A aliança capturou a luz da lua como se tivesse sido feita para aquele instante.

— Eu ainda não tinha te dado uma aliança.

As lágrimas vieram antes que ela tentasse segurar. Deslizei o polegar pelo rosto dela, enxugando-as.

— Não vou te prometer calma — continuei, com a voz baixa. — Vou te prometer que ninguém encosta em você. Em vocês. Que qualquer um que pense nisso, vai parar antes de tentar.

Toquei o rosto dela, firme.

— Você é meu território. Minha fúria. Minha fraqueza. Porque você é minha vida, Louise, e meu mundo inteiro está crescendo dentro de você agora.

O queixo dela tremia, o forcei para cima.

— Eu já sou sua... esposa — disse.

— Mas quero que seja minha mulher, que formemos uma família grande.

— Não vou passar anos grávida, Skënder. — Pausou — Dois está bom.

— Três...

— Três é um número bom.

— Então aceita. — Não foi pergunta.

— Aceito.

Coloquei o anel no dedo dela. O encaixe foi perfeito.

— Aproveite o momento, Louise Vokrri. Porque a partir de agora, tudo em você vai aprender o que é ser minha de verdade — murmurei, as mesmas palavras do início de tudo.

Ela sorriu entre lágrimas.

Porque sabia que não era promessa.

Era sentença.

Capítulo 45

Dois meses depois...

O espelho à minha frente devolveu meu reflexo, e foi quando percebi que os dias tinham passado rápido.

Rápido como tudo que mudava quando a vida decidia seguir outro rumo sem pedir licença.

Encarei o reflexo outra vez, e um suspiro deixou meus lábios. O vestido de noiva pendia sobre o corpo, com uma elegância que eu mal reconhecia como minha. A parte superior moldava o busto estruturado, sustentado por um corpete interno, firme, desenhava meu colo sem exagero, sem apertos.

Rendas finas se espalhavam pelo tecido em desenhos sutis, como se tivessem crescido ali. Elas começavam nos ombros, desciam pelos braços em mangas longas e translúcidas, deixando a pele aparecer sob o bordado, e se encontravam no tronco, onde o desenho se tornava mais denso.

A cintura era marcada com suavidade, não apertava. Apenas acompanhava. O tecido descia a partir dali em uma saia fluida, longa, que escorria até o chão em camadas leves, criando movimento, mesmo quando eu estava parada.

Enquanto eu ainda me observava no espelho, minhas mãos foram até a barriga, sem que eu pensasse nisso. Era discreta, quase imperceptível para quem não sabia da gravidez, mas real.

Catorze semanas.

Era o tempo estimado, e o suficiente para mudar tudo.

Puxei o ar devagar, fundo o bastante para assentar o que vibrava dentro de mim. Porque eu não era mais apenas a irmã do Don, nem a mulher condenada ao Skënder, eu era um futuro que eu nunca tinha ousado imaginar, e que, ainda assim, reconhecia como meu no instante em que pensava nele.

E, se tivesse que atravessar cada medo outra vez, cada escolha difícil, cada risco, eu faria tudo exatamente do mesmo jeito.

A batida veio baixa na porta.

— Louise… posso entrar?

Reconheci a voz antes mesmo de responder, e inspirei fundo.

Louis.

Fechei os olhos por um segundo, não por raiva, por saber que seria difícil, pois fazia meses que eu não falava com ele e nem o via.

— Pode — respondi, firme, apesar de tudo.

A porta se abriu devagar. Ele entrou como quem pisava em território instável. Usava um terno preto e camisa branca. Sorri de leve. Louis nunca gostou da cor.

Ele parou a alguns passos de mim, o olhar vagou pelo quarto, antes de finalmente parar no meu reflexo no espelho.

— Eu sei que você ainda não quer me ver — começou.

— Estou chateada, mas isso não quer dizer que eu não te queira aqui — corrigi. — Você ainda é meu irmão. — Virei-me para encará-lo. — Eu só esperava que tivesse confiado mais em mim.

— Eu sempre confiei.

— Então por que nunca me contou?

O silêncio caiu entre nós, pesado como sempre acontecia quando a verdade rondava.

— Eu não sabia como — ele respondeu por fim. — Por isso escrevi a carta.

— Eu rasguei — confessei, sentindo um nó na garganta.

Ele assentiu devagar, sem surpresa.

— Eu sabia que faria isso. Te conheço, irmã. — Quase riu. — Por isso, garanti que ela pudesse chegar até você...

Ele tirou o celular do bolso e estendeu na minha direção.

Na tela, uma foto.

Reconheci o papel que ele sempre usava no mesmo instante, a caligrafia e percebi o tom amarelado da folha. Olhei para a data da captura.

Mais de um ano atrás.

— Mas essa não é a data...

— Eu escrevi todos os anos — me interrompeu, com a voz mais baixa. — Em cada aniversário seu, eu fazia uma nova carta. Nunca tive coragem de entregar nenhuma.

O nó na minha garganta cresceu.

— Quando Logan matou Amir Vokrri, eu soube que as coisas iam ficar difíceis e perigosas. — Os olhos dele escureceram. — Eu não sabia se teria outra chance de falar com você.

— Por isso mandou me entregar.

— Sim.

Afastei o olhar, empurrando o celular ainda em sua mão.

— Eu não quero saber o que está escrito.

— Leia.

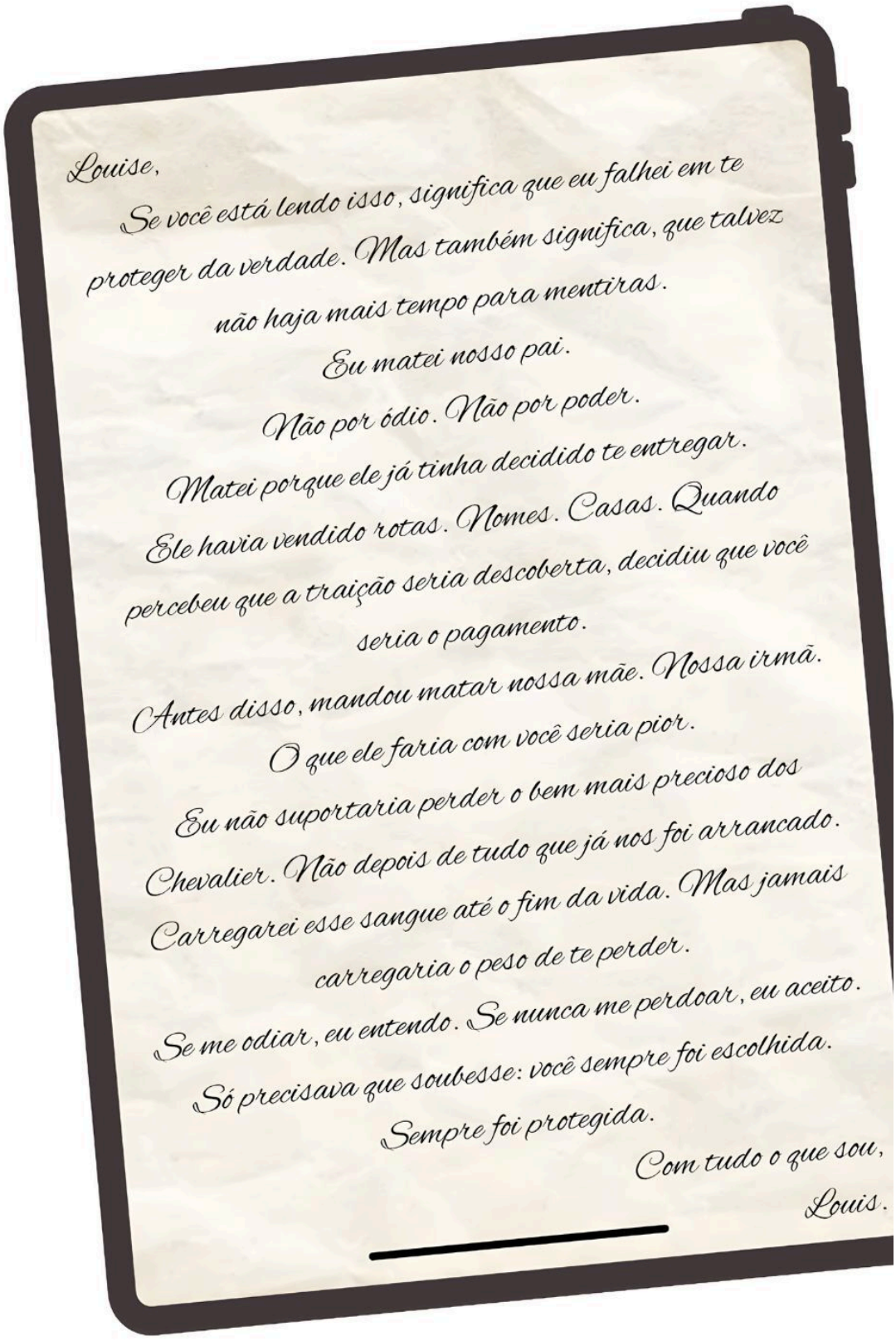
Hesitei.

— Você precisa ler — insistiu. — Nem que seja para me odiar da forma certa.

— Você pode me dizer o que está escrito...

— Só leia, Louise — devolveu.

Peguei da mão dele. A tela acendeu, respirei fundo e comecei.



Louise,

Se você está lendo isso, significa que eu falhei em te proteger da verdade. Mas também significa, que talvez não haja mais tempo para mentiras.

Eu matei nosso pai.

Não por ódio. Não por poder.

Matei porque ele já tinha decidido te entregar.

Ele havia vendido rotas. Nomes. Casas. Quando percebeu que a traição seria descoberta, decidiu que você seria o pagamento.

Antes disso, mandou matar nossa mãe. Nossa irmã.

O que ele faria com você seria pior.

Eu não suportaria perder o bem mais precioso dos Chevalier. Não depois de tudo que já nos foi arrancado.

Carregarei esse sangue até o fim da vida. Mas jamais carregaria o peso de te perder.

Se me odiar, eu entendo. Se nunca me perdoar, eu aceito.

Só precisava que soubesse: você sempre foi escolhida.

Sempre foi protegida.

Com tudo o que sou,

Louis.

O celular tremia nas minhas mãos.

Quando terminei, as lágrimas já escorriam sem pedir permissão.

Levantei o rosto.

Louis estava imóvel, os olhos marejados, a mandíbula travada, como se segurasse algo que ameaçava despedaçá-lo.

Eu não disse nada, apenas dei um passo à frente e o abracei. O corpo dele cedeu contra o meu, como se só agora tivesse permissão para cair. Respirou fundo no meu ombro.

— Eu sinto muito, irmã — disse baixo. — Por não ter te contado antes.

— Não precisa dizer mais nada.

As palavras saíram entrecortadas, mas firmes.

Eu sempre soube quem nosso pai era.

Só não sabia até onde ele teria ido.

Levei quase um susto quando ouvi a porta ranger ao ser aberta.

— Eu sabia que não devia ter deixado seu irmão subir — Nora lamentou, parada no batente, com os braços cruzados.

Afastei-me e limpei o rosto, rindo entre lágrimas.

— Se eu começar a chorar de novo, a culpa é sua.

— Já é — respondeu, aproximando-se. — Não deveria ter deixado seu irmão subir, mas alguém precisava garantir que vocês não se matassem lá embaixo.

— Como estão? — perguntei.

— Vokrri e Chevalier na mesma igreja? — Ela suspirou. — Não existe combinação mais explosiva.

Louis estendeu o braço.

— Podemos ir? — Ofereceu. — Antes que eu resolva te levar de volta pra casa.

— Louis…

— Desculpe me intrometer... — Nora cortou, com um meio sorriso. — Mas sua irmã já é mais Vokrri do que Chevalier.

Olhei para o espelho uma última vez.

Não só para o vestido, ou para a curva quase invisível sob o tecido claro. Olhei para o conjunto inteiro. Para a mulher que já não era a mesma de antes, sabendo que cada escolha difícil, cada medo, tinham me trazido até ali.

E eu não me arrependia de nada.

Desci.

Capítulo 46

Nunca gostei de lugares onde tantas pessoas se reuniam fingindo não carregar armas invisíveis. E aquele era exatamente um.

Eu já estava no altar. De pé. Imóvel para quem olhava de fora. As mãos unidas à frente do corpo, postura impecável. O braço esquerdo rígido sob o paletó escuro, não por dor, mas por cálculo. Sempre pronto.

Afrouxei a porra da gravata com dois dedos, um gesto mínimo, quase imperceptível, mais para liberar o ar do que por conforto. O maxilar travou, rangendo. Eu sentia os dentes se pressionarem uns contra os outros.

As duas famílias estavam ali.

Vokrri de um lado.

Chevalier do outro.

Separadas por um corredor estreito com tapete branco. Poucos metros de tecido para décadas de sangue derramado.

Meus soldados ocupavam os bancos de forma calculada entre os Vokrri, Koçolla e aliados antigos do clã. Estavam intercalados com precisão suficiente para controlar qualquer movimento estranho antes mesmo que ele nascesse.

Do outro lado, os Chevalier. Elegantes, contidos, mas com os olhos atentos. Mesmo sem nenhum gesto fora do lugar, eles não eram menos perigosos, só fingiam melhor.

Deixei o olhar percorrer o espaço sem pressa, mapeando, calculando e confirmando.

Parei em Cezar.

Ele estava em um dos últimos assentos. Corpo firme, costas retas e o rosto duro como pedra antiga, esculpido pela raiva que nunca evaporou. Os olhos quase não se moviam, não precisavam. Cezar sempre foi explosivo, mas a explosão dele vinha depois de uma quietude perigosa. Ele nunca esquecia. Nunca.

Segui a linha do olhar dele.

Logan.

Alguns bancos à frente, do outro lado do corredor. Ao lado da cunhada e dos primos. Postura ereta, queixo levemente erguido, aquela arrogância contida de quem acreditava que o tempo era capaz de apagar qualquer coisa.

Não apagava.

Foi Logan quem apertou o gatilho que matou o pai de Cezar.

Meu tio, Amir.

O olhar de Cezar não carregava só ódio. Ódio explodia. Aquilo era pior. Era memória viva, fria e organizada. A que não gritava, não tremia e não se perdia com os anos.

Por um segundo, senti a tensão no ar se condensar. Se não fosse a minha ordem sustentando aquele acordo, a igreja já estaria escorrendo vermelho pelos cantos.

Embora tudo em Cezar implorasse por retaliação, ele não faria nada fora do meu comando.

O órgão soou.

O primeiro acorde ecoou pela igreja, como um aviso antigo. As conversas cessaram. As cabeças se voltaram.

As portas do fundo se abriram.

E o mundo encolheu.

Caralho, ela estava linda.

Louise surgiu no vão de luz como se tivesse sido desenhada ali. O vestido claro descia pelo corpo com uma elegância silenciosa. O tecido acompanhava suas curvas, e quando meus olhos chegaram à altura da cintura, vi o detalhe que ninguém mais parecia perceber.

A barriga.

Discreta. Protegida. Minha.

Ela caminhava devagar, o braço entrelaçado ao de Louis. O rosto erguido. Os olhos firmes. Não havia hesitação em seus passos.

Não era mais uma mulher sendo entregue a força.

Agora, era por escolha.

O irmão dela caminhava de braço cruzado com ela e com o maxilar tão travado, que eu podia ver a mandíbula trincada de longe. O terno não escondia o peso que carregava nos ombros.

Os olhos dela ficaram nos meus, e porra, aquilo quase me destruiu.

Desci do altar para encontrá-los. Quando pararam diante de mim, o cheiro dela veio primeiro. Depois vi o leve brilho nos olhos, o cerrar sutil dos dedos no braço do irmão antes de puxar o ar com força.

Louis manteve o braço firme por um segundo a mais do que o necessário. Como se ainda decidisse se o gesto era despedida ou permissão.

— Cuide dela — rosnou, baixo.

— Sempre cuidei. Agora, oficialmente — decretei.

Louis sustentou meu olhar por um instante longo para um casamento. Havia culpa, proteção e algo que se parecia muito com aceitação dolorosa.

Ele crispou os olhos, assentiu uma vez e então a soltou.

Estendi a mão.

Louise depositou a dela sobre a minha sem hesitar, e eu beijei o nó de seus dedos, sem deixar de encarar os lindos olhos verdes dela.

— Você está deslumbrante minha Lobinha.

O sorriso dela veio quebrado, fraco, se ele se completasse, ela choraria ali.

— Você também está, marido.

Caralho. Aquela palavra me atingiu forte.

Subimos juntos até o altar.

O padre pigarreou e iniciou o rito. A voz dele ecoava pela igreja... sobre amor, compromisso, paciência. Palavras muito limpas

para o mundo em que eu vivia. Ainda assim, deixei que seguisse, porque Louise merecia o ritual.

— Skënder Vokrri — o padre chamou. — Você aceita Louise Chevalier como sua esposa?

— Aceito. — Sem condição. Sem retorno.

O padre assentiu e se voltou para ela.

— Louise Chevalier, você aceita Skënder Vokrri como seu esposo?

— Aceito — respondeu no mesmo tom.

O silêncio que se seguiu pesou mais do que qualquer aplauso. Ele só foi quebrado pelo som dos passos de Nora, se aproximando com as alianças.

Louise se virou de frente para mim, piscou devagar, e uma única lágrima escapou, silenciosa, sem pressa... e caiu no instante exato em que ela deslizou a aliança no meu dedo.

Quando segurei a mão dela para repetir o movimento, senti o leve tremor nos dedos. E enquanto deslizava a aliança, pensei no que aquilo significava.

Ela não recebia um símbolo. Recebia meu nome, minha proteção e meu limite.

O padre demorou um segundo para reencontrar a própria voz, como se até ele tivesse sentido o peso do que acabara de ser selado.

— Pelo poder a mim concedido, eu os declaro: marido e mulher.

Inclinei-me devagar, o peito dela subia e descia rápido, curto, como se o corpo dela ainda estivesse tentando entender tudo o que tinha acabado de acontecer.

Beijei ali, na testa, onde só eu tocava.

— Você sempre foi minha, Louise — murmurei, perto o suficiente para que só ela sentisse cada palavra. — Agora vou colocar o mundo aos seus pés.

O sorriso que surgiu nos lábios dela não foi contido, foi real, completo, entre lágrimas de alegria.

Eu não esperei mais nada.

A puxei para mim e a beijei, como se aquele fosse o primeiro gesto permitido depois de uma longa espera. O gosto salgado das lágrimas ainda estava ali, misturado ao dela, quente, vivo.

Aplausos ressoaram atrás de nós, e antes de encerrar o beijo, Louise sorriu entre meus lábios.

O mundo só voltou a respirar, quando atravessamos as portas da igreja.

E ali, sob o céu aberto, com as duas famílias obrigadas a coexistir no mesmo espaço, o império Vokrri tinha acabado de conhecer sua rainha.

Capítulo 47

A festa demorou alguns segundos para parecer real.

Talvez porque eu ainda estivesse com a sensação da igreja presa no corpo. O eco do órgão, o peso do vestido, o olhar de Skënder no altar. Tudo aquilo ainda vibrava em mim quando atravessei o salão iluminado por velas, lustres antigos e vozes que tentavam soar leves.

Era bonito.

Era elegante.

E ainda assim, tenso.

As famílias estavam ali. Todas.

Vokrri e Chevalier dividindo o mesmo espaço, os mesmos brindes, os mesmos sorrisos ensaiados. Nada de armas, ameaças, ou confrontos. Só aquela calma cuidadosa que antecedia tempestades, ou que provava que alguém forte o bastante decidiu que não haveria nenhuma.

Skënder caminhava ao meu lado, a mão firme na base das minhas costas, como se aquele gesto simples fosse suficiente para alinhar o mundo.

Talvez fosse.

Eu sentia os olhares. Não curiosos, atentos, mesmo que nenhum deles permanecesse em mim por mais de alguns segundos. Não porque eu não importasse, mas porque todos, oficialmente, sabiam a quem eu pertencia agora.

E isso mudava tudo.

— Você está bem? — Ele murmurou perto do meu ouvido.

Assenti.

Eu estava.

Ou, pelo menos, era a verdade mais próxima disso que eu conseguia alcançar naquele momento.

Avançamos juntos pelo salão. As mesas estavam distribuídas com precisão, deixando a pista de dança livre e ampla. Arranjos de

flores brancas se repetiam nos cantos e sobre as mesas, bonitos, contidos, escolhidos para não chamar mais atenção do que o necessário.

A música vinha baixa. Um jazz lento, sustentado pelo piano e pelo contrabaixo, criando um compasso discreto, que parecia regular a respiração de todos ali.

Tudo parecia calculado para não provocar ninguém. Ainda assim, eu percebia os detalhes, pequenos demais para virar conversa.

Minha família, por exemplo.

Não trouxeram as crianças. Nenhum dos meus primos, nem Julien ou Xavier. Nem mesmo meu irmão. As ausências já diziam muito. Provavelmente tinham deixado os filhos com a família das esposas, os D'Leone. As três mulheres, Isabella, Paola e Renne, vieram de alianças com os italianos.

Então havia... Cezar.

O olhar dele não se afastava do meu irmão. Não era curiosidade, era vigilância. Uma linha reta, tensa, esticada entre dois homens que se reconheciam como ameaça, mesmo parados.

Meus irmãos, por sua vez, mantinham o corpo alinhado, a postura correta demais para ser confortável. Ombros firmes, queixo erguido. Como quem aceitava estar ali, mas jamais aceitaria, de verdade, que eu agora pertencesse aos Vokrri.

Aquilo não era proteção.

Era resistência.

Desviei o olhar deles quando vi Renne se aproximar, acompanhada do meu primo Julien e de Elise. Eles vinham com um sorriso leve, o tipo de expressão de quem já nasceu dentro desse mundo e aprendeu cedo a navegar entre acordos, silêncios e ameaças disfarçadas.

Renne me abraçou com cuidado. Não foi delicado, nem tenso, foi exatamente o abraço de quem entendia o peso do momento.

— Você está linda — disse, sincera.

— Obrigada — respondi, sem explicar.

Julien veio logo depois. Cumprimentou Skënder com um aceno firme, direto. Nada de exageros.

— Parabéns — disse. — A igreja inteira sentiu o peso dessa união.

Skënder apenas assentiu.

Elise surgiu logo atrás, já emocionada, como sempre. Me abraçou forte, sem medir intensidade, os olhos cheios d'água antes mesmo de falar.

— Quando você entrou vestida de noiva… — a voz embargou. — Parecia que o mundo tinha parado só pra você dar o próximo passo. Foi a coisa mais linda que eu já vi.

Sorri.

Porque, por um segundo, eu também senti isso. Como se tudo tivesse realmente suspendido a respiração comigo.

Minha cunhada, Isabella, surgiu depois. Elegante, segura. Tocou meu braço com carinho.

— Olha para você, tão perfeita — disse. — Sempre soube que seria uma rainha.

Assenti, sentindo o peso daquela palavra de um jeito diferente agora.

Depois vieram meus primos. Roger, Maxime. Xavier e a esposa. Abraços, palavras, mãos apertando as minhas, as de Skënder, mesmo que de forma contida. Em algum ponto, percebi que chorava mais do que falava.

— Olha só pra você... com os olhos inchados de tanto chorar — Nora comentou, aproximando-se com um meio sorriso, então se inclinou, aproximando o rosto do meu para sussurrar: — Acho que agora sei por que não se deve casar grávida… se emocionam fácil demais.

Ri ao me afastar, limpando o canto dos olhos com cuidado, como se isso resolvesse alguma coisa.

— Agora vão lá — disse, já olhando para Skënder por cima do meu ombro. — Todos estão esperando vocês puxarem a primeira dança.

Ele me guiou até o centro.

Eu respirei fundo, mesmo sabendo que a dança tinha sido escolhida por nós.

O salão pareceu se ajustar ao nosso redor. As conversas diminuíram, os olhares se voltaram, mas nada disso importava de verdade. A mão dele nas minhas costas, era segura demais para que eu pensasse em qualquer outra coisa. O braço forte, quente, me ancorou. Meu corpo respondeu sem esforço, encaixando no dele como se sempre tivesse pertencido ali.

Dançamos sem pressa.

Eu sentia o calor dele, o ritmo controlado, o cuidado. Ninguém mais existia naquele momento. Nem as famílias, nem os acordos, nem os riscos.

Só nós.

O mundo existia ali fora, observando.

Mas, no espaço mínimo entre nossos corpos, só havia aquela cadência lenta, o som do piano, e a sensação estranha e quase vertiginosa, de que, apesar de tudo o que nos trouxe até ali, eu estava exatamente onde deveria estar.

— Está cansada? — Ele murmurou, no meio de um giro.

— Na verdade, *marido* — frisei a palavra, sentindo o peso novo dela na boca. — Estou com fome.

O canto da boca dele se moveu, quase um sorriso.

— Quer parar?

Balancei a cabeça devagar, acompanhando o ritmo que ele mantinha firme, paciente.

— Vamos terminar a dança primeiro. Depois quero algo salgado e... gelado.

Ele ergueu a sobrancelha, girando-me com precisão.

— Estamos no meio de um casamento, seria mais simples se fosse doce.

Dei de ombros.

— Pepino.

— O que?

— Gelado e salgado — repeti, como se fosse óbvio. — Pepino!

Um quase riso escapou dele, curto, contido.

— Caralho, Louise — murmurou. — Onde exatamente você acha que eu vou arrumar pepino a essa hora?

Olhei para ele... tranquila, certa de que ele iria dar um jeito. Porque, no fundo, nós dois sabíamos, ele encontraria o pepino.

Capítulo 48

Ela queria pepino.

Não bolo, não doce... pepino.

Esperei a música terminar porque ainda existia protocolo, mesmo quando o mundo resolvia me testar. Guiei Louise até a mesa onde Elise estava com a família, deixei um beijo curto na testa dela e me afastei antes que alguém resolvesse fazer discurso.

Fui direto até Nora. Segurei o braço dela e a puxei para longe dos meus primos e tios, sem delicadeza. Ela me conhecia o suficiente para não reclamar.

Expliquei o que aconteceu.

Nora me encarou por um segundo. No seguinte, perdeu completamente o controle.

— Um… *pepino*? — repetiu, a palavra saiu quebrada, antes de explodir em uma gargalhada alta demais para um casamento cercado de homens que fingiam não estar armados. — Meu Deus, Skënder, em pleno casamento... isso é a coisa mais grávida que eu já ouvi na vida.

— Você tem na sua casa ou não? — perguntei de novo, mais rouco.

— Não tem — negou, entre risos. — Mas eu pagaria pra ver você perguntando em voz alta se alguém tem pepino em casa.

— Isso é sério? — Cezar já estava atrás de nós, gargalhando como se tivesse acabado de ouvir a melhor piada da noite. — Caralho… o mais cruel dos Vokrri agora está caçando legumes?

Meu maxilar travou.

— Cezar, cala a porra da boca — rosnei.

Erion, claro, também não deixaria passar.

— Lembro de Cezar ter avisado, primo. Ele disse que Louise ia te quebrar. No fim, te dominou completamente. — Erion riu, alto.

— Vão os dois pra porra do inferno. Juntos.

Os dois filhos da mãe riram mais ainda. Eu não. Porque eu só pensava em arrumar o maldito pepino, e ninguém ali era louco o bastante para duvidar que eu ia conseguir.

Antes que Nora abrisse a boca de novo, minha tia Valmira tocou em meu ombro. Não perguntou nada, apenas me avaliou por um segundo, o suficiente para entender tudo. Abriu a bolsa, tirou uma chave e colocou na minha mão.

— Na casa de campo — disse apenas. — Tem na geladeira, a despensa está cheia de conservas.

— Obrigado — respondi, sem mais.

Ela assentiu, como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo. Ao lado dela, tio Hazin já mordia os lábios para não rir com os desgraçados dos meus primos.

Ignorei todos.

Voltei para onde tinha deixado Louise. A conversa da família dela foi cessando à medida que eu me aproximava. Quando parei diante dela, o silêncio já pesava.

Estendi a mão para ela.

— Vamos.

— Agora? — perguntou, com um sorriso nos lábios.

— Agora.

Louis ergueu os olhou para mim por longos segundos. Como quem ainda estava tentando aceitar a própria derrota.

Logan se levantou antes que ele dissesse qualquer coisa. Puxou Louise para um abraço forte, apertado, como se quisesse marcar território pela última vez antes de ser obrigado a soltar. Ela não resistiu, ficou ali um instante, com o rosto enterrado no ombro dele.

— Você ainda é minha irmã — murmurou. — Casada ou não.

— Eu sei — ela respondeu. — E eu sempre vou lutar melhor do que você.

Quando se afastou, Logan me encarou.

— Se você falhar com ela...

— Eu nunca falho — interrompi. — Guarde suas ameaças. Porque porra nenhuma vai ser capaz de machucar Louise.

Ela ampliou o sorriso, como se cada palavra tivesse se acomodado dentro dela. Depois cruzou o braço e, naquele instante, a festa deixou de existir.

Tínhamos um helicóptero nos esperando e um desejo específico para resolver.

A casa de campo dos Koçolla estava escura quando chegamos, e silenciosa daquele jeito que só lugares seguros conseguiam ser. Afastado de tudo, nenhum carro e nenhum maldito homem à vista que pudesse ficar olhando para minha mulher.

Descemos.

Ela ficou parada alguns segundos a mais, o rosto inclinado para o céu, o corpo imóvel por um instante raro demais. A lua iluminava o contorno dela, e as estrelas pareciam mais próximas ali, como se aquele lugar tivesse sido esquecido pelo mundo de propósito.

— Vou esperar aqui na varanda, a lua está linda e o céu estrelado. — Inspirou fundo e devagar, como quem tentava guardar o momento. — Dá uma sensação de paz — completou.

Eu já passava os olhos por tudo, mesmo sabendo que não havia perigo por perto.

— Você sente isso? — perguntou, sem me olhar. — Quando observa as estrelas e a lua?

— Sinto isso quando olho pra você, *Lobinha*. Você é a minha paz.

Ela virou o rosto e havia surpresa estampada ali.

— Pensei que eu te deixava furioso.

— Os dois... Volto logo — avisei, já me afastando.

Acendi as luzes ao entrar e fui direto para a cozinha.

Abri a porra da geladeira.

O vidro estava lá. Grande, transparente, cheio de pepinos mergulhados em salmoura. Peguei o frasco, fechei a geladeira com o pé e busquei um garfo da gaveta.

Quando voltei, Louise já tinha tirado os sapatos. Estava sentada na cadeira da varanda, o corpo relaxando aos poucos. O ar frio da noite tocava a pele dela, e a respiração vinha lenta, regular, como se nada no mundo tivesse permissão para interromper aquele instante.

— Pronto — avisei.

Ela virou o rosto devagar. O sorriso nasceu quando viu o frasco nas minhas mãos, como se eu tivesse colocado ouro diante dela.

— Você conseguiu mesmo…

— Nunca duvide do que sou capaz de fazer, ainda mais pela minha linda e gostosa esposa.

O sorriso dela se abriu mais um pouco. Girei a tampa do vidro e o estalo seco cortou o silêncio da varanda. Louise já tinha se ajeitado melhor na cadeira, com os lábios presos entre os dentes em uma antecipação quase indecente. Espetei um pepino com o talher de prata, deixei escorrer um pouco e entreguei.

Ao apanhar das minhas mãos e dar a primeira mordida, ela fechou os olhos, deixando um suspiro lento escapar.

— Nossa… Hum... Meu Deus... — murmurou. — Tá perfeito.

Encostei no pilar da varanda e cruzei os braços, observando, enquanto ela comia aquele maldito pepino como se fosse a coisa

mais preciosa da noite. Cada mordida vinha sem pressa, medida, quase respeitosa. O movimento lento da mandíbula, o jeito concentrado de mastigar, tudo me prendeu mais do que deveria.

Eu era um fodido do caralho, a ponto de a ver como uma das sete maravilhas do mundo sendo vista de perto, mas só minha.

— Nunca achei que fosse te ver tão feliz com um pepino — comentei, tentando desviar a porra da minha mente.

Ela sorriu, ainda mastigando, como quem sabia exatamente o efeito que causava.

— Você devia comer.

— Não. Eu passo.

— Tá uma delícia — insistiu, estendendo o braço com um meio sorriso.

Neguei com um gesto curto.

— Prefiro ver você comendo. E garanto que você gosta mais do *meu*, do que dessa coisa verde mergulhada em água e sal.

Ela riu. Riu alto, solto. *Linda pra caralho.*

— Com certeza o seu é mais… — ela deixou a frase morrer no ar, enquanto o olhar descia até a linha da minha calça. — Um puta G5.

— Que porra é G5?

— Gostoso. Grande. Grosso. Guloso. Ganancioso. — Levantou um dedo para cada palavra, como se enumerasse uma lista invisível.

Dei um passo à frente. A sombra cobriu o rosto dela, a varanda inteira pareceu encolher. Louise não recuou. Deu outra mordida no pepino, tranquila demais, o estalo seco ecoou no silêncio. Os olhos presos nos meus, firmes, conscientes do que fazia.

— Você brinca com coisa perigosa, *Lobinha*.

— Eu sou casada com *a* coisa perigosa.

— Você fala como quem esquece que eu não costumo deixar provocações sem resposta — murmurei.

— Eu sei exatamente com quem eu falo. — Ela sorriu de canto, não recuou, nunca recuava.

E aquilo era o verdadeiro perigo.

— Continua comendo, antes que eu mude de ideia sobre deixar você terminar. Porque ainda temos a porra de um helicóptero para pegar de novo — rosnei.

— Não vai mesmo me dizer para onde vamos?

— Não.

Ela sorriu de canto. Não era curiosidade, era confiança.

E aquilo me atingiu mais fundo do que qualquer desafio.

Porque confiança, nas minhas mãos, virava sentença.

Capítulo 49

A casa às margens do *Lago Fierza,* estava acesa quando pousamos no heliporto do local.

Desci primeiro e a conduzi pelo caminho de pedra até a entrada.

Louise entrou devagar.

Luz quente espalhada pelas paredes de pedra, refletida no chão, nas janelas amplas de vidros voltadas para o lago. Do lado de fora, a água permanecia imóvel, refletindo tudo como se fosse um espelho do mundo.

Olhou em volta sem pressa, absorvendo cada detalhe. Eu a observei fazer isso, reconhecendo o instante exato em que o corpo dela relaxou, quase imperceptível, mas suficiente para eu saber que tinha acertado.

— Isso é... lindo — murmurou.

Fechei a porta atrás de nós com um clique seco na fechadura e deixei o paletó ao lado.

— Eu comprei — falei e ela me encarou no mesmo segundo.

— Não acredito que você comprou essa casa só pra gente passar a lua de mel!

— Não foi a casa. Foi a ilha — corrigi.

— Não… — Ela balançou a cabeça devagar, tentando rir e falhando. — Me diz que você está brincando, Skënder. Você não fez isso.

— Fiz.

Dei um passo mais perto.

— É uma ilha fora dos mapas... só terra cercada por água suficiente para ninguém chegar sem permissão. E eu não te levaria para nenhum lugar que eu não tivesse certeza que é seguro.

Não hesitei.

— Tenho inimigos demais para improvisar.

Ela voltou a olhar ao redor. A casa, as janelas abertas para o lago, a quietude calculada. Quando voltou a me encarar, havia algo novo ali. Não admiração, avaliação, e a compreensão exata de que aquele lugar não era bonito por acaso, era estratégia.

— Mesmo assim… é exagero — disse.

Ignorei.

— Além do mais, eu ainda não tinha te dado nada — soltei e ela franziu o cenho.

— Não entendi?

— É sua.

— O quê?

— Aqui. A ilha. A casa. Tudo é seu — reforcei, sem pressa, abrindo a mão para incluir tudo ao redor. — Não é exatamente um lugar para ter um elefante de estimação… — *ela quase cedeu ao riso.* — Mas é seu.

— Você nunca vai esquecer do elefante, vai?

— Jamais.

Ela ficou em silêncio e eu sabia que não era deslumbramento, era impacto.

— Por que exatamente aqui?

— Porque só se têm acesso por helicóptero ou barco — expliquei. — Nada acontece sem que eu saiba. É onde você vai poder respirar e onde nossos filhos vão poder existir sem guerra batendo à porta.

O lugar não era um presente bonito para ser exibido. Era território, proteção e a única linguagem que eu dominava quando dizia: *eu cuido do que é meu*.

Louise me encarou por alguns segundos, como se estivesse assimilando tudo, ou como se estivesse processando o que falar.

— Não precisa dizer nada — cortei qualquer pensamento antes que ganhasse forma. — Pelo resto dessa noite, eu só quero você

abrindo a boca para gemer o meu nome.

Segurei a cintura dela com força e a virei sem aviso ou delicadeza, ela arfou com o impacto em meu peito. Afastei o cabelo do pescoço, sentindo a porra daquele perfume delicioso, deixei meus lábios deslizarem pela curva exposta, lentos, molhados, demorados de propósito. Os ombros dela cederam na hora, em um reflexo instintivo, como se o corpo reconhecesse antes da mente a quem pertencia.

Abri o zíper do vestido em um único puxão. O tecido escorreu pelo corpo dela, obediente, até se juntar no chão. No mesmo instante, o corpo de Louise respondeu por ela. Os ombros afundaram um milímetro. O ar ficou preso, e então saiu em um suspiro pesado, denso, arrancado do fundo do peito.

Sob meus lábios, o corpo dela se arrepiou inteiro, como se cada nervo tivesse acordado ao mesmo tempo. A respiração perdeu qualquer traço de controle, curta, falha, errada, e eu senti. Não porque ela dissesse, mas porque o corpo dela entregava tudo.

Cada centímetro que eu tocava... denunciava.

Cedia.

Implorava em silêncio.

Abracei-a por trás, colando nossos corpos. O calor da pele dela bateu em mim como um choque. Minhas mãos subiram e se fecharam em seus seios. Eles eram cheios, firmes, ocupando minhas palmas como se tivessem sido feitos para isso. Brinquei com os mamilos ao mesmo tempo.

Puxei, apertei, provoquei até senti-los endurecer.

Mordisquei o lóbulo da orelha, lento antes de chupá-lo, soprando a respiração quente ali, onde o corpo dela não sabia mentir. Louise estremeceu inteira.

Mordi seu ombro. Ela se arrepiou.

Encostei a boca no ouvido, sussurrando:

— Agora eu vou te comer em cada canto dessa casa… — deixei a promessa escorrer devagar. — Pra você me sentir quando esfregar uma perna na outra. Pra se lembrar toda vez que fechar os olhos, de cada segundo que eu estava te fodendo bem gostoso.

O ar fugiu dos pulmões dela em um arfar curto, incompleto.

— Sente, agora — comandei.

Ela obedeceu.

Ajoelhei à frente dela, tomando seu tornozelo em minhas mãos, inclinei o rosto e deixei um beijo suave em seus pés, subindo devagar pelas pernas, deixando o calor do meu hálito desenhar um caminho pela coxa.

Ela estremeceu.

Senti o arrepio correr quando minha boca voltou a subir sem pressa, agora pela parte interna da coxa, consciente de cada reação que arrancava dela sem sequer realmente tocar. Encostei meus lábios de leve, mas em uma provocação que fazia ela se inclinar para frente, implorando, quase desesperada.

Abri bem seus joelhos e, *caralho*, que puta visão.

A boceta lisinha ficou exposta e eu não tive piedade, afundei a língua, macetando o clítoris com urgência.

O ar dela falhou.

Curto. Irregular.

Os dedos dela se enroscaram no meu cabelo, puxando com força, em um gesto instintivo de quem já tinha perdido qualquer tentativa de controle quando o corpo decidiu reagir sozinho.

Eu fui mais fundo, sugando forte.

O gosto dela me tomou a boca. Era viciante e delicioso.

Pausei de propósito, só para vê-la sofrer na expectativa. Ela arqueou o corpo antes mesmo do toque, prendeu o fôlego, e a pele ficou sensível para aguentar a ausência. Um gemido baixo escapou da garganta, não de prazer, mas de desespero, e isso foi o bastante.

Quando voltei, não foi para aliviar, foi para reclamar. A pressão da minha boca arrancou dela um espasmo inteiro. Ela cravou as mãos onde encontrava apoio, o quadril traiu qualquer tentativa de controle. Ela reagia em ondas: primeiro o choque, depois a rendição, depois a perda completa.

Cada movimento circular e fundo em seu broto inchado, arrancava dela o que ainda fingia possuir: domínio, lucidez e defesa.

A boceta escorria.

Encharcada.

— Skënder — gemeu manhosa a porra do meu nome.

Cravei as mãos em suas pernas, mantendo-a bem aberta, e meti a língua até onde deu. Os gritos vieram pesados, quebrados, como se eu estivesse desmontando-a, pedaço por pedaço. O corpo dela tremia na minha boca, rendido.

Gemia gostoso pra caralho.

Meu corpo pulsava duro, latejando de fome, implorando para me enterrar nela até esquecer quem eu era. *E eu ia.*

Abri seus lábios mais cheios com dois dedos, expondo-a toda, e, antes de afundar a língua ali, espalmei a carne quente, sentindo-a reagir sob meus cinco dedos. Ela arqueou o corpo em choque, gemendo, implorando. Eu traçava voltas impiedosas, uma atrás da outra, sem descanso.

As pernas dela tremeram, tentaram se fechar. Não deixei. Segurei, mantive aberto, continuei. Feroz, constante, até ela ceder por completo, em um grito descontrolado. O gosto veio quente, espesso, enquanto o corpo dela se desmanchava em espasmos desordenados.

Eu não parei. Segurei cada tremor com a boca, sugando até o último reflexo se perder, até os músculos desistirem de lutar e o peso dela finalmente afundar.

Eu me ergui devagar, só para ver. O rosto dela estava tomado por um vermelho febril, a pele quente e fodidamente perfeita. A boca

entreaberta tentando puxar ar, e aquilo me acertou como um estalo seco.

Afundei as mãos nos seios dela, esmagando-os, preparando-os para a minha boca. Mamei um de cada vez, marcando cada centímetro com a língua áspera, lenta, possessiva, como quem deixava um aviso. *Meus.* Mordi, suguei, a pele cedia sob meus dentes, rubra, sensível, inchada.

A respiração dela vinha quente, batendo contra o meu rosto em rajadas desordenadas, denunciando o que o corpo já não conseguia esconder.

Capturei seus lábios em um beijo urgente, cheio de necessidade, e eu a puxei contra mim sem pedir licença, roçando meu corpo ao dela para que sentisse minha ereção.

O ar acabou rápido. Me afastei apenas o necessário para me livrar das minhas roupas, com dedos impacientes, a respiração pesada. Estendi a mão. Quando ela se ergueu, não dei tempo nem de recuperar o fôlego. Girei seu corpo e a dobrei contra o sofá, bruto, sujo, como se o mundo tivesse encolhido até caber naquele instante.

— Fique de quatro, apoiada no sofá. Quero assistir sua boceta me engolir inteiro — ordenei.

Ela cravou as mãos no sofá e se curvou inteira, oferecendo a bunda sem pudor. Estalei a palma com força, apreciando como um maldito lunático as marcas vermelhas dos meus cinco dedos em sua pele branquinha.

Caralho, aquilo me deixou insano.

Acertei outro.

O estalo seco ainda ecoou quando alcancei sua pele de novo.

— Por favor, mais forte — ela implorou com a voz manhosa, de um jeito que me fodeu a cabeça.

Meu maxilar travou.

— Não devia ter pedido isso.

— Eu quero ma… — não terminou, já estava acertando outro, mais forte.

Ela se dobrou inteira, inclinou o corpo e a bunda subiu para mim, expondo totalmente a boceta. Foi meu fim. Abri aquelas curvas quentes com as mãos e meti meu pau grande de uma só vez, arrancando um gemido que ecoou pelas paredes.

— Isso. Geme gostoso. Hoje eu só paro quando suas pernas falharem e o corpo não responder mais. Quando você escorrer inteira… marcada, aberta, entregue *pro* seu homem.

Segurei a cintura dela com força e enterrei sem dó, cravando meus dentes no próprio lábio a cada estocada. Observei meu pau desaparecer naquela boceta apertada, e voltar... sujo, brilhando de porra, enquanto o corpo inteiro queimava com o impacto.

— Caralho! — Acelerei. — Que bocetinha gostosa.

O couro do sofá branco rangeu quando ela se agarrou a ele, como se buscasse algum alívio, que sabia que eu não ia dar. Penetrei mais fundo, firme, mergulhando até o limite.

Ela gritou sem direção. O corpo respondeu traindo a própria resistência, quente, escorrendo, enquanto eu mantinha o ritmo implacável.

— Que delícia. — Não parei. — Olha só como você fica quando meu pau te fode com força.

Meti tudo, duro.

Ela arquejou o corpo, engolindo ainda mais meu pau ao empinar ainda mais aquela porra de bunda gostosa. Senti a pressão no meu corpo rijo quando ela me apertou com a boceta quente.

Eu gemi, rouco, como um rosnado animal.

Caralho. Ela era fodidamente gostosa.

Deslizei um dedo até seu cu e invadi com o polegar, um arrepio estampou toda a sua bunda redonda.

— Você quer meu pau aqui? — rosnei, já colocando o segundo dedo naquele rabo delicioso, abrindo devagar, insistente, sem

piedade. Preparando o corpo para entender, ceder e acostumar.

— Skënder... — Não era um pedido para parar, era suplica.

— Tá gostoso, né?

— Tá... eu quero.

O inferno se abriu dentro de mim no exato segundo em que ela disse isso. Inclinei o corpo sobre o dela, com fome, e afundei meus dentes nas costas suada, marcando, arrancando um gemido alto de sua garganta. Deslizei a língua pela pele, lenta, possessiva, como quem reivindicava território.

Beijei a curva perigosa entre o pescoço e a nuca, o ponto fraco que eu conhecia melhor do que ela mesma. Senti o calor aumentar.

Deslizei o pau pela boceta encharcada, espalhando a umidade devagar, dominando, até sentir a entrada de trás ceder e se abrir para mim. O movimento arrancou estalos molhados de sua pele.

— Hoje eu vou gozar no seu cuzinho, *zemër*[12] — rosnei, encostando só a cabeça ali, provocando, instigando.

Ela cravou os dedos no couro do sofá e se arqueou mais para mim, pedindo, oferecendo, tremendo em antecipação.

Separei as nádegas com força, cuspi, já espalhando com o dedo, e avancei. O grito dela veio rasgado, fora de controle, o corpo reagiu sem freio, quente, molhado demais para esconder o que sentia.

— Isso… engole meu pau — rosnei, empurrando até o limite.

Ela começou a se mover contra mim, lenta no início, depois mais forte, a bunda firme, desceu, me engolindo de uma vez. O estalo do corpo bateu no meu, o gemido rouco escapou sem controle, tudo sujo, descompassado.

Gostosa demais.

Demais para qualquer pensamento que não fosse só afundar nela e perder o resto da sanidade ali.

O som que eu ouvia não vinha do mundo. Era de dentro. Um baque surdo, repetido, violento, martelando meus ouvidos como se o peito fosse pequeno demais para segurar aquilo tudo. O sangue corria espesso, quente, empurrando com força, fazendo as veias do meu membro se erguerem, duras, vivas, denunciando cada batida fora de ritmo.

Meu corpo inteiro afunilava ali, tenso, esticado até o limite, latejando como se fosse partir ao meio. Não havia pensamento. Só pressão, calor e uma maldita fome.

Caralho.

Cerrei os dedos na cintura dela e a puxei de uma vez, metendo até o fim. O ar me rasgou por dentro e o som escapou bruto, animal, direto da garganta. Perdi o ritmo, acelerei, impulsionando, até a carne tremer ao meu redor.

— Ah… meu Deus, isso é…

— Gostoso — rosnei, entre os dentes.

Louise se arqueou sem perceber, a pele queimava sob minhas mãos, sensível, exposta. O corpo reagia antes da cabeça: abrindo, puxando, tremendo, como se não houvesse escolha.

Quando os olhos dela finalmente encontraram os meus por entre os ombros, havia ali fome e entrega, misturadas ao choque do que sentia. Pupilas dilatadas, boca entreaberta. O tipo de olhar que não pede cuidado, só mais. Aquilo me atravessou como um golpe baixo. Me deixou errado, cruel, insano.

Meti dois dedos em sua boceta quente. Ela estava mais molhada, babando por ter meu pau socado em seu cu. E cada movimento fazia a pele dela se arrepiar inteira, viva, sensível, entregue.

Meu pau latejava, duro a ponto de doer, preso no aperto infernal. Eu não diminuía, não parava, não dava trégua. Empurrava como se fosse a única coisa que existia. Meus gemidos escapavam baixos, rasgados, misturados aos dela.

— Caralho, que cu delicioso.

Acertei outro tapa, marcando mais sua pele de vermelho.

Afundei os quatro dedos juntos em sua boceta, tirando e colocando na mesma velocidade que socava meu pau em seu cu. O tremor veio de repente, atravessando o corpo dela como um choque. As pernas vacilaram, quase cederam. A respiração se partiu em arfadas curtas, enquanto se entregava em espasmos a cada investida.

— Skënder… eu vou… gozar.

A palavra ainda tremia quando eu acelerei sem piedade.

Senti o corpo dela me prender de uma vez, a contração fechando quente ao meu redor e, caralho, foi o estopim. Me enterrei uma última vez, forte, insano e rosnei alto quando gozei dentro dela.

— Agora você é minha. Inteiramente minha — rosnei, com o corpo ainda cravado no dela, o pulso bruto, martelando entre nós.

— Sua. Sem medida — ela devolveu.

Capítulo 50

Eu estava de bruços, a face afundada no travesseiro e os olhos fechados, quando senti a presença dele antes mesmo do toque. O colchão cedeu, denunciando o peso, e meu corpo inteiro se armou em um reflexo inútil.

O primeiro beijo veio demorado, úmido, como se ele estivesse testando minha resistência, e encontrando nenhuma. A boca desceu pelas minhas costas sem pressa alguma, insistente, marcando caminho. Cada centímetro me arrancou arrepio, e cada avanço, um suspiro seguido de um estremecer traiçoeiro nos músculos.

Minha coluna se arqueou sozinha, buscando mais, mesmo quando a razão gritava para ficar imóvel. A pele queimava por onde ele passava, sensível. Era cruel. *E ele queria que fosse*.

Ele abriu minhas pernas, e o gesto simples fez meu corpo reagir inteiro. Mordi o lábio antes mesmo de perceber, incapaz de abrir os olhos. E bastou aquele movimento para cada músculo lembrar da noite anterior, ainda gravada na pele. Ele tinha um pau grande demais e me destruiu completamente.

Skënder não tocava, ele tomava, reivindicava, gravava posse. E eu despertei sabendo exatamente o que aquilo significava.

Gemi no instante em que me tomou.

Cerrei os dedos no lençol quando a língua veio impiedosa, funda, como se estivesse abrindo à força.

Era bom. *Deus, como era.*

A língua dele desenhava círculos precisamente devagar. Era pesada, áspera o bastante para arrancar o ar dos meus pulmões. Abri mais as pernas, sem qualquer tentativa de controle. Um gemido escapou da minha garganta, um desses que denunciavam necessidade. Eu tremia inteira, empurrando o quadril contra a boca dele, implorando com o corpo.

A resposta veio sem aviso. O ritmo quebrou, acelerou, implacável. A língua não provocava mais, castigava minha boceta. Cada passada em torno do meu clítoris era um choque quente, que me fazia perder o eixo, a sanidade, o fôlego.

Minhas pernas começaram a ceder, antes mesmo de eu entender o que estava acontecendo. O ar sumiu dos pulmões, não como falta de fôlego, mas como se ele tivesse arrancado de mim o direito de respirar.

Quando me derramei em sua boca, foi como despencar sem aviso, perder o chão, o nome, a defesa. Um choque quente me atravessou por completo, fazendo a garganta arder em um gemido alto que eu não consegui conter. Tremi inteira, sem dignidade, sem força, com as mãos esmagando a coberta.

Fiquei vulnerável do jeito mais cruel possível, aberta, desfeita, reduzida àquilo que ele arrancava de mim sempre que queria. E odiei o quanto precisei daquele instante.

— Tão deliciosa. — Ele já cravava os dentes na minha bunda, bruto, faminto.

— Não para… — implorei, sentindo a carne arder.

— Eu não queria. Mas você precisa levantar agora.

Resmunguei, derrotada, enterrando o rosto no travesseiro, como quem tentava fugir do próprio corpo.

Eu estava na cama. Não lembrava quando tinha chegado, nem como.

Lembrava do antes.

Do jeito que ele me tomou, me destruiu. Depois, vagamente... da água escorrendo pela pele. Das mãos firmes me guiando. E, por fim, só o calor dele atrás de mim, o peito colado às minhas costas, o braço pesado me mantendo ali enquanto o mundo apagava.

Ameacei abrir os olhos, desisti, puxando a coberta de volta.

— A gente não pode ficar… só mais alguns minutinhos? — choraminguei.

— Não dá. — *Direto e seco.* — Precisamos voltar para Kukës.

Abri os olhos com esforço e virei a cabeça devagar, até a mesa de cabeceira. O despertador antigo piscava em vermelho, agressivo para aquela penumbra.

5h20.

— Voltar… agora? — perguntei, desacreditada.

— Agora — confirmou.

Fiquei alguns segundos parada, tentando costurar os pensamentos. O quarto parecia deslocado. O cheiro dele ainda estava no ar, e eu ainda tentava entender onde eu estava.

— Skënder… — minha voz saiu preguiçosa. — A gente chegou ontem à noite, e agora você está me acordando para dizer que temos que ir embora?

— Surgiu um imprevisto. Preciso resolver. — *Tinha urgência naquele tom.*

Virei para o lado, encarando-o de verdade pela primeira vez. Ele estava sério demais para o horário e o olhar já longe.

— Quando saímos?

— O helicóptero sai em meia hora.

Sentei na cama no mesmo instante e me arrependi no segundo seguinte. O corpo todo protestou. Músculos doloridos, pernas fracas, uma fisgada no baixo-ventre que me arrancou um suspiro involuntário.

Levei a mão ao colchão para me firmar, ignorando a sensação.

— Meia hora? — repeti, ainda me situando. — Eu não trouxe roupa... quero dizer, você não me deixou pegar. Saímos da festa, passamos na casa da sua tia...

— Você comeu o pepino. Já está bom.

Pisquei, processando.

— Então eu vou ter que voltar com o vestido de noiva.

— Não vai.

— Ah, não? — retruquei, quase rindo. — Pelada então?

— O caralho! Seu corpo é minha exclusividade. Ninguém toca. Ninguém vê.

Rangeu os dentes, já se levantando da cama. Ele estava nu, exibindo o membro grande, duro e cheio de veias saltadas.

— E você pretende embarcar no helicóptero assim? — Apontei.

— Vou tomar um banho morno, enquanto você se arruma — falou, como quem fechava um assunto sem pedir concordância. — Tem um vestido no armário — continuou. — Um que você usaria quando saíssemos à noite.

Franzi o cenho.

— Você planejou isso também?

— Eu planejo tudo.

Bufei, jogando a coberta para o lado, sentindo o ar frio bater na pele quente.

— Quando voltarmos pra cá, eu mando trazer outro vestido. Ou vários se você quiser deixar aqui.

Cruzei os braços.

— Você tem um talento especial para acabar com momentos.

Ele voltou dois passos.

Não discutiu.

Segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou outra vez. Um beijo lento, profundo, que me fez sentir meu próprio gosto ainda preso à boca dele. Por alguns segundos, meu corpo esqueceu a dor, o cansaço, a urgência.

Só lembrou dele.

— Eu não acabo com momentos, eu cuido do que vem depois deles — devolveu, cético.

Suspirei, sentindo o peso daquela frase mais do que queria admitir.

— Meia hora — repeti, resignada.

— Vinte e cinco minutos agora.

— Você é insuportavelmente mandão, sabia?

— Casou comigo sabendo disso.

— Você me roubou — retruquei. — Então não tive escolha.

— E eu roubaria de novo. Mil vezes se fosse preciso. Porque, de um jeito ou de outro, você me pertenceria, Louise. Agora se arrume.

Ele se afastou em direção ao banheiro, enquanto eu me levantava devagar, testando o próprio corpo.

Lua de mel interrompida.

Helicóptero esperando.

Imprevistos.

Tensão vibrando no ar.

Alguma coisa séria tinha acontecido, e meu corpo já tinha entendido antes da minha cabeça.

O céu ainda estava cinza quando Kukës começou a surgir abaixo. Ainda não era dia, mas a noite já estava cedendo, diluída em uma luz fria que anunciava a manhã.

Assim que o helicóptero pousou na propriedade de Skënder, ele segurou minha mão para me ajudar a descer. Quando meus pés tocaram o chão, senti o frio subir pelas pernas, e, no mesmo instante, o casaco dele caiu sobre meus ombros, pesado, quente, familiar.

Era fim da primavera, mas o frio ainda resistia nas primeiras horas do amanhecer. Apertei o vestido contra o corpo por instinto.

Era lindo.

Alças finas e uma fenda da lateral até a coxa. Azul intenso, seda macia, o tecido captava a luz fraca do amanhecer e devolvia em

brilho discreto, como se tivesse sido feito exatamente para aquele momento.

Avançamos em silêncio, passando pelos soldados posicionados ao redor da casa. Ninguém falou nada, nem sequer ergueram o olhar. Só os estalos dos passos e aquela sensação estranha de que o ar estava denso demais.

Quando a porta se abriu, eu não tive tempo nem de completar a respiração.

O impacto veio direto no peito.

Estavam todos ali.

Todos.

E usavam vestidos e ternos, como se fossem a uma festa de gala.

— Skënder… — Minha voz falhou um instante antes mesmo de virar para perguntar. — O que é isso?

A resposta veio de todos, desordenada, viva demais para ser sonho:

— Surpresa!

As vozes me atravessaram inteiras, avassaladoras. Meu corpo congelou por um segundo que pareceu uma eternidade.

Isabella foi a primeira a me puxar para um abraço apertado, como se precisasse confirmar que eu estava de fato ali, apesar de ter estado comigo na noite anterior.

Depois vieram Elise, Nora, alguns primos meus e de Skënder. Risos nervosos. Vozes se sobrepondo, chamando meu nome e falando ao mesmo tempo.

Minha família.

Ainda ali.

Inteira.

O nó na garganta apertou quando finalmente consegui erguer os olhos ao redor. A sala estava preparada. A mesa posta. Um bolo

no centro.

E… pepinos.

Sorri sem perceber. Um sorriso pequeno, emocionado, que veio com aquela sensação avassaladora de felicidade.

— Você achou mesmo que seu aniversário ia passar em branco? — Minha cunhada questionou, com aquele sorriso de quem guardava um segredo grande.

Aniversário.

A palavra levou um segundo a encontrar lugar em mim.

Meu aniversário.

Demorei a entender que dia era. Tanta coisa tinha acontecido em tão pouco tempo. O casamento, a gravidez, os exames, as consultas... a noção de calendário simplesmente tinha se perdido. Nem tinha me dado conta de que o casamento tinha sido na véspera.

Lancei um olhar rápido para Skënder.

Ele estava encostado perto da porta, braços cruzados, atento a tudo, no controle absoluto da cena. Não sorria, apenas observava, como sempre. Quando nossos olhares se encontraram, alguma coisa encaixou.

Baixei os olhos para meu próprio corpo.

O vestido.

Azul.

Ergui o olhar até Elise. O sorriso dela era cúmplice demais para ser coincidência.

— Você… — sussurrei, mas a frase morreu antes de nascer, porque os abraços vieram de todos os lados.

Mãos me cumprimentaram e vozes se misturaram naquele cômodo.

— Você está deslumbrante, *vajza ime*[13] — a tia do Skënder disse, segurando meu rosto com carinho.

— Obrigada — respondi, sorrindo breve.

— Parabéns pelo casamento e pelo aniversário — Cezar apareceu logo atrás. — E, claro, por ter colocado coleira no meu primo.

Antes que eu reagisse, Skënder rosnou:

— Já te mandei pra porra do inferno ontem. Quer ir de novo hoje?

Cezar riu alto.

— Mal casou e já tá chato pra caralho.

Eles continuaram a troca de farpas como se fosse um idioma próprio, quando Elise surgiu ao meu lado. O sorriso dela não tinha nada de inocente.

— Viu? — disse, me olhando com atenção. — Você fica linda de azul.

— Foi você que falou isso pra ele, não foi?

— Talvez eu tenha comentado alguma coisa com a Nora — respondeu, fingindo casualidade. — E talvez eu tenha acertado.

— Acertado? — Franzi o cenho.

— Do bebê… da cor… — ela se corrigiu rápido, erguendo o olhar para meu vestido.

— Quieta — repreendi em um sussurro.

Elise era a única da minha família que sabia da gravidez.

— Acho que deveria aproveitar e contar — insistiu.

— Meus irmãos mal engoliram esse casamento — murmurei, cuidando para que só ela ouvisse. — Como você acha que eles vão reagir quando descobrirem que eu já estou grávida?

Ela arqueou uma sobrancelha, avaliando.

— E você vai esperar a barriga aparecer pra contar? — *Quase riu.* — Pelo menos assim, eles recebem tudo de uma vez. Um choque só. A recuperação é mais rápida.

Soltei um riso baixo, incrédulo.

— Às vezes você me dá medo.

Elise deu de ombros, despreocupada, como se estivesse falando do tempo.

— Eu concordo com sua prima — Nora surgiu ao nosso lado, casual demais para quem acabara de entrar em uma conversa delicada.

— Se vocês duas fossem parentes, não seriam tão parecidas assim — comentei.

— Mas somos, por sua causa, Louise — Nora disse. — Você sabe que ninguém vai fazer nada… — fez uma pausa curta. — Quer dizer, vão querer brigar. Mas por você eles se entendem. Um dia.

Elas continuaram conversando e eu deixei o olhar correr pela sala. As duas famílias ocupavam a casa como quem testava limites sem cruzá-los.

Pouco a pouco, todos se reuniram ao redor da mesa longa da sala de jantar. Pratos cheios, copos servidos. O cheiro de comida quente misturado ao pão fresco.

Nora fez questão de puxar os parabéns, e eu só quis desaparecer naquele instante. Ainda assim, sorri. Educada, controlada, como se aquilo não me atravessasse por dentro.

Depois, todos começaram a comer.

Cezar estava sentado à esquerda e eu à direita de Skënder. Ele estava sentado à extremidade da mesa. Uma mão apoiada na mesa e a outra firme no meu joelho.

Louis estava ao meu lado, seguindo por Isabella, que observava tudo. Logan vinha na sequência. Com o corpo rígido e um olhar avaliador.

Elise conversava em voz baixa com Nora. Sabia que aquelas duas iam se entender. Eram parecidas, diretas, práticas, e, estranhamente, isso me tranquilizava.

Hazin e Erion observavam o ambiente como quem já esperava faísca. Meus primos estavam calados, mas eu os conhecia bem o suficiente para saber que cada um deles também antecipava o mesmo desfecho.

Todos sabiam.

Mesmo assim, Elise tinha razão. Eu não podia adiar mais.

Respirei fundo, o ar pesou no peito. Virei o rosto para Skënder e ele assentiu, quase em um gesto mínimo. Como se tivesse lido meus pensamentos e estivesse de acordo.

— Skënder e eu temos uma coisa para contar a vocês — comecei, sem perceber que apertava a mão dele por baixo da mesa.

O tilintar dos talheres morreu quase ao mesmo tempo. Ninguém da minha família piscou, ou respirou. Com exceção de Elise, que nem disfarçou o sorriso no rosto.

— A família vai aumentar — anunciei, sem rodeios.

A notícia caiu como chumbo na mesa. Violenta.

Louis empurrou a cadeira para trás num baque seco e se levantou de uma vez, a palma da mão bateu na madeira.

— Não. — Balançou a cabeça, negando com força. — Não. Você não está grávida, irmã.

Isabella segurou o braço dele no mesmo instante.

— Meu amor, senta — ela reagiu, firme. — Por favor.

Ele não sentou.

Apontou o dedo direto para Skënder, com o rosto vermelho de raiva.

— Você engravidou ela — cuspiu. — Você engravidou minha irmã como se fosse…

— Seu desgraçado — Logan disparou, sem disfarçar o ódio.

— Primo — Elise cortou rápido, puxando Logan pelo braço. O olhar dela varreu a mesa inteira, afiado. — Pelo amor de Deus família, o que vocês esperavam de um casamento?

— Ela escondeu isso de nós, Elise — Xavier estava com o punho cerrado, mas sua esposa, Paola, segurava firme sua mão, tentando esconder.

— Como se vocês nunca tivessem escondido nada de mim, não é mesmo? — provoquei.

— Prima... — Julien me encarou.

— Não era pra ser assim — Louis insistiu, com os olhos queimando na minha direção. — Louise, você não podia ter engravidado.

— Irmão… — respirei fundo. — Eu estou casada.

— Você se casou ontem, porra.

— Na verdade… — soltei, sentindo o silêncio se fechar de novo ao redor da mesa. — Ontem foi apenas a cerimônia religiosa e a festa.

A segunda bomba explodiu sem som.

— Como é? — Isabella perguntou, incrédula, inclinando o corpo à frente, como se precisasse me enxergar melhor.

Skënder se levantou sem pressa. Apoiou as duas mãos na mesa e o estalo seco da madeira sob os dedos dele, foi suficiente para cortar qualquer reação.

— Louise é minha esposa desde o momento em que chegou aqui — rosnou, as palavras saíram entre dentes. — E o filho que ela carrega, é meu.

O olhar dele foi direto para Louis.

Frio e final.

— Vocês não podem fazer nada além de aceitar que Louise é uma Vokrri agora.

Meu irmão já respirava pesado, o peito subia e descia rápido, pesado.

— Louise é meu sangue, minha carne, e nada do que disserem vai mudar isso. Ou vocês aceitam e continuam sentados aí, ou

levantam a porra da bunda dessas cadeiras e saem agora da minha casa, para nunca mais pisar aqui.

Isabella apertou o braço de Louis com força.

— Vida, você vai perder sua irmã se continuar assim — disse, firme. — Não vê que Louise está feliz. Ela escolheu isso. Você deveria estar feliz também.

— Obrigada, cunhada — murmurei, oferecendo um sorriso pequeno e grato.

Louis hesitou. Com o maxilar travado, tão tenso, que dava para ver de longe. Por um instante, achei que ele ia explodir de novo.

Mas cedeu.

Sentou-se, duro, rígido, os olhos ainda cravados em mim com uma raiva contida, mal disfarçada.

O silêncio voltou, diferente.

Menos explosivo. Mais carregado.

Skënder sentou ao meu lado novamente e pousou a mão aberta sobre minha barriga, sem se importar com quem via, e me puxou com um gesto curto, silencioso. Não precisou pedir.

Encostei o ombro no peito dele.

— Você acha que um dia nossas famílias vão se entender? — perguntei baixo, quase só para ele.

Skënder demorou a responder. Passou os olhos por cada rosto à mesa, avaliando, medindo, calculando.

— Talvez.

— Talvez não é uma resposta.

— É a mais honesta.

Suspirei.

— Então… depende do quê?

Ele virou o rosto para mim, o olhar sério, pesado para ser brincadeira.

— De quantos morrerem para isso acontecer.

Meu estômago apertou no mesmo instante.

— Eu não quero que ninguém morra.

Por um segundo, senti medo. Mas então, o canto da boca dele se moveu, mínimo. Um humor escuro, controlado.

Inclinei a cabeça, desconfiada.

— Skënder…

— Ninguém aqui vai morrer — disse, agora sério. — Enquanto eu estiver vivo, ninguém morre por isso. Dou a minha palavra, desde que os acordos sejam mantidos.

Algo dentro de mim relaxou, mesmo sabendo que promessas como as dele, vinham carregadas de consequências.

A mão dele se moveu devagar, segura, sobre minha barriga.

— Sente isso, meu filho? — murmurou, inclinado um pouco, como se realmente esperasse resposta. — Você vai chegar em um mundo complicado. Mas é meu trabalho garantir que ele fique inteiro pra você.

Meus olhos arderam e eu sussurrei, tentado controlar o nó que apertava a garganta.

Ficamos ali, nós dois, juntos, observando aquele cenário improvável: duas famílias que se odiavam dividindo o mesmo espaço, alianças forçadas tentando se transformar em algo suportável.

A mão dele permaneceu firme sobre meu ventre, protegendo, marcando... prometendo.

E por um instante, eu acreditei que talvez, *só talvez,* aquilo pudesse funcionar. Não porque seria fácil, mas porque Skënder jamais permitiria que fosse diferente.

Capítulo 51

Meses depois...

Louise gritou.

O gemido saiu rasgado, cru, arrancado do fundo do peito. Ela puxava o ar com força, soltava do mesmo jeito, como se o corpo tivesse esquecido qualquer outro ritmo possível. Os dedos se cravavam no lençol, brancos de tensão, e o rosto estava concentrado demais para alguém atravessando aquela dor.

— Olha pra mim — pedi.

Ela me lançou um olhar cortante, impaciente, como se aquele pedido fosse uma afronta naquele instante.

— Vai ficar tudo bem — insisti, mesmo sabendo que aquilo não significava porra nenhuma ali dentro.

Ela respirou fundo outra vez, o maxilar tremeu por um segundo antes de falar:

— Só… só prometa que vai ficar comigo — disse, sem implorar.

— Não vou a lugar algum.

Caralho. Eu só queria que acabasse logo.

Desde que ela engravidou, os meses passaram rápido. Cada dia exigiu cálculo e cada noite terminou do mesmo jeito, com minha mão sobre a barriga dela, firme, como se aquilo fosse capaz de manter a porra do mundo inteiro no lugar. A casa entrou em contenção, segurança dobrada, sem nenhuma margem de erro. E agora, na sala de parto, o tempo se arrastava como uma maldita provocação.

Tudo vinha em flashes desconexos: gritos, respiração falha, a pressão da mão dela esmagando a minha, médicos entrando e saindo, vozes dando ordens que eu não controlava.

E eu não podia fazer absolutamente nada.

Eu mandava matar, fechar rotas, incendiar cidades inteiras, mas ali, não tinha controle algum. Não podia fazer a dor parar, nem podia acelerar nada. Aquilo me deixava fora de mim.

Quando o médico avisou que estava chegando perto, o corpo inteiro ficou tenso, como se estivesse prestes a puxar o gatilho de algo invisível.

Louise apertou minha mão com a pouca força que ainda tinha, os dedos tremeram nos meus, e usou o resto de fôlego para empurrar outra vez.

De novo.

E de novo.

Cada esforço vinha arrancado do fundo dela, rasgando o ar, rasgando a mim junto. Eu sentia o corpo inteiro dela tensionar, o peso daquele instante esmagando tudo o que existia antes.

Então aconteceu.

Veio alto, rasgado e vivo.

Um choro forte, indiscutível, que atravessou meu peito sem pedir permissão e me desmontou inteiro. Meu coração falhou uma batida, depois outra, como se estivesse aprendendo a bater de novo.

Nada do que eu fui antes, resistiu àquele choro. Porque naquele instante, eu soube, com uma clareza quase violenta, que algo infinitamente maior tinha acabado de nascer dentro de mim.

— É um menino — anunciou o médico.

Meu mundo parou, não caiu, explodiu**.**

Minutos depois, colocaram aquele corpo pequeno nos braços de Louise, eu precisei respirar devagar. Como se qualquer movimento errado pudesse desfazer aquele momento entre eles.

Ele era pequeno, quente, vermelho. Irritado com o mundo.

Meu filho.

A lágrima caiu dos olhos de Louise sem pedir licença. Deslizou devagar, quente, marcando o caminho até o canto dos lábios dela. O ar no quarto estava frio demais para aquela pele suada, e ainda assim, o peito de Louise subia e descia em um ritmo irregular, como se o corpo estivesse reaprendendo a respirar.

Quando ofereci meu dedo para ele, a mãozinha se fechou em reflexo. Forte demais para algo tão pequeno.

Foi ali que eu entendi...

Tudo o que eu tinha sido até aquele momento, violência, nome, império, existia agora para protegê-lo.

— Ele é perfeito — Louise murmurou, exausta, com lágrimas ainda escorrendo.

Eu não consegui responder de imediato.

Aproximei o rosto do dele, perto o suficiente para sentir o calor da sua respiração curta.

— Ele é nosso filho. Meu herdeiro. Um Vokrri.

Louise me olhou.

Peguei-o nos braços com um cuidado que ninguém jamais diria que eu possuía. O peso era quase nada, mas esmagou meu peito com algo que jamais havia sentido antes na vida.

Ele parou de chorar.

Me encarou.

E eu soube, que se o mundo precisasse acabar para que ele estivesse seguro, acabaria.

Sem hesitação.

— Bem-vindo, *djali im*[14] — murmurei. — Você chegou para mudar tudo.

Nosso filho dormia agora.

Era pequeno para o caos que tinha atravessado antes mesmo de abrir os olhos. Louise estava sentada na cama, as costas apoiadas na parede. Já vestia um dos pouco vestidos claros que tinha. O rosto

carregava o cansaço de quem foi até o limite e voltou. Ainda assim, havia serenidade ali.

Eu permaneci ao lado, observando os dois, como se o mundo inteiro coubesse ali.

E cabia.

— Você já pensou no nome? — perguntei, baixo.

Ela demorou a responder. O olhar permaneceu no nosso filho, como se estivesse escolhendo palavras com o mesmo cuidado que escolheria um destino.

— Pensei em algo que fizesse sentido… pra nós.

Esperei.

— Selim Luc Vokrri... Um pedaço seu e um pedaço meu — completou.

O nome bateu dentro de mim com força.

Selim. Firme e antigo.

Luc. Claro e direto.

Vokrri.

Dois mundos presos no mesmo fôlego pequeno.

Aproximei o olhar dele outra vez. O cobertor branco subia e descia no mesmo ritmo curto da respiração. *Vivo. Presente. Meu.*

— É um nome forte — murmurei. — Carrega dois clãs nas costas.

Minha mão foi até o cobertor antes que eu pensasse. Ajustei devagar, sentindo os dedos tremerem levemente ao tocar aquele corpo mínimo.

— Perfeito pra um herdeiro.

Ela sorriu de leve, exausta, mas fodidamente mais linda ainda.

— Eu passei a vida inteira acreditando que tudo se resolvia com controle — disse, baixo. — Medo. Violência. — Respirei fundo. —

E agora, tem alguém aqui que não pode ser protegido com nada disso.

— Ele vai crescer sabendo que você é capaz de tudo para protegê-lo.

— E sabendo quem eu vou ser por causa dele — acrescentei.

A mão dela se moveu devagar. Tremia. Tocou primeiro o antebraço dele, depois o meu, como se precisasse sentir que aquilo era real.

— Promete que não vai transformar ele em uma arma? — pediu, com os olhos firmes nos meus.

Meu maxilar travou por um segundo.

— Eu prometo que ele vai saber se defender — respondi. — Mas nunca será usado.

Ela fechou os olhos por um instante, aliviada de um jeito que não precisava ser dito.

O quarto ficou em silêncio outra vez, pesado, mas não opressor. Um silêncio novo. Vivo.

Selim se mexeu sem abrir os olhos, e um resmungo pequeno escapou da garganta, quase um protesto, antes de se acomodar outra vez.

— Olha pra ele… — Louise murmurou. — Tão pequeno e forte.

— E será ainda mais — assegurei.

Ela soltou um quase riso cansado.

Inclinei-me até ela, encostei os lábios no topo da cabeça dela por um segundo, antes de deixar um beijo ali.

— Agora você precisa descansar, *meu amor*. Ele vai estar seguro. Não vou sair daqui.

Fiquei ali, parado, segurando a mão dela, assistindo sua resistência em fechar os olhos de vez. Com o frio do quarto entrando pelos pulmões e o peso do mundo inteiro repousando nos meus braços.

Porque, tudo o que eu precisava proteger, cabia naquele quarto.

Capítulo 52

Mais de dois anos depois...

— Tem certeza que quer fazer isso? — Nora perguntou pela terceira vez.

Encarei o espelho do quarto. O reflexo devolvia uma mulher diferente da que tinha entrado naquela casa anos atrás.

— Tenho.

Nora cruzou os braços, apoiando o peso em uma perna só. O olhar dela era de quem sabia que não havia volta quando eu dizia aquilo daquele jeito.

— Convencer alguém a fazer não vai ser exatamente fácil.

Sorri de lado. Um sorriso curto, quase inexistente.

— Você mora aqui. Conhece as pessoas. Eu não saio dessa casa. — Respirei fundo. — Eu enlouqueceria se você não aparecesse aqui para conversar comigo.

Ela hesitou, um segundo apenas.

— Tudo bem — cedeu, por fim. — Vou te ajudar com isso.

— Obrigada.

Soltei o ar devagar, como se estivesse prendendo a respiração há semanas.

Antes que qualquer outra coisa pudesse ser dita, uma voz pequena interrompeu o quarto.

— Mamãe… mamãe…

Baixei o olhar.

Selim estava sentado no chão, no meio dos brinquedos, concentrado demais no carrinho vermelho para notar qualquer tensão adulta ao redor. Já não era um bebê. Tinha pouco mais de dois anos. Grande para a idade. Olhos verdes intensos, iguais aos meus. O cabelo escuro, fechado, a cópia exata de Skënder.

— Oi, meu amor. O que foi?

Ele ergueu o carrinho, sério, solene, como se aquilo fosse a questão mais importante do mundo naquele instante.

E, de alguma forma, era.

— A rodinha *estagou*.

Nora se abaixou no mesmo instante, natural, como se aquele papel sempre tivesse sido dela também.

— Deixa comigo, então — disse, já examinando o brinquedo. — A madrinha resolve. — Sorriu para ele. — E lembra que sábado você vai dormir lá em casa?

Os olhos dele brilharam. Selim pulou no colo dela.

— Oba... — esticou a palavra, empolgado. — Vou *bincar* até *tade*.

Arqueei a sobrancelha, fingindo severidade.

— Como é?

Ele me olhou rápido, pego em flagrante. Os ombros encolheram um pouco.

— Era nosso segredinho, meu príncipe — Nora corrigiu, rindo.

— *Descupa, pima* — respondeu, com a seriedade de quem acreditava que aquilo resolvia tudo.

Observei os dois por um segundo a mais do que precisava.

Meu filho sentado no chão. Minha amiga ajoelhada diante dele. Risos pequenos. Nada urgente ou perigoso. E pensei, sem arrependimento algum, que tudo o que eu tinha atravessado até ali. Cada escolha difícil, cada medo engolido, cada noite em alerta, tinha valido a pena.

Exatamente por aquele momento.

Eu já estava pronta, esperando por ele. Era nosso aniversário de casamento. Íamos sair para comemorar, Selim ficaria com a Nora.

Skënder entrou no quarto como sempre entrava, sem fazer barulho, ocupando espaço, trazendo o peso do mundo nas costas. O cheiro de couro e aquele perfume que eu tanto amava.

Os olhos passaram primeiro pelo quarto. Um hábito antigo e automático.

Depois vieram até mim.

E demoraram.

O suficiente para me lembrar, que mesmo depois de tudo, ele ainda me via como se fosse a primeira vez, e me amava obsessivamente.

— Por que tenho a sensação de que você estava aprontando? — observou.

— Me diz você...

Skënder se aproximou. Parou perto demais, puxando-me para mais para ele. Arfei, sem controle.

Era sempre assim, meu corpo respondia a cada toque, a cada respiração.

E ele sabia.

— Você fica obscenamente gostosa nesse vestido — ele murmurou, com a mão já subindo pela fenda da minha perna direita, lenta, predatória. — Faz de propósito.

Seus dedos apertaram de leve, marcando.

— Sabe exatamente como me torturar.

— Talvez — provoquei, sustentando o olhar.

O canto da boca dele entortou em um sorriso sujo.

— Quando a gente voltar, você vai aprender o que é tortura de verdade, *meu amor*. — A mão subiu mais, só para prometer.

Skënder foi tirando lentamente minha roupa. A seda escura escorreu fria pela pele, provocando arrepios lentos. Mas quando passou o vestido pelos meus ombros, os olhos dele escureceram.

— Que porra é essa, Louise?

— Pensei que soubesse o que é uma tatuagem — respondi, leve, quase divertida.

O maxilar dele travou.

— Você desenhou o lobo? — rosnou.

O desenho ainda ardia. Negro, recém-cravado na pele avermelhada, próximo da clavícula. Exatamente onde eu tinha levado o tiro. Um lobo de traços firmes, e o olhar atravessado por uma bala no mesmo ponto onde a minha tinha entrado.

Como o lobo dele.

— Sim — confirmei.

A mão dele se fechou em punho. Eu vi. Não foi exagero. O ar ao redor pareceu enrijecer junto com ele.

— Quem foi o maldito que encostou as mãos em você pra fazer isso?

Ri baixo, sem medo. Porque eu o conhecia. Não falei.

— Me dá a porra do nome, Louise.

— O que vai fazer se eu der?

Os olhos dele queimaram.

— Vou ter uma conversinha com ele.

— Matar — corrigi, tranquila. — É isso. Você vai matar, não é?

Skënder inclinou a cabeça, avaliando.

— Tenho certeza de que o maldito sabia o que ia acontecer, antes mesmo de encostar a porra da agulha em você.

Dei de ombros, deliberadamente provocadora.

— Bom… então acho que vou tatuar mais.

— Louise.

Meu nome saiu como aviso.

Não carinho. Não pedido.

Ameaça.

Eu gargalhei. De verdade. Porque naquele instante, eu sabia exatamente onde estava tocando. Não era na pele dele.

Era no instinto.

— Se não me disser quem foi... — Rangeu os dentes. — Eu mesmo marco o resto do seu corpo. E ninguém mais chega perto — disse, com a voz perigosa.

Eu sustentei o olhar sem recuar. Porque eu não estava apenas provocando, estava marcando território também. E Skënder sabia.

Ele só ainda não tinha decidido o que fazer com isso.

— Não vou falar quem me tatuou, Skënder.

— Então eu vou caçá-lo — disse, frio. — E o que acontecer com ele vai ser culpa sua.

Ele me puxou contra o peito largo com um gesto brusco. O impacto me arrancou o ar antes que eu pudesse reagir. O coração disparou em alerta.

— Caralho… — a voz dele falhou por um instante, o que era mais perigoso do que um grito. — A ideia de outras mãos tocando você, fode com a minha cabeça, *Lobinha*. Você é minha. E eu te amo tanto, que isso vai ficar me matando por dentro.

— É só uma tatua...

Não terminei.

O polegar dele veio aos meus lábios, deslizando devagar, silenciando a frase antes que virasse distância.

— Eu te amo, Skënder — prossegui mesmo assim. — Com tudo o que sou. Com o coração. Com a alma. E não será uma tatuagem que vai me tirar de você.

— Eu queimaria o mundo inteiro se tentassem te tirar de mim, porque eu não suportaria um em que você não estivesse nele — confessou.

Os olhos intensos e perigosos dele prenderam os meus.

— Eu faria exatamente o mesmo.

O sorriso que surgiu foi nervoso, possessivo, obsessivo, com tudo o que ele era.

Skënder me beijou com força. Um beijo que roubava o fôlego. E, no final, marcou meus lábios com uma mordida firme.

— Agora você vai aprender o que acontece quando risca o próprio corpo sem pedir permissão — murmurou junto ao meu ouvido.

Sorri.

— Gostei da ideia. Devia ter tido ant...

Não terminei.

A boca dele veio como um golpe. Não foi beijo, foi invasão. Urgente, faminto, esmagando o resto da frase, roubando o ar, me calando do jeito que ele sempre fazia quando perdia o controle. Suas mãos não pediram passagem. Afastaram a calcinha sem delicadeza, como se aquilo fosse um erro a ser corrigido.

Quando tocou meu ponto sensível, o gemido escapou antes que eu conseguisse contê-lo, abafado contra os lábios dele.

— Caralho. — Mordeu o nódulo da minha orelha. — Estou louco para entrar em você, *Lobinha*. Mas tô tão puto… tão fora de mim… que vou te destruir se fizer isso.

— Por favor... não quero seu controle.

A mão me invadiu sem aviso. O beijo ficou mais pesado, mais sujo, mais fundo. Perdi o controle. A cabeça tombou para trás, a coluna arqueou, e eu me rendi sem resistência.

Os dedos eram impiedosos, cruéis de tão bons. Sabiam exatamente onde tocar, como queimar, como me arrancar de mim

mesma. Aquilo era punição, eu sabia. Cada movimento carregava raiva, posse, descontrole.

O que ele não sabia…

Era que eu adorava cada segundo dessa punição.

Em um movimento, ele me virou na cama, espalmou minha carne molhada, uma, duas, três vezes. Abriu bem minha bunda e a língua áspera veio, fundo, invadindo, sugando, lambendo as paredes, deixando trilhas frias e úmidas, que me fizeram estremecer inteira. Gemi, cravando as unhas no lençol.

Ouvi o estalo do cinto, cortando o ar antes de encontrar minha bunda. A pele ardeu na hora, queimou, latejou, e minha entrada respondeu em um reflexo sujo, pulsando, faminta, traidora.

O tilintar metálico da fivela ecoou pelo quarto quando caiu no chão.

O silêncio durou menos de um segundo...

E sem aviso, ele me penetrou de uma só vez. Fundo, forte, impiedoso. Senti cada centímetro dele me preencher, grande, grosso, intenso, dominando tudo. O gemido escapou de mim sem controle, enquanto meu corpo tremia com a invasão.

— Sempre tão apertadinha — rosnou.

Skënder acelerou.

As bolas batiam no ponto exato da minha boceta. A mão desceu na região pulsante e meu corpo arqueou, abriu, implorou por mais do que já estava recebendo. Skënder não teve piedade, afundou o dedo no meu anus, enquanto metia o pau insano em minha entrada, de uma vez só, preenchendo tudo. Ele me macetava com fome, com sede, com força bruta, como se estivesse me refazendo por dentro.

Não parava, eu me molhava mais a cada estocada.

Os gemidos dele se misturavam com os meus, a cama rangia junto, e meu corpo cedia cada vez mais a ele.

— Skënder — supliquei, quase sem folego, o recebendo sem pausa.

Ele avançou, entrando mais fundo, batendo em meu ventre, então praticamente convulsionei, as pernas tremeram e os espasmos tomaram conta do meu corpo.

— Goza pro seu marido. Goza bem gostoso.

Ele abriu bem minha bunda, com força suficiente para a minha carne arder onde seus dedos estavam cravados, e me invadiu com mais força. Senti tudo, cada centímetro. O choque foi tão forte, que minhas pernas cederam antes da mente conseguir acompanhar.

Ele empurrou uma última vez, fundo, bruto, ficando enterrado, preso ali, como se não houvesse depois. O impacto arrancou o ar dos meus pulmões e meu corpo se abriu sem defesa.

O grunhido dele saiu alto, rouco, vibrando contra mim no mesmo instante em que seu membro latejou dentro do meu corpo. Senti cada pulsar, espesso, incontrolável, e o choque do calor me atravessou, me fazendo arquear, tremer, perder o eixo.

Meu ventre apertou em resposta, como se quisesse puxá-lo de novo, como se aquela invasão fosse necessária. O líquido quente me preencheu, pesado, marcando tudo.

— Caralho… — ele gemeu, rouco.

— Isso foi... — Minha garganta estava seca, o peito ardendo pela falta de ar. — Incrível.

Skënder saiu de dentro de mim e me segurou no mesmo instante, como se soubesse que minhas pernas iam falhar. E por um segundo, falharam.

Quando consegui ficar em pé, ele subiu a calça devagar, resmungando baixo, os olhos percorreram meu corpo, sem pressa, famintos, atentos a cada reação que eu não conseguia esconder.

— Estou repensando sobre sair hoje.

— É nosso aniversário de casamento, Skënder.

Ele assentiu, sem mais.

Dei um passo para longe, ainda sentindo tudo escorrer, tudo pulsar. Ele não deixou. Me puxou de volta em um movimento rápido, predatório, e esmagou minha boca com um beijo sujo, intenso, daqueles que não pediam, tomavam. A promessa veio ali, sem palavras: quando a noite acabasse, ele faria tudo de novo.

Me destruiria outra vez.

E o pior, ou o mais honesto, era que eu já estava ansiosa por isso.

Capítulo 53

O carro parou diante do restaurante mais luxuoso de Kukës. As luzes estavam acesas apenas o suficiente para parecer aberto, mas fechado o bastante para ser meu naquele dia. Havia dois homens na porta e outros dois espalhados em pontos estratégicos.

Louise demorou um segundo a mais para descer.

— Skënder… — chamou, desconfiada, percorrendo a fachada iluminada, o nome do lugar reluzia no laminado escuro. — Por que o lugar está vazio?

Fechei a porta do carro e caminhei até ela com calma. Contornei sua cintura, trazendo-a para mim. Falei junto ao ouvido, baixo, firme, como quem ditava uma regra que não admitia contestação:

— O restaurando está fechado, porque minha esposa quis comemorar o aniversário de casamento.

Ela ergueu o rosto apenas para me encarar.

— Você não pode mudar a forma como as coisas funcionam, meu amor, só porque eu decidi sair de casa.

— Posso. E mudei.

Louise soltou um suspiro curto e balançou a cabeça, sabendo que discutir comigo não levava a lugar algum.

Guiei-a para dentro.

Um jazz instrumental preenchia o ambiente. Era baixo, sofisticado e calculado para um jantar de aniversário de casamento. Atravessamos as mesas vazias, até a mesa posta com precisão cirúrgica e talheres alinhados. Ao chegarmos, puxei a cadeira para ela sentar e me acomodei ao seu lado.

Louise ainda observava o lugar, atenta demais para alguém que tentava parecer relaxada. Eu não olhava o salão, eu lia. As saídas, os reflexos nos vidros, os ângulos mortos, qualquer movimento fora do ritmo. Porque fechar um lugar só para ela, não significava confiar naquela porra de calmaria.

Pedi uma taça do vinho que ela gostava, e um uísque para mim.

— Não precisava disso tudo — ela murmurou.

— Precisava. Sempre.

— Me diga o que você fez para fechar esse lugar. E como as pessoas daqui…

— Ninguém diz não para alguém como eu — interrompi.

— Ah. Então você ameaçou.

Um canto da minha boca se ergueu, sem humor.

— Eu não ameaço. Eu sentencio. — Inclinei levemente a cabeça. — Ou fechavam, ou eu colocava fogo nessa porra de lugar.

Ela soltou um suspiro curto, como quem escutava um exagero, mas ciente de que eu faria aquilo sem hesitar.

Ela sorriu daquele jeito que desmonta homem feito de guerra. Aquele sorriso pequeno, íntimo, que só aparece quando ninguém está olhando.

Sinalizei para que nos servissem.

A comida chegou, junto com o vinho, que foi servido.

Comemos devagar.

— Você ainda acha que o mundo é perigoso? — ela perguntou, entre uma garfada e outra.

— Sempre foi. — Levei o copo à boca sem desviar o olhar do salão. — E agora eu tenho vocês. Isso só torna tudo mais letal.

Ela me observou por um segundo.

— Selim tem sorte de ter você como pai. — Mordeu os lábios ao falar. — Eu de ter como marido, e, mesmo passando por tudo o que passamos, eu te escolheria de novo. E de novo.

Aquilo me atingiu em um lugar onde nenhuma arma alcançava.

Foi aí que...

Não vi primeiro, eu senti.

Meu corpo ficou rígido e minha mão foi para a arma sem que eu tivesse percebido.

Um desalinhamento mínimo. Um garçom que passou rápido demais. Outro que evitou meu olhar. Um terceiro sem bandeja nas mãos, que se movia com os ombros tensos.

Porra.

Eu sabia. *Caralho, eu sabia.* Tinha um maldito sexto sentido que me dizia que trazê-la ali era riscado. E ali estava o erro, respirando no meio do salão.

Passei os olhos de forma discreta entre os garçons e contei mentalmente. Cinco.

Cinco filhos da puta que não eram os mesmos de quando chegamos.

— Louise — murmurei, sem mover os lábios. — Quero que vá para o banheiro e tranque a porta. Não saia de lá até eu chamar.

Ela franziu o cenho, assustada. O garfo parou no ar por um segundo antes de descer devagar até o prato.

— O que aconteceu?

— Alguns desses garçons, não são garçons.

— Droga — resmungou.

— Eu avisei, porra — rosnei, contido, com a raiva queimando no peito. — Minha lista de inimigos é grande pra caralho. Você não devia estar aqui. Agora levanta e vá até o banheiro. Normalmente. E faça o que mandei.

Ela não se mexeu.

— Não — negou, de imediato, firme. — Eu vou ficar com você.

— Louise... — Apertei o maxilar até doer.

— Só me dá uma arma.

Caralho.

Olhei para ela obcecado. A mulher que a vida tentou tirar de mim tantas vezes e falhou miseravelmente em todas. A que decidiu me amar sabendo exatamente quem eu era, estava ali, pedindo a porra de uma arma enquanto eu a mandava se esconder.

Inclinei-me e a beijei forte, urgente, um beijo que não pedia, implorava para que ela fosse.

— Eu coloco fogo no mundo inteiro se eu te perder — murmurei contra os lábios dela.

A mão dela veio firme e pesada do jeito certo, como um ancorar. Os dedos fecharam no meu maxilar como se me obrigassem a ficar ali. O polegar queimava na pele enquanto olhava bem fundo em meus olhos.

— Você nunca vai me perder. — A voz dela entrou sem pedir licença. — Somos um só. E juntos, somos extraordinários.

O impacto me atravessou como a porra de um soco direto no estômago. Algo selvagem respondeu antes da razão e eu cerrei o punho, porque, se não fizesse isso, eu quebrava.

— Não importa… — ralhei. — Se você se machucar, a culpa será minha. Porque eu nunca devia ter aceitado te trazer para um lugar assim.

— A culpa não é sua.

— Vai ser, se você se ferir.

— Eu confio em você. — Ergueu o olhar. — Em nós.

Fechei os olhos, sabendo exatamente como essa noite ia terminar.

— Você vai me obedecer se eu mandar? — perguntei, já sentindo o sangue acelerar.

— Vou. — *Não hesitou.* — Desde que não seja pra fugir e te deixar sozinho.

O ar saiu pelas minhas narinas em um sopro quente, quase um rosnado. Raiva, medo, instinto, tudo misturado. Puxei ela contra

mim em um abraço que não tinha nada de terno. Era proteção bruta, escudo e aviso.

O corpo dela ficou colado ao meu, enquanto sua mão já deslizava até minhas costas. Senti o frio do cano raspar na pele dela quando a arma mudou de dono.

Levantei o olhar por cima do ombro de Louise.

Os desgraçados já estavam se mexendo.

Quando vi a arma apontada para minha mulher, o mundo encolheu. Não pensei, só reagi.

Puxei ela para baixo com força, o corpo dela bateu contra o meu enquanto empurrava a mesa e virava tudo de lado. A madeira rangeu alto, talheres voaram e pratos se estilhaçaram no chão no mesmo segundo em que sacava a minha arma do coldre.

O barulho ensurdecedor dos tiros engoliu tudo. Junto com o impacto seco, o ricochete estourou na madeira reforçada e o cheiro de pólvora se espalhou no ar.

— Você está bem? — rosnei, sem tirar os olhos do perímetro, o dedo firme no gatilho.

Ela assentiu. Já estava com a arma erguida à frente do corpo, postura firme, respiração controlada.

— No três, avançamos para trás do balcão.

Ela confirmou com a cabeça. Eu ergui os dedos, um por um. O tempo esticou.

Um.

Dois.

No três, ela saiu correndo abaixada, rápida, precisa, e eu levantei no mesmo instante, descarregando o pente sem piedade.

Os tiros cortaram o ar como gritos de metal. Um caiu com a cabeça explodindo em um estalo seco. O outro teve o olho atravessado pela bala e o corpo desabou inútil.

Segui até ela e a puxei para trás com força demais, sentindo o impacto do corpo dela contra o meu. E nos abaixamos atrás da madeira já marcada de balas.

— Skënder… — a voz veio do outro lado, calculada. — Entregue sua propriedade francesa e nós deixaremos você sair ileso.

A raiva explodiu.

Levantei rápido e apertei o gatilho até ouvir o estalo seco do pente vazio.

Nem lembrava quantas vezes tinha atirado.

Restavam poucos. Eu ouvia os passos, os gritos, o pânico começando a se espalhar e mais vidro se estilhaçando.

Um deles tentou correr.

Louise atirou sem hesitar e o corpo caiu pesado no chão, com um baque oco que ecoou mais alto do que devia. Eu a encarei por um segundo, por orgulho e reconhecimento.

— Skënder, três horas! — ela gritou.

Girei o corpo e atirei. Seco, preciso, explodindo o crânio do maldito com um barulho nojento e definitivo. Ele caiu antes mesmo de entender que estava morto.

Outro tiro. Mais um desgraçado.

O cheiro de pólvora tomou tudo, ardendo no nariz, queimando a garganta. Os disparos ecoavam alto para um lugar fechado. Um tentou flanquear pela esquerda, acertei o ombro, jogando-o contra a parede em um grito quebrado.

Outro veio pela direita.

Louise derrubou.

Sem hesitação. Sem tremor.

Um tiro passou perto demais da cabeça dela.

Perto o suficiente para eu ouvir o assobio rasgando o ar. Perto o suficiente para imaginar o impacto.

Meu sangue gelou antes de ferver. Apertei o gatilho até o recuo da arma doer no pulso.

Foi instinto, aquele que nascia quando algo que é *seu* é ameaçado. Avancei sem pensar, sem medir. Acertava perna, cabeça, braço, assistindo tudo explodir no ar.

O último, atirei no joelho para o ver desabar no chão e implorar para morrer logo. Os gritos vinham altos, desesperados, enquanto ele se arrastava pelo chão, deixando uma trilha vermelha, grossa, suja, marcando cada centímetro da fuga.

Olhei ao redor. Meus homens já tinham invadido e estavam fechando o cerco, não tinha mais ninguém de pé.

Ruslan foi direto no caído, mas eu ergui a mão, um gesto só, a ordem era absoluta.

Me abaixei e puxei o desgraçado pela nuca. Os dedos afundaram no suor frio. Ele grunhiu quando ergui o rosto dele à força, o pescoço reclamando, o corpo tentando recuar sem ter para onde ir. Virei-o devagar, cruel de propósito, até que fosse obrigado a me encarar. Queria que ele me visse.

Eu nunca matava pelas costas.

— Maldito dos infernos… quem te mandou? — rosnei.

Ele cuspiu sangue. Os olhos queimavam de ódio.

— Você matou minha mãe, desgraçado!

Ignorei. Aquilo não importava.

Nada importava além da resposta certa.

— Quem te mandou?

Ele riu. Um riso quebrado, histérico.

— Ninguém, porra. Eu vim atrás de você sozinho. Você tirou tudo de mim e agora, eu vou levar sua propriedade francesa.

Inclinei a cabeça, observando.

— Não. Ainda não tirei tudo — corrigi. — Você tinha a sua vida.

Encostei o cano da arma na testa dele.

— Agora eu vou tirar tudo.

Atirei.

Uma vez. Duas. Três.

Não por necessidade. Por mensagem. Fiquei ali, olhando o sangue se espalhar ao redor do corpo, grosso, escuro, invadindo o chão, enquanto algo dentro de mim se reconhecia naquele reflexo distorcido.

Eu me tornava um maldito insano quando se tratava dela, e aceitava isso sem arrependimento algum.

Senti o peso da mão em meu ombro, depois o perfume.

Louise.

— Já chega, amor — a voz dela veio firme, mas baixa. — Ele está morto.

Balancei a cabeça devagar e me virei.

Ela estava ali. Inteira, viva... respirando.

O alívio não veio suave. Veio como um soco bruto no peito, arrancando o ar, fazendo minhas costelas doerem. Puxei-a para mim com força demais, os braços fecharam ao redor do corpo dela como se eu pudesse esmagar o perigo para fora do mundo, como se soltá-la fosse permitir que tudo desabasse outra vez.

Quando me afastei, virei o rosto.

— Ruslan. Fogo em tudo — ordenei. — Quero esse lugar queimando como o inferno.

— Skënder...

— Eu avisei — rosnei, a voz rasgada de ódio. — E eles me traíram. Agora não vai sobrar cinzas suficientes desse lugar para qualquer outro filho da puta que ousar esquecer quem é Skënder Vokrri.

Travei o maxilar e olhei direto para ela.

— Além do mais — dei um passo à frente. — Esse lugar quase te machucou. E nem o próprio Diabo vai me ver deixar algo em pé depois disso.

— Você vai colocar fogo só por causa de mim?

— Não tenha dúvidas.

Porque ninguém tocava no que era meu e continuava respirando depois.

Louise engoliu em seco, mas não tentou me conter. Sabia que não adiantaria. Ruslan já se movia, eficiente, silencioso, e em minutos, as chamas começaram a subir pelas paredes, lambendo madeira, cortinas, mesas.

Quando alcançamos o lado de fora, o restaurante já ardia inteiro, como um inferno aberto contra a noite. O calor batia nas minhas costas e as chamas rugiam.

Passei o braço pela cintura dela, deixando claro de quem ela era, e a puxei para mim, beijando-a como o obcecado que eu era por ela. Sem delicadeza, sem a porra do cuidado que ela merecia. Louise respondeu, a boca colidiu com a minha na mesma fúria, e só se afastou quando ficou sem ar, e mesmo assim, não o suficiente.

Segurei o queixo dela, firme, forçando-a a me encarar, apertando o polegar contra a pele dela, sentindo o pulso acelerado sob meus dedos.

— Eu confiei em você hoje.

Ela prendeu a respiração e eu continuei:

— Se você quebrar isso de novo… — pausei. — Eu não vou te afastar do perigo. Vou afastar você do mundo. — Levantei o olhar. — E isso significa que você não vai mais estar ao meu lado quando as coisas ficarem feias... Então, quando eu mandar você se esconder, você se esconde. Porque eu não faço escolhas que podem me custar você.

— Essa não sou eu, meu amor. Eu nunca vou deixar o homem da minha vida lutar sozinho se eu estiver junto.

Fechei os olhos por um segundo, a droga do meu coração estava disparado. Porque eu já não conseguia enxergar um futuro onde ela não estivesse.

Talvez amar, para alguém como eu, significasse exatamente isso, sentir a porra do coração parar a cada segundo que ela estivesse em perigo.

E enquanto eu respirasse, ninguém a levaria de mim.

Epílogo

Três anos e meio se passaram desde aquela noite. Desde o estalo do vidro se partindo, do cheiro de pólvora grudando na pele e do peso da arma ainda quente na mão quando eu matei por Skënder.

Nesse tempo, eu aprendi duas coisas.

Não existia amor seguro, existia amor escolhido. E escolha não era sentimento, era decisão.

E eu sempre escolhia Skënder todos os dias.

Agora estamos diante da cerca da reserva...

O metal alto, firme, delimitava um território que não era só terra, era refúgio. Do outro lado, a mata respirava viva. O vento passava entre as árvores como um sussurro. Ali dentro, o lobo se movia, livre, selvagem, intocado. Não preso, mas protegido.

Selim estava ali.

Seis anos.

Pequeno demais para carregar o peso do nosso mundo, forte demais para não o sentir.

Com uma mão ele segurava a de Skënder, e com a outra a grade de ferro da reserva. Os olhos atentos, curiosos, brilhando daquele jeito que só quem ainda acreditava em tudo conseguia. O vento bagunçava o cabelo escuro parecido com o do pai. Ele não tinha medo, nunca teve, porque cresceu cercado de silêncio armado, mas também de amor feroz.

— Papai, tem um lobo aqui? — Selim perguntou baixinho, como se a própria mata tivesse ouvidos.

Desde o dia em que Skënder contou que havia um lobo vivendo ali, ele acordava com a mesma pergunta na ponta da língua. Todos os dias, incansavelmente, como se fosse um segredo grande para caber no peito pequeno.

Skënder inclinou a cabeça, atento ao menor movimento entre as árvores.

— Tem, meu filho — respondeu.

Selim franziu a testa, concentrado daquele jeito sério que herdou do pai.

— E ele é perigoso?

Skënder se agachou à frente dele, ficando da mesma altura. As mãos grandes pousaram firmes nos ombros pequenos, como se aquele gesto fosse também um juramento.

— Ele é um lobo — disse, simples. — É leal. Protege o que é dele. Ataca se for preciso. Vive em silêncio. Observa antes de agir.

Selim ficou quieto por alguns segundos, absorvendo cada palavra como se fossem peças de algo maior.

— Igual a você? — ele perguntou enquanto Skënder se levantava.

O canto da boca do meu marido se moveu, discreto, orgulhoso. Não foi um sorriso aberto, *nunca era,* mas eu conhecia aquele gesto melhor do que qualquer outro.

— Igual você também será, meu filho.

Aquilo me atingiu mais forte do que qualquer tiro que já ouvi.

Fiquei observando os dois, como sempre fazia, nunca me cansava daquilo. Como se ainda estivesse aprendendo aquela cena. Como se eu ainda pudesse visualizar com clareza, Selim ainda pequeno e Skënder com ele no colo.

E a lembrança veio inteira...

O quarto na penumbra. A luz do abajur amarela, baixa, desenhando sombras nas paredes. Skënder sentado na poltrona, grande para o espaço, o corpo tenso tentando não se mexer. Selim ainda quase um bebê, pesado de sono no colo, mas se recusando a dormir.

Os dedos minúsculos puxando a gravata do pai com força. Às vezes, a camisa. Outrora, levando o tecido à boca, mastigando como se fosse parte dele. Skënder murmurava algo baixo, palavras desconexas, tentando embalar, ou convencer o próprio filho a ceder ao cansaço.

Nunca funcionava.

Eu aparecia na porta, encostava no batente, cruzava os braços só para observar.

— Como estão aí?

— Tá mais acordado do que antes.

Eu ria, sempre ria, e Selim, como se sentisse minha presença, abria um olho, depois o outro e bocejava. Um bocejo enorme, exagerado, quase teatral.

— Acho que ele só estava me esperando — eu provocava.

Skënder resmungava algo que eu nunca ouvia, e apertava o filho um pouco mais contra o peito. Selim sorria, sonolento, vitorioso, e finalmente fechava os olhos.

Eu nunca me cansei de entrar naquele quarto e testemunhar isso acontecer.

E mesmo depois de tantos anos, Skënder continuava sendo o mesmo pai. Presente, vigilante, e protetor até quando fingia estar distraído. O mesmo homem por quem eu continuava perdidamente apaixonada, apesar, e exatamente por causa, de tudo o que ele era. O homem que matou para proteger e que sangrou para ficar.

Umedeci os lábios antes de chamá-los. O coração bateu diferente e a mão foi ao ventre em um gesto instintivo, quase inconsciente.

— Tenho uma notícia pra dar.

Os dois me encararam ao mesmo tempo. Sincronizados. Pai e filho.

— O que foi, mamãe? — Selim perguntou, com os olhos já brilhando de expectativa.

Virei o rosto para Skënder. Apertei os lábios mais uma vez, mais forte agora. A emoção subiu rápida, traiçoeira. Respirei fundo e, mesmo assim, a voz saiu em um fio:

— Estou grávida.

O silêncio durou um único segundo.

— Oba… eu vou ter um irmão — Selim já dava pulinhos antes mesmo da resposta existir.

Assenti.

Ele deu mais dois pulinhos, rindo alto, como se o mundo tivesse acabado de ficar maior e melhor ao mesmo tempo.

Skënder não disse nada. Apenas me puxou para perto em um abraço firme, daqueles que envolvia inteiro. Selim se colocou entre nós, envolvendo nossas pernas com os braços pequenos, como se aquela cena precisasse ser trancada no tempo.

— Você sabia. — Minha voz saiu baixa. *Não era pergunta.*

Skënder sustentou meu olhar por um instante, e a mão grande foi ao meu ventre ainda discreto, protetora, quase reverente, como se pudesse sentir ali, sob a pele, tudo o que eu ainda tentava compreender.

— Há algumas semanas — disse, calmo e seguro. — Só estava esperando você me contar, meu amor.

Doze semanas. E eu ainda tentava entender, mas ele já sabia. Me conhecer assim tão bem, era quase assustador.

O sorriso veio antes que eu percebesse. Lento, só dele. Um sorriso que não precisava ser explicado, porque carregava tudo: as quedas, as dores, as escolhas erradas, os recomeços improváveis que atravessamos, que tinham nos trazido exatamente até ali.

— Bom… — forcei a voz, tentando brincar para não chorar. — Eu duvido que você sequer tenha desconfiado que agora vai ter que aprender a fazer lacinhos…

A frase saiu quebrada. Meus olhos arderam antes que eu pudesse conter, e a lágrima silenciosa escapou, marcando o rosto em um rastro quente que não pedi e nem consegui impedir.

Ele piscou uma, duas, três vezes, como se precisasse desse tempo mínimo para reorganizar o mundo.

— Lacinhos? — repetiu, devagar.

Assenti, breve, porque não confiava mais na minha própria voz.

— É… uma menina? — perguntou, com a voz mais baixa que eu já tinha ouvido sair dele.

Balancei a cabeça.

E vi.

Vi o homem que enfrentava infernos sem piscar, ficar imóvel. Vi o peito dele subir fundo demais. Senti os dedos apertarem de leve meu ventre, como se jurassem proteção antes mesmo de qualquer palavra.

— Vamos ter duas meninas, meu amor — contei.

Selim congelou por um instante, antes de sorrir.

— Duas, mamãe? Eu vou ter duas irmãs? — perguntou rápido.

Me abaixei diante dele, segurei o rostinho com as duas mãos.

— Vai, meu amor. Duas irmãzinhas.

— Vou proteger elas.

O sorriso que nasceu ali foi puro, inteiro, sem medo.

— Vai ter que proteger em dobro — Skënder disse, sério.

Ergui o olhar para ele.

— Você também, meu amor. Proteção em dobro.

Ele se abaixou ao nosso lado, o braço forte ao redor dos meus ombros, a mão quente pousando sobre a minha barriga como quem sela um juramento.

Do outro lado da cerca, algo se moveu entre as árvores.

Segundo depois, o lobo surgiu. Olho atento, presença absoluta e silenciosa como destino. Ele farejou o ar, como fazia.

Selim prendeu a respiração.

— Ele é lindo, papai.

— Sim — Skënder respondeu, sem desviar o olhar. — Ele é.

E ali, entre os dois homens da minha vida, o lobo como símbolo e duas pequenas princesas crescendo dentro de mim, eu soube:

Eu não era mais a mulher condenada a Skënder.

Eu era Louise Vokrri.

A mulher que atravessou o medo, sobreviveu ao caos, uniu duas famílias, e transformou um império em lar.

Capítulo Bônus

Naquele dia, a água do lago era um espelho do céu escuro, refletindo nuvens densas.

Selim estava alguns passos à frente, jogando pedrinhas na água, contando mentalmente quantos pulos cada uma dava antes de afundar. Já com quase onze anos. Ombros mais largos do que deveriam ser para a idade. O mesmo jeito atento, desconfiado, como se o mundo fosse algo que precisasse ser medido antes de tocado.

A cada movimento, seus olhos buscavam as irmãs, para ver se estavam bem. Era sempre assim.

Ylli e Hana estavam na areia, afastadas da margem, usavam roupas rosa de verão e os cabelos presos em dois coques frouxos. Quatro anos de caos perfeitamente coordenado.

Hana cavava um buraco com as mãos pequenas, séria para alguém tão nova. A testa franzida, a língua presa entre os dentes, como se aquela tarefa fosse importante o bastante para exigir concentração absoluta.

Ylli fazia o oposto, ela estava sentada no chão e deixava a areia escorrer entre os dedos, espalhava tudo sobre os próprios pés e pernas, encantada com o jeito que os grãos grudavam na pele, como se o corpo estivesse aprendendo algo novo.

Minhas pequenas.

Eu observava como quem temia piscar e perder tudo. Como se aquela cena pudesse se desfazer no segundo em que eu respirasse errado.

Louise se mexeu ao meu lado, descansando a cabeça no meu ombro direito. O cabelo roçou meu pescoço e eu virei o rosto para deixar um beijo terno ali. *Ela também não tirava os olhos deles.*

— Você está longe — murmurou, baixo, como se não quisesse quebrar o momento. — Isso costuma ser perigoso.

— Quando se tratar da minha família, sempre serei — respondi.

Ela sorriu de canto.

Sabia que era verdade.

— Eu nunca imaginei isso — confessei, intercalando o olhar entre meus filhos. — Uma casa. Um lago. Três crianças brincando como se a porra do mundo fosse seguro.

Louise soltou um suspiro quase risonho.

— Três sempre foi o plano. Lembra?

— Lembro de cada coisa que você me disse nesses anos. — *Lembrava de tudo. De cada palavra.*

Louise me encarou com aquele olhar que sempre me desmontava. Calmo, firme, e então sorriu.

Aquele sorriso específico, maldito, que fazia surgir as duas covinhas nas laterais do rosto. As mesmas que eu memorizei como quem decorava um mapa de sobrevivência.

— Eu sei — ela disse, sem hesitar. — E é por isso que eu te amo.

As palavras ainda tinham peso quando vinham dos lábios dela.

— Eu amo você, meu amor — devolvi. — E amo tanto o que a gente construiu, que eu faria tudo de novo se isso me trouxesse exatamente aqui, com você, nossas meninas e nosso filho.

Ela entrelaçou os dedos nos meus, firme. Como quem ancora.

— Eu também amo a nossa família — afirmou. — Amo de um jeito que às vezes não sei explicar o quanto. É como se eu acordasse todos os dias e me apaixonasse outra vez. Um pouco mais. Por você, por elas, por ele, pela nossa família linda. Dia após dia, sem pausa.

O aperto da mão dela se intensificou.

— E eu nunca aceitaria um mundo em que vocês não existissem nele — continuou, a voz falhou um segundo, mas não recuou. — Minha vida é perfeita, não porque é fácil, mas porque é vocês. *Porque eu tenho vocês aqui comigo.*

Antes que eu pudesse responder, Hana já se levan-tava, puxando toda a atenção para si. O vento brincou com os cabelos

longos, fazendo-os dançar e quase derru-bar o laço ao cair sobre o rosto, cobrindo metade dos olhos verdes enquanto ela dava alguns passos até onde estávamos sentados. Pequena, decidida, como se aquele momento fosse urgente demais para esperar.

— Papai, o senhor pode arrumar meu cabelo? — pediu, parando bem na minha frente.

Louise imediatamente gesticulou com a mão, chamando-a para perto.

— Vem cá, meu amor, a mamãe amarra.

Hana balançou a cabeça, firme.

— Não precisa, mamãe. Eu prefiro o papai. Eu gos-to dos lacinhos que ele faz.

— Ah, é? — Louise perguntou, curiosa. — E por quê?

— Porque é mais divertido.

— Mais divertido? — ela repetiu, já lutando contra o riso ao erguer os olhos para mim.

— Sim, mamãe.

— É uma ideia bem interessante sobre os lacinhos que o papai faz.

Hana pensou por um segundo, séria para alguém tão pequena.

— Me faz sorrir. Porque é sempre diferente… e às vezes cai quando eu corro.

Louise não aguentou e gargalhou. Hana, satisfeita, já se abaixava à minha frente. Eu respirei fundo. O cabe-lo era uma batalha perdida desde o início, escorregando entre os dedos, rebeldes como ela. Depois de uma quase guerra... fios puxados, laço torcido, paciência testada, consegui algo que, com boa vontade, poderia ser chama-do de coque. Coloquei o laço rosa por cima, como se aquilo resolvesse tudo.

— Prontinho, vogëlushja ime .

Hana levou as mãos à cabeça, sentiu o laço, e abriu um sorriso orgulhoso.

— Viu, mamãe? É divertido.

— Claro, meu amor — Louise disse, ainda rindo. — É muito divertido ver o papai achando que vai para a ter-ceira guerra mundial.

Não respondi, porque ela estava absolutamente certa.

Hana voltou correndo para onde estava antes e, segundos depois, seu grito rasgou o ar.

— Papai!

Ela apontava para um buraco na areia, as mãos sujas, o sorriso crescendo no rosto como uma descoberta preciosa.

— Tá molhado aqui — falou animada.

O riso me escapou sem pedir permissão.

— Eu gosto da areia, papai — Ylli completou, abaixada ao lado da irmã, os olhos igualmente verdes bem abertos, brilhando como duas esmeraldas vivas. — Areia é fofinha, papai.

Louise riu. Um riso solto, verdadeiro, daqueles que levantava o peito e denunciava felicidade sem defesa.

Selim se aproximou das irmãs, sério como sempre, observando o buraco como se fosse uma questão de vida ou morte.

— Se cavar mais, acho que entra água — avisou, sorrindo para as irmãs.

— Melhor ainda — Hana respondeu, já afundando os dedos outra vez e Ylli se juntou a ela.

Fiquei olhando aquela cena.

Três pedaços meus andando fora do meu corpo. Brincando, rindo e sujos. Louise ao meu lado, quente, real, e respirando comigo.

Ali, eu tinha tudo.

Talvez o mundo ainda fosse perigoso.

Talvez sempre fosse.

Mas naquele instante, com areia molhada, risadas altas e mãos dadas, eu soube que, se existia redenção para um homem como eu, ela tinha exatamente esse formato.

— É melhor entrarmos — Louise disse depois de um tempo, com a voz calma, mas atenta. — Logo vai escurecer… e parece que vai chover.

Segui o olhar dela até o céu. As nuvens já se juntavam pesadas, baixas, daquele jeito que anunciava tempestade sem pedir licença.

— Ouviram a mamãe? — reafirmei, sem elevar o tom.

— Vem, Selim — Louise chamou.

Ele ainda lançou uma última pedra no lago antes de se virar. Hana ficou em pé e Ylli fez um biquinho, cruzando os braços sujos de areia em frente ao corpo.

— Mas eu não terminei de fazer minha sereia, mamãe…

Louise se abaixou na frente dela, paciente, passando as mãos pelas palmas pequenas, limpando a areia com cuidado. Fez o mesmo com Hana ao lado.

— Amanhã a areia vai continuar aqui, *Princesha ime* — disse, suave. — Ela não vai fugir.

Ylli apertou os lábios, pensando. Aquela pausa dramática que só crianças dominavam.

— Promete?

— Prometo.

Depois de mais um segundo, ela aceitou a mão que Louise estendia. Hana se levantou logo em seguida, já correndo na minha direção.

— Papai, você me leva no pescoço? — pediu, com os olhos brilhando.

— Vem — respondi, já a erguendo com facilidade.

Ela riu alto quando se acomodou, as mãos pequenas se fecharam no meu cabelo como se eu fosse o lugar mais seguro do mundo.

Selim segurava a mão de Ylli e seguia à frente, sério demais para alguém tão pequeno. Os ombros retos, o olhar atento, como se já entendesse que proteger também era um instinto.

Meus filhos.

Caminhavam confiantes, rindo baixo, acreditando que o mundo era seguro porque eu estava ali. Louise vinha ao meu lado. Minha pequena repousava no meu pescoço, os dedos enroscados no meu cabelo.

E, caralho…

Eu era a porra do homem mais sortudo que já respirou nesse mundo.

Assim que entramos na casa do lago, tudo aconteceu rápido. Banho, pijamas e risadas abafadas ecoavam pelos corredores como um som que eu queria engarrafar e guardar para sempre.

Passei primeiro no quarto de Selim, dei boa noite, ajeitei o cobertor, recebi aquele aceno sério que ele sempre fazia, como se dissesse... *está tudo sob controle, pai*.

Depois segui para o quarto delas.

A luz do abajur lançava um tom amarelo e baixo, suave demais para a noite lá fora. Hana já dormia profundamente. Ela era sempre a última a cair no sono, menos naquela noite.

Porque eu sabia.

Ylli estava acordada.

Encolhida na cama, segurava a coberta junto ao rosto, como se fosse um escudo. Pequena demais para tanto medo. Os olhos atentos a algo que ainda nem tinha chegado.

A tempestade ainda estava longe, mas ela já sentia.

E eu senti junto.

Um trovão mais próximo fez os vidros vibrarem. Não foi alto, mas foi o suficiente. Ela apertou o ursinho contra o peito e levantou o olhar para mim.

— Papai… — a voz saiu fina. — Eu tô com medo.

Ela tinha medo de trovão.

Sentei na beira da cama, o colchão afundou sob meu peso.

— Não precisa ter medo, minha gatinha corajosa.

Passei a mão pelos cabelos ainda úmidos, devagar, com cuidado demais para um homem que já quebrou tanta coisa. Inclinei-me e beijei a testa dela, sentindo o cheiro doce do xampu misturado com infância.

Outro trovão. Mais forte.

Ela se encolheu inteira.

— Por favor, papai, você pode ficar comigo até eu dormir? — pediu.

— Eu fico — prometi.

Deitei ao lado dela, por cima da colcha, e Ylli se ajustou a mim como se aquele espaço sempre tivesse existido.

Hana dormia profundamente na cama ao lado, a boca entreaberta, alheia ao temporal que se formava.

Um segundo depois, a chuva começou a cair pesada, batendo com força no telhado. O barulho preencheu o quarto e engoliu o silêncio.

Ylli se mexeu, tateando na penumbra, até encontrar meu braço. Segurei a mãozinha dela, quente, firme.

— Estou aqui. Dorme, minha pequena.

— Um dia eu quero ser corajosa como a Hana… ela não tem medo.

— Você é corajosa, Ylli. E Hana também tem medo. Lembra como ela se encolhe toda vez que estamos no helicóptero?

Ela pensou por um instante.

— É… é verdade. — Bocejou.

— Sabe, minha pequena, vocês duas são como a estrela e a lua — continuei, baixo. — Uma ilumina a noite. A outra governa o céu.

Ela respirou fundo.

— E o *Li*, papai. O que ele é? — *Era assim que ela chamava o irmão.*

— Selim é a linha firme onde o céu encontra a terra. Onde a noite faz sentido. Onde a luz se ancora. Ele é o ponto de equilíbrio de vocês, o limite que não se rompe e o guardião silencioso.

— Ele parece incrível. Né, papai?

— Todos vocês são.

Ela abriu a boca de novo, lutando contra o sono. Ylli sempre falava até perder a batalha.

— Papai… meu nome significa estrela, né? — murmurou. — Eu posso ganhar uma estrela?

— Pode.

— De verdade?

— Quantas você quiser.

Ela arregalou os olhos.

— Uma bem grande.

— A maior que tiver no céu.

Ela suspirou, satisfeita.

— Amanhã quando não tiver tempestade, eu vou escolher, papai. — Coçou os olhinhos. — Você... me ajuda?

— Claro, princesa.

O trovão veio mais distante dessa vez. A chuva continuava, mas o quarto parecia menor, mais seguro.

Ela bocejou, o corpo relaxou aos poucos. A respiração dela ficou lenta, regular. Os dedos soltaram minha camisa aos poucos, como se o medo tivesse sido convencido a ir embora.

Fiquei ali mais um tempo, observando o rosto pequeno, o cabelo longo para aquela idade, a boca entreaberta em um sono tranquilo. Quando tive certeza de que dormia, ajeitei o cobertor, inclinei-me e deixei um beijo no topo da cabeça dela.

Depois fiz o mesmo com Hana.

Ao me levantar, olhei para as duas. Pequenas, adormecidas, o motivo pelo qual o mundo ainda respirava.

Lá fora, a tempestade já se afastava, e o vento diminuía.

Pensei em tudo o que vivi até ali.

No homem que eu fui, no sangue que atravessei e nos mundos que quebrei achando que isso era força.

Então pensei nos meus filhos, dormindo tranquilos, porque acreditavam que eu podia dar estrelas.

Talvez eu não pudesse dar o céu inteiro, mas podia garantir que eles dormissem sem medo.

E isso era a única forma de poder que realmente valia a pena.

Porque enquanto eu respirasse, ninguém ia machucar meus filhos.

Fim.

Cezar VOKRRI

Capítulo Bônus

A casa estava quieta quando entrei.

A luz do corredor era baixa. O cheiro era o mesmo de madeira, papel, álcool que eu não bebia e o perfume dela que eu não deveria notar. Era assim há dias.

Halisa estava sentada no sofá, as pernas recolhidas, um livro no colo. Não lia. Ela nunca lia. Virava páginas como quem media o tempo com aquele impresso.

Quando me viu, não sorriu, não se levantou, nem perguntou nada. Era assim que eu sabia que ela estava mais perto do limite do que deixava transparecer.

— Seu pai pagou — avisei, sem rodeios, e os olhos dela se ergueram devagar.

— Tudo?

— Tudo.

Ela piscou uma vez, como se confirmasse para si mesma que aquela palavra existia. Ou como se duvidasse que ele conseguiria.

— Então acabou. — *Não era uma pergunta.*

— Acabou — confirmei.

O silêncio que veio depois não parecia alívio. Parecia… vazio. Aquele tipo de vazio que dava vontade de preencher com qualquer coisa; barulho, briga, um copo a mais, outra sentença.

Eu não preenchia vazios. Eu os usava.

Andei até a mesa, coloquei um envelope em cima da madeira. Documentos, celular novo, dinheiro suficiente para ela sumir sem precisar voltar para a casa do pai por pelo menos um ano.

Garantias.

Não misericórdia.

— Um carro te espera no portão — acrescentei.

Halisa olhou para o envelope, depois para mim.

— Você preparou isso antes de confirmar?

— Eu não improviso.

Ela soltou uma risada curta, sem humor.

— Claro que não.

Fiquei de pé, imóvel, esperando o que eu sempre espero: obediência e rotina. O movimento previsível que encerrava uma operação, mas Halisa não se levantou.

— Você vai me devolver como se eu fosse uma mala — ela murmurou, com a voz baixa, quase calma. — E vai dormir hoje à noite?

O jeito como ela perguntou foi o primeiro golpe.

Não havia acusação direta, não havia drama, porque era curiosidade.

— Vou dormir — respondi, enfim.

— Mentira.

A palavra bateu no ar e não caiu. Ficou suspensa entre nós.

— Eu não devo nada a você — ela completou, olhando para o próprio livro como se fosse mais fácil falar com ele do que comigo. — Mas você também não deve nada a mim. E ainda assim… — Ela ergueu os olhos — você me manteve inteira.

Apertei o maxilar até doer.

— Eu te mantive viva.

— Não é a mesma coisa?

Dei um passo mais perto.

— Não romantize o que aconteceu aqui.

— Então não finja que foi só uma cobrança.

A casa pareceu menor. A chuva lá fora apertou um pouco, como se o céu também tivesse perdido a paciência.

— Levante — ordenei. — Pegue o envelope. Vá.

Halisa fechou o livro com força suficiente para fazer um baque seco entre as páginas, mas em contrapartida, colocou em cima da

mesa com uma calma irritante, como se cada gesto fosse medido para testar o meu tempo.

— Se eu for embora agora — ela começou — você volta a ser o que era antes?

A pergunta era simples demais para ser inocente.

— Eu nunca deixei de ser — respondi.

— Mentira — ela repetiu, e dessa vez não riu. — Você acha que eu não vi?

— Viu o quê?

Ela se levantou, devagar. A postura ereta, o queixo alto. Aquela coragem de quem nasceu na família errada e aprendeu a sobreviver com orgulho, porque orgulho era tudo o que sobrava.

— Vi você parar. — *Um passo*. — Vi você escolher *não* fazer. — *Outro.* — Vi você quase iniciar uma guerra para me manter aqui, e você sabe de quem estou falando, só pra não admitir que me levassem… e depois não soube o que fazer comigo.

Meu corpo ficou alerta.

Não por ameaça. Por verdade.

— Eu sou a dívida mais cara que você já cobrou, Cezar. — A frase caiu como um soco.

— Pegue o envelope — repeti, apontando para a mesa. — Não torne isso mais difícil.

— Difícil pra quem?

Não respondi.

Porque a resposta era um erro.

Halisa olhou para o corredor, para a porta. O fim estava a três passos, a liberdade era um corredor curto, e ainda assim, ela ficou.

— Meu pai disse que eu era prometida — ela disse, como se fosse apenas uma informação solta. — Você ouviu.

— Ouvi.

— E mesmo assim me trouxe.

— Eu estava cumprindo ordens.

— Mentira — ela insistiu, e agora a palavra tinha gosto de sangue.

Avancei mais um passo.

— Cuidado.

— Com o quê? — Ela ergueu o rosto, desafiadora. — Com você me machucar?

Eu ri. Sem humor.

— Eu não machuco mulheres sob minha guarda.

— Então cuidado com o quê, Cezar?

Eu a encarei. Não havia mais distância suficiente para fingir neutralidade.

— Com você achar que entende o que está pedindo.

Ela respirou fundo.

— Eu não estou pedindo nada. — A mentira dela era pior do que a minha.

Halisa estendeu a mão e tocou o envelope. Não pegou. Apenas tocou, como se aquele papel fosse uma linha final. Depois, o empurrou na minha direção, erguendo o olhar até o meu.

— Se eu disser que quero ficar… — ela começou, e a voz falhou pela primeira vez desde que entrou naquela casa. Foi mínimo, mas eu percebi. — Se eu quiser isso, você vai me mandar embora?

Meu peito contraiu.

Curto. Violento. Inaceitável.

— Sim — *respondi rápido. Caralho*. — Eu mando.

Ela assentiu devagar, como se tivesse recebido a sentença que já esperava. Apertou os lábios e soltou um longo suspiro.

— Por quê? Eu não estou segura aqui?

— Porque *eu* não sou seguro — corrigi, mais baixo.

Os olhos dela brilharam. Não com lágrimas caindo, com alguma coisa presa, segurada à força.

— Então é isso — Halisa sussurrou. — Você salva… e depois expulsa.

Eu fechei os dedos em volta do envelope e empurrei para ela com firmeza, outra vez.

— Você vai sair agora.

— Você está com medo, Cezar, admita.

— Eu não tenho medo — rosnei.

— Tem sim. — Ela chegou mais perto. A ponto de eu sentir o calor da pele dela sem tocar. — Não de mim. De você.

Eu podia terminar aquilo ali. Bastava abrir a porta, mandar os homens levarem, devolver para o pai, ou a enviar para um lugar onde ninguém acharia, se assim eu quisesse, fechar a porra desse capítulo.

Era fácil.

E eu nunca escolhia o caminho fácil.

Halisa ergueu a mão e tocou meu rosto, finalmente. Um toque leve, quase respeitoso, como quem testava uma superfície perigosa e decidia, mesmo assim, encostar.

Minha respiração falhou um segundo, apenas isso, e ela notou.

— Você não precisa me beijar — ela disse, tão perto que a voz dela vibrou no meu rosto. — Não precisa prometer nada. Só… — a garganta dela apertou. — Só não finja que isso não existe.

Segurei o pulso dela, os olhos cravados nos seus.

— Se eu fizer isso... — murmurei, entre dentes — você não vai esquecer.

— Eu nunca quis esquecer.

Soltei.

E a parte de mim que nunca errava… errou.

Beijei Halisa como se fosse a única maneira de calar o que estava explodindo dentro do meu peito. Não foi suave, nem doce, nunca era. Foi contido até doer, porque eu não sabia beijar sem transformar em posse, e eu estava lutando contra isso com cada músculo.

Ela respondeu sem pressa, como se tivesse esperado a vida inteira por um homem que não sabia ceder.

Minha mão foi para a nuca dela. Puxei com cuidado brutal, o cuidado que sempre era perigoso, porque denunciava que eu me importava.

O beijo aprofundou um segundo a mais, depois outro, até eu sentir a linha se quebrando. Foi então que eu me afastei rápido, como se tivesse encostado em fogo.

Halisa ficou ali, os lábios entreabertos, a respiração curta. O olhar firme. Vitorioso? Não.

Triste.

— Agora você vai me mandar embora? — ela disse, sem raiva.

— Sim.

Ela apertou os lábios, assentiu, pegou o envelope e, pela primeira vez, as mãos dela tremeram.

— é cruel.

— Eu sou o mal que mantém tudo de pé.

Halisa caminhou até a porta. Eu a segui, a dois passos de distância.

No portão, o carro já estava com o motor ligado. A chuva molhava o chão em lâminas. A noite cheirava a ferro e partida.

Ela parou, segurando a porta com força contida, antes de entrar.

— Cezar?

— Não olhe para trás — eu disse.

Ela sorriu, pequeno, quebrado.

— Eu não sei fazer isso.

Entrou no carro.

A porta fechou.

O veículo arrancou e sumiu na escuridão da estrada como se nunca tivesse existido.

Fiquei na chuva, sem me mover, sentindo a água escorrer pelo rosto como se pudesse lavar algo.

Não lavou.

O celular vibrou no bolso. Uma mensagem de Skënder:

“Resolvido?”

Eu olhei para a tela por tempo demais.

Depois digitei apenas:

“Resolvido.”

Mentira.

Porque dívidas acabavam quando o dinheiro chegava.

Mas aquilo ali…

Aquilo ali tinha acabado de começar.

E, pela primeira vez em anos, eu quis uma coisa que não era minha por direito e estava prometida a outro.

E talvez eu a tomasse.

AGRADECIMENTOS

Se você está lendo isso agora, significa que caminhou comigo até o fim. E isso, por si só, já é tudo.

Antes de qualquer coisa, agradeço a Deus.

Depois, agradeço a você, leitora, que abriu este livro e decidiu sentir.

Sentir de verdade. Chorar, rir, se revoltar, xingar personagens, amar quem não devia, defender o indefensável, porque, de alguma forma, você entendeu. E quando você entende, os personagens deixam de ser só ficção.

Obrigada por cada mensagem, cada surto, cada teoria, cada mensagem de apoio. Vocês vivem essas histórias como se estivessem dentro delas, e é por vocês que eu continuo escrevendo.

À minha equipe, que segura tudo quando minha cabeça está em caos criativo: revisão, betagem, design, gestão, bastidores, vocês transformam ideias em livros. Nada disso existiria sem vocês.

À minha gestora maravilhosa, sou imensamente grata por ter te encontrado e por ter você ao meu lado. Pelo cuidado, pela entrega, pela dedicação diária. Você é parte essencial de tudo isso.

À minha revisora insubstituível, obrigada por cada olhar atento, cada ajuste e cada palavra lapidada. Você é incrível.

À minha família, obrigada por sempre me apoiar.

Às minhas lobinhas implacáveis do INESVERSO, vocês não são leitoras. Vocês são presença. Estão comigo nos comentários, no WhatsApp, nos stories, nas teorias, nos surtos coletivos e nas comemorações. Vocês fazem esse universo pulsar.

E por último, e não menos importante, a você que chegou até aqui e está tendo seu primeiro contato com a minha escrita: meu eterno agradecimento. Que esse seja apenas o primeiro de muitos encontros nossos.

Acima de tudo, obrigada a você que acabou de virar a última página.

Obrigada por confiar na minha escrita, por voltar e por esperar.

E antes de fechar o livro de vez, peço, de coração, que você deixe uma avaliação. Suas estrelas e suas palavras, tem forças inimagináveis e levam essa história a mais pessoas.

Por fim, obrigada por estar comigo.

Com amor, caos e intensidade,

INES L.

LIVROS DA AUTORA

Dinastia Baroni

O Don Impiedoso – A protegida do Mafioso

Link: https://amzn.to/4fp2Mdyse

O subchefe possessivo – A ruína do mafioso

Link: https://amzn.to/3J0GYZH

O consigliere obcecado – A faísca do mafioso

Link: https://amzn.to/4nMfMxn

RECKLESS: A race for love

Link: https://a.co/d/fHn17CW

Segunda geração do Baroni

Prometida ao mafioso insano: O Natal que mudou tudo

Link: https://a.co/d/fMK0MUd

Início da família D'Leone

Nas mãos do mafioso

Link:https://www.amazon.com.brdpB0DV8V33Z6

Os herdeiros da máfia

1- Alexandro o impiedoso

Link:https://www.amzon.com.br/dpB0CHPTBB49

2- Dario o destemido

Link:https://www.amzon.com.br/dpB0CM3YHS3P

3- Marco o implacável

Linkhttps://www.amzon.com.br/dp/B0CQPC35W

4- Alexandro 2: ascensão do mafioso

Link:https://www.amazon.com.br/dpB0CZJ8PYYS

Corações intensos

1- A turista do mafioso

Link:https://www.amazon.com.brdpB0D685S33Z

2- A médica protegida pelo mafioso

Link:https://www.amazon.com.brdpB0DFPLC98K

3- A tentação do mafioso viúvo

Link:https://www.amzon.com.br/dpB0DJH68RSG

4- A grávida rejeitada pelo mafioso devasso

Link:https:/www.amzon.com.brdpB0DNDV69WT

5- A noiva escolhida do mafioso perverso

Link: https://amzn.to/42KLqTI

6- A esposa que o mafioso cruel rejeitou

Link: https://amzn.to/3Z88TvH

7- A princesa destinada ao mafioso possessivo

Link: https://amzn.to/3H1Xojq

Spin-off de A grávida rejeitada pelo mafioso devasso

A perdição do mafioso

Link:https://www.amazon.com.br/dpB0DJP11FBH

Bilionários implacáveis

Grávida do magnata arrogante e possessivo

Link: https://amzn.to/4jHcetX

[1] Coordena execuções, negócios, decisões rápidas. Assume quando o líder está ausente. Geralmente é um primo, irmão, ou um homem de confiança absoluta. Ou seja, Kryes, é o que conhecemos como Subchefe.

[2] Literalmente: "*conselheiro*" Função mais rara. Não decide, orienta. Homem mais velho ou extremamente inteligente. Atua em: alianças, guerras e decisões políticas.

[3] "Princesa" em albanês

[4] Boa noite, em albanês

[5] O nome "*Tavë Kosi*" significa, em albanês, *"caçarola de leite azedo*". É uma torta cremosa de leite de ovelha, com carne de cordeiro (ou, às vezes, frango) e arroz.

[6] *Palavra em albanês que significa: "princesa"*

[7] Filha em albanês

[8] *Doce anjo"* em albanês.

Lê-se assim: ***En-djél i âm-bêl***

[9] "Família" em albanês

[10] **"Zemër"** é uma palavra em **albanês** que significa: **"coração"**

[11] Marido em albanês

[12] Coração

[13] Minha filha

[14] Meu filho